NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

ROMANCE

SANDRA BROWN

Esplendor Secreto



HARLEQUIN
BOOKS™

Depois da morte do filho, um vazio horrível se apossou da vida de Arden Gentry. Sozinha, divorciada e com o coração dilacerado, ela sente que é hora de acertar contas com o passado.

E Arden começa procurando pelo outro filho, uma criança gerada para poupar a família da ruína financeira e salvar seu casamento. Um bebê que ela só viu no dia do nascimento e que foi criado longe dela. Agora, Arden está convencida de que a criança que nunca teve nos braços poderia diminuir sua terrível dor.

Ela deixa Los Angeles e segue para o Havaí, onde o menino está vivendo com o pai biológico, Drew McCasslin, um famoso tenista que acabou de perder a mulher em um acidente de carro e cuja carreira passa por momentos críticos.

No paraíso tropical, Arden começa a ter receios acerca da decisão de entrar em contato com o pequeno Matt, porque ela sabe que reencontrá-lo significaria ressuscitar toda a verdade sobre seu nascimento.

HARLEQUIN®
www.harlequinbooks.com.br

Sandra Brown

ESPLENDOR SECRETO

Tradução
Oliveira JR



2006

Capítulo 1

ELA VOLTOU, PENSOU DREW MCCASSLIN enquanto batia a bola de tênis com a raquete. Pela terceira vez naquela semana, ela estava sentada à mesa, a mais próxima à sacada com vista para a quadra de tênis. O guarda-sol de listras de cores vivas fazia um pouco de sombra no rosto da mulher.

Ela não estivera ali quando ele e Gary começaram a jogar, mas ele a notara no instante em que ela saíra para o pátio, uma extensão ao ar livre do bar do clube. Ele errara uma bola quando sua atenção fora desviada pela forma graciosa com que a mulher ajeitara a saia ao sentar-se.

– Melhor a cada dia que passa - disse-lhe Gary quando se encontraram na rede para recuperar fôlegos, tomar um gole de energéticos e enxugar com uma toalha o suor que as faixas em suas cabeças não haviam absorvido.

Mas não bom o suficiente – retrucou Drew antes de tomar um longo gole da bebida sabor limão. Por sobre a beira da garrafa, ele olhou para a mulher sentada no pátio acima deles. Desde o primeiro dia em que Drew a vira ali, ela havia aguçado sua curiosidade.

A mulher estava curvada sobre a mesa, tamborilando um lápis contra um bloco. O que será que ela tanto escrevia?

Lentamente, Drew afastou a garrafa da boca, e seus olhos azuis estreitaram-se, desconfiados. Será que ela era mais uma daquelas malditas jornalistas sensacionalistas? Deus me livre, pensou. Mas não seria improvável que um tablóide a tivesse enviado como isca para fisgá-lo para uma entrevista.

– Drew? Você me ouviu?

– Hein? – Drew correu os olhos de volta para seu adversário de tênis. Desta vez, um oponente de quem ele gostava. – Sinto muito. O que você disse?

– Disse que seu vigor aumentou desde a semana passada. Fiquei exausto tentando acompanhar você, que nem está ofegante.

Os olhos de Drew franziram-se quando ele sorriu, escondendo as pequenas linhas brancas no rosto bronzeado. Era um sorriso remanescente dos dias que ele vivera antes de aprender a definição de tragédia.

– Você é bom, mas não é Geru-Laitis, Borg, McEnroe ou Tanner. Desculpa, companheiro, mas preciso ficar muito melhor que você antes de estar novamente pronto para os feras. E não estou nem perto. – O sorriso, que já fora famoso, brilhou novamente em meio ao ensolarado dia havaiano.

– Obrigado – disse Gary, secamente. – Mal posso esperar pelo dia em que estarei tropeçando na minha língua e você ainda terá energia para saltar a rede depois do fim da partida.

Drew deu um tapinha amistoso no ombro dele.

– Este é o espírito – brincou Drew. Ele pegou a raquete e a girou com a elegância derivada de anos pensando nela como extensão de sua mão.

Um grupo de mulheres que assistira à partida começou a aplaudir febrilmente. Estavam reunidas no outro lado da grade que cercava as quadras. Bradaram elogios enquanto Drew caminhava de volta para a linha de fundo.

– Suas fãs estão alvoroçadas hoje – disse Gary, num tom provocador.

– Malditas tietes – resmungou Drew enquanto se virava para olhar para as mulheres que se agarravam à grade como animais de zoológico na hora do almoço. E era por ele que elas estavam famintas. Drew olhou zangado para elas, mas isso as animava mais do que as repelia. Expressavam sua admiração e flertavam com ele sem o menor constrangimento. Uma, usando um *top* curtinho, levantou um dos lados para exibir um seio enorme no qual fora tatuado o nome dele, envolvido por flores, corações e passarinhos. Outra estava com uma bandana – do tipo que ele usava como faixa de cabeça quando jogava – amarrada em torno da coxa. Ele desviou o olhar, repugnado.

Drew forçou-se a concentrar-se na bola enquanto a devolvia com calma, planejando seu saque, tramando disparar a bola por cima da rede para fazê-la quicar no canto do fundo da quadra de serviço e rodopiar para a esquerda, o lado do *backhand* fraco de Gary. Uma das "fãs" de Drew gritou um convite indecente, o que o fez ranger os dentes. Elas não sabiam que a última coisa na qual ele estava interessado era numa mulher? Meu Deus, Ellie estava morta há apenas...

Droga, McCasslin, não pense em Ellie, aconselhou a si mesmo. Ele perdia completamente a concentração na partida quando pensava nela...

– SR. MCCASSLIN?

– Sou eu – dissera alegremente ao telefone naquele dia ensolarado no paraíso quando a última coisa que um homem esperava era que sua mulher morresse no emaranhado de metal e vidro de um acidente de automóvel.

– Está sozinho?

Drew tirara o fone do ouvido e fitara-o intrigado. Ele riu alto.

– Sim. Tirando meu filho, estou sozinho. Este é um telefonema obsceno? – Ele dissera isso como uma piada. Ele não fazia a menor ideia de como seria um telefonema indecente.

– Sr. McCasslin, sou o tenente Scott do departamento de polícia de Honolulu. Houve um acidente.

Drew não lembrava de muita coisa depois disso...

AGORA ele pegou a bola com a mão e a jogou para cima, como se a estivesse pesando. Na verdade, estava tentando apagar sua mente, limpá-la das memórias que faziam estremecer suas vísceras. Os olhos de Drew gravitaram para a mulher na mesa do pátio. Ela estava com a face repousando em sua palma enquanto olhava distraída para o vazio. Parecia alheia a tudo que acontecia a seu redor. Ela não ouvira a algazarra das mulheres na cerca? Ela não estava nem um pouquinho curiosa a respeito dele?

Aparentemente, não. Ela nem havia olhado para a quadra de tênis. Estranhamente, Drew sentia-se ofendido por sua indiferença, o que era irracional, porque tudo que ele quisera desde a morte de Ellie era ficar em paz.

– Ei, Drew – cantarolou uma voz vinda das fãs reunidas. – Quando cansar das suas bolas, pode brincar com as minhas bolonas.

O trocadilho era tão ousado que Drew sentiu o sangue ferver nas veias, e quando seu saque cortou o ar, foi tão rápido que quase não pôde ser visto. Durante o resto da série, Drew manteve esse tipo de jogada inspirada na raiva. Quando acabou, ele deixara Gary fazer apenas dois pontos.

Pendurando uma toalha em torno do pescoço, Gary desabafou:

– Se soubesse que tudo que era preciso para você jogar como um campeão era uma sugestão indecente de uma das suas tietes, eu as teria alugado por hora, há semanas.

Drew já havia pego sua bolsa de tênis, fechado o zíper do estojo da raquete e estava caminhando para a escadaria que conduzia ao pátio que dava para as quadras.

– A maioria delas poderia ser alugada por hora, tenho certeza.

– Não seja tão cruel com elas. São suas fãs.

– Eu preferiria trocá-las por fãs que fossem jornalistas ou comentaristas esportivos. Não tenho um único fã assim. Tudo que eles fazem é dizer ao mundo que eu não sou mais o mesmo. Estou acabado. Bêbado a maior parte do tempo.

– Você ficava bêbado a maior parte do tempo.

Drew parou no degrau acima de Gary e rodopiou nos calcanhares para confrontá-lo com raiva. O rosto amistoso de Gary não traía culpa pelo que dissera; pelo contrário, transbordava franqueza e boas intenções. A raiva de Drew dissolveu-se diante de uma amizade tão pura.

– Eu ficava, não é mesmo? – disse com um suspiro constrangido.

– Mas não mais. Hoje você foi o velho. Saques assassinos! Cada vez que a bola chegava perto de mim, eu via a vida passar diante dos olhos. – Drew riu. – Manobras bem pensadas, estratégia para tomar vantagem do meu lado esquerdo fraco.

Um sorriso despontou no rosto de Drew.

– Achei que você havia notado.

– É claro que notei.

Eles estavam rindo como bons camaradas enquanto galgavam os últimos degraus para o pátio. Drew imediatamente viu que ela estava lá, um maço de papéis espalhado no tampo da mesa, um copo de água mineral na mão direita. Estava rabiscando furiosamente algo em seu bloco amarelo. Ele iria passar pela mesa dela, pois ficava no caminho para o vestiário, e iria chamar atenção para si mesmo se evitasse passar por onde ela estava sentada.

Eles estavam quase ao lado da mulher quando ela levantou os olhos para eles. O olhar foi uma ação reflexa, como se eles tivessem perturbado seu fluxo de raciocínio e ela estivesse querendo determinar a fonte da interrupção. Mas ela olhou diretamente para Drew, bem nos olhos dele. O impacto daquele olhar fez Drew perder-se neles e ignorar o que Gary dizia.

Os olhos da mulher desceram imediatamente de volta para o papel, mas não antes que Drew tivesse percebido que eles eram incrivelmente verdes e rodeados por cílios escuros e sedosos.

Foi nesse momento que ele se decidiu. Faria uma aposta consigo mesmo. Se ela ainda estivesse ali quando ele saísse do vestiário, falaria com ela. Se não estivesse, bem, nada estaria perdido. Ele não estava interessado em conhecer uma mulher, nenhuma mulher. O fato era que esta o intrigava. Se fosse honesto consigo mesmo, teria de admitir que o principal motivo para esta mulher ter atraído sua curiosidade foi o fato de ela não demonstrar qualquer interesse por

ele.

Sim, deixaria por conta do acaso. Se ela ainda estivesse ali quando ele saísse do vestiário, pelo menos ele iria dizer olá, o que não faria mal nenhum.

Mais uma coisa, lembrou a si mesmo: Não demore no chuveiro.

O CORAÇÃO de Arden batia como um tambor.

Fazia cinco anos minutos completos desde que ele estivera ao alcance do toque dela, desde que ela vira o rosto dele próximo e em carne e osso pela primeira vez, e seu coração ainda não havia se aquietado. Ela enxugou as palmas das mãos com um guardanapo. O gelo em seu copo chocalhou quando ela tomou um gole de água mineral.

Ele olhara direto para ela. Os olhos dos dois haviam se encontrado. Para Arden, que sabia o elo que os ligava, ver Drew McCasslin pela primeira vez fora como ser atingida por um raio. Estranhos absolutos um para o outro, mas com um segredo em comum que iriam compartilhar por toda a vida.

Ela olhou para baixo, para a quadra de tênis onde ele acabara de jogar com brilhantismo. Alguns meses antes, ela sabia muito pouco a respeito de tênis, sobretudo tênis profissional. Agora, ela era praticamente especialista no assunto. Certamente, ela já possuía um vasto conhecimento sobre a carreira de Drew McCasslin.

Um grupo de quatro mulheres saía para a quadra, ridículas em seus trajes de tenistas comprados em lojas de grife, com joias extravagantes. Arden sorriu com indulgência para elas, lembrando dos pedidos insistentes de Ronald para que ela se juntasse à liga de tênis em seu clube em Los Angeles.

– Não é para mim, Ron. Não sou atlética. Não sou participativa nem uma pessoa ativa.

– Você preferiria passar o dia sentada em casa escrevendo aqueles versinhos que depois tranca na gaveta para ninguém ver. Pelo amor de Deus, Arden, você nem precisa jogar bem. Eu não estou nem aí se você sabe jogar tênis ou não. Apenas faria bem para a minha imagem profissional, para não mencionar os contatos valiosos que você poderia fazer, se fosse uma integrante ativa do clube. Socializar com as mulheres dos outros médicos.

Ele acabara se contentando com *bridge*. Ela jamais tornara-se mestra no jogo, mas jogava bem o bastante para ser convidada para todos os torneios patrocinados pelo clube de campo, e isso satisfazia as exigências de Ronald de que ela se misturasse com o que ele considerava amigos adequados para a mulher de um médico proeminente.

Então Joey chegara, provendo-lhe uma desculpa viável para retirar-se de suas atividades sociais. Joey provera-lhe desculpas para muitas coisas. Algumas, ela gostaria de esquecer. Teria seu filho adorável, dolorosamente meigo e inocente, entendido aquela decisão que havia mudado toda uma vida? Teria ele perdoado aquilo pelo que ela não conseguia perdoar a si mesma?

Arden rogara perdão a Joey no dia em que o pequeno caixão fora abaixado para a cova penosamente pequena. Ela rogara perdão a Deus também, pela amargura que sentira ao ver um menino inteligente e bonito esvair-se num leito de hospital enquanto outras crianças robustas brincavam e aprontavam travessuras.

Obrigando-se a despertar de seu devaneio emocional, tomou mais um gole de água e mentalmente brindou a si mesma por ter feito o jogo certo com Drew McCasslin. Era de conhecimento público que, desde que se retirara para sua propriedade fortemente guardada nesta ilha, ele evitava entrevistas e qualquer tipo de publicidade.

Durante dias, Arden ocupara-se pensando numa forma de abordá-lo. Durante o longo voo do continente para a ilha, e mesmo depois da chegada a Maui, ela descartara um plano atrás do outro. A única coisa positiva que fizera fora alugar um quarto no hotel no qual ele praticava tênis todos os dias. A gerência garantia a privacidade de Drew. Desde que ela começara a vigiá-lo, este era o primeiro dia em que ele não entrara no vestiário pela porta de metal que abria diretamente para as quadras.

Sua única opção fora agir com sutileza, fazer-se visível para ele e ver o que acontecia. Ela fingiria ignorá-lo. Não era difícil ver o quanto Drew ficava irritado com suas fãs mais atiradas.

E hoje Drew a havia notado. Instintivamente, ela sabia. Ela passara uma impressão de desinteresse casual, mas estivera plenamente consciente de cada movimento dele. Drew olhara para ela várias vezes, em especial depois de executar uma jogada extraordinária. Ele jamais flagrara-a olhando para ele. Uma personalidade famosa como Drew McCasslin não estava acostumada a ser ignorada.

No caso dele, esse conceito era justificável. Os cabelos louros eram compridos demais, mas combinavam com sua aparência deslumbrante. Seu físico não parecia prejudicado pelo alcoolismo que o acometera recentemente. Os braços e as pernas bronzeados pelo sol tropical, que se moviam com a precisão e o poder de uma máquina bem calibrada, eram a epítome da graça masculina, e contrastando com a pele bronzeada havia um emaranhado de pêlos corporais

louros que chamavam a atenção. Ele era um pouco mais robusto que a maioria dos jogadores de tênis, mas essa falha era perdoada rapidamente por qualquer um que visse a movimentação daqueles músculos debaixo das camisas esportivas brancas.

Era óbvio que desde a morte trágica de sua mulher, Drew McCasslin desenvolvera uma antipatia pelas mulheres que respondem ao seu apelo viril. Não, ela jogara da forma certa, congratulou-se Arden. Hoje ele olhara para ela. Talvez amanhã...

– Você deve ter muitos amigos e parentes.

Surpreendida pela voz masculina, Arden girou em sua cadeira. Para seu desespero, flagrou-se fitando o zíper de uma bermuda branca. O volume esculpido por trás do zíper só poderia ser produzido por uma cueca muito curta e apertada ou por um suporte atlético. Cada possibilidade fez uma corrente de calor passar pelo corpo de Arden.

Ela arrastou os olhos para longe da virilha de McCasslin e deixou-os escalar o tronco comprido vestido numa jaqueta de náilon azul-escuro cujo zíper estava fechado a meio caminho, para revelar um peito forrado com pelos dourados. O sorriso era o sonho de um dentista. Dentes brancos e perfeitos alinhados num queixo forte demais para denotar qualquer coisa que não fosse teimosia. Os olhos azuis eram tão deslumbrantes quanto todos diziam.

– Perdão, não entendi – disse Arden num tom que, ela torceu, não traísse seu nevorsismo.

– Você tem estado muito ocupada escrevendo algo. Achei que poderiam ser cartões-postais para casa. "Gostaria que você estivesse aqui", esse tipo de coisa.

A voz dele era clara, um timbre de barítono, sem sotaque, e com um tom estranhamente íntimo.

Ela sorriu, lembrando de sua atuação de indiferença.

– Não eram cartões. Na verdade, não tenho ninguém em casa para sentir minha falta.

– Então ninguém iria se importar se eu me juntasse a você.

– Eu poderia me importar.

– Você se importa?

Sem querer transparecer sua euforia, ela fez uma pausa de um breve instante antes de dizer:

– Não. Acho que não.

Ele colocou a bolsa de lona debaixo da cadeira de frente para Arden e sentou-se. Estendendo a mão sobre a mesa repleta de papéis, apresentou-se:

– Drew McCasslin.

Ela apertou a mão dele.

– Arden Gentry. – Ela o estava tocando! Olhando para suas mãos, pele contra pele, ela se maravilhou com fato de que este era seu primeiro contato físico, considerando que...

– Você está de férias? – perguntou Drew educadamente.

Arden soltou a mão de Drew e se recostou na cadeira, tentando dispersar a sensação de vertigem.

– Em parte. Uma mistura de negócios com prazer.

Drew fez sinal para um garçom que estava atrás do bar na parte ao ar livre.

– Quer outra? – perguntou, apontando para o copo dela.

– Desta vez, suco de abacaxi – disse ela, sorrindo.

– Claro, você não é daqui. Ainda não teve tempo de enjoar disso.

Arden queria que ele não fosse tão atraente quando sorria. O poderoso apelo sexual de Drew distraía-a do motivo que a levara a querer aproximar-se dele, conquistar sua confiança e, se possível, sua amizade.

– A moça quer suco de abacaxi e eu quatro copos d'água, por favor – disse Drew ao garçom.

– Sim, Sr. McCasslin. O senhor jogou muito bem hoje.

– Obrigado. Depressa com a água. Estou desidratado.

– Sim, senhor.

Você realmente jogou bem - disse Arden enquanto o garçom afastava-se apressado para pegar o pedido de Drew.

Ele estudou o rosto da mulher por um tempo antes de dizer:

– Achei que você não havia nem reparado na partida.

– Só não teria reparado se fosse cega e surda. Não entendo muito de tênis, mas sei que há vários meses você não jogava tão bem.

– Então você sabia quem eu era?

– Sim. Já o vi na televisão uma ou duas vezes. – Ele pareceu decepcionado como um menininho, e Arden abriu um sorriso largo. – Você é uma celebridade, Drew McCasslin – sussurrou. – Pessoas do mundo todo conhecem você.

– E a maioria dessas pessoas não se esforça nem um pouco para não me fitar quando estou em público – desabafou.

– Como as suas torcedoras que estavam lá embaixo? – disse ela, apontando com a cabeça para a área do outro lado da grade, onde as tietes haviam estado reunidas. – Elas já se dispersaram.

– Você acreditaria que comecei a treinar aqui porque me prometeram

anonimato e privacidade? – lamentou-se. – É a melhor quadra de tênis em Maui. Mas nós não levamos em consideração o fato de que os hóspedes do hotel tinham acesso às quadras. Quando corre a notícia de que estou treinando... – Ele suspirou, desanimado. – Bem, você viu o que acontece.

– A maioria dos homens ficaria lisonjeada com essa adulação.

Fez uma careta de escárnio e rapidamente mudou de assunto.

– O que é isto, afinal? – perguntou a respeito dos papéis espalhados pela mesa.

– Anotações. Sou escritora *freelancer*.

Seu recuo foi de forma instantânea e física, embora ele não tivesse se movido. Seus olhos ficaram frios e implacáveis. A curva sensual dos lábios dele afinaram-se numa linha que denotava irritação. Os dedos crisparam-se com raiva no copo d'água com gelo que o garçom acaba de entregar.

– Entendo – disse, sintético.

Ela abaixou os olhos para o guardanapo debaixo de seu copo de suco.

– Não, acho que você não entendeu. Sou uma escritora, não uma jornalista. Não estou em busca de uma entrevista. Quem iniciou esta conversa foi você, não eu, sr. McCasslin.

Quando ele não respondeu, ela levantou os cílios grossos e escuros e olhou para ele. Ele estava como antes, com um leve sorriso e uma expressão amistosa, embora um pouco reservado, exatamente como ela.

– Por favor, chame-me de Drew.

Ele expusera os termos do tratado de paz, e ela aceitou.

– Muito bem, Drew. Sou Arden.

– Que tipo de escritora? Romancista?

Ela riu.

– Ainda não. Talvez algum dia. No momento, estou atirando em todas as direções, até encontrar meu nicho. Sempre quis vir às ilhas, mas nunca tive oportunidade. Propus vários artigos para ajudar a subsidiar minha viagem. Desta forma, poderei ficar mais tempo e ver mais sem correr o risco de zerar minha conta bancária.

Ele gostava do som daquela voz, do jeito como Arden inclinava a cabeça para um lado e em seguida para o outro, enquanto falava. Isso fazia os cabelos negros tocarem o pescoço e os ombros. O vento vindo do mar levantava os fios avermelhados pelo sol e os fazia dançar em torno do rosto antes de deixá-los repousar sobre uma pele presente na ilha há tempo suficiente para ter adquirido uma bela tonalidade de pêssego, e não a aparência de couro curtido que ele considerava repulsiva. Arden Gentry possuía uma pele que convidava ao toque. E

cabelos. E lábios. Ele pigarreou antes de dizer:

– Artigos sobre o quê?

Ela explicou que estava escrevendo um para o caderno de turismo do *Los Angeles Times* e outro para uma revista de moda. Arden também iria entrevistas um botânico local e fazer um artigo para uma revista de jardinagem. Ele mal a ouviu.

Pela primeira vez desde que conhecera Ellie, Drew descobria-se interessado por uma mulher. Estava surpreso com isso, porque nunca imaginara que iria querer envolver-se profundamente com uma mulher de novo. Não que isto tivesse chances de passar de um drinque juntou ou uma conversa casual. Mas, tendo conhecido Arden, ele descobriu que um dia talvez fosse capaz de superar a morte de Ellie e buscar outra companheira.

Ele era incapaz de desviar sua atenção do corpo de Arden Gentry. Ele teria de ser um eunuco cego para conseguir isso. Ela era uma mulher bonita. E possuía uma aura de serenidade que ele considerava atraente. Tentou concentrar-se nisso e em sua voz suave para parar de pensar nos aspectos mais físicos dela.

Desde o momento em que se sentara, Drew tentara não olhar para os seios de Arden e especular se aquela forma firme provinha de um sutiã sem alça debaixo do vestido de malha verde ou se ela possuía naturalmente essa silhueta. Ora, dane-se, vá em frente e olhe.

Votou firmemente em favor da segunda teoria. Porque, com a carícia de um sopro de vento frio, detectou saliência de mamilos. Drew foi tomado por um desejo que ele até agora considerara sepultado por Ellie, e não soube se estava envergonhado ou feliz por senti-lo novamente.

Ele não admirava o corpo de uma mulher desde a última vez em que fizera amor com Ellie. Exibições grosseiras de carne não o excitavam. Ele sentia o mesmo interesse pelo corpo feminino que qualquer homem, mas este... este de alguma forma era diferente. Não era apenas a carne de Arden que o atraía, mas uma personalidade, uma inteligência evidente, um certo desprezo por sua fama.

Uma fagulha de sua antiga malícia acendeu. Ela o fez imaginar o que ela diria se ele se inclinasse para ela e comentasse: "Arden, por favor, não se ofenda, mas, pela primeira vez desde que minha mulher faleceu, não estou enojado pela forma como meu corpo está reagindo a uma mulher.

Houvera mulheres. Corpos. Nada mais. Providenciados para ele por amigos bem-intencionados que acharam que mãos e bocas com talentos eróticos poderiam curá-lo de suas mazelas. Se Drew conseguisse lembrar desses encontros regados a álcool, ficaria enojado com ele mesmo.

Certa noite em Paris, onde ele havia envergonhado a si mesmo com uma derrota humilhante na quadra, Drew encontrara ele mesmo uma mulher. Ela era a mais sórdida das prostitutas. Ela foi a punição que ele impingiu a si próprio. Sua penitência. Mais tarde, quando recobrou a sobriedade, chorou e rogou a Deus para não ter sido infectado por algo que lhe fosse criar um constrangimento terrível.

Esse tinha sido o momento decisivo. O último capítulo na dissipação suicida de Drew McCasslin. Ninguém poderia salvá-lo, a não ser ele mesmo.

E Drew não tinha que pensar apenas em si mesmo. Também havia Matt.

– Há quanto tempo você mora nas ilhas?

A pergunta de Arden puxou Drew de volta para um presente muito mais iluminado.

– A maior parte da minha vida adulta. Depois que comecei a vencer e fazer dinheiro com o esporte, este pareceu o lugar ideal para um solteiro viver. Eu estava morando em Honolulu quando conheci Ellie. Ela...

De repente, as palavras ficaram presas em sua garganta. Baixou os olhos para seu copo d'água e seus ombros arquearam defensivamente.

– Sei a respeito de sua mulher, Drew – disse Arden, delicadamente. – Não precisa se desculpar por mencioná-la.

Drew viu nos olhos dela uma compaixão que em nada se parecia com a curiosidade mórbida que estava acostumado a ler em rostos de estranhos. Isso bastou para estimulá-lo a prosseguir.

– O pai dela era um oficial da Marinha baseado em Pearl. Eleanor Elizabeth Davidson. Eu disse a ela que era demais para uma mulher de seu tamanho... ela era *mignon*... carregar o nome de primeira-dama e rainha.

– Então você a apelidou de Ellie. – Arden estava sorrindo em sinal de encorajamento.

Ele respondeu com uma risadinha.

– Sim, para a irritação dos pais dela. – Ele tomou um gole de água e desenhou círculos no lado do vidro coberto por condensação. – Bem, depois que ela morreu eu quis mudar de ambiente. Assim, mudei-me para Maui. Achei que aqui estaria mais isolado. Queria proteger minha privacidade e afastar Matt dos curiosos.

Um arrepio percorreu o corpo de Arden.

– Matt?

– Meu filho – disse Drew com um sorriso.

Mesmo com o coração ameaçando sair por sua garganta, Arden conseguiu

retrucar:

– Ah, sim. Também li a respeito dele.

– Ele é maravilhoso. O menino mais inteligente e bonito do mundo. Hoje de manhã ele... – Drew interrompeu a frase. – Perdão. Eu me empolgo quando falo nele;

– Você não vai me entediar – apressou-se em dizer Arden.

– Aposto que vou. Mas basta dizer que, nos últimos tempos, ele tem sido a única coisa em minha vida da qual me orgulho. Moramos na praia. Ele adora.

Arden, fazendo um esforço imenso para se controlar, olhou para o horizonte. O sol era um reflexo dourado na superfície do oceano. Doía os olhos fitá-lo deste ângulo. A ilha de Molokai era uma sombra azul-acinzentada contra o horizonte noroeste. Palmeiras ondulavam graciosamente ao sabor da brisa. Ondas espumantes beijando a areia para então recuar timidamente.

– Posso ver por que você quis morar aqui. É lindo.

– Tem sido maravilhoso para mim. Um lugar para me curar, tanto mental quanto fisicamente.

Perguntou a si mesmo por que estava falando tão abertamente com esta mulher. Mas ele sabia por quê. Ela inspirava confiança e irradiava compreensão. Drew olhou-a intrigado quando um pensamento lhe ocorreu subitamente.

– Você disse que não tem ninguém em casa para sentir sua falta. Não é casada?

– Fui. Sou divorciada.

– Sem filhos?

– Um filho. Joey. – Ela olhou bem nos olhos dele ao explicar: – Ele morreu.

Drew murmurou um expletivo antes de suspirar e dizer:

– Sinto muito. Sei como é doloroso lembrar dessas coisas sem querer.

– Não precisa se desculpar. A única coisa que odeio é quando os amigos não falam sobre ele, como se ele jamais tivesse existido.

– Também já passei por isso. As pessoas evitam mencionar o nome de Ellie, quase como se temessem que eu comece a chorar de repente e crie um constrangimento para elas.

– Sim – disse Arden. – Quero que Joey seja lembrado. Ele era uma criança linda. Divertido. Meigo.

– O que aconteceu? Acidente?

– Não. Quando tinha quatro meses, contraiu meningite. A doença danificou seus rins. Depois disso, passou a fazer diálise, e achei que ele teria uma vida normal, mas... – Arden descobriu que era incapaz de continuar, e ficou calada por um longo momento, alheia aos ruídos periféricos ao redor deles: risos vindos

de uma mesa na outra extremidade do pátio, o zumbido do misturador que o *barman* estava usando, um grito de alegria na quadra de tênis. Finalmente, prosseguiu: – Ele piorou. Houve complicações, e antes que aparecesse um órgão para transplante, ele morreu.

– Seu marido? – perguntou Drew baixinho.

Em que momento Drew segurara sua mão? Ela não lembrava. Mas subitamente se apercebeu de que ele a segurava, acariciando com o polegar os nós de seus dedos.

– Nós nos divorciamos antes da morte de Joey. Ele, praticamente, deixou Joey aos meus cuidados.

– O Sr. Gentry me parece um tremendo filho-da-mãe.

Arden soltou uma risada. O nome dele não era Gentry, mas ela não poderia concordar mais com Drew.

– Tem razão. Ele é.

Eles riram baixinho como amigos íntimos até se darem conta disso. Com a consciência, veio uma sensação de constrangimento. Ele soltou prontamente a mão de Arden e se abaixou para pegar seu equipamento.

– Já a distraí demais do seu trabalho. Além disso, prometi ficar de babá essa tarde para minha governanta fazer compras.

– Você tem uma governanta para cuidar de Matt?Ela é... boa para ele? – A ansiedade deixou sua voz ofegante.

– Não sei o que faria sem ela. A sra. Laani já trabalhava para nós antes de Matt estar com a gente. Quando Ellie morreu, ela passou a cuidar do menino e se mudou para cá comigo. Tenho plena confiança nela.

Arden sentiu os músculos de seu corpo relaxarem.

– É uma bênção que você tenha alguém como ela.

Ele se levantou e estendeu a mão.

– Gostei da conversa, Arden.

Ela apertou a mão dele.

– Eu também.

Ele pareceu relutante em soltar a mão de Arden. Quando o fez, as pontas dos dedos dele roçaram levemente a palma dela. Ele queria fazer aquilo na face, nos braços, nos ombros de Arden. Ele queria fazer o que os cabelos dela faziam: varrer a pele de seu pescoço e peito com carinhos sedutores.

– Espero que você aprecie o restante de sua viagem.

Arden sentiu o coração bater forte, uma coceira no fundo da garganta.

– Vou, com certeza.

– Bem, adeus.

– Adeus, Drew.

Ele deu três passos para longe dela antes de parar. Pesou sua decisão por alguns segundos antes de se virar. Ele ia fazer algo que não fazia desde que conhecera Ellie Davidson. Ia convidar uma mulher para sair.

– Ah, escute. Estava pensando se você estará aqui amanhã.

– Não sei – disse Arden com frieza e tato. Na verdade, estava prendendo a respiração enquanto fazia uma oração silenciosa. – Por quê?

– Bem, eu e Gary vamos jogar amanhã de manhã. – Mudou seu ponto de equilíbrio de um pé para o outro. – Estava pensando que, se você estiver por aqui, talvez possa assistir a uma ou duas partidas e então almoçar comigo no clube.

Ela abaixou os olhos, quase fechando-se em júbilo.

– Se você preferir não... – começou ele.

– Não – apressou-se em dizer, levantando a cabeça novamente. – Quero dizer, sim, isso seria... eu gostaria disso.

– Ótimo! – exclamou, recobrando a confiança. Por que diabos era tão importante para ele o fato de ela ter dito sim? Ele poderia ter uma mulher sempre que quisesse. E não para almoçar. Mas fora extremamente importante para ele ouvir Arden dizer sim.

– Então nos vemos aqui, mais ou menos por volta do meio-dia? – perguntou, olhando furtivamente as pernas cuidadosamente cruzadas sob a mesa. Talvez ela tivesse tornozelos grossos.

– Estarei aqui.

Os tornozelos dela eram lindos.

– Tchau. – Os lábios de Drew curvaram-se num sorriso devastador.

– Tchau – respondeu Drew, torcendo para seus próprios lábios não estarem tremendo visivelmente ao retribuir o sorriso.

Os passos tranquilos e atléticos de Drew conduziram-no através do pátio. Ela observou-o afastar-se, admirando a forma como se movia sem esforço, e a silhueta atlética de seu corpo.

Ela gostara dele! E estava feliz por isso. Ele era um homem decente. Um homem extraordinário, a bem da verdade. Ele não era mais um ponto de interrogação sem face, sem nome, em sua mente. Um homem com identidade e personalidade. Um homem que conhecera amor e sofrimento, e lidara bem com ambos.

Ela conquistara a confiança dele, e isso brindou-a com uma pontada de culpa.

Ele a teria convidado para almoçar caso ela lhe tivesse dito quem ela era? Drew teria sentido o mesmo ânimo por tornar a vê-la caso ele soubesse que a havia impregnado artificialmente com seu sêmen? Drew teria se aberto tanto com ela, caso o tivesse abordado diretamente e dito: "Sou a mãe de aluguel que você e Ellie contrataram. Eu carreguei seu filho no meu ventre"?

Capítulo 2

NA AUSÊNCIA DE ARDEN, a faxineira limpara o quarto e deixara o ar-condicionado ligado no máximo. Largando a bolsa e o *laptop* numa mesa, Arden ajustou o termostato, para em seguida abrir a porta deslizante de vidro da varanda com vista para o mar. A diária do quarto era exorbitante, mas a vista valia cada centavo.

Arden respirou fundo, e expirou pronunciando um nome: Drew McCasslin. O homem que ela estava caçando. Finalmente o conhecera, falara com ele, ouvira-o dizer o nome do filho dela. Matt.

Não demorou muito para despir o vestido e se embrulhar num roupão felpudo. Saindo para a varanda, foi abraçada pelo calor havaiano. Sentou-se numa cadeira, colocou os pés em outra e dobrou as pernas para repousar o queixo nos joelhos e admirar o oceano.

Drew presumira que Gentry era o nome de casada de Arden. O que ele não sabia era que ela havia descartado esse nome, como um animal despe a pele antiga, no momento em que abrira o processo de divórcio. Ela não queria ter nada em comum com Ronald Lowery, nem seu nome.

E sempre que ela achava que a raiva finalmente tinha passado, esse sentimento aproximava-se sorrateiro e a agarrava, exatamente como estava fazendo agora. Era silencioso e intangível como uma neblina, mas igualmente envolvente e sufocante.

Será que ela jamais esqueceria da humilhação que sentira na noite em que ele abordara o assunto? Ela estava na casa deles em Beverly Hills, preparando o jantar. Era uma daquelas noites raras em que Ron vinha para casa diretamente depois do trabalho. Mas naquela tarde Ron ligara para dizer que não havia partos

programados, que fizera sua ronda pelo hospital mais cedo e que poderia sair da clínica a tempo de jantar com ela. Num casamento que rapidamente revelara-se decepcionante para Arden, até quando eles jantavam juntos era um evento. Se Ron ia tentar melhorar a situação entre eles, Arden estava disposta a fazer sua parte.

– O que estamos comemorando? – perguntou Arden quando ele entrou trazendo uma garrafa de vinho de safra.

Ron beijou-a imperiosamente na face.

– É uma espécie de celebração – disse Ron, evasivo. Ela sabia por experiência própria que Ron gostava de guardar segredos, não pelo prazer que eles poderiam proporcionar à outra pessoa, mas porque isso lhe dava uma sensação de superioridade. Há muito tempo ela aprendera que não valia a pena pressioná-lo para revelar o segredo. Com frequência, as surpresas dele eram desagradáveis.

– A carne de panela está quase pronta. Por que não fica um pouquinho com Joey? Ele está no gabinete assistindo a *Vila Sésamo*.

– Pelo amor de Deus, Arden. Acabo de chegar. A última coisa de que preciso é de Joey tagarelando nos meus ouvidos. Prepare uma bebida para mim.

Estupidamente, ela obedecera. Conforme era seu hábito.

– Ron, Joey é seu filho – disse ela enquanto lhe dava um uísque com água. – Ele idolatra você, mas vocês ficam muito pouco juntos.

– Ele não pode fazer coisas normais.

Ela odiava a forma como ele engolia sua bebida de uma só vez e em seguida empurrava o copo como um comando mudo para que ela o enchesse novamente.

– É por causa disse que é ainda mais importante que você descubra...

– Meu Deus! Devia saber que se chegasse em casa com boas notícias você estragaria tudo com suas queixas. Estarei na sala. Me chame quando o jantar estiver pronto. Quero falar com você sobre um assunto importante. Dê a comida de Joey antes da hora e o coloque para dormir.

Dito isso, ele saiu da cozinha, e Arden sentiu um prazer imenso ao notar que as calças dele estavam apertadas atrás. Quando conhecera Ron, ele era um estudante de medicina com um orgulho imenso de seu físico atlético. Muitos coquetéis depois, ele não tinha mais a barriga plana e dura. As nádegas estavam maiores, os quadris, mais largos. Ele não era nem de perto tão bonito e elegante quanto no começo. Hoje seu único motivo de orgulho era a clínica de ginecologia, pela qual sacrificara tudo. Até o amor de sua mulher.

Naquela noite, ela fizera um esforço imenso para ser simpática e atraente ao chamá-lo para a sala de jantar. Joey tinha sido posto na cama depois de um beijo

apressado e sem a menor afeição do pai. A refeição que ela preparou foi suntuosa. Naquela época, ela gostava de cozinhar.

– Bem, agora você vai me dizer o que estamos comemorando? – perguntou com um sorriso enquanto Ron terminava sua segunda fatia de torta.

– O fim de todos os nossos problemas – disse, evasivo.

O fim de todos os problemas de Arden seria ver Joey completamente bem e levando a vida normal de um menino de três anos. Mas ela perguntou, educada:

– Quais problemas? A clínica está indo bem, não está?

– Sim, mas... Arden, você sabe que recentemente eu precisei de... relaxar, me divertir um pouco. Entra dia, sai dia, tudo que ouço são mulheres reclamando de cólicas ou gritando durante o parto.

Arden engoliu uma resposta ácida. O pai dela não havia se sentido assim a respeito de sua clínica, à qual dedicara uma vida inteira para torná-la uma das melhores de Los Angeles. Ele não nutria intolerância pela dor de seus pacientes, imaginários ou não, como Ron sentia.

– Tenho jogado um pouco, e, bem... – Ele sorriu para ela com o que considerava ser um apelo juvenil. – Estou falido. Até o pescoço com dívidas.

Arden levou um ou dois momentos para absorver o que ele acabara de dizer. E em seguida um minuto inteiro para conter seu pânico. A primeira pessoa em que ela pensou foi Joey, cujo tratamento médico era imensamente caro.

– De quanto... de quanto são as suas dívidas?

– O suficiente para me obrigar a vender a clínica ou deixá-la tão no vermelho que jamais vou conseguir trazê-la de volta para o azul, não importa quantos partos eu faça.

Arden quase botou para fora o jantar que acabara de comer.

– Meu Deus, a clínica do meu pai.

– Mas que droga! – gritou Ron, batendo na mesa tão forte com o punho que fez retinir porcelana e cristais. – Não é dele, é minha. Minha, está ouvindo? Ele era um médico do interior até eu converter uma simples clínica de mulheres na mais moderna...

– Fábrica. É assim que você a dirige. Sem compaixão ou sentimento pelas mulheres de quem trata.

– Eu as ajudo.

– Com certeza, você é um bom médico. Um dos melhores. Mas você não tem emoções, Ron. Você não vê a mulher que está tratando como uma pessoa. A única coisa que você se importa é com seu talão de cheques.

– Você não se importa em morar aqui e ser sócia do melhor clube...

– Você queria a casa e o clube, não a mim.

– Quando uma mulher sai do meu escritório, ela se sente o máximo.

– Você é um conquistador, Ron. Eu sei disso. Não sou estúpida. Você pode convencer a qualquer mulher de que se importa com ela.

Ele se recostou na cadeira, pernas esticadas para a frente, tornozelos cruzados, expressão matreira.

– Falando por experiência própria?

Arden abaixou os olhos para o prato. Ela não precisara passar muito tempo casada para compreender que todo o romantismo, todas as declarações de amor, tinham visado conquistar não ela, mas um consultório bem estabelecido e lucrativo.

– Sim, eu sei porque você casou comigo. Você queria a clínica do meu pai. Acho que você criou problemas para ele de propósito, até fazer com que ele sofresse um ataque cardíaco e morresse. Agora você tem tudo que sempre quis. – A raiva de Arden havia crescido até esse ponto. Ela terminou seu desabafo aos gritos. – E agora você está me dizendo que está prestes a perder tudo porque se endiviou no jogo!

– Como sempre, você está tirando conclusões sem ouvir metade do que estou dizendo. – Ele serviu-se de uma dose generosa de vinho e o engoliu de uma vez. – Recebi uma oportunidade de fazer muito dinheiro.

– Como? – Drogas?

Ele olhou de cara feia para ela, mas continuou.

– Lembra de quando consegui aquele bebê para um casal adotar, tem mais ou menos um ano? Eles queriam que tudo acontecesse de forma discreta e sem burocracia. Apenas um bebê com documentos legais.

– Lembro - disse Arden com cautela.

No que ele estava pensando? No mercado negro de bebês? Ele parecia bem capaz de se rebaixar a esse nível. Ela sentiu um arrepio.

– Tive um encontro com um amigo deles. Encontro secreto. Bem sigiloso. Porque eles são celebridades. – Ele fez uma pausa dramática, e esperava que ela lhe implorasse para saber as identidades deles. Mais tarde ela iria lamentar não ter feito isso. – Nunca vi um casal que quisesse tanto um bebê. Eles tentaram de tudo para que ela engravidasse. Nada funcionou. Ele foi examinado, e posso lhe garantir, nunca vi uma pistola tão carregada – acrescentou, lascivo. – Arden escutou com atenção, sem qualquer mudança de expressão. – Eu disse que iria ver o que posso fazer para encontrar um bebê que eles pudessem adotar. Mas a mulher não quis nem saber. Ela quer que o bebê seja do marido dela.

– Não sei se estou entendendo onde você quer chegar.

– O fruto dele, sua semente – disse num tom teatral. – Eles querem que eu encontre uma mãe de aluguel para ser impregnada com o sêmen dele. E num passe de mágica, eles têm um bebê.

– Já ouvi falar de mães de aluguel. O que você acha disso? Funciona? Você faria isso por eles?

Ele riu.

– Mas é claro. Pelo dinheiro que eles estão oferecendo, vou fazer. Cinquenta para a mãe. Cinquenta para mim.

Arden arfou.

– Cem mil... Eles devem ser celebridades ricas.

– Tudo que eles exigem é um bebê saudável e segredo absoluto. Segredo, Arden. Renda que não precisa ser declarada. Eles disseram que vão me pagar em dinheiro vivo.

Era antiético, se não ilegal. Ela não podia imaginar que tipo de mulher concordaria em fazer aquilo.

– Onde você vai achar uma mulher disposta a ficar grávida de um bebê, apenas para entregá-lo depois de dar à luz?

Os olhos de Ron afundaram nos de Arden, e ela sentiu um arrepio correr por sua espinha. Durante momentos dolorosos, fitaram um ao outro sobre o canto da mesa.

– Não acho que terei de procurar muito longe – disse ele.

O rosto de Arden ficou lívido. Ele não podia estar se referindo a ela. Sua própria mulher!

Odiando o tom de desespero e pânico que escutou na própria voz, ela perguntou:

– Ron, você não está sugerindo que...

– Exatamente.

Ela se levantou abruptamente da cadeira e girou nos calcanhares, mas ele a seguiu tão depressa que quase torceu seu braço ao forçá-la a se virar para encará-lo. Ele estava com o rosto ruborizado, e a banhou com saliva ao vociferar:

– Uma vez na vida, pense direito, Arden. Se fizer isso para mim, ficaremos com todo o dinheiro. Não teremos de dividir com ninguém.

– Vou tentar esquecer que tivemos esta conversa, Ron. Por favor, largue meu braço. Está doendo.

– Vai sofrer muito mais se chutarem você para fora desta casa, onde adora se esconder. E quanto a Joey? Os tratamentos dele estão nos deixando na lona. E o

precioso legado do seu pai, está disposta a deixar que ele vire fumaça por causa de seus princípios?

Ela soltou o braço e teve vontade de sair correndo, mas o que ele estava dizendo, afinal, não parecia absurdo. Ela não podia permitir que Ron usasse a obra da vida de seu pai como pagamento para dívidas de jogo. E Joey! O que eles fariam se não pudessem mais pagar as contas médicas do tratamento do menino?

– Tenho certeza de que esse... esse casal não tinha em mente a mulher do médico quando procuraram você.

– Eles jamais saberiam. Eles não querem conhecer a mãe e não querem que ela os conheça. Eles querem que todos pensem que a criança é deles. Tudo que eles desejam é uma mulher saudável para gerar um bebê saudável para eles. Um instrumento.

– É isso que eu sou para você, Ron? Um meio para acabar com seus problemas financeiros? Um instrumento de fazer dinheiro?

– Eu sei do que estou falando. Você não está usando esse equipamento para mais nada. Pode usá-lo para ganhar dinheiro.

Arden sentiu seu corpo inteiro arquear sob o peso daquele insulto. Era verdade. Há muito tempo eles discutiam sobre a falta de frequência com que eles faziam sexo. Arden não sentia qualquer aversão a sexo. Seu pai falara sobre o assunto, com franqueza e respeito. Sua aversão era pela forma como Ron o praticava. Era sem preliminares, sem ternura, sem amor. Ela se submetera àquilo durante anos, mas um dia se fartara e começara a inventar desculpas.

Em vez de reiniciar aquela velha discussão, que invariavelmente induzia Ron a quase estuprá-la, ela disse:

– Eu não quero ter um bebê. O bebê de outro homem. Preciso pensar em Joey. Geralmente volto arrasada do hospital. Não acredito que estou fisicamente apta para isso. Com toda certeza, psicologicamente não estou.

– Você precisa botar na sua cabeça que está. E esqueça essa tolice sobre o bebê de outro homem. É um processo biológico. Esperma e ovo. Zapt, zupt, lá vem um bebê.

Repugnada, deu as costas para Ron. Como podia ser tão insensível quanto a um milagre que ele testemunhava todos os dias? Ela nem sabia por que estava ali, discutindo aquilo com ele. A não ser se talvez visso aquilo como uma saída para ela também.

– O que diríamos às pessoas? Quero dizer, quando voltar da maternidade sem um bebê.

– Diríamos que o bebê nasceu morto, que ficamos arrasados e não quisemos

nenhum funeral. Nada.

– Mas, e quanto aos funcionários da maternidade? Existem regras que proíbem os médicos de tratarem membros de suas famílias. Como faríamos a troca, como daríamos o meu... o bebê para uma mulher que não esteve grávida e fazer nossa criança passar por morta?

– Não se preocupe com nada disso, Arden – disse ele com impaciência. – Cuidarei de todos os detalhes. Dinheiro cala as pessoas. As enfermeiras da sala de parto são leais. Elas farão o que eu mandar.

Aparentemente, Ron estava acostumado com esse tipo de intriga. Essas coisas eram novas para Arden, e a gama de repercussões possíveis fazia com que ela se sentisse desconfortável.

– Como podemos... fazer?

Agora que achava que Arden ia colaborar, Ron ficou mais animado.

– Primeiro precisamos nos certificar que você não está grávida. – Ele abriu um sorriso sarcástico. – Mas isso seria quase impossível, não é mesmo? Eu vou mostrar a eles os seus antecedentes médicos, que são imaculados. Você não teve qualquer problema com sua primeira gravidez. Nós assassinamos um contrato. Eu faço o procedimento na clínica.

– E se eu não conceber?

– Você vai conceber. Eu garantirei isso.

Ela estremeceu.

– Preciso pendar nisto, Ron.

– Pensar? O que tem para... – começou a gritar. Mas ao ver Arden levantar o queixo denotando teimosia, Ron resolveu suavizar a abordagem e recorrer ao seu charme. – Claro. Eu sei. Tire alguns dias para pensar. Mas eles vão querer uma resposta até o fim da semana.

Arden deu a resposta na manhã seguinte. Ele ficou empolgado. Então ela estabeleceu suas condições.

– Você o quê? – vociferou Ron.

– Disse que quero metade do dinheiro no parto, junto com documentos de divórcio, assinados e reconhecidos. Não haverão intimidades entre nós até o parto. Depois que eu sair da maternidade com o dinheiro, nunca mais vou querer ver você.

– Você não vai me deixar, querida. Se alguém vai ser abandonada, vai ser você! Você se importa demais com a reputação da clínica para me deixar.

– Eu me importava. Quando papai era vivo, a clínica era tudo que ela devia ser. Eu acredito piamente que sob a sua guarda ela vai ruir aos poucos. Eu não

estarei aqui para ver isso acontecer. Não é mais uma coisa da qual me orgulho. – Ela se empertigou. – Você me usou para conseguir a clínica. Agora faça com ela o que bem quiser. Ficarei com esse dinheiro porque ele vai permitir que eu e Joey nos livremos de você. Você me usou pela última vez, dr. Ronald Lowery.

Ele vai concordado com todos os termos. Ele nunca disse a ela, mas Arden tinha certeza absoluta que os credores de Ron o estavam pressionando. Um homem desesperado não tinha escolha alguma além de aceitar condições. Quando saiu da maternidade, sentindo-se conspurcada, usada e vazia, mas livre, Arden não lamentou sua decisão. O dinheiro que seus nove meses de trabalho tinham lhe valido iriam permitir que ela pudesse cuidar melhor de Joey.

Mas, agora, quase dois anos depois, ela nutria sentimentos ambivalentes sobre sua decisão de dar à luz o filho de um estranho. Os McCasslin haviam tido todos os seus desejos quando ela deu à luz um menininho. Ele havia enriquecido a vida do casal e dado a Drew uma tábua de salvação, um motivo para viver quando o resto de seu mundo caiu. Apenas isso não bastaria para aplacar qualquer culpa nutrida por Arden? Por que ela continuava a se condenar? Em todo caso, agora era tarde demais para alterar a história. Ela não havia se movido enquanto relembrara o evento que no fim das contas a tinha trazido a esta ilha adorável. Agora ela se levantou e esticou seus músculos, rígidos por terem permanecido muito tempo na mesma posição. Passou uma noite tranquila em seu quarto, escrevendo um pouco, tentando decidir quando diria a Drew McCasslin quem ela era e como lhe pediria para ver o filho dela.

– Oi. – Ele correu até a beira da quadra e levantou a cabeça para olhar para a mesa à qual ela costumava sentar-se, perto do peitoril. – Você parece fria como um pepino.

– E você quente como o inferno.

Ele riu, surpreso.

– E é exatamente assim que me sinto. Gary está me fazendo suar hoje.

– Acho que é você que o está fazendo suar hoje. – Arden estivera observando a partida, e Drew estava jogando no que ela acreditava ter sido seu potencial pleno antes do excesso de álcool arruinar seu preparo físico.

Ele pareceu satisfeito por ela ter notado.

– Sim, bem, eu consegui dar algumas rebatidas decentes – concedeu, humilde. – Estou formando um apetite saudável para o almoço.

– Não se apresse por minha causa. Estou gostando do *show*.

Ele se curvou e correu de volta para a quadra, gritando para um Gary de aparência cansada que a pausa para o descanso havia terminado. Drew terminou

o *game* seguinte sem fazer ponto. Porém, no saque de Gary, o profissional do clube retornou com uma vingança. O *game* empatou várias vezes antes de Drew fazer dois pontos seguidos e ganhar a partida.

Ignorando os aplausos das garotas que, mais uma vez, estavam espremidas contra a cerca como borboletas numa rede, Drew cambaleou comicamente até a parede, olhou para cima e disse a Arden:

– O toureiro não deve jogar para a dama a orelha ou rabo do touro, ou algo do gênero, para dedicar a tourada a ela?

Ela riu.

– Acho que sim. Mas, por favor, não corte a orelha de Gary.

– Não tenho nada para jogar para você, exceto uma bola de tênis. Ou uma toalha suada.

Prefiro a bola.

Ele jogou a bola para ela, e ela a apanhou com destreza, curvando a cabeça numa aceitação majestosa.

– Peça quatro copos d'água para mim e eu estarei com você num minuto.

Arden observou-o jogar a mochila sobre o ombro e caminhar animadamente até o vestiário.

Drew acenou para Arden antes de desaparecer pelas grossas portas metálicas.

Será que alguma vez ele havia pensado na mulher que dera à luz o filho dele?, perguntou-se Arden enquanto fazia sinal para o garçom e pedia a água para ele e um copo de chá gelado para ela. Será que Drew já havia imaginado como ela havia se sentido ao carregar uma parte dele em seu corpo? Intimidade sem intimidade.

O dia em que Ron determinou que Arden estava fértil – por dias a fio ele tirara sua temperatura com um termômetro específico –, ele mandou que ela fosse à clínica depois do final do expediente. Nua e vulnerável, deitara-se na mesa de exame, pés apoiados nos estribos enquanto ele inseria o que chamou de concha cervical. Em seguida ele inseriu o fluido seminal congelado no receptáculo. Ele iria proteger o fluido contra a entrada do útero de Arden até que ela o extraísse em sua casa, sem nenhuma dor. Com alguma sorte, os resultados seriam positivos.

– Você não vai ficar mais excitada com isso do que fica com a coisa de verdade – comentou Ron com um sorriso de escárnio.

– Apenas acabe logo com isso – disse ela, cansada. Ela não se sentia mais insultada pelas piadas lascivas de Ron.

– Você não está nem um pouquinho curiosa? Hein? Não tenta imaginar como

ele é? Quem ele é? Preciso admitir que o cara é bonito. Você quer ficar um pouquinho excitada antes para isto parecer mais oficial? – Ele agarrou um seio de Arden e apertou dolorosamente. – Eu poderia fazer isso por você. Todo mundo já saiu.

Ela deu um tapa na mão de Ron, e ele soltou uma gargalhada cruel. Ele realmente acreditava que aquele sorriso insinuente iria deixá-la ardendo de paixão? Ela virou o rosto enquanto uma lágrima solitária descia por sua face.

– Acabe logo com isso, por favor.

– Faremos amanhã novamente – disse Ron depois que ela havia se sentado.

– Amanhã?

– E depois de amanhã. Três dias seguidos enquanto você estiver ovulando. – Ele se encostou na mesa e acariciou a coxa de Arden. – Depois ficaremos sentadinhos, esperando para ver o que acontece.

Ela rezou para conceber naquela primeira tentativa. Depois de ter-se sujeitado à lasciva de Ron, Arden não podia suportar o pensamento de fazê-lo novamente no mês seguinte. As preces dela tinham sido atendidas. Seis semanas depois, Ron teve certeza de que ela estava grávida. Ele informou ao casal que a mãe de aluguel havia concebido. Ele contou a Arden que eles tinham ficado extasiados.

– É bom você se cuidar – alertou ele. – Não quero que nada estrague isto.

– Nem eu – disse Arden, fechando a porta do quarto na cara dele.

Ela não pensava na vida que estava carregando como um bebê, uma personalidade, um ser humano. Pensava nela apenas como uma chance de alcançar a felicidade, livre da cobiça e do egoísmo de Ron.

Durante as semanas de enjoo matinal e durante os dias longos e exaustivos em que conduzia Joey de casa para o hospital, e do hospital para casa, Arden tentou não odiar o feto a quem ela jamais iria se permitir amar. Quando amigos congratulavam a ela e a Ron pela gravidez, Arden forçava-se a sorrir e a aceitar seus desejos de felicidades e o abraço possessivo de Ron sobre seus ombros.

O momento em que sentiu o primeiro movimento do bebê foi de alegria indescritível. A emoção foi rapidamente suprimida, empurrada para o canto, escondida em algum recanto secreto de sua mente. Era apenas à noite, sozinha em seu quarto, enquanto passava loção em seu abdômen inchado, que Arden permitia-se pensar na criança. Seria menino ou menina? Olhos azuis ou castanhos? Ou iria herdar os olhos verdes dela?

E era então que ela se perguntava sobre o pai da criança, sobre a semente que estava carregando. Como seria ele? Seria bondoso? Daria um bom pai? Ele amava sua mulher? Com toda certeza, sim. E ela o amava tanto que permitiu que outra

mulher tivesse o filho dele. Será que eles haviam estado deitados juntos quando ele coletou...

– Um centavo por eles.

– Oh! – arfou Arden, achatando a mão sobre o peito e rodopiando nos calcanhares para ver o tema de seus pensamentos curvando-se para ela com um sorriso. Pousada no encosto da cadeira na qual ela estava sentada, a mão de Drew estava bem próxima das costas nuas de Arden.

– Sinto muito – disse ele, genuinamente arrependido. – Não queria assustar você.

– Não, não. Está tudo bem. – Ela sabia que estava com a face vermelha e parecendo transtornada. – Eu estava no mundo da lua.

– Espero que tenha sido uma viagem agradável.

Os olhos dele eram incrivelmente azuis contra seu bronzeado forte, e ornamentados por cílios castanhos e grossos, dourados nas pontas. Os dentes reluziam, brancos. Exalava um aroma delicioso de sabonete e o perfume de uma colônia discreta e cara. Aparentemente, ele pretendia deixar o sol secar seus cabelos. Havia mechas molhadas coladas à sua testa.

Devido ao que ela estivera pensando, Arden não queria vê-lo como um homem com um rosto e um corpo. Um rosto bonito. Um corpo *sexy*. A face de Arden ficou ruborizada quando ela pensou na injeção geradora de vida que Ron aplicara em seu corpo. Ela desviou o olhar, umedecendo nervosamente os lábios.

– Na verdade não estava sonhando acordada, apenas pensando – disse, evasiva. – A paisagem aqui é hipnótica. As ondas quebrando na praia. O sopro do vento. Você sabe.

Ele sentou-se na cadeira em frente à dela. Usava calças compridas cor de marfim e camisa pólo azul-marinho. Tomou um gole longo de um dos copos de água com gelo e comentou:

– Às vezes, à tardinha, desço até a praia em frente à minha casa e fico lá sentado sonhando acordado.

– Acho que nossas mentes têm uma forma de se isolar de tudo quando precisamos escapar.

– Arrá, era isso que você estava fazendo? Tentando escapar de mim.

Arden riu, pensando que nenhuma mulher em seu juízo perfeito iria querer escapar de um homem que ficava tão lindo quando sorria.

– Não. Pelo menos não antes de você ter pago o meu almoço – provocou.

– Isso me lembra Matt. Ele sempre exige um petisco antes de me dar um abraço e um beijo. – Quando viu a expressão assustada dela, ele xingou baixinho.

– Arden, ah... droga. Arden, não foi isso que eu quis dizer. Não há nenhum compromisso relacionado a este almoço. Eu quis...

– Eu sei o que você quis dizer – disse ela, sorrindo de novo. – E não fiquei ofendida. Juro.

Ele abaixou parcialmente uma pálpebra enquanto avaliava a boca de Arden, sem fazer segredo do fato de que se sentia atraído por ela.

– É uma coisa que exige planejamento, não é verdade? Beijo, quero dizer.

– Eu não sei – disse ela, brusca.

Arden passara a manhã inteira pensando no que deveria usar. Agora ela queria não ter sido tão ousada. Durante meses depois da morte de Joey, ela havia chafurdado em sofrimento, permitindo-se ficar desmazelada. Antes de embarcar nesta missão, fizera exercícios rigorosos, começara a comer direito, trabalhara em suas unhas e rosto, cortara o cabelo e comprara um novo guarda-roupa que quase ultrapassara os limites do orçamento limitado. Ela estava espantada com os resultados. Ron a havia reprimido tanto assim? Nunca em sua vida ela parecera tão bonita. E este dia não era exceção. O *top* preto, sem alças, aderia provocantemente aos seios dela, detalhando cada nuance de sua silhueta. O corte da saia branca estava na moda, e seus botões desciam pelo lado esquerdo da cintura até a bainha. Ela deixara os botões abertos a partir da coxa. Suas pernas pareciam bronzeadas e sedosas contra o tecido branco. Suas sandálias eram de couro preto e salto baixo, e com laços que envolviam seus tornozelos. A única joia que ela usava era um bracelete branco e argolas também brancas nas orelhas.

Olhando-se de pé no espelho do quarto, ela considerara-se elegante. Elegante e bonita. Por que agora ela estava com a impressão de que se vestira sedutoramente? Porque os olhos de Drew, realizando uma inspeção detalhada de seu corpo e brilhando em apreciação a tudo que viam, faziam com que ela se sentisse sedutora. Ela sabia que ele podia detectar o enrijecimento de seus mamilos. Ela jamais pensara em si mesma como uma pessoa sensual, mas agora, com aqueles olhos azuis perscrutando-a, cada receptor sensorial de seu corpo parecia ter enlouquecido.

– Talvez devêssemos começar com o almoço e seguir a partir daí – disse ele quando seus olhos finalmente retornaram aos dela.

– Tudo bem.

Capítulo 3

DREW LEVOU-A A UM DOS RESTAURANTES DO BALNEÁRIO. Com uma reverência dedicada aos VIPs, o *maître* acomodou-os numa mesa com uma vista para o oceano. Embora a maioria dos frequentadores estivesse usando roupas casuais, havia uma atmosfera de elegância na sala com sua decoração verde-menta e pêssego, cadeiras laqueadas em preto e vasos ornados com flores frescas em todas as mesas.

– Bebidas, senhor? – perguntou o garçom.

– Arden?

– Um Virgin Mary, por favor.

– Perrier com lima – disse Drew ao garçom, que recuou com um aceno silencioso.

Drew pegou um palito de pão, partiu-o ao meio e deu uma das metades a ela.

– Pediu aquilo por minha causa? – perguntou ele, brusco.

– O quê? – retorquiu Arden, chocada com a franqueza dele. – A bebida?

– A bebida que não é realmente uma bebida. Se quiser alguma outra coisa, peça. – Ele parecia uma mola fortemente premida prester a saltar. – Prometo que não vou arrancar o drinque e tomá-lo de um gole. Já passei da fase de suar e tremer. – Como para provar isso, ele estava passando manteiga em sua metade de palito de pão com cuidado e precisão.

Arden pousou seu palito de pão no prato e entrelaçou os dedos sobre o colo.

– Pedirei o que me aprouver, sr. McCasslin. – A declaração fria fez Drew levantar a cabeça para olhá-la. – Qualquer pessoa que conhece o seu nome sabe que você teve um problema com bebida. Mas, por favor, não fale comigo como se eu fosse uma missionária que recebeu a tarefa de resgatá-lo da bebida do

demônio. Se não achasse que você passou da fase de tremer e suar, eu não estaria aqui.

– Deixei você com raiva.

– Sim, deixou. E ficarei grata se nunca mais tentar pensar por mim novamente.

O garçom trouxe as bebidas e colocou os *menus* na frente deles. Arden olhou bem nos olhos de Drew. Estava irritada e não pretendia esconder isso.

– Sinto muito – disse ele depois que o garçom se afastou. – Sou sensível a críticas, embora recentemente tenha merecido cada palavras dela. Eu me tornei o paranóico clássico, que procura por alfinetadas que não existem.

Ela estava estudando o desenho dos talheres de prata, e xingando a si mesma por ser tão irritável. Ela queria conquistar a amizade dele ou afugentá-lo? Quando ela levantou seus olhos verdes, eles haviam suavizado consideravelmente.

– Também sinto muito. Durante anos deixei meu marido falar e pensar por mim. É uma rotina que nenhuma mulher, ou melhor, ninguém, deve se permitir entrar. Acho que tocamos alguns pontos sensíveis um do outro ao mesmo tempo. – Diplomaticamente, sorriu e levantou o copo. – Além disso, gosto de suco de tomate.

Rindo, ele levantou seu copo e o bateu contra o dela.

– À mulher mais adorável da ilha. De agora em diante, entenderei tudo que você disser ao pé da letra.

Ela desejou que pudesse oferecer outro brinde, um que tivesse menos relação com honestidade, mas se limitou a retribuir o sorriso.

– O que você quer comer? – Ele abriu o *menu*.

– Sugira você.

– Fígado.

Ela soltou uma risada espontânea.

– Essa é a única coisa que eu não comeria de nenhuma forma ou sob qualquer receita.

Ele abriu um sorriso largo, branco, maravilhoso.

– Ótimo. Também não suporto fígado. Acho que esta amizade estava predestinada.

Enquanto corria os olhos pelo *menu*, ocorreu a Arden que Matt provavelmente também cresceria odiando fígado.

Ela pediu uma salada de camarões que foi servida numa canoa de abacaxi fresco com abacate e orquídeas. Era bonito demais para comer. Drew comer um

pequeno filé e salada verde. Durante o almoço, eles se conheceram melhor. Quando lhe foi perguntado, Arden respondeu que não tinha pais vivos, que sua mãe morrera na época em que Arden estudava redação criativa na UCLA e que seu pai, que fora médico, morrera de ataque cardíaco alguns anos depois. Ela não entrou em detalhes, especialmente a respeito da clínica ginecológica do pai.

Drew crescera no Oregon, onde a mãe dele ainda vivia. Perdera o pai alguns anos antes. Drew começara a jogar tênis enquanto cursava o ensino elementar.

– Isso foi antes de as escolas públicas terem equipe de tênis. Quando o treinador disse que eu tinha jeito para o jogo, ele me convidou a ingressar na nova equipe que estava criando. Na verdade eu preferia beisebol, mas ele insistiu tanto que acabei cedendo. Logo me tornei obcecado por jogar cada vez melhor. Quando cheguei ao ensino médio, já estava ganhando torneios locais.

– Mas, então, você foi para a faculdade.

– Sim, e isso foi motivo de muita dor de cabeça para o meu agente, Ham Davis, que passou a administrar minha carreira quando eu estava no segundo ano da faculdade. Sempre dava mais importância aos estudos que aos treinos, porque sabia que meu corpo não poderia jogar tênis, pelo menos não competitivamente, pelo resto da vida. Assim, achava melhor me preparar para o dia em que não pudesse jogar mais.

– Mas você conseguiu conciliar as duas coisas, certo? Quando começou a participar dos torneios, logo se tornou um campeão. – Ela colocou o último pedaço de mamão na boca. Eles tinham pedido compotas de frutas como sobremesa e agora estavam terminando, enquanto bebericavam café.

– Tive alguns anos bons. – Deu com os ombros modestamente. – Também tinha a vantagem de alguns anos de maturidade, e não passava a noite na farra, como alguns jogadores fazem em seu primeiro torneio. – Tomou um gole de café. – O sistema é desequilibrado. Quando você começa, é incrivelmente caro. Transporte, alojamento, comida. Então, depois que você que você começa ganhar dinheiro com prêmios e a assinar contratos de patrocínio, não gasta mais um centavo. – Ele balançou a cabeça, rindo. – Perdi uns contratos bem valiosos quando nem os melhores tênis podiam impedir que eu tropeçasse na quadra depois de uma bebedeira.

– Você vai recuperar cada um deles.

Ele levantou a cabeça para procurar pelos olhos de Arden.

– É isso que Ham diz. Você acha mesmo?

A opinião dela era tão importante para Drew ou ele necessitava de qualquer forma de estímulo?

– Sim. Depois que eles virem como você está jogando, depois que você tiver vencido um ou dois torneios, estará de volta ao topo.

– A cada dia aparecem jogadores mais novos para tomar meu lugar.

– Não chegam a seus pés – disse ela, fazendo um gesto de menosprezo com a mão.

– Queria ter a confiança que você tem em mim – disse ele, sorrindo com ironia.

– Uh, sr. McCasslin, desculpe-nos, mas...

As sobrancelhas louras e espessas de Drew franziram num semblante severo quando ele se virou na cadeira para ver o casal parado tremulamente atrás dele. Usando camisas havaianas de padrão floral, haviam se rotulado como turistas numa miríade de formas indiscutíveis.

– Sim? – Na melhor das hipóteses, a saudação de Drew foi fria.

– Nós... bem... – A mulher hesitou. – Estávamos nos perguntando se você nos daria seu autógrafo para nosso filho. Somos de Albuquerque, ele está começando a praticar tênis e acha você maravilhoso.

– Ele tem um pôster seu no quarto dele – disse o homem. – Ele...

– Eu não tenho nada onde escrever – disse Drew, e rudemente deu as costas para eles.

– Eu tenho – ofereceu-se Arden, notando as expressões de embaraço nos rostos bem bronzeados. Ela enfiou a mão em sua bolsa e tirou a bola de tênis que Drew havia lhe jogado da quadra. – Por que não assina isso para eles, Drew? – Ela sugeriu suavemente, estendendo a bola para ele.

A princípio, os olhos dele pareceram irritados, e ela pensou que ele talvez fosse mandá-la cuidar da própria vida. Mas quando viu a admoestação gentil nos olhos de Arden, Drew sorriu e pegou a bola. Aceitando a caneta que a mulher achara em sua bolsa, rabiscou sua assinatura na superfície peluda da bola de tênis.

– Muito obrigada, sr. McCasslin. Não posso lhe expressar o quanto esta lembrança irá significar para o nosso filho. Ele...

– Lois, vamos deixar o homem terminar seu almoço. Odiamos incomodá-lo, sr. McCasslin, mas só queríamos lhe dizer que não podemos esperar para vê-lo jogando novamente. Boa sorte.

Drew se levantou. Ele apertou a mão do homem e beijou a mão da mulher, ação que quase a fez desmaiar, caso o adejar de seus cílios pudesse servir como indicação.

– Boa sorte para o seu filho também. Divirtam-se em suas férias.

Eles se afastaram, estudando sua preciosa lembrança e murmurando o quanto

ele tinha sido gentil e que todos aqueles jornalistas que diziam que ele era rude e agressivo estavam errados.

Drew olhou para Arden, e ela se preparou para ouvir uma repreensão. Em vez disso, a voz dele perguntou num tom apressado:

– Você já terminou?

Quando Arden fez que sim com a cabeça, ele pôs a mão debaixo do cotovelo dela e a ajudou a levantar-se da cadeira. Eles saíram do restaurante e não falaram até estarem percorrendo a trilha adornada por plantas que conectava os vários prédios do balneário.

– Obrigado – disse ele com simplicidade.

Ela parou de repente e olhou para ele.

– Pelo quê?

– Pela forma sutil como me avisou que eu estava me comportando como um estúpido.

Uma vez que foi tomada pela vontade de fitar os olhos de Drew, Arden baixou os olhos para o terceiro botão da blusa dele, mas foi instantaneamente distraída pelo volume de pelo peitoral sobre ele.

– Eu não devia ter interferido.

– Estou feliz por você ter feito isso. Entenda, esse é outro ponto no qual sou sensível. Durante meses depois da morte de Ellie, fui atormentado por jornalistas que queriam ouvir um "comentário" cada vez que eu botava o pé para fora de casa. Antes que percebesse, eu ficava furioso sempre que alguém me reconhecia em público.

– Eu posso imaginar que ser tão reconhecido publicamente deve ser angustiante. – Como deveria ser a sensação de tocar aqueles pelos? Tinham um tom maravilhosamente dourado contra a pele bronzeada.

– Na melhor das circunstâncias, é irritante. Na pior, é uma tortura. Em meu pior momento, tive de suportar a multidão me vaiando das arquibancadas, jogando coisas em mim porque eu estava jogando mal. Irracionalmente, eu os culpei. Meus fãs estavam me desertando porque eu bebia, e eu bebia porque meus fãs estavam me desertando. Ainda não me sinto bem quando as pessoas me abordam. Acho que fico com receio de que elas tenham um insulto para jogar na minha cara.

– O que acabei de testemunhar foi a mais pura adoração ao herói. – Forçando seus olhos a se desviarem daquele peito e sua mente a expurgar pensamentos eróticos, ela olhou para o rosto dele. – Você ainda tem milhares de fãs que simplesmente estão esperando que volte ao circuito.

Ele baixou os olhos para o rosto sincero de Arden. Permaneceu assim por alguns instantes, quase se perdendo nas profundezas verdes de seus olhos.

Ela possuía um aroma floral. Parecia calma e segura, mas também calorosa e generosa. Ele levantou uma das mãos, tencionando tocar os cabelos negros que eram gentilmente soprados contra o rosto, mas mudou de ideia e baixou a mão. Finalmente, ele disse:

– Conhecer você foi uma das melhores coisas que me aconteceram em muito tempo, Arden.

– Fico feliz em ouvir isso – disse ela, com toda sinceridade.

– Vou acompanhá-la até seu quarto.

Eles atravessaram o saguão do prédio principal. No elevador, ele disse:

– Espere por mim. Volto já.

Antes que ela pudesse se perguntar o que ele estava fazendo, ele havia sumido. Ela apertou o botão de subir, mas teve de deixar dois elevadores passarem vazios antes que Drew voltasse correndo com alguma coisa embrulhada em papel branco.

– Desculpe – disse ele, ofegante. – Que andar?

Eles subiram de elevador, e o conteúdo do pacote estava torturando a curiosidade feminina de Arden. Os olhos dele dançavam. Se isto ia ser uma surpresa, ela não iria estragá-la.

Na porta, ele se manteve segurando a mão dela.

– Obrigado pelo almoço adorável.

Ele não soltou a mão dela. Desembrulhou o papel e revelou um colar havaiano de plumas e orquídeas. Largando negligentemente o embrulho no soalho do corredor, ele segurou o colar acima de cabeça de Arden.

– Você deve ter ganhado dezenas de colares como este desde que chegou aqui, mas eu queria lhe dar um.

A fragrância estonteante das flores e sua proximidade deixou o oxigênio escasso. Arden sentiu-se tonta. Emoção congestionou sua garganta, mas ela conseguiu dizer:

– Não. Não ganhei. Obrigada. São lindas.

– Você realça as flores.

Ele enfiou o colar de flores perfeitas sobre a cabeça de Arden e deixou-as pousar sobre seus ombros nus. As pétalas frágeis fizeram um contato úmido e fresco contra sua pele. Ele não retirou suas mãos, preferindo deixá-las pousadas suavemente nos ombros dela. Assoberbada por confusão e emoções conflitantes, Arden curvou a cabeça.

O homem, e tudo que ele emanava, entorpecia Arden, atordoando seus sentidos, seu coração. Ele submetia seu corpo a uma letargia alienígena, mas deliciosa. Ela desejava baixar suas defesas e sucumbir ao desejo. As batidas erráticas de seu coração estremeceram as flores deitadas sobre seus seios. Cuidadosamente, tocou as flores com dedos rígidos.

Em sua visão periférica, Arden viu os dedos dele moverem-se em direção aos seus, e então eles se tocaram, e se enlaçaram. Os nós nos dedos dele eram cobertos por uma pelugem dourada. Eram cálidos, seguros, fortes. Ela levantou a cabeça e olhou para ele com olhos tão espargidos com orvalho quanto as flores.

– *Aloha* – sussurrou ele. Ele se inclinou e beijou-a, primeiro em uma face, em seguida na outra. Ele repousou seus lábios contra o canto dos lábios dela. Ali, tocando a face de Arden com a sua, coberta por uma barba rala e áspera, Drew suspirou o nome dela: – Arden.

Seus polegares viajaram pela clavícula de Arden, enquanto sua respiração vintilava sua têmpora e arrepiava sua orelha.

– Agora que o almoço terminou...

Oh, não! Gemeu silenciosamente enquanto seu coração afundava. Aqui vem a proposta indecorosa.

Ele recuou e soltou os ombros dela.

– ... que tal um jantar?

ENQUANTO se vestia para a noite, Arden dizia a si mesma que deveria ter recusado o convite para o encontro. Teria sido lógico para ela dizer: "Sinto muito, é tentador, mas eu preciso passar esta noite em meu quarto, trabalhando num artigo."

Em vez disso, ela se ouvira dizer: "Eu adoraria, Drew."

Ele havia sorrido e se virado para caminhar até o elevador. Ela havia entrado em seu quarto numa nuvem de sentimento romântico. Contudo, não demorara muito para ela lembrar por que havia tramado seu encontro com Drew.

Durante alguns minutos, enquanto as mãos de Drew tocavam as suas, e o hálito dele soprava seus cabelos, Arden esquecera de seu filho. Ela estivera pensando em Drew não como pai, mas apenas como homem, um homem pelo qual ela estava se sentindo perigosamente atraída.

Depois do casamento decepcionante e da repugnante vida sexual com Ron, Arden pensara que jamais voltaria a se interessar por um novo relacionamento. Foi um choque para ela perceber que aguardava ansiosamente por passar mais algumas horas em companhia de Drew. E por todas as razões erradas.

Teria sido melhor para seus propósitos se Drew não fosse tão atraente sexualmente... e viúvo... e tão solitário quanto ela. Não teria sido menos complicado para ela descobrir que os pais de seu filho estavam ambos vivos e bem? E que o pai era um homem jovial, baixinho, rechonchudo, careca? No começo, a aparência e as personalidades do casal não tinham sido um fator. O único interesse de Arden fora localizar a criança a qual ela dera à luz, mas que jamais vira. Isso não tinha sido fácil.

Cada vez que lembrava daquela tarde cinzenta e úmida era como abrir um ferimento. A tarde em que ela sepultara Joey. Nunca em sua vida, nem mesmo depois das mortes do pai e da mãe dela, ela se sentira tão solitária. Depois de obter seu divórcio, ela dedicara sua vida a tomar conta de Joey. Durante os últimos meses de sua vida, ele estivera hospitalizado. Ela observara-o deteriorar a cada dia e esforçara-se para não rezar pela morte de outra criança, para que ela tivesse o rim do qual Joey precisava. Como Deus jamais atenderia a uma prece como essa, ela jamais chegara a verbalizá-la.

Quando finalmente chegou a hora, ele morreu com a tranquilidade com que vivera, pedindo para que ela não chorasse, dizendo que ele iria guardar uma cama para ela, ao lado da dele, no céu. Durante horas depois que ele dera seu último suspiro, Arden segurara a mãozinha dele na sua, fitando seu rosto pacífico, guardando-o na memória.

Ron fingira sofrimento para os poucos de seus amigos que compareceram ao funeral, Arden sentiu-se enojada com sua hipocrisia. Corajoso, Joey escondera sua decepção cada vez que Ron deixara de comparecer ao hospital para vê-lo, conforme havia prometido.

Depois do funeral, Ron perguntara a Arden em particular:

– Ainda tem um pouco daquele dinheiro que você me roubou?

– Não é da sua conta. Eu mereci aquele dinheiro.

– Sua filha-da-mãe, eu estou precisando daquele dinheiro.

Arden já havia notado que as marcas de uma vida desregrada estavam mais nítidas no rosto e no corpo de Ron. O desespero estava estampado na testa dele. Mas isso não provocou a menor simpatia da parte de Arden.

– Isso é problema seu.

– Pelo amor de Deus, Arden. Me ajude. Apenas desta vez, e eu prometo...

Arden fechara a porta da limusine na cara dele e mandara o motorista sair dali imediatamente. Mesmo no funeral do filho, Ron pensava apenas nele mesmo.

Arden passou os meses seguintes tão enlutada que não conseguia distinguir um dia do outro. Vivia num vácuo de desespero. Era apenas no papel que ela

conseguia comunicar seus sentimentos, reconciliar-se com eles. Um ensaio sobre a perda de um filho que ela vendeu a uma revista feminina tornou-se um grande sucesso. A editora convidou-a a escrever outros artigos, mas ela não sentia qualquer vontade de fazer isso. Arden percebia que estava apenas matando tempo até sua própria morte, porque não tinha mais nada pelo que viver.

Exceto a outra criança.

Aquilo lhe ocorreu de repente, num dia calmo. Arden tinha uma razão para viver. Em algum lugar do mundo, ela tinha outra criança. Então ela decidiu que iria encontrá-la. Jamais fora sua intenção perturbar a vida dela. Ela não iria cometer tamanha crueldade com pais que haviam se esforçado tanto para ter aquele bebê. Queria apenas vê-la, saber seu nome, seu sexo. Arden pedira a Ron que lhe desse anestesia imediatamente antes do parto. Assim ela jamais teria qualquer lembrança do parto propriamente dito, nem descobriria sem querer qualquer detalhe a respeito da criança que ela gerara para outras pessoas.

– Não existem registros? Como assim? – inquirira, frustrada, em sua primeira tentativa de obter informação.

O rosto do administrador permaneceu impassível.

– Sra. Lowery, seus registros parecem ter sido extraviados, e eu ainda não consegui localizá-los. Numa maternidade deste tamanho, coisas assim costumam acontecer.

– Especialmente quando um médico influente pede ou paga para que vocês extraviem um registro. E meu nome é srta. Gentry!

Em toda parte, era sempre a mesma história. Os registros de nascimento na Prefeitura e na maternidade haviam desaparecido misteriosamente. Mas, para Arden, não havia mistério nenhum sobre quem fora o responsável por tamanho descuido.

Arden não conhecia o advogado que cuidara da documentação oficial. Mas ele devia ter sido contratado por Ron, de modo que certamente não iria dizer nada a ela. Ron, presumindo que depois da morte de Joey ela iria se sentir compelida a localizar sua segunda criança, antecipara-se a Arden, colocando todos os envolvidos em alerta para não revelar nenhuma informação.

O último recurso de Arden era a enfermeira obstétrica que ajudara Arden durante o trabalho de parto. Ela encontrou a enfermeira trabalhando numa clínica de caridade especializada em abortos.

Arden detectou medo na enfermeira no instante em que a mulher viu-a quando saía da clínica à tarde.

– Lembra de mim? – indagou Arden sem preâmbulos.

Os olhos furtivos da enfermeira correram pelo estacionamento, como se procurando por um meio de fugir.

– Sim – sussurrou, temerosa.

– Você sabe o que aconteceu ao meu bebê – afirmou Arden, intuitivamente sabendo que a declaração era um fato.

– Não! – Por mais sincera que a resposta tenha parecido, Arden soube que era mentira.

– Srta. Hancock, por favor, conte para mim tudo que sabe – implorou Arden. – Um nome. Por favor. É tudo que peço. Apenas um nome.

– Não posso – disse a mulher, cobrindo o rosto com as mãos, para esconder sua expressão angustiada. – Não posso. Ele... ele me vigia. Ele me disse que se eu falasse qualquer coisa a você, iria me delatar.

– Quem vigia você? Meu ex-marido? – A mulher balançou a cabeça, confirmando. - O que ele está usando para chantagear você? Não tenha medo dele. Eu posso ajudar. Nós podemos entregá-lo à polícia...

– Não! Meu Deus, não. Você não... – Ela sufocou um choro. - Você não entende. Eu era viciada... eu tive problemas com Percodan. Ele descobriu. Ele me demitiu da maternidade, mas me arrumou um emprego aqui. E... – Os ombros estreitos da mulher estremeceram. – E disse que se eu contasse qualquer coisa a você, ele me entregaria à polícia.

– Mas se você está livre do vício... – A voz de Arden morreu em sua garganta quando ela leu a admissão de culpa no corpo estilhaçado da mulher.

– Não apenas eu. Meu velho morreria sem... sem o remédio dele. Eu preciso conseguir Percodan para ele.

Era inútil insistir nessa tecla. Arden afundou num poço negro de autocompaixão e desespero. Um dia transcorria para o seguinte sem diferenças discerníveis entre eles. Era por causa disso que, numa certa tarde de sábado, ela estava sentada no sofá de sua sala de estar olhando a tela do televisor. Ela não fazia ideia de há quanto tempo estava ali. Ela não sabia nem dizer ao que estava assistindo.

Mas de repente uma coisa chamou sua atenção. Um rosto familiar no qual a câmera se concentrou. O cérebro de Arden também se concentrou nele. Livrando-se momentaneamente da depressão, aumentou o volume do aparelho. Tratava-se de um programa esportivo. O evento de hoje era um campeonato de tênis. Atlanta? Em algum lugar. Partida de dois adversários.

Ela conhecia aquele rosto! Bonito. Louro. Sorriso grande e largo. Onde? Quando? A maternidade? Sim, sim! No dia em que ela saíra com uma bolsa com

mais nada dentro, além de 50 mil dólares em dinheiro. Uma balbúrdia estivera acontecendo na frente da maternidade. Jornalistas com microfones e câmeras. Equipes de televisão subindo os degraus de mármore para obter melhores posições.

Todos estavam ali para ver um belo casal saindo da maternidade com seu neném. O homem alto e louro com o sorriso deslumbrante mantinha um braço protetor sobre os ombros de sua mulher baixinha, igualmente loura, que estava segurando um volume que se mexia. Arden lembrou da alegria que eles irradiavam e de que sentira uma pontada de inveja quanto ao modo amoroso que o homem sorria para a mulher e a criança. Lágrimas haviam borrado sua visão enquanto Arden abria caminho através da multidão em direção ao táxi que fora chamado para ela. Ela recusara a oferta de Ron de levá-la para casa.

Arden não lembrara daquilo até aquela tarde de sábado. E este era o homem. Ela ouviu o que o comentarista estava dizendo enquanto o corpo do homem arqueava para fazer seu saque.

– Drew McCasslin parece estar fazendo um esforço heróico hoje depois de sua derrota esmagadora da semana passada, em Memphis. Nos últimos meses temos visto uma decadência contínua em seu desempenho.

– Boa parte disso tem relação com a tragédia pessoal que ele sofreu este ano - disse outra voz em *off*.

– Com toda certeza.

Drew McCasslin perdeu o ponto, e Arden leu nos lábios dele um xingamento que jamais deveria ter sido televisionado. Aparentemente, o diretor também pensava assim. Ele escolheu outro ângulo de câmera que mostrou McCasslin na linha de fundo, concentrado na bola que ele estava quicando metodicamente. O saque foi executado com brilhantismo, mas foi anulado pelo árbitro.

McCasslin golpeou sua raquete de alumínio contra a trave e avançou na direção da cadeira alta do árbitro, gritando palavrões e insultos. Coberta de razão, a emissora decidiu que aquele era um bom momento para um comercial. Depois que as virtudes de um automóvel de fabricação norte-americana haviam sido cantadas, a emissora voltou a transmitir a partida.

Arden prestou atenção a cada palavra enquanto os comentaristas esportivos justificavam presunçosamente o comportamento de McCasslin como resultante da dor de ter perdido a mulher num terrível acidente de carro em Honolulu, onde o casal vivera com seu filhinho. McCasslin continuou jogando, com mau humor e beligerância, e perdeu a partida.

Naquela noite, Arden foi para a cama pensando no jogador profissional de

tênis e se perguntando por que estava tão intrigada com ele, tendo-o visto apenas uma vez. Foi no meio da noite que ocorreu a Arden que ela o vira mais de uma vez. Ela sentou-se na cama de sopetão, coração acelerado, mente girando. Ela não conseguia manter seus pensamentos antes que eles lhe escapassem.

Deslizou para fora das cobertas e pôs-se a perambular pelo quarto, batendo nas têmporas com punhos agitados.

– Pense, Arden – ordenou a si própria. – Pense.

Por algum motivo, era importantíssimo que ela lembrasse.

Com uma lentidão agonizante, as peças se encaixaram em seus lugares. Arden lembrou-se da dor. Ela sentira dor. Luzes, luzes em movimento. Era isso! Ela estava sendo levada por um corredor de hospital numa maca sob rodas, e as lâmpadas passavam acima de sua cabeça. Estava a caminho da sala de parto. Estava quase terminado. Tudo que ela precisava fazer agora era parir o bebê, e então estaria livre de Ron para sempre.

Ela vira o casal com o canto dos olhos quando a maca passara por um corredor na penumbra. A luz refletira em suas cabeças louras. Ela virara de leve a cabeça. Nenhum dos dois a haviam notado. Eles estavam sorrindo, abraçados alegremente, sussurrando em empolgação e segredo. O que havia de errado com aquele quadro? Alguma coisa, mas o quê? O quê?

– Lembre-se, Arden – sussurrou enquanto rolava para o lado da cama e segurava a cabeça com ambas as mãos. – Eles estavam felizes, exatamente como qualquer outro casal prestes a ter um neném. Eles...

Tudo parou de repente. A respiração, o batimento cardíaco de Arden. Seus pensamentos rodopiantes. Então eles recomeçaram, lentamente, ganhando velocidade à medida que o ponto de luz no fundo de um túnel escuro crescia mais e mais até a conclusão explodir em sua mente. A mulher não estivera grávida!

Ela não estivera em trabalho de parto. Ela estivera de pé no corredor conversando em sussurros empolgados com o marido. Eles tinham um ar de quem está segredando, como crianças tramando uma travessura.

Os McCasslin eram ricos e mundialmente reconhecidos. Ele era bonito, exatamente como Ron dissera que o pai do bebê de Arden era. Eles haviam deixado a maternidade com um recém-nascido no mesmo dia em que Arden saíra com uma bolsa cheia de dinheiro.

Arden dera à luz o bebê deles.

Arden abraçou a si mesma e se pôs a rolar de um lado outro na cama em celebração solitária. Tinha certeza de que estava certa. Precisava estar. Todas as

peças se encaixavam.

Arden chorou bastante enquanto se lembrava do outro fato que soubera naquele dia: a sra. McCasslin estava morta. O filho de Arden - os comentaristas esportivos haviam dito que Drew McCasslin tinha um filho pequeno - estava sendo criado sem os cuidados amorosos de uma mãe e por um pai que não se encontrava física e mentalmente estável.

Drew McCasslin tornou-se a obsessão de Arden. Durante meses ela leu tudo que podia a respeito dele, passado e presente, ficando horas na biblioteca pública debruçada sobre microfilmes de jornais esportivos que apresentavam matérias sobre o proeminente atleta. No dia-a-dia, ela lia a respeito do declínio dele.

E, então, certo dia, Arden leu que ele se retirara para uma semi-aposentadoria. O agente dele foi citado como tendo dito: "Drew sabe que não está jogando tão bem quanto antes. Ele vai se dedicar a se recuperar no tênis e a passar mais tempo com seu filho, na nova casa deles em Maui."

Foi então que Arden começou a planejar ir ao Havaí e, de alguma forma, conhecer Drew McCasslin.

– E agora que você o conheceu, o que vai fazer a respeito dele? – perguntou Arden ao seu reflexo no espelho.

Ela não havia contado com sua suscetibilidade ao charme e à beleza de Drew.

– Lembre-se por que você está aqui, Arden. Mantenha o objetivo – disse ao reflexo.

Mas o reflexo escarneceu dela. Ela não parecia uma mulher lutando pela objetividade. O vestido verde-jade sem alças não fazia nada para disfarçar sua silhueta. O cinto grená envolvia uma cintura fina e chamava atenção para as curvas arredondadas acima e abaixo. O *blazer* cor de creme que ela usava sobre o vestido apenas tornava mais sugestivos os ombros nus que cobriam. Em vez de jóias, ela estava usando o básico - o colar havaiano de flores que ganhara de Drew. As flores quase combinavam com a cor do cinto. Ela havia penteado os cabelos num chinó apertado, mas sua severidade era comprometida por fios ondulados que haviam escapado para repousar em seu pescoço e formar uma teia suave sobre sua testa.

A mulher que olhou de volta para ela com olhos verdes esfumaçados parecia uma candidata a um caso de amor tempestuoso.

– Meu Deus - sussurrou ela enquanto pressionava dedos trêmulos contra a testa. – Preciso parar de pensar nele desta forma. Eu vou estragar tudo. E preciso parar de impedir que ele pense em mim como uma... uma... mulher.

Ele precisaria de desestimulo. Ela sabia disso com cada instinto feminino que

possuía.

Ele havia amado sua mulher. Provavelmente, ainda amava. Mas tudo nele revelava uma virilidade intensa. Ele não era o tipo de homem que poderia viver sem uma presença feminina complementar por muito tempo.

A eletricidade entre eles - e Arden não podia mais fingir que ela não existia - ameaçava seu plano de conhecer Drew e conquistar sua confiança. Depois que ela tivesse provado que não pretendia ameaçar o relacionamento de Drew com seu filho, Arden revelaria quem era e faria seu pedido: "Eu seria eternamente grata se você permitisse que eu visse meu filho de vez em quando."

Não esqueça isso, disse a seus botões ao ouvir a batida na porta. Objetividade, lembrou a si própria, determinada a descartar qualquer outro pensamento a respeito de Drew McCasslin.

Contudo, era impossível manter essa promessa com ele tão bonito em sua calça azul-marinho feita sob medida, casaco esporte bege quase da mesma cor dos cabelos que desciam até a gola, e uma camisa azul-clara que combinava com os olhos.

Olhos que, a propósito, perscrutaram-na intensamente. Desceram do topo da cabeça de Arden até os calcanhares de suas sandálias de couro de lagarto, para, então, subir novamente. Pararam um pouco antes de seu rosto para descansar em seu colar. Arden teve a impressão de que eles não estavam admirando as flores, mas a forma dos seios por baixo delas.

– Você deixou essas flores muito mais bonitas – disse ele num tom solene que confirmou as suspeitas de Arden.

– Obrigada.

– De nada. – Só então ele levantou os olhos para ela e sorriu. – Está pronta?

Capítulo 4

Eles saíram para jantar três noites seguidas. Arden sabia que não estava dificultando nada para ele, mas simplesmente não conseguia recusar seus convites. Ela e Drew estavam se tomando íntimos, isso era verdade, mas da forma errada. No plano de Arden, não havia espaço para romance. E, então, na quarta noite, ela recusou o convite, usando a desculpa esfarrapada de ter de trabalhar em seu artigo sobre as chances de sobrevivência de uma planta tropical em climas menos tropicais, artigo que ela já havia enviado.

Em vez de direcionar seus pensamentos para longe de Drew, ela passou aquela noite imaginando onde e com quem ele teria ido jantar. Estaria em casa com Matt? Com um amigo? Com outra mulher? Ela duvidava que fosse a última hipótese. Quando eles estavam juntos, Drew não tinha olhos para mais ninguém.

– Estou me movendo depressa demais, monopolizando o tempo de suas férias, invadindo o território de outro homem? – perguntara Drew ao ouvir a recusa para o jantar.

A pergunta fora formulada de forma leve, quase jocosa, mas ela só precisou olhar para o semblante franzido de Drew para saber que ele estava falando sério.

– Não, Drew, não é nada disso. Eu lhe disse quando nos conhecemos que não existe ninguém em minha vida. Eu acho apenas que precisamos de uma noite longe um do outro. Também não quero monopolizar o seu tempo. E eu realmente tenho trabalho a fazer.

Cético e mal-humorado, ele aceitara a recusa.

Arden estava aterrorizada com o que estava acontecendo cada vez que ficavam juntos. Ela estava flertando com o desastre, e sabia muito bem disso, mas as horas em que não estava com ele tinham se tornado insípidas e monótonas. Ele

jamais a beijara, exceto quando lhe dera o colar. A não ser por cortesias mútuas, ele jamais a tocara. Ainda assim, ele fazia com que ela se sentisse jovem e bonita. Todas essas emoções eram sintomas de que ela estava se apaixonando. E isso simplesmente não podia acontecer. Ela viera a Maui para ver o filho. Esse era seu principal objetivo, e Drew McCasslin era apenas o meio para esse fim.

Ainda assim...

Na manhã seguinte depois da noite em que eles não passaram juntos, ela caminhou na direção da quadra de tênis, jurando a si mesma que não estava indo lá para vê-lo. Ele talvez nem estivesse jogando.

Drew estava bebendo um isotônico quando a viu. Ele jogou a garrafa para Gary e correu até ela.

– Oi. Eu ia ligar para você mais tarde. Vamos jantar hoje? Por favor.

– Sim.

O convite à queima-roupa e a aceitação espontânea surpreenderam e deliciaram a ambos. Eles riram juntos baixinho, envergonhados, enquanto se deliciavam em olhar um para o outro.

– Pego você às sete e meia.

– Ótimo.

– Vai me ver jogar?

– Só um pouco. Depois preciso voltar para o meu quarto para trabalhar.

– E eu prometi ao Matt que brincaria com ele na praia.

Sempre que ele mencionava o nome do menino, o coração de Arden pulava dentro do peito.

– Não estou mantendo você afastado dele, estou?

– Só saio à noite depois que ele vai dormir. Ele não sente minha falta. Ele sempre providencia para que eu seja a segunda pessoa a acordar na casa de manhã.

Ela riu.

– Joey costumava fazer isso, também. Ele entrava no meu quarto, abria minhas pálpebras e me perguntava se eu estava acordada.

– Eu pensei que Matt tinha inventado esse truque! – Eles riram juntos novamente, e então ele disse: – Estou perdendo meu ritmo. Preciso voltar, mas a gente se vê à noite.

– Jogue bem.

– Estou tentando.

– Você está conseguindo.

Drew piscou para ela antes de se reunir ao paciente Gary, que para não

desperdiçar seu tempo ficara flertando com as espectadoras. Arden perguntou-se se ela parecia apenas mais uma tiete para qualquer um que estivesse observando-a conversar com Drew. Ela era apenas mais uma tiete?

Ela não estava pronta quando Drew bateu em sua porta. A despeito de seus pensamentos subconscientes a respeito dele durante a tarde, ela ficara inspirada e trabalhara animadamente em um de seus artigos. Ela mal tivera tempo para tomar banho e lavar a cabeça antes que ele chegasse.

Arden ainda estava fechando as costas do vestido enquanto corria até a porta.

– Sinto muito – disse ela enquanto abria a porta. Ele estava encostado indolentemente no alizar da porta embora ela não o tivesse feito esperar nem um minuto.

Ele olhou para as faces rubras, os pés apenas com meias e aparência geral de desalinho, e sorriu.

– Valeu a pena esperar.

– Entre. Estarei pronta assim que pegar meus sapatos e jóias. Você fez reservas? Eu espero que não percamos...

– Tudo bem, Arden – disse ele, fechando a porta às suas costas e segurando-a pelos ombros. – Temos tempo de sobra.

Ela respirou fundo.

– Ótimo. Assim não preciso me apressar.

– Bom. – Ele riu e a soltou. Drew correu os olhos pelo quarto, finalmente focando o olhar em Arden enquanto ela calçava seus saltos altos. Espalmando uma das mãos contra a parede para se equilibrar, ela levantou um pé fino para ajustar a correia. O movimento foi gracioso, naturalmente feminino e inconscientemente provocante.

Ele olhou para a forma das pernas envoltas em seda. Os músculos das panturrilhas de Arden definiram-se de forma clara, mas suave, quando ela repousou os calcanhares. Aquelas panturrilhas encaixariam perfeitamente nas mãos dele, pensou Drew.

Tendo um vislumbre da renda em forma de teia que franjava a bainha de sua combinação, ele sorriu ao pensar no quanto aquilo era puramente feminino. E enquanto ela se curvava, ele não pôde deixar de notar o peso precioso dos seios dela enchendo e puxando o corpete apertado do vestido. O decote profundo em V revelava o vale entre seus seios. Mentalmente, Drew colocou seus lábios naquela fenda, pressionou-os contra a plenitude a cada lado dela. Imediatamente excitado, ordenou seus olhos rebeldes a procurarem por um terreno mais seguro.

Os cabelos dela sempre pareciam macios e convidativos ao toque, mesmo

quando estavam puxados para trás. Naquela noite, ela iria usá-los soltos, e os dedos de Drew pinicaram com o desejo de acariciar as mechas negras, de testar sua sedosidade, e em seguida ver se a pele de Arden era tão macia quanto aparentava... em cada centímetro de seu corpo.

– Pronto – disse ela, empurrando a si própria para longe da parede e seguindo até uma penteadeira longa e baixa, de frente para a cama *king-size*.

Drew não se permitira pensar na cama, pensar no corpo atraente que ele havia examinado com tanta diligência, deitado nu naquela cama.

– Joias. – Ela estava remexendo um porta-joias de seda em forma de bolsa. O vestido sem manga era de algum material aderente, azul-claro, que se ajustava perfeitamente aos quadris arredondados, mas não excessivamente desenvolvidos. Ela ficava maravilhosa em tudo que vestia, formal ou casual. Drew pensou que ela poderia usar calças *jeans* e suéter e mesmo assim parecer tão requintada quanto se estivesse com um vestido de alta-costura. E ela também parecia maravilhosa sem nada.

Droga! Ele estava pensando naquilo que ele prometera a si mesmo que não iria pensar.

Os dedos de Arden trabalharam com agilidade ao pegaram os brincos de ouro e colocá-los em lóbulos que Drew agora fantasiava tocar com a língua. O coração de Drew começou a martelar quando os seios de Arden levantaram, insinuando-se acima do vestido enquanto ela levantava os braços para pôr uma corrente de ouro em torno do pescoço.

– Deixe-me ajudá-la – disse ele, claudicante.

Drew aproximou-se por trás dela. Por um segundo, antes que os dedos de Drew tomassem dos dela as pontas da corrente de ouro, os dois fitaram um ao outro no espelho. Os braços dela ainda estavam levantados, seus seios ainda altos e voluptuosos, a parte inferior de seus braços expostas, uma pose que a deixava com uma aparência ao mesmo tempo sedutora e vulnerável.

Ela abaixou os braços lentamente enquanto ele tomava a corrente das mãos dela e abaixava a cabeça para decifrar o funcionamento do fecho. Assim que Drew havia fechado a corrente, ela deu um passo para longe dele.

– Espere. – As mãos de Drew gentilmente seguraram as dela. – O seu zíper prendeu.

– Oh. – Ela mal teve ar suficiente para exprimir isso. Em seu esforço para gerar esse som, ele saiu como uma exclamação suave.

Com uma lentidão provocante, Drew abaixou o zíper do vestido de Arden. Ar frio arrepiou a pele das costas de Arden. Não ousando respirar e quebrar aquele

momento de sensualidade, ela se manteve imóvel, deixando-o baixar a lingueta do zíper até a cintura dela. Operando com a mesma lentidão que sua mão, os olhos de Drew mapearam sua descida. A vastidão nua de pele macia informou que não havia qualquer sutiã entre ela e o corpete do vestido.

Mais uma vez, os olhos dele se encontraram com os dela no espelho. Olhos escuros e ardendo com a pureza de uma chama azul. E em seus próprios olhos ele viu o brilho vítreo do desejo.

O corpo tenso de Drew irradiou mensagens sexuais silenciosas. Arden sabia que se recuasse uma fração de centímetro, permitindo que seus quadris roçassem na frente das calças dele, iria descobri-lo rígido e ardendo de paixão. Se dependesse dele, eles não sairiam para jantar. A decisão cabia a ela.

Mas ir para a cama com Drew estava fora de questão. Acrescentar envolvimento sexual a esta situação já descontrolada seria loucura. E em algum recanto secreto de sua mente ela temia ficar decepcionada. Ou, pior, que ele ficasse. Arden ainda era assombrada pelas críticas ferinas de Ron a respeito de seu desempenho sexual.

Seria melhor manter as coisas como estavam. Amigáveis. Não era possível que um homem e uma mulher pudessem ser simplesmente amigos platônicos? Não fora isso que ela quisera originalmente de Drew McCasslin?

Sábia, sensata e covardemente, Arden abaixou sua cabeça e meneou-a levemente. Ele captou a mensagem e puxou o zíper para cima.

– Um fio solto tinha ficado preso. Está direito agora.

– Obrigada – disse ela, afastando-se dele.

Mas ela não escaparia assim tão facilmente.

– Arden?

Ela pegou a bolsa antes de virar-se para olhá-lo.

– Sim?

– Faz muito tempo desde a última vez em que estive próximo de artigos femininos, desde que vi o cuidado com que uma mulher se veste. Eu não havia percebido até agora o quanto sentia falta de viver com uma mulher.

Ela desviou o olhar, para as janelas amplas onde se avistava a silhueta das palmeiras emolduradas pelo céu azul.

– Morar sozinha também traz desvantagens para uma mulher.

Ele deu um passo para mais perto dela e perguntou, num sussurro baixo e afoito.

– Como o quê?

Isto precisava parar aqui. E cabia a ela fazer com que parasse. Ela levantou os

olhos para os dele, forçou-os a piscar maliciosamente enquanto abria um sorriso travesso.

– Como não ter ninguém por perto para desprender um zíper.

A decepção de Drew com a resposta transpareceu no leve relaxamento de seus ombros, mas, em sinal de rendição, ele abriu um sorriso gracioso que aliviou a tensão no quarto.

– Está vendo? O que todas vocês, mulheres liberadas, fariam sem nós?

Essa atmosfera alegre e descontraída permaneceu entre eles enquanto Drew dirigia seu Seville pelas rodovias estreitas de Maui. A área de Kaanapali Beach era uma das poucas regiões bem desenvolvidas da ilha. Era cheia de hotéis, restaurantes e clubes luxuosos.

Drew fez seu carro parar sob o toldo do Hyatt.

– Já esteve aqui? – perguntou ele no meio-fio depois que um guardador havia ajudado Arden a saltar do carro.

– Não, mas eu queria vê-lo antes de ir para casa.

– Prepare-se. Não parece com nenhum outro hotel no mundo.

Isso foi imediatamente percebido. A maioria dos outros saguões de hotel tinha teto. Este não tinha. O teto do saguão, com muitos andares de altura, era um céu estrelado. O saguão era ajardinado, para representar uma floresta tropical, repleta de árvores e plantas viçosas. Quando chovia, o efeito era igual ao de uma floresta real. As áreas cobertas eram decoradas elegantemente com grandes vasos chineses que faziam qualquer um parecer anão, até mesmo Drew. Tapetes e antiguidades orientais caríssimas conferiam majestade ao hotel, mas sem furtá-lo de uma atmosfera casual, doméstica.

Atravessaram o saguão imenso, Drew dando-lhe pouco tempo para olhar as lojas e galerias antes de conduzi-la por uma escadaria espiral até o pavimento inferior, a Corte do Cisne.

– Estou me sentindo como uma caipira pela primeira vez na cidade. Minha boca ainda está aberta?

– Gosto de caipiras – disse ele, apertando a cintura de Arden. – Quanto à sua boca, como todo o restante, está absolutamente impecável esta noite.

Ela ficou aliviada quando o *maître* escolheu esse momento para conduzi-los até uma mesa iluminada por velas ao lado de um pequeno lago, onde cisnes deslizavam pela superfície com o desdém da realeza. Como era o caso da maioria dos restaurantes da ilha, este era a céu aberto. Ela olhou para um laguinho completo com cachoeira e rochas vulcânicas.

Os clientes estavam vestidos em roupas de noite, e Arden ficou feliz por ter

escolhido seu vestido mais elegante. Drew pareceu ler os pensamentos dela.

– Não fique tão impressionada – sussurrou ele por trás do cardápio. – De manhã esta sala fica abarrotada com gente em trajes de banho na fila do bufê.

Deixando-se contaminar pela atmosfera da sala, Arden apenas vagamente percebeu quando Drew fez sinal para o garçom.

– Aceita vinho para o jantar, Arden?

Ela respondeu à altura o olhar desafiante de Drew.

– Sim, obrigada.

Ele pediu uma garrafa caríssima de vinho branco. Ela se recusou a demonstrar sua surpresa. Em todo o tempo que haviam passado juntos, ele jamais bebera qualquer coisa alcoólica.

– Tomo ocasionalmente um copo de vinho ao jantar – explicou.

– Não perguntei.

– Não, mas você provavelmente está se perguntando se eu consigo beber um pouco sem problemas.

– Eu já lhe pedi para não pensar por mim. Você é adulto. Sabe se consegue beber sem problemas ou não.

– Você não tem medo que eu comece a beber sem controle e acabe bêbado e descontrolado? – perguntou para provocá-la.

Resolvida a responder ao desafio, Arden inclinou-se para ele.

– Talvez eu gostasse de vê-lo um pouco descontrolado – sussurrou, o instinto atraindo-a para ele como libélulas pela chama.

Os olhos de Drew estreitaram-se, sedutores.

– Eu não precisaria nem de um gole de vinho para ficar completamente descontrolado.

Ela recuou antes de queimar as asas.

– Mas confio em você, sei que vai conseguir se controlar.

Drew permitiu que ela recuasse. O tom da voz de Drew comunicou que ele estava disposto a mudar de assunto.

– Você tem todos os motivos do mundo para estar preocupada. Passei o último ano mais bêbado e descontrolado do que sóbrio. Acho que nunca vou superar isto. – Ele cerrou os dentes com a mesma força com que cerrou o punho ao bater de leve no tampo da mesa – Deus, eu faria qualquer coisa para desfazer algumas das coisas que fiz.

Arden estava bem familiarizada com a frustração e o ódio que ele estava sentindo. Decisões foram tomadas; decisões foram lamentadas. A maioria delas irrevogáveis.

– Drew, todos nós cometemos erros, e depois sentimos vontade de apagar cada um deles. Não podemos. Precisamos viver com as nossas decisões. – A voz de Arden ficou dolorosamente introspectiva quando ela acrescentou: – Às vezes, pelo resto de nossas vidas.

Ele deu uma risadinha.

– Do jeito que está falando, você parece derrotista, fatalista. Você não acha que ganhamos segundas oportunidades para fazer as coisas certo de novo?

– Sim. Graças a Deus, sim. Acho que fazemos nossas segundas chances. Ou tentamos concertar nossos erros ou aprender a viver com eles.

– Essa é a estratégia do perdedor. Desistir.

– Sim. E você é um vencedor.

– Eu não conseguia viver com o lixo em que transformei minha vida. Precisava fazer alguma coisa com ela.

– Eu também – murmurou Arden.

– Perdão?

Ela deveria contar a ele? Agora? Ele trouxera à baila a questão dos fracassos pessoais e das tentativas de corrigi-los. Ele estava fazendo isso com sua própria vida. Com toda certeza, ele iria entender o desejo de Arden em corrigir seus erros. Não entenderia? E se ele não entendesse? E se ele saísse furioso do restaurante, deixando-a sozinha ali, e jamais quisesse vê-la novamente. Ela também jamais veria Matt. Não. Era melhor esperar pelo menos até ela ter visto seu filho uma vez. Então ela diria a Drew que era a mãe de Matt. Não agora.

Ela se empertigou na cadeira e abriu um sorriso radiante para ele.

– Por que estamos tendo esta conversa melancólica? Aí vem o vinho. Não vamos desperdiçar a noite pensando em erros passados.

A vitela foi divina, assim como todos os pratos que a acompanharam. Eles tomaram apenas uma garrafa de vinho, que ainda continha metade do conteúdo quando eles finalmente chegaram ao final de um jantar de duas horas. Saciada e satisfeita, mas ainda assim sentindo-se leve como uma pena, Arden pareceu flutuar enquanto subia a escadaria. Ela não estava entorpecida pelo vinho, mas pela atmosfera romântica e pelo magnetismo do homem ao lado dela.

No bar do saguão, um pianista tocava baladas de amor num piano de cauda branco. Uma brisa marinha varreu o saguão, balançando suavemente as folhas das árvores e trazendo um aroma de *pikaki* e ameixeiras.

Eles pararam debaixo da luz suave de uma lâmpada.

– Gostou do jantar? – perguntou ele, segurando as mãos dela nas dele e movendo-as para a frente e para trás.

– Hum-hum. – Arden estava olhando para os cabelos de Drew, imaginando como seria correr as mãos por eles, encaracolá-los nos dedos, quando a paixão entorpeceu seus pensamentos. Ela contemplou a boca de Drew. A cena mais erótica que ela já vira num filme fora o close da boca de um homem no seio de uma mulher. Ela lembrou vividamente do movimento carinhoso da língua dele enquanto circulava a aréola do seio, a flexão das bochechas enquanto chupava carinhosamente o mamilo, o carinho úmido dos lábios dele na pele macia. Era esse o tipo de imagem que despontava na mente de Arden quando ela olhava para a boca de Drew, e o corpo inteiro dela se aqueceu com a fantasia.

Ron jamais tivera tempo para esse tipo de preliminares, e ela jamais se perguntara como seria. Ela, provavelmente, não teria gostado disso com Ron. Ela, com certeza, gostaria muito disso com Drew.

– O quê?

– O quê?

– Disse alguma coisa? – perguntou Drew. Os olhos dele estavam correndo pelas saliências do rosto dela, demorando-se numa por bastante tempo antes de passar para a seguinte.

– Não – sussurrou Arden. – Não disse nada.

– Oh. Eu pensei que você tinha dito alguma coisa. – Ele agora estava estudando a boca de Arden, e se ela havia enrubescido devido à sua própria fantasia, iria se desintegrar em constrangimento se soubesse onde a fantasia dele colocava sua boca. Para proteger sua sanidade, ele puxou uma cortina sobre o quadro eroticamente detalhado.

– O que você gostaria de fazer?

– Fazer? Eu não sei. O que você quer fazer?

Oh, Deus, não pergunte isso!

– Dançar?

– Parece divertido – disse ela, tossindo de leve e desnecessariamente ajustando a frente do vestido. Atividade. Era disso que eles precisavam. Parados, eles ficavam absorvidos um pelo outro, excluindo todo o resto.

– Tem um clube lá embaixo. Nunca estive lá, mas podemos experimentar.

– Ótimo.

Ele a conduziu a mais uma escadaria, esta com balaústres de bronze e num estilo que remontava ao final do século XIX. Ao empurrar a porta estofada em couro, eles foram recebidos por uma recepcionista sorridente, uma música eletrônica, um murmúrio de conversa, risos e uma nuvem de fumaça de tabaco.

Drew olhou para Arden numa indagação silenciosa. Ela olhou para ele com a

mesma pergunta nos olhos. Simultaneamente, eles giraram nos calcanhares e subiram novamente a escadaria. Estavam rindo quando chegaram ao salão.

– Acho que estamos ficando velhos – disse Drew. – Gosto mais de música ao piano.

– Eu também.

– E não quero gritar para ser ouvido. – Ele se inclinou e colocou os lábios na orelha dela para sussurrar – Eu posso querer dizer alguma coisa que não queira que ninguém mais escute. – Quando ele recuou, o brilho em seus olhos reforçou a intimidade de suas palavras. Um arrepio de excitação subiu pela espinha de Arden. – Gostaria de beber algo?

Ela fez que não com a cabeça.

– Por que não me mostra a piscina?

Segurando a mão de Arden e entrelaçando seus dedos nos dela, Drew conduziu-a até o terraço e pelos caminhos de pedra que ondulavam ao longo de um verdadeiro Jardim do Paraíso. Os caminhos eram iluminados por tochas dispostas em espaços longos. As chamas bruxuleavam ao sabor do vento. A piscina era uma obra-prima de arquitetura, construída em vários níveis em torno de uma gruta feita com rochas vulcânicas.

Arden respondia com deleite a tudo que ele apontava, mas realmente não se importava com o que ele dizia ou com o que ela via. Era maravilhoso escutar a voz dele perto de sua orelha, captar a fragrância de seu hálito cálido, sentir a força protetora de seu corpo forte enquanto ele determinava seus passos com movimentos sutis. A bolsa de Arden parecia bater com o ritmo pagão das ondas que beijavam a praia a poucos metros.

Amantes espreitavam nas sombras, abraçados, sussurrando. Era taticamente compreendido que a privacidade era o objetivo de todos que caminhassem pelo jardim àquela hora da noite. E quando Drew parou e puxou-a para uma reentrância numa rocha, encoberta por uma parreira, ela não protestou.

– Pode me dar a honra desta dança? – perguntou ele, fingindo formalidade.

Ela riu, e tentou permanecer séria ao responder:

– Sim, posso.

Ela caminhou para os braços dele e, pela primeira vez desde que se conheceram, ela conheceu a emoção de abraçá-lo, de ser abraçada.

Ele a segurou na posição tradicional da valsa, seu braço em torno da cintura dela, e suas palmas unidas na altura do ombro. A mão de Arden repousava no outro ombro. Eles não podiam se mover sem sacrificar este espaço precioso e privado, e ambos sabiam que o convite para a dança fora feito apenas para que

tivessem uma desculpa para abraçarem um ao outro. Assim eles ondularam ao ritmo da música de piano que vinha do bar do saguão.

Minutos se passaram, uma canção se juntou à seguinte, e eles permaneceram abraçados, olhos jamais se desviando do rosto um do outro. Seus corpos, serenos na aparência, ardiam por dentro, clamando por contato mais íntimo. Pouco a pouco os corpos se aproximaram, até os seios de Arden roçarem no peito de Drew.

Ele emitiu um leve gemido e fechou os olhos em sinal de prazer. E quando os olhos de Drew se abriram de novo, os olhos de Arden estavam fechados pelas pálpebras mais frágeis, franjadas pelos cílios mais delicados que ele já vira. Ele quis beijar aquelas pálpebras. Em vez disso, levantou a mão da cintura de Arden e aumentou a pressão em suas costas. Fez isso até achatar contra seu próprio peito os mamilos delicados, e em seguida os seios de Arden.

Os olhos de Arden abriram-se sonâmbulos, e ela moveu a mão do ombro para a nuca de Drew. Correu os dedos pelos cabelos louros e adoráveis que jaziam na gola da camisa dele. Sem jamais desviar o olhar dos olhos de Arden, Drew conduziu a mão que ele segurava até sua boca, e acariciou os nós dos dedos com seus lábios. Para a frente e para trás, ele acariciou aquela cordilheira delicada, deixando-a umedecida com o vapor de seu hálito.

Pouco a pouco, Drew levantou o braço de Arden e o colocou sobre o ombro e atrás do pescoço dele. Então, a mão de Drew desceu, deslizando pela parte inferior do braço de Arden, e continuou descendo pelas costelas e em torno de suas costas. Ele a puxou para si.

– Você sabe o quanto tem sido difícil manter minhas mãos longe de você, não sabe?

– Sim – disse ela com uma voz rouca, arqueando o corpo para encontrar o dele.

– Eu desejava tanto abraçar você, Arden.

– E eu desejava muito ser abraçada.

– Tudo que você precisava fazer era pedir – sussurrou ele antes de enterrar o rosto nos cabelos de Arden. – Você cheira tão bem, e sua pele... que delícia. Sua pele é maravilhosa. Com toda honestidade, já imaginei cada centímetro dela. Eu queria ver você, tocar você, provar você.

Um suspiro estremeceu todo o corpo de Arden enquanto ela aninhava o rosto na curva do pescoço de Drew. Arden fechou as mãos em torno daquele pescoço e deu um passo para mais perto dele. Entre os dentes cerrados, ele emitiu um gemido de prazer.

Drew correu uma das mãos pelas costas de Arden, parando por um instante na cintura dela; em seguida a mão desceu para deslizar pela curva das nádegas. Sem separar seu corpo do de Arden, Drew conseguiu alternar seus pés até estar com uma das pernas entre as dela, e uma das pernas dela entre as dele.

Ele estava duro. E quente. Tão quente. Arden sentiu o corpo de Drew emanar um calor que ameaçava fazer seus corpos derreterem juntos. Mantendo Arden imóvel com uma das mãos no quadril dela, ele se esfregou contra ela. O grito agudo e assustado de Arden foi abafado pela frente da camisa dele.

– Desculpe, Arden. Não queria ser rude, mas, Deus, é tão bom.

– Drew...

– Quer que eu pare?

– Drew. – Ela jogou a cabeça para trás para olhar diretamente o rosto dele. – Não. – Ela estremeceu. E, então, um pouco histérica, um pouco delirante, e completamente desesperada, ela implorou: – Me beija.

A boca de Drew desceu para a dela com o mesmo tipo de desespero que ela havia exprimido. Foi um beijo violento, uma liberação explosiva de desejo e emoção reprimida. Os lábios de Drew afundaram nos de Arden quase com brutalidade, mas ela os recebeu agradecida, porque jamais sentira-se tão viva. Ela era uma borboleta libertando-se de sua forma crisálida, uma prisioneira de desespero e infelicidade vendo a luz da vida pela primeira vez.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela com luminosos olhos azuis. A respiração de Drew saía difícil, entrecortada. Combinava com a dela. Ela podia sentir sua virilidade rígida contra aquela parte de seu corpo que parecia latejar de alegria.

Reunindo muita força de vontade, ele controlou seus impulsos e levantou a mão para segurar delicadamente o queixo de Arden. Ele correu seu polegar pelo lábio inferior machucado e franziu a testa num pedido de desculpas. Ela sorriu em sinal de perdão.

Quando os lábios dele encontraram os dela novamente, foi com um toque delicado. Roçou-os com lábios úmidos, cujas carícias reconfortantes revelaram-se uma tortura crescente.

– Drew. – O nome dele foi um apelo vindo do fundo da alma de Arden.

– Fui bruto. Não precisava ter sido.

– Eu sei.

– Você me deixou com tanto desejo que fiquei selvagem.

– Faça o que quiser.

Um gemido de prazer animal rugiu no peito dele enquanto sua boca descia

mais uma vez. A língua de Drew era uma doce agressora. Ela correu pelo lábio inferior de Arden, banhando-a com o néctar de sua própria boca. Arden permitiu que sua língua encontrasse a dele, e murmurou sua aprovação. Ele posicionou a boca dele contra a dela e, lentamente, entreabriu os lábios. Ela fez o mesmo. Por longos momentos, eles esperaram ali, saboreando a expectativa, suas pulsações aceleradas, seus sexos excitados.

Então a língua de Drew invadiu a boca de Arden. Ele retirou a língua, e então enfiou-a de novo. De novo e de novo, até Arden ter certeza de que iria morrer. Ela sentiu o corpo brochar, preparar-se para o amor. Seus mamilos estavam duros e sensíveis contra o tecido frio e sensual de seu vestido. Drew começou a brincar com a língua, movendo-a rapidamente pelo interior da boca de Arden. Ele provocava, explorava, estocava, sondava, em ritmos e ângulos variáveis e com tamanha habilidade que Arden viu-se agarrada a ele sem forças, pronunciado baixinho seu nome quando teve de soltar a boca para respirar.

As mãos de Drew subiram pelas costelas de Arden para achar as laterais de seus seios. Com uma pressão suave, espremeu um seio contra o outro. Eles quase saltaram do V do decote, e ele sussurrou elogios a eles. Ele pressionou beijos quentes na pele cheirosa. A língua de Drew aventurou-se nas profundezas do decote numa carícia tão provocante que uma deliciosa ducha de vergonha derramou-se sobre o corpo de Arden.

Ela precisara disto durante toda a vida adulta. Ela precisara de um homem que lhe mostrasse o que era ser adorada, amada pelo que ela era, admirada por sua feminilidade. Até conhecer Drew, Arden jamais pensara em si própria como uma mulher atraente. Desde o começo, Drew comunicara com cada olhar, cada gesto, que ela era extremamente sensual e desejável. Ele havia sido honesto e direto desde o começo.

Mas ela não.

O que ela estava sentindo agora era puro e honesto, mas ele acreditaria nisso depois? Quando ele soubesse que ela era mãe de Matt, ela teria muitas coisas a responder. Ela queria acrescentar a essa lista sedução sexual? O pensamento deixou-a enojada. Ela precisava reverter imediatamente este mergulho de cabeça no envolvimento sexual, para que ele mais tarde não a desprezasse para sempre.

– Drew – murmurou Arden contra os lábios dele, que haviam retornado aos dela.

– Hum? – exprimiu Drew, perdido em carícias.

– Drew – repetiu Arden, num tom mais alto, e colocou as mãos contra os ombros dele. – Não... – A mão dele estava deslizando sob a alça de seu vestido,

desatando-a. Ela entrou em pânico. Se não parasse isto agora, jamais conseguiria. Seu único recurso seria deixá-lo zangado. Qualquer diálogo com ele neste momento era impossível.

– Pare! – Ela deu um tapa na mão dele e se libertou do abraço.

O rosto de Drew registrou pasmo absoluto. Ele piscou os olhos rapidamente até conseguir vê-la com clareza. Ela observou o pasmo inicial de Drew mudar para irritação.

– Muito bem – disse ele. – Você não precisa me tratar como uma criança desobediente. Eu tive muitos motivos para achar que você estava gostando dos meus beijos.

Ela evitou olhar para ele.

– Dos beijos, sim. Mas eu não sou uma das tietes que você...

– Você pensa que é assim que eu vejo você? – Ele correu uma das mãos pelos cabelos e mexeu na gravata com dedos frustrados, ineficazes. Insistiu: – É assim?

A intenção de Arden tinha sido deixá-lo com raiva, mas ela não havia contado com um temperamento tão volátil. Balbuciando, ela tentou explicar:

– Eu... Eu...

– Mas, então, o que separa você das outras? Hein? Você tem sido mais do que disponível, e não tem nenhum relacionamento com ninguém. O que mais eu devia pensar? Ou você é diferente porque nunca quis ir até o fim? Nada de sexo, apenas apoio espiritual para a minha alma perdida, tão comentada pela imprensa. – Ele estava furioso. – E eu, o que sou? Um caso de caridade que você adotou?

Arden estava sentindo dificuldade em manter sob controle seu próprio temperamento.

– Conforme deixei claro no primeiro dia, você me procurou, não o contrário. Quanto a tomar você como um "caso", eu não me importo se você for direto para o inferno, beber até morrer, ou tropeçar e cair em cada quadra de tênis do mundo. Eu duvido sinceramente que valha a pena salvar sua alma.

Ele a ignorou, inclinando a cabeça para um lado como se a estivesse vendo sob uma nova luz.

– Talvez você não seja tão diferente, afinal de contas. Tietes querem dormir com uma celebridade para elevar seus próprios egos. Dormir comigo iria restaurar sua confiança depois de um casamento fracassado? – Ele aproximou o rosto do dela, até eles ficarem separados por menos de um centímetro. – Qual foi o problema? Perdeu a coragem?

Fúria banhou em vermelho o mundo de Arden.

– Cretino convencido. Não sou uma divorciada frustrada. Eu fiquei muito feliz em me livrar do homem que eu tinha. E vou pensar bastante bem antes de querer outro. E se a minha confiança está estilhaçada, o que não é verdade, seria preciso muito mais do que transar com um jogador de tênis fracassado e alcoólatra para restaurá-la. Pode guardar para você o que está dentro das suas calças, sr. McCasslin. Eu vivi sem isso por 31 anos. Acho que posso aguentar mais 31.

Arden deu as costas para ele e se afastou tropegamente pela trilha escura. Ele a alcançou, segurou seu braço e disse:

– Está indo na direção errada.

Ela tentou soltar o braço, mas ele não permitiu. Como não ia se rebaixar a disputar uma espécie de cabo-de-guerra ridículo com ele, deixou-se ser escoltada através do saguão. Eles aguardaram em silêncio hostil que o carro dele fosse trazido. Mais nenhuma palavra foi trocada no percurso de volta para o balneário onde ela estava hospedada.

– Eu posso achar meu caminho, muito obrigada – disse ela enquanto empurrava a porta no instante em que ele freou o carro. Sem olhar para trás, marchou até o elevador e seguiu para o quarto. Ele não a seguiu.

Apenas depois de eliminar sua raiva batendo a porta e xingando, foi que ela percebeu o que havia feito.

Matt!

Ela arruinara todas as chances de conhecê-lo. Lágrimas rolaram em torrente por suas faces, e ela disse a si mesma repetidas vezes que não chorava por perder Drew, mas apenas por perder novamente o filho.

Os olhos estavam inchados e irritados quando ela tentou abri-los na manhã seguinte. Ela rolou e enterrou o rosto no travesseiro. Quando a segunda batida forte soou na porta, ela gemeu:

– Vá embora, arrumadeira.

Uma terceira batida, mais imperiosa, abalou o quarto inteiro. Arden xingou a insistência da arrumadeira. Ela viu que sua única opção seria abrir a porta e mandar a arrumadeira voltar depois.

Ela rolou para fora da cama e caminhou tateando as paredes, porque seus olhos pareciam ter sido grudados pelas lágrimas. Eles se arregalaram quando ela espiou pelo olho mágico e viu Drew de pé do outro lado da porta. Ela o viu bater novamente. Desta vez, ele disse:

– Arden, abra a porta.

– Nunca.

– Então você está acordada.

Ela apreciou o tom animado da voz dele tanto quanto apreciaria uma farpa debaixo da unha.

– Não quero ver você, Drew.

– Bem, eu quero ver você. Para pedir desculpas. Agora abra a porta ou todo mundo neste andar vai ouvir um pedido de desculpas que vai acordá-los mais depressa que uma xícara de café forte.

Ela mordeu o lábio inferior enquanto pesava suas opções. Ela não queria vê-lo. Na noite anterior, ele a havia insultado, e ela não estava preparada para perdoá-lo. E mesmo se estivesse, ela sabia que estava horrível. Provavelmente seus olhos escavam inchados e vermelhos, e seus cabelos desalinhados. Quando fosse encontrá-lo novamente, queria estar mais linda que nunca.

Por outro lado, ela o havia enfurecido deliberadamente. Nenhum homem, por mais normal que parecesse, poderia estar no melhor de seu humor depois de ser rejeitado sexualmente. Ela havia passado metade da noite recriminando-se por ter deixado seu relacionamento com Drew prejudicar suas chances de ver Matt. Engolir seu orgulho era um preço pequeno a pagar por isso, não era?

Ela correu o ferrolho da porta e entreabriu-a.

– Não estou vestida.

– Você está vestida – disse ele, vendo a gola e as mangas de seu roupão azul e branco.

– Se você insiste em me ver, eu irei encontrá-lo no saguão. Dê-me...

– Não tenho tempo. – Seu sorriso era a um só tempo diabólico e sedutor.

– Vamos, Arden. Deixe-me entrar.

Relutantemente, abriu a porta e recuou para o interior do quarto. Drew fechou a porta suavemente ao entrar. Ele percebeu de imediato o quanto ela estava desgrenhada. Os pés e pernas expostas de Arden tremiam, fazendo com que ela parecesse nervosa e desconfortável. A camisola não era reveladora, mas subitamente ela desejou que a bainha descesse até o meio de suas coxas. Envergonhada, cruzou os braços sobre os seios e tentou parecer entediada.

– Você tem razão. Sou um cretino convencido. – Ele passou por ela e caminhou até a janela para abrir as cortinas sem pedir permissão. A sala foi inundada por uma luz ofuscante que fez Arden fechar os olhos. – Agi como um adolescente cheio de tesão, apalpando-a e apertando-a no escuro. Mas que droga... – Ele suspirou, esfregando a nuca. – Não é à toa que você achou que penso em você como uma tiete. Eu tratei você como uma tiete. E quando você disse não, eu disse coisas que... Bem, eu não quis dizer nada daquilo. Nada do que eu disse era verdade, e eu sabia disso.

Drew olhou sobre o ombro para constatar que a expressão severa de Arden não relaxara nem um pouco. Ele prosseguiu:

– A única desculpa, que posso oferecer é que desde que Ellie morreu, eu me vi cercado por mulheres que achavam que podiam curar minha dor. Fiquei com a impressão de que elas se viam como uma espécie de assistentes sociais sexuais dispostas a me salvar da autodestruição. E para elas eu não seria apenas mais um troféu numa coleção.

Arden abaixou os braços e relaxou. Depois de seu divórcio, ela tivera o mesmo tipo de resposta dos homens. Amigos de Ron, igualmente divorciados, começaram a telefonar para ela, oferecendo sua "ajuda". "Não, obrigada", repetia até que desistissem.

– Bem, foi por causa disso que a primeira coisa que eu precisava fazer hoje de manhã era ver você – disse Drew. – No minuto que saí daqui, ontem à noite, vi que tinha agido como um idiota. Você devia ter me chutado a virilha ou algo assim.

– Cheguei a considerar isso.

Ele riu.

– Bem, eu talvez não tivesse mudado de ideia imediatamente, mas você teria chamado minha atenção.

Ela também riu. Batendo palmas, Drew apressou-se em dizer:

– Agora que somos amigos novamente, por que você não passa alguns dias comigo em Oahu?

– O quê...?

– Só um minuto – disse ele, levantando as mãos para bloquear as objeções de Arden. – Ainda sem nenhum compromisso. Vou passar apenas alguns dias lá. Reservei uma suíte. Talvez o lugar dê a você alguma ideia para um artigo. – Era um argumento fraco, mas ele estava ansioso para convencê-la.

– Mas não posso simplesmente me mudar daqui. Eu...

– Não estou sugerindo que se mude. Leve apenas o necessário. Diremos ao gerente que você ficará fora alguns dias, mas que deseja manter o quarto.

Ele caminhou até Arden e segurou as mãos dela.

– Gosto de como você fica nessa camisola – disse ele num tom sensual. – Gosto de você com o cabelo todo desgrenhado e as bochechas rosadas. Você tem a boca mais deliciosa que já provei. E realmente não consigo imaginar que tenha sido estúpido a ponto de deixar que uma coisa tão boa, como a que aconteceu ontem à noite, acabasse tão mal.

– Você é um tirano, sabia disso? Você tem a cara de pau de aparecer aqui hoje

depois das coisas que me disse ontem à noite. E ainda por cima me diz que estou linda, quando devo estar parecendo um espantalho. – A explosão de Arden fez Drew sorrir, e isso deixou-a rubra de raiva. – Você sempre consegue tudo o que quer?

– Arden, eu sou um competidor, e gosto de vencer. – A ferocidade nos olhos de Drew comunicou que ela era seu próximo alvo. Enquanto ela estava atordoada pelo charme e pela expressão sincera de Drew, ele insistiu delicadamente: – Venha comigo para Honolulu. Vamos poder conhecer melhor um ao outro.

Ela queria isso, mas sabia que estava apenas se metendo em mais problemas. Respirando fundo, fez que não com a cabeça.

– Drew, eu não acho...

– Por favor. Além disso, você terá oportunidade de conhecer Matt.

Capítulo 5

OS SEGUNDOS PASSARAM LENTAMENTE ENQUANTO, sem palavras, Arden fitava Drew. O arsenal de argumentos que ela havia amontoado em sua mente acabara de ruir. Finalmente, ela balbuciou:

– M-Matt vai com você?

– Sim, ele é o motivo principal da viagem. Está na hora do *checkup* dele com a pediatra. Ele precisa tomar uma vacina. E a sra. Laani tem se queixado que ele está crescendo tão rápido que está ficando sem roupas. Ela está planejando uma viagem de muitas compras.

A mente de Arden rodopiava num turbilhão. Ia acontecer! Ela estava indo ver o filho, passar tempo, dias, com ele. Durante meses, ela esperara por este momento, sonhara com ele, imaginara como ele seria. Mas jamais previra o pânico que a tomava agora. Era tudo o que ela sentia: pânico frio e cegante. Agora que aquilo pelo que rezara estava diante dela, Arden sentia medo dele.

Ela começou a tentar pensar em algo para dizer que a ajudasse a escapar.

– Isso vai ser uma viagem de família, e eu não gostaria de interferir. Ele... Matt pode não gostar de mim. A srta... qual é o nome dela, Laani, certo? Ela pode não gostar de ter-me por perto.

– É uma viagem de família, mas acontece que eu sou o chefe da família. A srta. Laani me passa sermões sobre absolutamente tudo, incluindo a falta de uma mulher decente em minha vida. E ela enfatiza o decente. Ela está ansiosa por conhecer você. E Matt tem apenas 20 meses de idade. Ele gosta de qualquer um que dê comida a ele. – Drew colocou as mãos, em concha no rosto de Arden. – Por favor, Arden, venha comigo. Se eu não achasse que é uma boa ideia, nem a teria convidado. – A voz dele tornou-se perceptivelmente mais grave. – Eu não

quero ficar longe de você, mesmo que seja por alguns dias.

Deus, por que ela não estava dando pulinhos de alegria? Por que estava hesitando? Sentia culpa? Era essa a emoção que enchia seu coração e não dava espaço para nenhuma outra? Drew a estava fitando com desejo evidente. Ele a olhava como uma mulher por quem estava se apaixonando, não como a uma barriga de aluguel que ele e sua amada mulher haviam contratado. Por quanto tempo ela continuaria conseguindo enganá-lo?

– Drew, não tenho certeza se ir com vocês é uma boa ideia.

– Ainda está zangada por causa de ontem à noite?

– Não, mas...

– Não a culpo por estar furiosa. Eu disse coisas horríveis. Coisas insultuosas. – Ele acariciou a face dela com o polegar. – Eu estava errado, mas tudo que você disse estava certo. Eu me comportei como um cretino. Eu sou convencido. Estou acostumado a conseguir tudo do meu jeito e sou propenso a explosões quando não consigo. Sou um jogador de tênis fracassado e alcoólatra.

– Não! Isso não é verdade. Disse aquilo apenas para magoar você. Por nenhum outro motivo.

Ele suspirou.

– Se é verdade ou não, ainda estamos por descobrir. O que eu sou é um homem que se encontra atraído por uma mulher, embora achasse que isso jamais iria acontecer de novo. Arden, estou morrendo de medo de você, e do que estou sentindo. Não seja tão dura comigo. Estou tentando me transformar novamente num ser humano, tentando agir como um, e não como um animal ferido. Às vezes tenho lapsos. Ontem à noite foi uma dessas vezes.

– Não estou me fazendo de recatada, Drew.

– Eu sei disso.

– E também não estava ontem à noite.

Ele a beijou gentilmente.

– Também sei disso.

– Existe um motivo para eu não querer ir.

– Você não me deu motivo nenhum. Não acredito que exista algum. Pelo menos um que seja válido. Venha conosco. O avião parte em uma hora.

– O quê? – arfou Arden, empurrando-o para o lado para ver o relógio digital na mesinha-de-cabeceira. – Uma hora! Oh, Drew... eu não posso... Por que você não disse... Não vou conseguir me aprontar... – Ela se calou abruptamente quando percebeu que acabara de aceitar o convite.

Ele riu da expressão estarrecida de Arden e, sentando na cama, pegou o

telefone.

– É melhor você se apressar. Vou pedir o café.

Quando ela saiu do banho, ele estava batendo na porta do banheiro.

– Serviço de quarto.

Ela abriu a porta um pouquinho e aceitou a xícara de café que ele estava oferecendo.

– Trinta minutos – disse ele. – Você quer que eu jogue algumas coisas numa mala para você?

O simples pensamento de Drew mexendo nas roupas íntimas dela deflagrou uma reação em cadeia que terminou num fluxo quente entre suas coxas.

– Não. Vou sair num segundo.

Ela bebericou o café e tentou impedir que suas mãos tremessem enquanto aplicavam a maquiagem. Disse a si mesma que seus nervos agitados eram resultado de uma noite curta, virtualmente insone. Contudo, parte da tensão residia no fato que ela estava nua a poucos metros de Drew, separada apenas por uma porta. E a maior parte da tensão se devia a saber que em menos de uma hora ela iria conhecer o filho que havia carregado no ventre por nove meses e que jamais vira.

Drew estava vestido com calças cáqui casuais e um suéter de algodão com mangas largas enroladas até os cotovelos. Arden levara para o banheiro calças compridas de seda crua e uma blusa do mesmo tecido, com mangas largas. Prendeu o cabelo atrás da cabeça num coque frouxo e enfiou as pontas soltas na altura da nuca. Não estava maravilhosa, mas era o melhor que podia fazer com tanta pressa.

Quando saiu do banheiro repleto de vapor, olhou nervosa para Drew, que, sentado com o tronco curvado numa cadeira perto da varanda envidraçada, folheava o jornal. Ele abaixou um canto do jornal para olhar para ela. Então soltou um assobio longo e baixo.

– Como fez isso tão depressa? Leve roupas casuais, bermudas, biquíni, alguma coisa para usar no jantar, mas nada elegante.

Arden começou a dobrar coisas e a colocá-las numa bolsa de ombro, a mente riscando de uma lista os acessórios que combinavam com cada roupa. Ela enrubesceu de timidez quando começou a guardar as peças íntimas. Embora ainda estivesse segurando o jornal à sua frente, os olhos de Drew não estavam nas notícias. Arden podia senti-lo observando cada um de seus movimentos enquanto ela guardava calcinhas de renda e sutiãs ínfimos. Quando ela o fulminou com um olhar acusador, ele abriu um sorriso largo, sem culpa.

– Tudo pronto – disse ela enquanto fechava o zíper da bolsa, na qual conseguiu enfiar não apenas roupas, mas maquiagem, caixas de joias e sapatos.

– Impressionante – disse ele enquanto se levantava. Ele olhou o relógio de pulso, fino como uma camada de biscoito *wafer*. – E bem na hora. Vamos nos encontrar com a sra. Laani e Matt no aeroporto. Mo, que cuida da casa, vai levar os dois de carro. Vamos na limusine do balneário. Odeio deixar meu carro no aeroporto por tanto tempo.

– Isso é bom. – Botou um chapéu de palha natural com aba larga e óculos escuros grandes e quadrados. – Lembre que estou acostumada a viajar com um orçamento apertado.

– Você certamente não aparenta isso – disse ele enquanto carregava a bolsa de Arden até o elevador. Ele observou cada detalhe de suas roupas enquanto aguardavam o elevador. – Eu aprovo – disse baixinho.

– Obrigada – sussurrou ela em resposta.

Uma vez dentro do elevador, ele disse:

– Esqueci uma coisa.

– Deixou algo no quarto?

– Não. Esqueci disto. – Ele curvou o tronco para nivelar sua altura com a dela, inclinou a aba do chapéu para trás e deu um beijo delicado em sua boca.

Os lábios dele moveram-se apenas um pouco, mas ela sentiu a pressão gentil exercer um efeito por todo seu corpo. A língua de Drew intrometeu-se suavemente entre os lábios de Arden. As pontas das línguas apenas se tocaram, mas Drew poderia muito bem ter acariciado as pontas dos dedos, os mamilos e as partes mais íntimas do corpo de Arden, porque ela sentiu um arrepio em todas essas regiões.

Quando ele recuou, ela estava trêmula e sentindo calor.

– Você embaçou meus óculos – disse ela, arfante.

– Desculpe.

Ela balançou a cabeça. Ele estava se preparando para um segundo beijo quando a porta do elevador abriu com um sibilo.

– Preciso tomar as providências com relação ao meu quarto.

– Vou reservar os nossos lugares na limusine.

Ela caminhou através da multidão até chegar à mesa da gerência. Naturalmente, o saguão estava cheio naquela hora do dia, com hóspedes chegando, saindo ou fazendo reservas para várias excursões por terra, mar ou ar até outras partes da ilha. Ela lançou vários olhares ansiosos sobre o ombro para as portas da frente antes de finalmente chegar sua vez.

Apressada, explicou que queria pagar pelos dias que ocupara seu quarto, mas queria mantê-lo até seu retorno, dali a três dias. Depois de repetir seu pedido várias vezes, finalmente foi entendida, devido ao intenso burburinho. O atendente encontrou o cartão de registro de Arden, passou seu cartão de crédito na máquina, abriu para ela um sorriso repleto de dentes brilhantes, desejou-lhe boa viagem e expressou gratidão por sua preferência pelo estabelecimento. Ela sentiu-se constrangida, como se estivesse sendo dispensada, mas antes de obter a atenção do atendente de novo, ouviu Drew chamar por ela.

– Arden, a limusine está esperando.

– Estou indo – gritou ela em resposta, e caminhou através da multidão até que ele segurasse a mão dela e a puxasse para a porta.

– Algum problema?

– Não.

– Ótimo. Estamos muito atrasados.

Depois que eles estavam sentados na limusine e a toda a velocidade em direção ao aeroporto, ela compreendeu que dentro de poucos minutos iria ver seu filho. O coração batia forte, a respiração estava ofegante.

– Não está com medo de voar, está? – indagou Drew, interpretando erroneamente a fonte do nervosismo de Arden.

– Não. Eu não me importo de voar, embora prefira os jatos maiores.

– Gosto de aviões menores porque neles posso ver mais. Além disso, este aeroporto fica apenas a cinco minutos da minha casa. E também é uma boa linha de táxi aéreo. A esta altura, já conheço todos os funcionários.

Conforme Drew dissera, o Aeroporto Kaanapali não era grande, em comparação com os aeroportos das grandes cidades. O prédio tinha aproximadamente o tamanho de um posto de gasolina urbano. Mas sua atividade era intensa. Quando um avião terminava de pousar e desembarcar seus passageiros, outro já estava decolando.

O carro do balneário parou abruptamente. Drew jogou sua bolsa sobre o ombro, saltou antes de Arden e ofereceu a mão direita para ajudá-la a sair.

– Onde eles estão... Ah, ali estão eles. – Ele levantou o queixo, indicando que Arden deveria olhar para trás. Ela respirou fundo, espremeu os olhos momentaneamente e olhou em torno. Ela precisou travar os joelhos trêmulos para que não desabassem sob seu corpo. Drew não havia notado. Ele estava caminhando em direção a um arvoredo.

– Matt! – gritou.

Arden viu o menino, e sentiu o coração dar uma cambalhota dentro do peito.

Matt estava usando camisa branca, babador e um macacão vermelho cujas alças de ombro cruzavam nas costas. Meias brancas subiam até os joelhos, envolvendo panturrilhas grossas. Estava usando sapatos brancos de cano alto. As perninhas grossas pararam de se mover quando Matt ouviu a voz do pai, virou-se, soltou um gritinho e correu na direção oposta, até Drew. Uma mulher de uniforme branco, que era tão gorda quanto alta, veio correndo atrás dele sobre pés surpreendentemente pequenos para alguém do tamanho dela.

Arden tinha olhos apenas para o menino louro que quase tropeçou de empolgação antes de se chocar contra as pernas do pai e ser erguido acima da cabeça do homem alto.

– Ei, seu pequeno dínamo, pare ou vai ralar os joelhos de novo – disse Drew, balançando o menino, cujos risinhos encheram o ar matinal.

– Pra cima! – gritou. – Pra cima!

– Mais tarde – disse Drew, abaixando o menino para aninhá-lo na curva do braço. – Quero que conheça uma moça: Arden – disse ele, virando-se para a mulher pálida e imobilizada ao lado dele. – Este é o Matt.

Os olhos de Arden estavam vorazes, tentando devorar tanto do menino quanto podiam. Ela procurou por alguma coisa familiar nele, mas achou pouco. Sua tonalidade era a do pai: cabelos louros, olhos azuis. Tinha um queixo quadrado que lembrava um pouco o do pai.

Embora não tenha visto nada de si mesma, não poderia estar mais certa de que este era seu filho. Soube pela forma como seus seios se expandiram, como se enchendo com o leite que jamais recebera permissão para chegar. Ela soube pela forma como seu útero se contraiu, como se ela lembrasse de cada vez que sentira o movimento de um punho ou um pé, ou rira num caso de soluços pré-natal que ecoaram por seu corpo. Ela soube disso pela forma como desejou tocá-lo, apertar seu corpo doce e jovem contra si.

– Oi, Matt – disse ela.

O menino olhou para ela com curiosidade cândida.

– Diga *aloha*, Matt – instruiu o pai, fazendo cosquinhas em sua barriga.

– O-ha – murmurou o menino antes de virar para os braços de Drew e enterrar timidamente o rosto no pescoço do pai.

Drew fechou os braços com força em torno do filho e esfregou as costas dele. Ele olhou para Arden por cima dos cachos louros de Matt.

– Ainda estamos trabalhando em bons modos – disse ele, pedindo desculpas com um sorriso.

– Sr. McCasslin, pensei em deixar que ele gastasse um pouco de energia antes

do passeio de avião – disse a babá enquanto chegava ofegante.

– Boa ideia, sra. Laani, quero que conheça a sra. Gentry. Ela será nossa convidada durante os próximos dias.

– *Aloha*, sra. Laani – disse Arden, dolorosamente afastando os olhos da pele macia da nuca de seu filho. Ela lembrou que costumava dar beijinhos na nuca de Joey. "Catar açúcar", era assim que ela brincava.

A mulher polinésia de meia-idade estava olhando-a com real curiosidade. Ela pareceu gostar do que viu, porque seu rosto redondo, sem uma única ruga, pareceu partir-se num sorriso largo.

– *Aloha*, sra. Gentry. Que bom que vem conosco. Às vezes é difícil cuidar de dois homens ao mesmo tempo.

– Ótimo – disse Drew. – O seu trabalho é cuidar de Matt. Deixe Arden cuidar de mim.

Arden enrubesceu debaixo do chapéu, mas a sra. Laani soltou uma gargalhada gostosa. Arden gostou dela instantaneamente. A despeito de seu tamanho, ela estava vestida de forma impecável, com o uniforme cuidadosamente engomado. Seus cabelos cortados curtos enroscavam-se para formar em torno da cabeça uma grinalda escura, salpicada em prata. Um dos funcionários da companhia de táxi aéreo saiu para a varanda.

– Sr. McCasslin, estamos prontos para o embarque de seu grupo.

– Vocês colocaram toda a bagagem abordo? – perguntou Drew ao atendente, que riscou seus nomes na lista de passageiros.

– Sim, senhor. Com toda certeza.

– Acrescente isto – disse ele, dando ao homem a bolsa de Arden.

– Não me importo de carregá-la comigo.

– Desculpe, madame, mas as poltronas são muito pequenas – disse o atendente. – Toda a bagagem viaja no compartimento de carga.

Um homem em mangas de camisa, que Arden concluiu que era o piloto, deu um tapinha nas costas de Drew.

– Quando você vai jogar outra partida comigo? Finalmente consegui me recuperar da última.

Enquanto conversavam, o grupo caminhou pela pista asfaltada até o avião que os aguardava. Drew ainda estava carregando Matt nos ombros. Arden ainda não conseguira desviar os olhos dele. Estava grata pela confusão do embarque, que lhe dava a oportunidade de fitar o menino sem que ninguém notasse.

A sra. Laani praticamente teve de espremer seu corpanzil através da porta da aeronave. Ela afundou num dos assentos no fundo de modo que não precisasse

espremer-se através do corredor.

– Você se importa de viajar na cadeira do co-piloto? – perguntou o piloto a Drew.

Ele sorriu como um menininho.

– Você sabe que é meu lugar favorito. – Ele se virou para Arden. – Você se importa de sentar-se ao lado de Matt?

Ela balançou a cabeça, não confiando em sua capacidade de falar. Ela ocupou a poltrona da janela para que Matt não se sentisse confinado. Drew fechou o cinto de segurança do menino na poltrona ao lado de Arden e logo atrás dele.

– Lá vamos nós, garotão. Você pode ser o navegador, certo?

Matt sorriu, exibindo oito dentes perolados. Sua empolgação diminuiu quando o piloto acionou os motores, muito barulhentos. Ele empertigou as costas, arregalou os olhos, e seu lábio inferior começou a tremer. Arden colocou a mão no joelho dele, e quando levantou os olhos temerosos para ela, ela sorriu. Drew virou-se, piscou e esticou a mão para trás para fazer um cafuné nos cabelos do menino.

Matt sentou-se reto e rígido até o avião ganhar altitude e ele estar convencido de que não se encontrava em perigo imediato. Apenas um estranho havia subido a bordo com eles, e ele dormira imediatamente. Assim como a sra. Laani. Matt ficou cada vez mais inquieto e começou a forçar o cinto de segurança. Depois de checar com Drew e o piloto, Arden soltou o cinto.

– Só não o deixe andar muito por aí – instruiu Drew. – Se ele ficar irrequieto, passe-o para cá.

– Não. Ele vai ficar bem.

Drew retomou sua conversa com o piloto, e Arden dedicou sua atenção a Matt, como há muito sonhava fazer. Como qualquer menininho normal, ele parecia incapaz de ficar parado. Ele se contorceu e se virou na poltrona, tentou levantar-se, remexeu-se inquieto e voltou a sentar-se. Ele investigava tudo.

Arden observou cada movimento, adorando e saboreando cada segundo, ciente de que em algum momento teria de deixá-lo de novo. Ela não fizera planos para além deste ponto, além de ver seu filho. Mas ela sabia que não podia desenraizá-lo da vida que ele tinha. Não podia fazer isso com o pai dele, e ela sabia que isso também não seria o melhor para Matt. Por enquanto, ela apenas queria amar Matt, silenciosa e secretamente, mas amá-lo como apenas uma mãe podia amar.

Quando ela deu um tapinha no próprio colo, o menino hesitou por um curto instante antes de escalá-lo. Ele a estudou atentamente e estendeu a mão para

cutucar as lentes dos seus óculos com um punho umedecido.

– Obrigada – brincou ela enquanto tirava os óculos para limpar as lentes embaçadas. – Cá entre nós, estou tendo uma dificuldade enorme para ver com estes óculos.

Ele sorriu e apontou para a nuca de Drew.

– Papai.

– Sim – exclamou ela, rindo. Ela tocou a face do menino e ficou impressionada em ver o quanto era macia. Os cabelos dele enroscaram-se delicadamente em torno dos dedos dela. Possuíam vários tons de dourado, e à medida que ele crescesse, os fios escureceriam até assumir a cor de trigo dos cabelos do pai. Carinhosamente, Arden correu as mãos sobre os braços gordinhos, e permitiu que o menino fechasse punhos úmidos em torno dos dedos dela. Declamando um versinho sem sentido, fez um jogo de apertar os joelhos do menino até que ele risse. "Todo menino / Até o mais arteiro, / Ri quando eu faço / Cosquinha no seu joelho."

Quando ele não resistiu, Arden puxou-o para seus braços e apertou-o com força. Ela o abraçou enquanto ele permitiu. Ele cheirava a sabonete de bebê, roupas limpas e raios de sol. A sra. Laani cuidava bem dele. Ele era impecável; suas unhas, bem cortadas. Arden adorou a força de seu corpo. Joey fora muito I frágil. Quando ela deixasse Matt, iria fazê-lo sabendo que ele era saudável e normal.

E como todo menininho normal e saudável, ele se rebelou contra o excesso de afeto. Ele se contorceu para livrar-se dela, derrubando seu chapéu durante o movimento. Brincando, ela colocou o chapéu na cabeça dele. O chapéu praticamente o engoliu. Eles brincaram de esconde-esconde sob a aba durante algum tempo. Inspirada, ela colocou os óculos escuros no nariz dele. Ele precisou manter a cabeça completamente parada para que os óculos não escorregassem, e ela pôde ver seus olhos rolando de um lado para o outro por trás das lentes para observá-la enquanto tirava um estojo de maquiagem da bolsa. Quando ela segurou o espelho diante dele, ele riu de alegria.

– Papai, papai – chamou ele, plantando os pés no colo de Arden e batendo na cabeça de Drew. O chapéu e os óculos estavam tortos, mas Matt não notou.

Drew virou-se e, deparando com aquela visão cômica, soltou uma gargalhada.

– Você está pior que o E.T. no vestido de casamento – brincou ele.

Matt ficou pulando para cima e para baixo até ficar um pouco descontrolado e precisar ser acalmado. Quando finalmente se cansou do chapéu e dos óculos, Arden colocou-os na cadeira e pegou o menino no colo.

O zumbido do motor do avião e a forma gentil e maternal com que Arden acariciou seus cabelos deixaram-no sonolento, e logo a cabeça do menino repousava pesadamente nos seios dela. Arden não podia acreditar que estava sendo abençoada com este momento. Era mais do que ela havia se permitido sonhar. O menino gostava dela, confiava nela instintivamente, o suficiente para dormir em seu colo.

Arden podia sentir o batimento rápido do coração de Matt contra o dela, e pensou no elo eterno e irrevogável que havia entre eles. Não havia outra ligação como esta em todo o universo, a ligação entre mãe e seu filho. O corpo de Arden o havia nutrido, respirado por ele, protegido. O coração de Arden foi acometido pela emoção mais intensa que já sentira em sua vida.

Drew olhou para eles e também se emocionou ao ver a atenção que Arden estava conferindo a Matt. Ela estava absorvida com a mãozinha que segurava na sua, massageando os diminutos nós dos dedos. Embora tenha sentido que Drew a observava, Arden levantou a cabeça; ele ficou surpreso ao ver seus olhos cheios d'água. Arden sorriu trêmula para ele, e então mais uma vez abaixou os olhos para o menino adormecido em seu peito.

O piloto pousou o avião com perícia e conduziu-o em direção ao terminal. Assim que os motores pararam, ele pediu licença e correu até o fundo do avião para ajudar a sra. Laani a saltar. O outro passageiro saltou assim que localizou sua valise.

Drew sentou na beira da poltrona ao lado da de Arden. Ele fitou-a por um momento com seus olhos antes de falar.

– Vejo que vocês se deram bem.

– Espero que sim. Ele é um amor, Drew. Um menininho maravilhoso.

– É o que eu acho.

Ela afagou de leve os cachos louros.

– Ele foi um bebê bonzinho?

– Ellie e eu não tínhamos nada com que comparar ele, mas achávamos que sim. Esperamos por ele por muito tempo. Não teríamos nos importado se ele passasse o tempo todo chorando.

A pergunta seguinte de Arden seria como saltar de uma prancha para um barril de fogo. A quantidade de adrenalina que corria por suas veias deixou Arden tensa como se realmente estivesse saltando para a morte.

– O parto de Ellie foi difícil?

Houve uma pausa significativa. Ela continuou admirando o menino, notando cada cílio que repousava em suas faces róseas.

– Na verdade não – disse Drew lentamente. – Conceber é que foi difícil.

– Oh. – O fato de que Drew também escolhera mentir foi um alívio para a consciência de Arden. O quanto ela poderia sondar sem levantar suspeitas? – Ele parece com a mãe?

– Ellie era loura – respondeu Drew sem se comprometer. – Mas acho que ele puxou mais a mim.

Arden olhou para ele e sorriu, embora ainda houvesse lágrimas em seus olhos.

– Como pai orgulhoso, você é suspeito.

– Tenho certeza de que o motivo é esse – respondeu Drew com uma pontada de autocrítica. – Eu realmente não posso dizer o quanto ele parece com a... mãe.

Arden desviou novamente o olhar, bem depressa, antes que ele pudesse ver sua expressão ferida. Mas ele viu a lágrima que rolou pela face de Arden. Com um dedo sob o queixo de Arden, levantou sua cabeça gentilmente. Então enxugou a lágrima com a ponta do dedo.

– Por causa do filho que você perdeu? – A pergunta foi feita com tamanha ternura que uma emoção nova e descontrolada floresceu em seu peito. Ela ficou surpresa com isso. Surpresa e assustada.

Agora, agora, disse ela a si mesma. Drew a havia brindado com a oportunidade perfeita para que dissesse que acabara de encontrar seu filho, que dera à luz este menino a quem Drew amava profundamente. Mas as palavras não chegaram.

Ele poderia pegar seu filho e jamais deixa-la vê-lo novamente. Ele poderia achar que ela o havia usado todo esse tempo para se aproximar do filho.

E não foi isso que ela fez?

Não, não! Ela agora gostava tanto do pai quanto do filho. Ela não podia magoar Drew, não quando ele acabara de colocar sua vida em ordem e recuperado a confiança em si mesmo. Não. Ela ainda não podia contar nada a ele. Mais tarde. Ela saberia quando chegasse a hora certa.

– Sim – disse Arden. – Por causa do filho que perdi.

Drew assentiu com a cabeça em sinal de compreensão. A respiração de Matt saiu num assobio por sua boca angelical. Ele tinha deixado escorrer um filete de saliva na blusa de Arden.

– Ele está molhando sua blusa – sussurrou Drew em meio ao silêncio. Ele não podia dizer com honestidade o que achava mais cativante: a boca graciosa do filho ou o lugar onde ele estava repousando. O peso da cabeça de Matt havia ressaltado os seios de Arden no decote da blusa. Os seios pareciam maternais e confortadores, e Drew ansiava por tocá-los, acariciar sua pele macia.

– Eu não me importo. – E ela realmente não se importava. Ela não se

importava se o menino manchasse irreparavelmente cada roupa que ela possuía, contanto que pudesse continuar a segurá-lo.

Encantada, observou Drew estender o indicador até a face do filho. Acariciou a face dele, e então moveu o dedo até os lábios abertos do bebê para colher as contas de umidade acumuladas ali. Fascinada tanto pelo que ela estava vendo quanto pelo amor que borbulhava em seu íntimo, Arden observou o dedo percorrer lentamente da boca do bebê até o ponto úmido em seu seio. Ele o tocou, mas ela não teria percebido se não estivesse observando, tão suave foi o toque. E, então, movendo-se com lentidão excruciante, ele virou a mão e colheu em concha a cabeça do filho, de modo que as costas de sua mão repousaram no seio de Arden.

Um arrepio de emoção correu pelo corpo de Arden, e um leve soluço escapou de seus lábios trêmulos. As lágrimas nos olhos de Arden cegaram-na momentaneamente. Drew levantou a cabeça, e seus olhos azuis penetraram os olhos grandes e verdes de Arden.

– Arden, não chore mais. – Sem mover nada além de sua cabeça, ele juntou suas bocas. O beijo não foi contido como aquele no elevador, mais cedo. Este foi rico em emoções, cada uma delas suficiente para derrubar todas as suas defesas.

A língua de Drew sondou profundamente e foi recebida pelo calor confortável da boca de Arden. Sem pensar, Arden levantou a mão e pressionou a cabeça de Matt contra seu peito, aprisionando a mão de Drew entre eles. Agora ela estava segurando a ambos. O filho. O pai. Por tanto tempo sonhados, por tanto tempo esperados, mas sempre dois mistérios. Agora a carne de Arden podia sentir a ambos. Os sentidos de Arden podiam deleitar-se com os sons, aromas e feições deles. Para ela, seus corpos eram os mais belos do mundo. Com um, criara o outro.

Drew gemeu baixinho, e os lábios dele contorceram-se sobre os dela. Com seus dedos, acariciou a cabeça do filho. Não foi acidental que seus dedos também tenham se movido contra o mamilo de Arden com a mesma pressão que sua língua aplicava no interior de sua boca. A paixão de Drew correu através dela, desceu por sua garganta e seguiu por dentro de seu corpo até tocar sua feminilidade e banhá-la com um calor líquido. E ela soube então como teria sido se ela e Drew tivessem feito Matt da forma convencional, alheios a esse milagre.

– Meu Deus – gemeu Drew enquanto finalmente recuava, trazendo o ainda adormecido Matt para seus braços. – Se você continuar a me beijar desse jeito, eu também vou começar a chorar. E por um motivo inteiramente diferente.

Ele a ajudou a descer do avião para o dia ensolarado. Matt estava dobrado

sobre o ombro de Drew. Com a mão livre, Drew segurava a do filho, e eles se encaminharam para o terminal.

A suíte no Sheraton era espaçosa e dava vista para o oceano com uma paisagem irrestrita do vulcão Diamond Head. Havia uma sala de estar que separava o quarto que a sra. Laani e Matt iriam compartilhar do quarto de Drew. Arden ficaria no quarto em frente ao dele, do outro lado do corredor.

– Tome esta chave da suíte, caso você precise de uma – disse ele enquanto subiam no elevador. – Sinta-se em casa a qualquer momento. – Ele pressionou a chave na palma de Arden, deixando seu significado implicitamente claro. Quando Arden teve coragem de olhar para a sra. Laani, viu que a mulher estava sorrindo. Arden sabia que ambos ficariam decepcionados se esperavam que ela usasse a chave.

Eles fizeram o pior primeiro. Assim que acabaram de almoçar e Matt tirou um pequeno cochilo, Drew e a sra. Laani saíram com ele para seu encontro com a pediatra.

Sob o toldo amplo do hotel, enquanto eles entravam no carro que Drew alugara para seguir até o aeroporto, ele apertou a mão de Arden.

– Estaremos de volta em uma hora. Tem certeza de que você estará bem?

– Sim, mas eu não me importaria de ir com vocês. – Na verdade, ela queria desesperadamente acompanhá-los, mas sabia que não pareceria natural insistir na questão.

– É muita generosidade da sua parte, mas eu não forçaria isto a ninguém. – Drew riu. – Matt não é o mais cooperativo dos parentes. Faça compras, aprecie a paisagem, e nós encontraremos você de volta às cinco da tarde.

– Certo – disse ela, resignada.

Ele a beijou rapidamente na face e, então, saiu com o carro.

Matt estava evidentemente irritado com a sra. Laani e seu pai quando eles o trouxeram de volta para o hotel. Ele os tratava como inimigos que o haviam submetido a um tormento inominável. Ele se recusou a falar com eles durante o jantar que fizeram ainda cedo numa das lanchonetes do hotel. Ele não permitia que ninguém lhe desse comida, apenas Arden.

– Você está apenas piorando a situação – disse Drew enquanto ela dava sorvete a Matt depois do jantar. – Ele vai achar que você é uma fada madrinha ou algo do gênero.

Arden quase derrubou a colher, mas conseguiu se recuperar. Ela olhou apelativamente para Drew e para a sra. Laani.

– Deixem-me mimar Matt. Ele teve um dia difícil.

Quando o jantar terminou, o menino estava irritado com todo mundo, e Drew sugeriu que Matt se recolhesse mais cedo.

– Eu gostaria de sair um pouco depois que Matt estiver dormindo – disse a sra. Laani. – Minha irmã quer que eu me encontre com ela para conhecer o noivo da minha sobrinha.

– Por mim tudo bem – disse Drew.

– Por que você não vai agora? – Arden apressou-se em dizer. – Eu não me importaria em colocar Matt para dormir. Na verdade, eu adoraria isso. Não há sentido em postergar sua visita.

– Você tem certeza de que sabe no que está se metendo? – perguntou Drew a ela, o semblante enrugando sobre olhos céticos.

– Tenho. – Arden virou-se para a sra. Laani. – Vamos andando. Matt e eu vamos nos dar bem.

Foi tudo combinado, e a sra. Laani saiu alguns minutos depois. Sozinhos, Drew e Arden conseguiram fazer o menino tomar banho e vestir o pijama. Arden quase lamentou que ele estivesse tão zangado e sonolento. Ela teria adorado brincar mais com ele.

Foi Arden quem o deitou no berço portátil fornecido pelo hotel, e quem acariciou suas costas até que ele adormecesse. Drew já havia se retirado para o outro quarto. Ela permaneceu ao lado do berço até Drew chamá-la.

Quando ela se juntou a ele na sala de estar, Drew estava recostado no sofá com os pés esticados à sua frente. Ele havia vestido uma bermuda e uma camiseta. Estava descalço. Arden admirou os músculos de seus braços e de suas pernas, os contornos delineados em seu peito. Ela também adorava a forma como a luz suave do abajur deixavam os pelos corporais de Drew dourados contra sua pele bronzeada.

– Venha, caia aqui – disse ele, estendendo a mão. – Eu me levantaria e iria até você, mas estou morto de cansaço.

Ela riu e afundou ao lado dele no sofá.

– Um homenzarrão como você derrotado por um bebê de 20 meses! – provocou Arden.

Ele resmungou.

– Ele pode acabar comigo mais depressa que qualquer partida de tênis. A propósito, preciso praticar enquanto estiver aqui. Quer me ver jogar amanhã de manhã?

– É claro.

– É melhor escaparmos antes que Matt dê por nossa falta. A sra. Laani pode

levá-lo para passear no parque ou algo assim. Neste momento estou morrendo de ciúmes do meu filho, porque ele está absorvendo toda sua atenção. – Ele se virou para ela, deixando seus olhos deleitarem-se com sua aparência deliciosamente descuidada. Conforme ele havia previsto, ela era elegante até no ambiente doméstico.

– Você não deveria – disse ela, desejando ter coragem para pentear os fios de cabelos rebeldes na testa de Drew. – Gosto tanto de Matt justamente por causa da ligação que ele tem com você.

Os olhos de Drew brilharam de prazer.

– É mesmo?

– É mesmo. – Isso era verdade. Ela amava Matt não apenas porque ele era filho dela, mas também porque ele era filho de Drew. Era evidente que ela também amava Drew. Mas que tipo de amor? Era apenas por que ele era pai de Matt? Não. Ela estava apaixonada por este homem, e isso não tinha nenhuma relação com Matt.

Drew estava olhando para Arden da mesma forma intensa que ela o observava.

– Esta é a segunda vez que meu filho molha você. – Com o dedo, Drew tracejou os padrões úmidos que o corpo de Matt, molhado devido ao banho, deixara na blusa casual que substituíra as roupas de viagem de Arden.

A mão de Drew parou na curva superior do seio de Arden, e os olhos dele encontraram os dela.

– Desde o começo, eu não pensei em você como uma transa rápida, mulher de uma noite. Diga-me que sabe disso.

Balançando a cabeça e fechando brevemente os olhos, ela disse:

– Sim, eu sei disso.

Ela ousou fitar os olhos dele novamente, sabendo que ela estava cometendo um erro de julgamento. A consciência de Arden gritava para ela, mas ela ignorou-a porque desejava intensamente Drew.

– Ontem à noite, eu estava com medo.

– De mim?

– Com medo... disto.

– E agora?

Arden fez que não com a cabeça enquanto a emoção franzia seu rosto. Drew abaixou a mão até os seios de Arden. Ele olhou para o que estava tocando de uma forma que deixou Arden encantada. Ela sentia tanto prazer observando o deleite em seus olhos quanto sentia ao toque de sua mão. Quando Drew levantou a cabeça, seus olhos ardiam com desejo, e ele a manteve cativa naquele inferno

rodopiante. Drew estava olhando diretamente para os olhos de Arden ao tocar com a ponta do dedo um dos mamilos que se insinuavam sob sua blusa. O mamilo enrijeceu ao toque de Drew. Eles gritaram simultaneamente os nomes um do outro.

A boca de Drew desceu feroz até a dela enquanto a envolvia em seus braços. Arden travou as mãos atrás do pescoço de Drew e entreabriu os lábios para receber a língua dele. As duas línguas se encontraram, travando a mais primitiva forma de amor.

– Meu Deus, você é maravilhosa – sussurrou Drew contra a garganta dela. Ele cheirou o pescoço dela, deu mordidinhas de amor na pele frágil, provou-a com a ponta da língua.

Ele espalmou a plenitude generosa de um seio de Arden, apertou-o carinhosamente, e procurou por um mamilo com o polegar. Acariciou-o até endurecê-lo completamente antes de abaixar a cabeça e tomá-lo entre os lábios. Mesmo através das roupas, a fúria úmida de sua boca envolvia Arden, enlouquecendo-a com sua cadência sensual.

Ela deitou sobre as almofadas, impulsionada pelo peso dele. O desejo de Drew forçava contra o tecido de sua bermuda. Ela o sentiu contra a coxa e ficou mais excitada. As mãos de Arden deslizaram por baixo da camisa de Drew e começaram a levantá-la enquanto ele se punha a desabotoar a blusa dela. A boca de Drew retomou até a dela para rápidos beijos de língua.

– Quero amar você agora. Agora, Ellie, agora.

Arden congelou.

Drew recuou abruptamente ao ouvir as palavras que saíram de sua boca. O que ele dissera?

Ele precisou olhar o rosto de Arden apenas uma vez para saber.

Ele se levantou do sofá, mãos sobre as têmporas, unhas afundadas no couro cabeludo enquanto seu rosto se contorcia numa carranca de fúria e agonia.

Quando não conseguiu mais se conter, deixou um palavrão sórdido escapar de sua boca.

Capítulo 6

Eles estavam petrificados pelo choque. A imprecação de Drew deixara um vácuo de silêncio, como a ausência de oxigênio que imediatamente se segue a uma explosão, como a carga sulfurosa no ar depois de um raio. Eles ficaram paralisados naquele vácuo mortalmente silencioso.

Quando Drew finalmente falou, sua voz exsudava cansaço.

– Sinto muito, Arden. – Ele levantou os braços num apelo impotente. – Droga, que mais posso lhe dizer além de sinto muito?

Arden estava parada como uma sonâmbula, cambaleando levemente, mas finalmente estável para caminhar até a porta, arrumando as roupas enquanto saía.

– Arden. – Ele disse o nome dela baixinho, mas quando ela não se virou, ele o repetiu com mais força. Quando ela não parou, então ele avançou até ela. – Arden – disse ele, agarrando o braço dela e virando-a para si. – Escute...

– Deixe–me ir, Drew. – Ela continuou evitando olhar para ele, a voz dura e fria.

– Não até você ter ouvido minha explicação.

Ela riu sem humor. Foi um som oco, sem vida.

– Acho que esta cena comovente dispensa explicações. – Ela tentou se soltar dele. Se não fosse tão civilizada, ela o teria chutado, arranhado com as unhas. Ela estava impaciente para sair dali. – Deixe-me ir – gritou. – Meu lugar não é aqui. Eu não sei por que estou aqui. É errado. Deixe-me ir. – Ela estava à beira da histeria, mas não conseguia contê-la e, ao mesmo tempo, lutar contra a mão que segurava seu antebraço como uma algema.

– O seu lugar é aqui, porque eu a convidei. Quero você aqui comigo e com

Matt.

– Você quer Ellie aqui! – gritou ela.

O rosto de Drew, que também estivera se contorcendo com raiva de si mesmo e frustração pela recusa de Arden em compreendê-lo, ficou completamente vazio. As palavras cruéis de Arden apagaram cada expressão em seu rosto. Os dedos em torno do braço dela relaxaram, e seu braço caiu para a lateral do corpo.

– Ellie está aqui – sussurrou ela. – O problema é este.

Ele voltou até o sofá arrastando os pés. Deixando-se cair nele, repousou a cabeça nas almofadas e fechou os olhos.

Arden havia se arrependido no exato momento em que jogara sua acusação cruel na cara de Drew. Quando ele dera as costas para se afastar dela, Arden chegara a estender a mão para oferecer-lhe perdão, mas a recolhera. A última coisa que ele iria querer agora era a piedade dela. Mas Arden não poderia viver consigo mesma se não dissesse algo.

– Drew, o que eu disse foi imperdoável.

Ele resfolegou com a mesma amargura que ela demonstrara apenas alguns momentos antes.

– O que eu disse foi imperdoável. Sei que você se sentiu insultada. Não se sinta. Você deveria se sentir lisonjeada. – Ele abriu os olhos e a fitou. – Eu gostaria de explicar.

– Você não precisa.

– Eu quero. – O tom dele estava determinado.

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele se levantou e caminhou até a ampla porta de vidro. Abrindo-a, ela deixou o perfume e o som do oceano Pacífico encherem a sala que repentinamente ficara sufocante.

– Foi em Honolulu que eu e Ellie nos conhecemos, onde vivemos depois de nos casarmos. Eu não posso voltar aqui sem lembrar de um milhão de lugares e coisas que me fazem recordar dela, de algo que ela disse ou fizemos.

– Eu sei como você se sente. Depois que Joey morreu, às vezes as lembranças eram tão fortes que eu achava que podia escutar sua voz.

Ele balançou a cabeça, irritado.

– Ela não sai da minha cabeça desde que chegamos. Nós costumávamos levar Matt ao pediatra juntos. Amanhã vou visitar os pais dela. – Arden não quis reconhecer a punhalada de inveja que a atravessou. – E durante o dia inteiro tive a impressão de que... de que... estava sendo infiel a Ellie.

– Por minha causa?

– Sim.

Por mais arrependida que estivesse pelo que dissera a ele, Arden teve a sensação de que levara outro tapa na cara.

– E eu devia me sentir melhor por causa disso? – perguntou, zombeteira.

Ele girou nos calcanhares, e ela viu novamente aquele brilho de impaciência em seus olhos. Na verdade, ela preferia isso ao vazio que assombrara seu rosto até poucos momentos antes.

– Devia, se não se atirasse a conclusões apressadas.

– Você está fazendo com que eu me sinta uma destruidora de lares.

– Mas que droga, você pode me escutar? – Ele murmurou um palavrão e varreu fios de cabelo da fronte. – Houve outras mulheres, Arden. Depois de Ellie e antes de você.

– Estou me sentindo cada vez melhor.

Ele franziu a testa para o sarcasmo dela antes de prosseguir.

– Mulheres demais. Encontros de uma noite. Mulheres cujos nomes tive a sorte de não lembrar depois. – Ele reduziu a distância entre eles e fitou os olhos dela para enfatizar seu comentário seguinte. – Elas não significaram nada. Absolutamente nada – disse ele, cortando o ar com as mãos. – Meu desejo por elas era uma função biológica, nada mais que isso. O que fiz com essas mulheres poderia ser descrito no mais rude dos termos, porque foi apenas isso que foi. Não tive a impressão de ter traído Ellie, pelo menos não o nosso amor, porque não havia qualquer envolvimento emocional para mim.

Ele respirou fundo, enchendo tanto o peito com ar que quase a tocou. A voz dele abaixou em timbre e volume.

– Você é a primeira mulher que faz com que eu me sinta culpado.

Sentindo-se menos insultada, Arden umedeceu os lábios com nervosismo.

– Por quê?

– Porque com você houve um envolvimento emocional. Com você não foi apenas... – Ele procurou por uma palavra menos abrasiva, mas então deu de ombros e disse, sem rodeios: – uma transa. – Ele colocou as mãos sobre os ombros de Arden e a puxou para mais perto de si. – Seria maravilhoso. Estou me apaixonando por você, Arden. Estou surpreso com isso. Absolutamente surpreso. E não sei bem como lidar com isso.

Ela engoliu o nó em sua garganta.

– Você ainda ama Ellie. – Não foi uma pergunta, apenas uma simples declaração.

– Eu sempre vou amá-la. Ela fazia parte da minha vida. Mas juro por Deus que

não estou tentando fazer de você uma substituta. Vocês duas são completamente diferentes. Não se parecem nem um pouco. Portanto, não pense que só porque falei o nome dela enquanto estava fazendo amor com você, sobrepus a imagem dela a seu corpo. Eu não estava pensando nela. Eu estava imerso em você, apenas em você.

Ele tocou a face dela com as mãos e se pôs a acariciar com os polegares alternadamente cada lado de sua face.

– É apenas que esta é a primeira vez desde a morte dela que meu coração participou de um ato sexual. Falar o nome dela foi um reflexo condicionado, porque eu não me via tão envolvido emocional e espiritualmente desde a última vez em que abracei Ellie. Não até você. Por favor, não atribua implicações freudianas a isto.

– Eu também reagi por reflexo condicionado. Meu orgulho foi ferido. Qualquer mulher teria sentido o que senti.

– Ou qualquer homem. Não estou reduzindo o meu erro. Creia em mim, eu sei que foi terrível. Quero apenas que você saiba de onde ele veio. Diga-me que entende.

Quando ele estava tão perto quanto agora, ela não conseguia pensar direito. Assim, Arden se afastou dele e se pôs a olhar a porta de vidro. Arden se perguntou se ele estaria lhe dizendo tudo isto se soubesse quem ela era. Se ela se identificasse como a mãe de aluguel que ele e Ellie haviam contratado, ele ainda iria querer fazer amor com ela? Ela teria coragem de lhe dizer a verdade e correr o risco de feri-lo e perdê-lo para sempre?

– Eu entendo, Drew. Você e Ellie tiveram um casamento raro e especial. – Ela poderia ter acrescentado: "Ela o amava a ponto de permitir que outra mulher tivesse seu filho."

– Sim, nosso casamento foi raro e especial. Eu fui completamente fiel aos nossos votos. – Ele riu baixinho. – Isso nem sempre é fácil durante um torneio. Oportunidades aparecem todos os dias. Tudo o que você quiser está à sua disposição.

Ele caminhou até ela e parou a seu lado, apoiando o ombro contra a verga da porta.

– Ellie viajava comigo quando podia, mas nem sempre isso era possível. Às vezes eu queria sexo. Muito. E havia muitas mulheres que teriam se oferecido. Mas eu sabia o quanto iria me sentir mal depois. E seria mais do que apenas sentir culpa por ter sido infiel. Depois de ter experimentado o sexo como parte do amor, eu realmente não queria de outra forma. Eu não queria que ele fosse

reduzido a mero exercício físico.

Ele voltou os olhos para ela.

– Não sou santo. Houve momentos em que me vi fortemente tentado. Particularmente se eu havia jogado bem, tivesse vencido uma partida e quisesse celebrar. A adrenalina me deixava a toda, e eu queria... queria fazer amor.

Ela virou o rosto em outra direção, concentrando-se nas ondas que quebravam incessantemente na praia.

– Eu posso imaginar como uma coisa combinava com a outra – disse ela, muito calma. – Como o vigor físico lhe dava mais energia... deixava você...

Desta vez a risada dele foi genuína. Ele segurou o queixo dela e virou seu rosto de volta para o dele.

– Eu sei no que está pensando, sra. Gentry.

– Não estou pensando...

– Está pensando no quanto eu estava jogando bem naquele primeiro dia em que nos conhecemos. Está pensando que quando a vi sentada lá no pátio, fria, serena e absolutamente linda, eu quis levar você para a cama e desgastar algum excesso de energia.

Ela corou, odiando a si mesma por ser tão transparente. Drew abriu um sorriso mais largo, sabendo que atingira em cheio o alvo.

– Bem, devo admitir que estava excitado desde aquele primeiro dia. Tenho pensado muito em fazer amor com você desde que nos conhecemos, em especial depois da primeira vez que almoçamos juntos. Você parecia tão sofisticada, tão intocável, e ainda assim quase me fez perder a cabeça com aquele *top* que adere aos seios como uma segunda pele.

Ela arfou em surpresa, mas ele continuou:

– Arden... – Ele tocou o zíper de suas bermudas. – Aqui, eu estou preparado para fazer amor com você desde a primeira vez em que a vi. – Ele tocou sua têmpora. – E aqui eu sei que é hora de amar novamente. – Então ele tocou seu coração. – É aqui que eu estou em conflito.

– Você não tem o monopólio sobre isso – disse ela, empurrando-o com o ombro para voltar para a sala. – Já não lhe ocorreu que isto também é diferente para mim? – Ela girou para olhá-lo de frente. – Não estou acostumada a acompanhar homens em viagens de três dias. – Ela olhou através dele quando disse num tom mais calmo: – O único homem com quem já dormi foi meu marido. Antes ou depois de nos casarmos. Foi um casamento horrível. Em todos os aspectos.

Ela arriscou olhar para ele. Drew estava ouvindo com atenção, olhos

direcionados para ela.

– Meu marido e eu não amávamos um ao outro da forma como você e Ellie tinham a sorte de se amar. E quando o casamento acabou, eu dei todo o amor que tinha a Joey. Quando o perdi também, me senti vazia, esvaziada de emoções, uma concha sem alma dentro. Até... – Ela mordeu o lábio inferior e aconselhou a si mesma para não revelar demais. – Em todo caso, não estou pronta para jogar com o meu coração, também. Perdi meus pais, meu marido, por pior que ele fosse, e o meu filho. Eu não sei se estou pronta para correr o risco de perder o amor de mais alguém.

– As chances não são particularmente animadoras quando você está apostando num tenista fracassado e alcoólatra e em seu filho órfão.

– Não diga isso sobre você mesmo – ralhou Arden. – Você não é um fracassado, e certamente não é um alcoólatra. E Matt...

Ela se calou quando viu o sorriso que se insinuava nos lábios de Drew.

– Você acaba de assumir uma posição, Arden. Você se importa mais do que deseja admitir.

Ela abaixou os olhos constrangida. Quando ela levantou os olhos novamente, ele viu que eles estavam transbordando de lágrimas.

– Estou com medo, Drew.

Ele caminhou até Arden e a envolveu nos braços. Sua mão grande e forte aninhou a cabeça de Arden e pressionou-a contra seu ombro.

– Do que você tem medo, Arden?

Medo de que você descubra quem eu sou e não acredite o quanto o amo neste momento. Eu queria meu filho, mas agora acho que quero você mais, e isso me parece muito errado. Ou não? Eu não sei. Eu não sei.

– Tenho medo de me permitir amar novamente.

Ele a afastou de si apenas o suficiente para poder olhar seu rosto. Ele apertou sua mão entre seus corpos e a colocou no coração dela.

– Você tem tanto amor para dar. Posso sentir seu amor batendo aqui, tentando sair. Não tenha medo de deixar que ele saia. – Abaixou a cabeça e seus lábios passearam pela testa de Arden enquanto segurava o seio dela e fazia-lhe uma massagem circular. – Meu Deus, Arden. Seria tão fácil para nós amarmos um ao outro.

Sim, seria fácil. O corpo dela gravitou em direção ao dele com a mesma naturalidade com que um rio flui para as cataratas. E com o mesmo desapego ela quis arremessar-se do penhasco da consciência e dos princípios.

Mas aquilo seria certo? Ele iria achar que era certo se soubesse que o encontro

deles não havia sido ditado pelo destino, mas tramado por ela com o propósito de encontrar o filho? Ela abafou as chamas do desejo que já ameaçavam renascer.

Os lábios dele pairaram sobre os dela, mas ela pôs dedos sobre eles.

– Não, Drew. Agora não. Se vamos fazer amor, quero que seja perfeito. Não foi assim para mim com o meu marido.

Antes que ela pudesse dizer mais qualquer coisa, ele a calou com um beijo. Foi um beijo que prometeu que fazer amor com ele estaria além de suas experiências anteriores e de sua imaginação mais vívida.

Quando ele terminou o beijo, Arden prosseguiu, balbuciante:

– Até que esse momento chegue, temos nossas guerras particulares para travar. Eu não quero que você me culpe por qualquer culpa que possa sentir a respeito de Ellie.

– Você não precisa sentir culpa de nada – sussurrou ele nos cabelos dela. – Eu culpo apenas a mim mesmo.

Arden manobrou sua boca para longe da persuasão sedutora da dele.

– Por enquanto, vamos continuar sendo apenas amigos íntimos. Por favor?

Ele suspirou decepcionado, mas ela sabia que ele iria concordar. Seu sorriso foi seco.

– Você está endurecendo as coisas para mim. – Ele cutucou a orelha dela com a ponta do nariz. – Caso você não tenha entendido, foi um trocadilho.

– Eu entendi – disse ela secamente, empurrando-o para trás. – Foi de péssimo gosto.

– Eu disse a você que não sou santo.

– Então é melhor eu me recolher enquanto minha virtude ainda está intacta. A que horas você vai treinar amanhã?

Eles combinaram se encontrar e tomar uma xícara de café antes de seguirem de carro até a quadra.

Na porta, ele segurou a cintura dela com ambas as mãos. Pela última vez naquela noite, eles tentaram resistir à tentação. Os olhos dele focaram nos seios dela e ali permaneceram. Ela se concentrou no pescoço dele.

– Arden, você acredita honestamente que vamos continuar apenas como bons amigos?

O olhar de Arden subiu para o contorno sensual da boca de Drew.

– Não.

A voz dele saiu carregada de desejo quando ele retrucou:

– Nem eu.

NA MANHÃ SEGUINTE, eles agiram amistosamente quando se encontraram, a tensão da noite anterior havia sido dissipada. Drew beijou-a de leve na boca quando a cumprimentou. Quando chegaram às quadras na hora marcada, ele a apresentou ao seu adversário. Bart Samson era um profissional aposentado, 15 anos mais velho que Drew, mas ainda capaz de jogar como um demônio.

Eles jogaram na quadra municipal, o que surpreendeu Arden, embora ela não tenha feito qualquer comentário. Ela sentou-se na arquibancada e assistiu à partida. Trouxera um bloco e uma caneta, para o caso de querer redigir um artigo, mas fez poucas anotações. A forma soberba com que Drew jogou cativou completamente sua atenção.

– Obrigado pelo exercício, Bart – disse Drew ao homem enquanto eles caminhavam até o estacionamento depois da partida.

O homem mais velho passou uma toalha pelo rosto e pela nuca.

– Obrigado. Você me deu um banho, mas foi uma partida e tanto. – Ele olhou para Arden antes de dizer: – Por que não me encontra no Waialee amanhã? – Com um gesto, mostrou a quadra. – Alguém do seu calibre não deveria jogar aqui. Todos no clube adorariam vê-lo novamente, Drew.

– Obrigado, Bart, mas não. Ainda não. – Ele segurou a mão de Arden. – Se você não quiser jogar aqui comigo, vou entender – disse friamente.

– Eu não mereço isto – retrucou Bart em tom baixo e desprovido de rancor. – Aqui, amanhã de manhã, às oito. – Ele cumprimentou Arden com a cabeça antes de entrar em sua Mercedes e ligar o motor.

Eles estavam quase chegando, ao hotel quando Arden perguntou:

– Você e Ellie eram membros do Waialee Country Club, não eram?

– Éramos, por quê? – ele perguntou, tirando por um instante os olhos do tráfego intenso.

– Nada. Só estava pensando.

Quando parou no sinal seguinte, Drew inclinou-se para ela.

– Minha recusa em jogar não tem nada a ver com Ellie ou com você, ou com os nossos velhos amigos nos verem juntos. Todos ficariam encantados com você, tenho certeza. Minha razão para não querer jogar lá é que eu tive um ataque histérico na última vez em que estive lá. Ainda não estou preparado para o ambiente do clube. Certo?

– Não, não está certo. Você deveria voltar e jogar de queixo erguido. Conversar com seus velhos amigos. Drew, você não tem absolutamente nada do que se envergonhar.

Drew estudou-a durante algum tempo, admirando a sabedoria do que ela

dissera e apreciando o voto de confiança nele.

– Me dá um beijo.

– Não.

– Porque estou suado e fedorento?

– Não. Porque o sinal ficou verde há uns 30 segundos e todos os carros atrás de nós estão buzinando.

Ele xingou baixo enquanto soltava o freio e continuava a dirigir de volta para o hotel, fazendo cara feia para as risadinhas de Arden. No momento em que abriram a porta da suíte, eles souberam que algo estava errado. Matt, lágrimas correndo pelo rosto, veio correndo até o pai, braços estendidos.

Drew o tomou no colo.

– Mas o que...

– Sra. Laani! – gritou Arden, atravessando a sala rapidamente quando viu a mulher deitada de costas no sofá, um braço sobre os olhos, o outro sobre o estômago. Gemia de dor. – Sra. Laani – repetiu Arden, ajoelhando ao lado do sofá para tocar o braço da mulher. – Está se sentindo mal?

– Estou muito doente – gemeu. – O bebê está com fome e molhado... Sinto muito, sr. McCasslin – disse ela quando Drew entrou em seu campo de visão. – Não consegui levantar. O meu estômago. – Em agonia, fechou os olhos novamente.

Matt parara de chorar e estava soluçando contra o ombro de Drew.

– Precisa ir ao médico. Pode ser apendicite?

– Não. Faz anos que eu extraí o apêndice. Foi... na casa da minha irmã. Todos estavam contaminados por um vírus. Acho que o contraí. Não quero que Matt fique doente.

Arden estava comovida com a preocupação da sra. Laani.

– Não se preocupe com Matt. Ele vai ficar bem. Precisamos fazer você se sentir melhor. Posso lhe trazer alguma coisa?

– Você é uma boa *wahine* – disse a sra. Laani, apertando a mão de Arden. – Obrigada, mas não quero nada. Tudo que desejo é sair daqui para que vocês não peguem a doença. Sr. McCasslin, eu liguei para minha irmã e perguntei se poderia ficar com ela até melhorar. Meu cunhado está vindo me pegar. Eu odeio deixar o senhor na mão, mas...

– Não tem problema – disse Arden, tornando a intervir. – Posso cuidar de Matt. Quando o seu cunhado vem buscar a senhora?

– Ele já deve estar lá embaixo.

– Drew, passe Matt para mim. Eu vou fazê-lo tomar o café da manhã. Você

ajuda a sra. Laani a descer até o saguão. Aquela é a bolsa dela? Tome, carregue a bolsa para ela.

– Sim, senhora – disse ele enquanto seguia as instruções de Arden. A despeito de sua preocupação com sua governanta, a quem ele jamais vira sem a saúde perfeita, os olhos de Drew brilhavam de admiração com a forma como Arden estava assumindo o comando.

Os olhos de Drew ainda estavam brilhando quando ele voltou depois de acompanhar a sra. Laani até o térreo para encontrar o cunhado. Arden estava ajudando Matt a comer seu cereal. Havia um frigobar na suíte, e a sra. Laani estocara-o com suco, leite, frutas, queijo e outros petiscos para que Matt não precisasse fazer todas as suas refeições no restaurante. A gerência do hotel suprira-os com um pequeno sortimento de pratos e talheres.

– Como ela está? – indagou Arden.

– Sofrendo, mas aliviada por estar se separando de Matt. Ele era a principal preocupação dela. A sra. Laani acredita que ficará bem, se sobreviver às próximas 24 horas.

– Eu também acho. Deve ser apenas um vírus.

– E enquanto isso...

– Eu vou cuidar de Matt.

– Não posso permitir que faça isso.

– Por que não? Não confia em mim para cuidar dele?

Impaciente, ele colocou as mãos nos quadris.

– Sim, eu confio em você para cuidar dele, mas não trouxe você para cá para trabalhar como babá.

Sentindo-se absolutamente feliz, com o filho no colo e o pai dele parecendo bastante másculo em suas roupas de tênis úmidas de suor, ela inclinou a cabeça para um lado e perguntou com um jeito de menina levada:

– Por que você me trouxe para cá?

– Para seduzi-la a dormir comigo.

Ela riu.

– Bem, antes de continuar sua sedução, você se importa de tomar um banho?

Ele baixou os olhos para olhar a si mesmo e, sorrindo envergonhado, disse:

– Ah, sim. Isso pode ser uma boa ideia.

Quando Drew saiu do banho, Arden já havia banhado e vestido Matt.

– Se você me der alguns minutos, estarei pronta também. – Ela dissera a Drew que precisava de algumas coisas para Matt, e eles haviam decidido fazer uma pequena expedição de compras. – Vou dar um pulinho no meu quarto e volto já.

– Estava querendo falar com você sobre isso.

– Sobre o quê? – Ela parou para perguntar quando já estava a caminho da porta.

– Sobre o seu quarto. Não seria mais conveniente se você se mudasse para cá?

Ela fixou nele um olhar desconfiado.

– Conveniente para quem?

O sorriso de Drew a atingiu com o calor de um raio de sol.

– Para você. E para Matt, é claro.

– Ah, é claro.

– Pense nisso – disse ele, mexendo os ombros fingindo descaso.

– Já pensei. A resposta é não.

Dez minutos depois, ela os encontrou no lugar combinado, no saguão, parecendo maravilhosamente bem-arrumada para alguém que se vestira com tanta pressa.

– Gosto desses *tops* que você usa – disse Drew no ouvido dela enquanto pousava um braço em torno de seus ombros. Matt estava a alguns metros deles, caminhando com total independência.

– Isto é um vestido de verão – disse ela, sorrindo de prazer.

– Sim, mas é do mesmo material do *top* que você usou naquele dia em que almoçamos juntos. Eu adorei porque...

– Eu sei. Você já me disse.

– Porque ele...

– Está bem na moda.

– Porque ele revela seus mamilos quando eles ficam eriçados. Como agora.

– Para com isso – disse ela, falhando completamente ao tentar parecer indignada.

– Fico só pensando em qual é a cor deles e qual será a sensação de lambê-los.

Ela soltou um gemidinho e disse:

– Drew, por favor, pare de falar desse jeito.

– Certo. Vou parar. Mas apenas porque aqueles dois marinheiros estão comendo você com os olhos, e me deixando com vontade de bater um de cabeça contra o outro. A última coisa que eles precisam ver é aquela expressão lânguida do seu rosto. É uma das coisas mais excitantes que eu já vi, e um homem teria de estar morto para não notar. – Ao passar pelos dois marinheiros, Drew quase rosnou para eles. Então ele sussurrou no ouvido dela: – Você também tem pernas maravilhosas.

Ela riu.

Ele ficou muito irritado quando viu que fraldas descartáveis constavam da lista.

– As fraldas de Matt estão acabando – explicou Arden.

– Quero que ele pare de usar fraldas, mas a sra. Laani diz que ele ainda não está pronto para usar o troninho.

– E ela tem razão. Pode ser traumático tentar acostumar uma criança cedo demais.

– Eu sei – resmungou ele, enfiando as mãos nos bolsos das bermudas azuis. Os músculos bem torneados de suas coxas pareciam esculpidos. – É que ele vai parecer oficialmente um filho quando pudermos usar juntos o banheiro masculino.

Ela levantou os olhos para o céu.

– O ego masculino. Nunca vou conseguir entende-lo. Já troquei as fraldas de Matt e o vi duas vezes na banheira. Ele é oficialmente seu filho.

As sobrancelhas de Drew arquearam com lascívia.

– Acha que ele herdou alguma coisa de mim?

As faces de Arden ficaram escarlates. Ela começou a rir, e precisou recobrar o fôlego antes de dizer:

– Ele talvez aprenda a usar o troninho mais depressa se você o levar para o banheiro de vez em quando. Ele talvez entenda o processo.

– Você está fugindo do assunto.

– Você tem razão.

Ele a beijou rapidamente.

– Vou seguir sua sugestão. Parece uma ótima ideia. Eu mesmo deveria ter pensado nisso.

Quando eles voltaram para o hotel, Arden carregando seus pacotes e Drew carregando Matt, era hora de limpá-lo para o almoço com os pais de Ellie. Arden ficou desconcertada ao descobrir que a maioria dos seus pertences tinham sido transferidos para o quarto anteriormente ocupado pela sra. Laani.

– Lembre-me de cumprimentar o gerente do hotel pela eficiência dos funcionários.

– Drew, eu não vou passar a noite aqui com você – disse ela, caminhando em torno dele.

– Não comigo. Com Matt. Ele está num lugar estranho. Ele vai se sentir melhor com alguém no quarto com ele.

– Então durma você com ele.

Drew colocou o indicador sobre lábios dela.

– Você é esperta demais para o seu próprio bem. – Os olhos de Drew acompanharam o dedo dele enquanto ele se movia sobre os lábios de Arden. – Por favor. Não vai acontecer nada que você não queira que aconteça. Eu prometo.

No fim das contas, ela cedeu. Na verdade, passar a noite no mesmo quarto que seu filho era uma dádiva dos céus.

– Você pode vir conosco – repetiu Drew pela terceira vez quando ele e Matt estavam prontos para sair para o almoço.

Ela balançou a cabeça enquanto corria um pente pelos cachos de Matt.

– Não, Drew. Eu não posso.

– Por mim não teria nenhum problema. Eu gostaria que eles conhecessem você.

Ela pôde perceber, pelo tom da voz de Drew, que era importante para ele.

– Obrigada por isso. Mas eu não gostaria de aparecer do nada e provavelmente estragar a visita para eles. Eu sei que estão aguardando ansiosos.

– Eles estão. Matt é o único neto deles.

Então eles realmente não têm um neto, não é verdade?, pensou Arden.

– Ellie era filha única?

– Era. Ela se mudou para o continente para esperar por... até Matt nascer. Eles queriam que ela... bem... que ela o tivesse aqui, mas ela queria tê-lo em Los Angeles. Em todo caso, eles ficaram eufóricos quando o trouxemos para casa. Ele vai ser um diabinho esta noite. Eles o mimam demais.

Então, nem mesmo os pais de Ellie sabiam que a gravidez da filha tinha sido uma fraude. Alguém saberia, além de Drew e ela própria? E Ron, obviamente.

– O que você vai fazer enquanto estivermos fora? – perguntou a ela.

– Trabalhar num artigo. Já perguntei à gerência, e parece que eles têm uma máquina de escrever sobressalente que eu posso usar. – Drew desencorajara Arden a trazer seu *laptop*. – Ou então eu vou para a piscina trabalhar no meu bronzeado.

– Use alguma coisa recatada. Não quero que um homem com intenções desonrosas ache que você está disponível e tente se tornar seu amigo.

– Foi assim que eu conheci você! – exclamou Arden.

– É isso que me assusta.

O SOL ESTAVA QUENTE, assando seu corpo. A sensação era maravilhosa. Fria, a brisa do oceano refrescava sua pele, levemente lustrosa devido à loção bronzeadora. Ela havia desligado seus pensamentos da algazarra dos turistas,

crianças e adolescentes, e escutava apenas as ondas quebrando na praia. Seu ritmo era tão hipnótico que ela quase conseguia sentir o corpo ondulando no ritmo delas.

Seria o ritmo das ondas que causavam aquela inquietude na parte inferior de seu corpo? Ou seria pensar nos beijos de Drew, suas mãos carinhosas, sua língua beijando-a e lambendo sua pele? Drew apresentara Arden a um mundo de sensualidade que ela não sabia existir. Até conhecê-lo, ela achara que essa esfera existia apenas na imaginação dos poetas e sonhadores, românticos que queriam que a vida pudesse ser melhor do que era. Mas este mundo de imagem, som, odor, gosto e excitação realmente existia. Isso se a pessoa tivesse a sorte de encontrar o parceiro certo para compartilhá-la. Não era um mundo que pudesse ser experimentado sozinho.

Durante a maior parte de sua vida, Arden fora só. Agora sua vida era tão plena que a assustava. Ela estava com seu filho vivo. Seu filho. E ela o amava tão apaixonadamente quanto amara Joey. Ela aproveitava cada desculpa para tocá-lo, abraçá-lo, sentir seu cheiro delicioso, maravilhar-se com sua capacidade de raciocínio e destreza física.

E ela estava começando a amar, ainda mais apaixonadamente, o homem que era seu pai.

Arden estava a um só tempo alegre e triste. Alegre por ter encontrado os dois e por amá-los. Triste porque não poderia tê-los. Arden perdera cada pessoa que amara na vida. Eles também iriam perde-la. Chegaria o dia em que ela teria de abrir mão dos dois. Mas, até esse dia, ela iria desfrutar de sua presença.

– Oh! – exclamou de susto Arden, levantando de sua toalha de praia e empurrando Matt para que caísse com o bumbum na areia.

– Te peguei! – gritou ele, rindo e empurrando outro cubo de gelo na barriga nua de Arden.

Ela arfou de novo, ao mesmo tempo encolhendo a barriga e estendendo a mão para pegar o cubo de gelo.

– Sim, pegou, porém, por mais esperto que você seja, não acredito que tenha bolado essa travessura.

Ela se virou para ver Drew de cócoras atrás dela, sorrindo como o gato de Alice. Vê-lo num calção de banho azul-claro tirou o fôlego de Arden com a mesma eficácia que os cubos de gelo em sua pele quente. A brisa soprava os cabelos louros de Drew, dando-lhe uma aparência selvagem, impulsiva e definitivamente máscula.

– Culpado das acusações – disse ele com um sorriso largo.

– Foi o que achei.

– Mas Matt adorou a ideia.

– Tal pai, tal filho.

Ele caminhou até ela e sentou na extremidade da toalha de praia. Matt andara até a água e estava tomando coragem para molhar os pés na espuma do mar.

– Pensei que tinha dito para você usar alguma coisa recatada. Se essa é sua ideia de recato, está precisando de um dicionário novo.

Apenas para contrariá-lo, Arden vestira seu traje de banho mais provocador. Era feito em crochê com fios de algodão e forrado com tecido cor da pele. A peça superior consistia em dois triângulos unidos por cordões trançados. A peça inferior era curta e estreitava nas laterais de seus quadris até se tornar uma trança fina.

– Não vou deixar você ficar me dando ordens. Além disso, ninguém me importunou. – Ela acrescentou: – Até agora.

– Eu estou importunando você? – O tom sedutor da voz de Drew e a forma como ele comia com os olhos cada parte de seu corpo estavam alvoroçando seus sentidos.

Antes que ela pudesse pronunciar uma resposta adequada, chamaram por Drew do outro lado da parede de tijolos baixa que separava a área da piscina e a praia.

– Drew! Drew, é você?

Os olhos de Drew vasculharam a multidão para ver quem estava chamando por ele, e Arden percebeu uma mistura de irritação e cautela quando ele identificou o homem. Sem o menor entusiasmo, Drew levantou a mão e acenou.

– Volto já. Você se importa de cuidar de Matt?

– Nem um pouco – disse ela, mais preocupada com a expressão taciturna no rosto de Drew do que com o menininho ativo.

Drew praguejou mentalmente enquanto costurava seu caminho entre os banhistas até alcançar os degraus que levavam ao pátio em torno da piscina. Ele estava indo ao encontro da última pessoa que queria ver naquele momento: Jerry Arnold, gerente do programa de tênis do Waialee Country Club.

– Oi, Jerry – disse Drew, estendendo a mão.

– Drew... Meu Deus, homem, como é bom ver você! – O homem apertou com força a mão de Drew. – Você está com aparência ótima. Bem melhor do que na última vez que eu o vi.

Drew abriu um sorriso triste.

– Bem, isso não quer dizer muita coisa, não é mesmo? A última vez que me viu

você teve de me agarrar pela gola e me arrastar para fora do vestiário, pedindo que eu não voltasse mais. Eu não estava bêbado o suficiente para não lembrar.

Jerry Arnold era uma cabeça mais alto que Drew e muito forte. Jerry chegara a participar de torneios profissionais, mas ele já sabia, antes de os treinadores lhe dizerem da forma mais gentil possível, que ele não tinha o que era necessário para jogar tênis competitivo. Ele abandonara seus sonhos, sem frustração, e passara a se dedicar à segunda melhor coisa da vida para ele: trabalhar quem tinha o dom para o tênis.

– Sinto muito, Drew. Você não me deu escolha.

– Eu não o culpo, Jerry. Você deveria ter me dado um soco e me expulsado do quadro de sócios do clube.

– Eu tentei – disse o homem com um sorriso. Ele esfregou o queixo ao lembrar. – Mas você tem um tremendo gancho de direita.

Com um risinho envergonhado, Drew disse:

– Fui violento e abusado. Sinto muito.

– E eu também. Odeio ver talentos como o seu serem desperdiçados. – Os olhos dele sondaram os de Drew. – Tenho ouvido coisas fantásticas.

– É?

– Você está voltando.

– Sim, eu estou.

– Prove.

Drew estivera observando Arden e Matt rolarem na areia. As coxas dela eram magnificamente bem torneadas e a bundinha deliciosamente arredondada. Foi preciso um desafio ousado como o de Jerry para fazer Drew tirar os olhos dela.

– O que você disse?

– Disse: prove que você está voltando.

– Como? Reingressando no clube? Bart Samson já me convidou esta manhã. Eu disse não.

– Reingressando no clube... e participando de um amistoso. Amanhã.

A boca de Drew ficou seca, e suas mãos involuntariamente fecharam em punhos.

– Eu não posso – sussurrou, apavorado.

– Você pode. Eu preciso de você. McEnroe deveria vir jogar uma partida beneficente. Distropia muscular. Cinquenta dólares a entrada. Mas, então, ele distendeu o polegar e...

– Li no jornal.

– Então o treinador dele o proibiu de jogar. Nem mesmo exibições. Eu preciso

de você, meu amigo. E você precisa desta partida.

– O diabo que preciso.

– O diabo que você não precisa. Você precisa começar em algum lugar, Drew. Provar a todos que não tinham fé em você que pode escalar de volta até a posição de número 1.

– Não este ano. Ano que vem, talvez. – Ele estava sentindo o estômago revirar, as mãos suarem e a boca se encher de um gosto acre.

– Como disse, você precisa começar em algum momento. Conversei com Bart. Ele me disse que você estava aqui. Disse que você deu um banho nele hoje de manhã, e que ele foi incapaz de rebater metade dos seus saques.

– O que você é, uma líder de torcida? Está me pedindo para jogar esta partida porque precisa de uma celebridade na quadra para salvar sua pele ou realmente se importa com minha carreira decadente e meu provável retorno?

– Ambas as coisas. – O homem fitou o rosto severo de Drew, sem conceder nada. Ele estava sendo brutalmente honesto. Pelo menos Drew podia apreciar isso.

Drew foi o primeiro a desviar o olhar.

– Eu não sei, Jerry.

– Olhe, eu não o convidaria se achasse que você vai fazer feio na quadra e deixar nós dois com caras de bobo. Você colocou a cabeça no lugar de novo. Estou vendo que arranjou uma nova gatinha. Então...

– Ela não é "uma nova gatinha" – disse Drew, rangendo os dentes.

Jerry arqueou as sobrancelhas, surpreso com a resposta feroz de Drew. Ele olhou para a mulher na praia. Ela estava brincando com o filhinho de McCasslin. Jerry tornou a olhar para Drew, cuja raiva ainda fervia por trás de olhos glaciais.

– Sinto muito. Não tive a intenção de ofender. – No rosto de Jerry surgiu uma expressão honesta que não poderia ter sido fingida. – Drew, eu não me importo nem se você estiver saindo com um homem. Eu me sinto grato a quem, ou o quê, está levando você de volta ao lugar ao qual pertence. O topo.

Drew permitiu que os músculos de seu corpo relaxassem. Estava surpreso com sua atitude possessiva e protetora em relação a Arden; atitude que por um instante privara-o da razão. Estivera praticamente disposto a matar Jerry por tê-la menosprezado. Nesse momento, ele compreendeu a dimensão de seus sentimentos por Arden. E ficou animado com isso. Animado e cheio de confiança.

– Quem vai jogar?

– Teddy Gonzales.

O palavrão que Drew soltou foi curto e explícito.

– Obrigado, Jerry. – Ele suspirou, sua chama de otimismo se extinguindo.

– Sim, eu sei. Ele é seu arquirrival.

– E 11 anos mais jovem. Com 11 anos a mais de vigor.

– E você tem 11 anos a mais de experiência. Ele é um cabeça-quente, Drew. Um ego maníaco. Jogue com estratégia, mexa com as emoções dele. – Com uma expressão provocadora, Jerry perguntou: – Assustado?

Drew expressou com rudeza o quanto estava assustado, e Jerry soltou uma gargalhada.

– Ótimo. Assim você vai jogar melhor. Drew, diga que posso contar com você. Que precisa desta partida mais do que eu. Se eu não achasse isso, não teria perguntado. Juro a Deus que não teria.

– Obrigado, Jerry. – Por um breve momento, eles se entreolharam com amizade e companheirismo. Os olhos de Drew buscaram pela silhueta graciosa de Arden. Nesse instante, ela se virou para ele e sorriu. Matt caiu na areia. Os braços de Arden estavam prontos para ajudá-lo a levantar. – Jerry, posso dar a resposta esta noite?

– Claro. Ligarei por volta das oito. – Pousou a mão no ombro de Drew e apertou com força. – Espero que diga sim. – Ele se virou e já havia se adiantado vários passos quando parou para acrescentar: – Ah, sim, Drew. Sua senhora é muito bonita.

Drew retornou para a toalha de praia e se deixou cair nela. Ele despenteou os cabelos de Matt e o abraçou com força antes de o menino sair caminhando com passinhos claudicantes em direção à água. Apenas então Drew olhou para Arden. Meu Deus, como ela era bonita. Simplesmente olhar para Arden encheu seu coração com uma segurança que substituiu o medo que ali se instaurara. Se ele se sentasse ali e ficasse olhando para ela por muito tempo, talvez cada resquício de medo desaparecesse.

– Um amigo? – perguntou ela, baixinho.

– Sei lá.

Arden não insistiu, mas Drew pôde perceber a questão nos olhos verdes.

– Ele quer que eu participe de um amistoso no Waialee, para arrecadar fundos para a distrofia muscular. Amanhã. Contra Teddy Gonzales.

– Você vai jogar?

– Acha que eu deveria?

– Mas é claro que sim.

Capítulo 7

ELE QUERIA SER CONVENCIDO. Arden sabia disso. Estava nervoso e agitado quando saíram da praia e voltaram para a suíte. Não conseguia ficar parado. Enquanto ela dava um banho cuidadoso em Matt para tirar toda a areia de seu corpo, Drew entrou no banheiro.

– Não sei se estou pronto.

– Talvez não esteja – disse ela, bancando a advogada do diabo. Se ela tentasse encorajá-lo, ele iria afundar na teimosia e refutar cada coisa positiva que ela dissesse. E, então, caso fosse derrotado, Drew teria a ela a quem culpar por tê-lo convencido a jogar.

– Por outro lado, nós nunca saberemos enquanto você não voltar a competir – acrescentou Arden, contradizendo a si mesma.

– É verdade. Mas amanhã? Meu Deus! Por que não poderia ser semana que vem?

– Pena que não é. Então você teria a semana inteira para se preocupar com isso.

Ou ele não estava prestando atenção ou não percebeu o tom sarcástico de Arden. Ele estava caminhando de um lado para outro, tamborilando a ponta da unha no dente da frente. Seu semblante estava franzido.

– Mas se eu tivesse uma semana inteira para pensar, provavelmente acabaria me convencendo a não jogar.

– Provavelmente – disse ela, escondendo um sorriso.

– Talvez seja melhor que eu tome uma decisão apressada.

– Sim, talvez.

Ele seguiu Arden enquanto ela carregava Matt para o quarto com o intuito de

vesti-lo.

– Terei de telefonar para Ham. Ele está há meses tentando me convencer a começar a jogar, nem que seja em torneios de segunda categoria. Mas ele pode achar que este amistoso não seja uma boa ideia.

– Não, ele acha que não é.

– Mesmo assim, preciso mencionar isso a ele – disse Drew, caminhando até o telefone. – Talvez devesse ligar para ele agora.

O empresário de Drew ficou empolgadíssimo. Ele disse que queria assistir à partida, e que tentaria pegar um avião de Los Angeles para o Havaí.

– O competidor seria Gonzales. – Drew pedira um corte suculento de costela, mas praticamente não tocara no prato. Arden fizera um pedido para ela e para Matt quando vira que Drew estava preocupado demais para lembrar disso. – Da última vez que joguei com Gonzales, ele riu de mim. O desgraçado se virou para a multidão na arquibancada, fez cara de quem não estava acreditando no quanto eu estava jogando mal e riu.

Se Drew estava procurando por piedade, teria de procurar em outra freguesia. O empresário sabia que mimo era a última coisa de que Drew precisava.

– É uma pena que não seja contra alguém menos intimidador que Gonzales. Mas então os fãs e os jornalistas esportivos diriam que você está evitando correr riscos, que não quer botar a mão onde não alcança.

– Eles diriam que fui um covarde – disse Drew, usando o garfo para apunhalar com raiva um pedaço de carne enquanto pensava no assunto. – Não, talvez seja bom jogar com Gonzales. Pelo menos ninguém poderá dizer que estou com medo de jogar.

Uma chama de vingança acendeu nos olhos de Drew, mas ao ver o sorriso sagaz de Arden, a expressão de seu rosto suavizou, e ele abaixou o garfo ameaçador para o prato.

– A que horas o seu amigo vai ligar para saber a resposta? – perguntou delicadamente.

– Às oito.

– Então é melhor voltarmos para a suíte. – Ela limpou a boca de Matt, que estava suja com purê de batatas.

Eles haviam comido cedo em consideração à hora de Matt dormir. Assim que retornaram para seus quartos, Drew sentiu-se cansado e caiu na cama. Sua mente ainda estava atormentada por seu dilema quando ele ajudou Arden a arrumar Matt para dormir. O telefone estava tocando quando eles voltaram para a sala de estar após desligarem a luz do quarto de Matt.

Drew parou no meio de um movimento e olhou para o telefone por vários segundos antes de atravessar decididamente a sala para atender à ligação.

– Alô – disse em tom seco. – Ah, alô, sra. Laani.

Arden viu os ombros de Drew afundarem em alívio enquanto ela sentia os seus próprios relaxarem.

– Que ótima notícia. Estamos sentindo sua falta, mas Arden leva jeito para controlar o Matt. – Ele olhou sobre o ombro e piscou para ela. – Bem, se a senhora tiver certeza de que está mesmo se sentindo bem. Não precisa se esforçar por nossa causa.... Não, isso estará bem. Na verdade, eu talvez participe de um jogo amanhã. Assim, seria conveniente se alguém pudesse cuidar de Matt. Certo.... Descanse esta noite e então nos veremos amanhã.

Ele desligou.

– Ela disse que pode voltar amanhã. Chegará de manhã para levar Matt para fazer compras. A irmã dela levará os dois de carro.

Arden sentiu uma pontada de decepção. Ela teria adorado ser incluída no passeio de compras. Escolher roupas para seu filho, algo que ela nunca pôde fazer antes, seria uma alegria. Mas ela não via como ir com eles. Além disso, se Drew fosse jogar, e tudo indicava que isso iria acontecer, ela queria estar presente.

– Vou me recolher, Drew.

Ele parou de andar de um lado para o outro e fitou-a com o rosto vazio de expressões.

– Agora? Ainda não são nem...

– Eu sei, mas você precisa de tempo sozinho. Para pensar.

Ele atravessou a sala e abraçou a cintura de Arden.

– Estou fora de mim desde que conversei com Jerry. Sinto muito. Não quis ignorar você. Não está zangada, está?

– Claro que não! Dê-me um pouco de crédito, Drew. Você está tentando tomar uma decisão monumental. Sua distração é compreensível.

– Mas não quero que nada me distraia de você – sussurrou, fungando o pescoço dela. – Posso precisar do seu conselho e apoio. Fique comigo.

– Não. Ninguém pode ajudar você a tomar esta decisão. – Arden sabia muito bem como era tomar decisões de vida e morte. A noite que passara em branco, caminhando de um lado para outro de seu quarto, tentando decidir se deveria ou não colaborar com o plano de Ron, fora a mais solitária e assustadora de sua vida. A responsabilidade pela decisão repousara apenas em seus ombros. Ninguém poderia tomar a decisão de Drew em seu lugar. E ela não estava disposta a servir de muleta para ele. Se ele não lutasse sozinho desta vez, talvez

nunca mais lutasse novamente.

– O que devo fazer, Arden? – perguntou ele, afundando o rosto nos cabelos dela.

– Você quer jogar tênis profissional de novo?

– Sim, até eu poder me aposentar por cima, e não porque não sou mais capaz de jogar. As carreiras no circuito profissional são muito curtas. Sempre haverá alguém mais jovem e melhor. Quanto a isto, estou plenamente conformado. Mas quero terminar minha carreira no auge, não à sombra do ridículo.

– Então acho que você sabe o que deve fazer.

– Devo jogar. – Um sorriso iluminou seu rosto. – Vou jogar.

O telefone tocou novamente, e desta vez ele não teve dúvida de quem era.

– Boa noite – disse Arden, entrando no quarto e fechando a porta.

Enquanto Drew conversava ao telefone, Arden não conseguiu discernir suas palavras, mas detectou segurança em sua voz. Arden estava sorrindo quando pegou seu bloco e caneta para começar a fazer anotações para o artigo que iria escrever para o caderno de culinária do *Los Angeles Times*, a respeito de receitas polinésias simples.

Quando Arden acordou, viu que o berço de Matt estava vazio. Ela sentou na cama e piscou rapidamente, tentando se orientar no quarto estranho. Descobriu-se e caminhou até a janela. Ali espiou através da fresta da cortina. Ainda não amanhecera. O oceano calmo era um reflexo rosa e violeta do céu.

A porta do quarto estava aberta. Na ponta dos pés, atravessou a sala de estar até a porta do outro quarto, que estava aberta. Ela espiou pela porta. A alvorada pintava em rosa-claro o quarto. Ao contrário do quarto que ela compartilhara com Matt, este não tinha duas camas de casal, mas um tipo *king-size*. Matt estava deitado, todo enrodilhado, ao lado do pai. Ambos dormiam profundamente.

Compelida por alguma coisa mais forte que bom senso ou prudência, Arden caminhou até a cama, tentando não fazer barulho. Matt estava no outro lado dela, seu bumbum, parecendo gorducho e fora de proporção devido à fralda noturna que usava por baixo da calça do pijama, aninhado no peito do pai. Ele estava roncando baixo através de lábios levemente entreabertos.

O braço de Drew estava dobrado sobre o corpo do filho. A mão que pendia na frente do peito de Matt era fina, com dedos longos e afilados. A luz suave da manhã ressaltava os finíssimos pelos dourados que cobriam o braço de Drew. Mesmo em estado de repouso, aquele braço parecia musculoso e capaz de uma força extraordinária.

Os olhos de Arden se anuviaram com emoção enquanto viajavam pela

extensão daquele braço até alcançar o par de ombros largos. Ele estava com o rosto voltado para outra direção, mas ela deleitou-se com a beleza de suas costas. Era uma área macia de pele bronzeada e músculos bem delineados que ela desejava tocar com as pontas dos dedos... dos lábios?

A espinha dele curvava-se para baixo, e ela seguiu seu curso até a concavidade rasa da cintura. Ela percebeu o volume de nádegas por baixo do lençol. Abaixo da cintura dele, seu bronzeado era apenas ligeiramente mais claro que no restante do corpo. Uma sensação formigante espiralou pelo corpo de Arden quando lhe ocorreu que a única forma de ele ter adquirido aquele bronzeado teria sido tomando banho de sol nu.

Os cabelos de Drew eram uma massa de fios dourados sobre a capa do travesseiro cor de creme. Caminhando em torno da cama para ver o rosto dele, Arden admirou a linha delicada do nariz, a boca que declarava sua natureza sensual e o queixo que proclamava autoridade masculina. Seus cílios eram grossos e pontiagudos, mais claros nas pontas que na base, onde eram quase negros. Era um rosto que chamaria a atenção de qualquer mulher, mesmo se não soubesse que este homem era uma celebridade.

Todas as vezes em que eles haviam saído juntos, Arden pudera sentir os olhares invejosos de outras mulheres. Olhos cobiçosos cravavam-se no homem, na mulher ao seu lado e na criança entre eles. Arden sabia que a maioria deles achava que eles eram uma família. Biologicamente, sim, eles eram uma família. Mas na verdade...

Lembrando uma vez mais que ela era uma invasora, Arden retirou-se em silêncio. Ela deu dois passos antes que uma mão puxasse de leve sua comprida camisola. Virando-se alarmada, ela viu que Drew estava acordado. Ele rolara para longe de Matt e estava olhando para a beira da cama, a bainha da camisola de Arden embrulhada em seu pulso.

Os olhos de Drew estavam sonolentos, preguiçosos, assim como seus movimentos enquanto ele enrolava em seu punho o tecido da camisola, reduzindo a distância entre eles até os joelhos de Arden baterem no colchão. Ele não parecia disposto a soltar a camisola de Arden. Assim como não parecia disposto a desviar seus olhos do dela. Ele a manteve imóvel enquanto usava a mão livre para lentamente descobrir-se do lençol.

A respiração de Arden começou a sair em arfadas lentas. O som das batidas de seu coração, altas e irregulares, trovejava contra seus tímpanos. Uma lassidão apoderou-se de seus membros, minando suas forças, prendendo-a no lugar como correntes pesadas.

Em um único movimento flexível, Drew rolou para sentar na ponta da cama, nem um pouco embaraçado por estar nu. Seus olhos ainda estavam fixos nos de Arden, e pareciam incapazes de se desviarem dela.

Ele a posicionou entre os seus joelhos afastados. As coxas de Drew, rijas e quentes, pressionaram as partes externas das coxas de Arden. Cedendo a um impulso que sentira desde a primeira vez em que o conhecera, Arden levantou uma das mãos e deixou seus dedos correrem pelos cabelos desgrenhados por uma noite de sono. Ele deixou que Arden fizesse isso por alguns momentos. Finalmente, Drew segurou a mão de Arden para puxá-la até sua boca.

O beijo começou tímido, um mero roçar de lábios contra a almofada da palma de Arden. Então a língua de Drew fez cócegas na pele sensível, e ela sentiu um arrepio. Logo a boca de Drew estava correndo por toda a palma de Arden, deflagrando uma reação em cadeia de sensações. Como mísseis atraídos pelo calor, os impulsos sensuais encontraram o tesouro escondido do sexo de Arden, que sucumbiu ao ataque.

Drew mordiscou e beijou as pontas dos dedos e os pulsos de Arden, deflagrando uma onda de calor que subiu pelos braços até atingir os seios da mulher. A excitação foi tão grande que Arden sentiu os seios doloridos. Eles encheram e transbordaram pelas conchas de seda da camisola.

Depois de apreciá-los com os olhos, Drew deixou suas mãos deslizarem até eles. Peles tocaram-se através da seda fina, e uma labareda de desejo selvagem lambeu o corpo de Arden. Os dedos de Drew acariciaram Arden até seus mamilos parecerem a ponto de estourar, de tão inchados. Inclinando-se para a frente, banhou seus seios com os lábios, para em seguida repousar a cabeça contra as curvas exuberantes, aspirando cada aroma sutil do corpo recém-despertado. Drew abaixou mais ainda a cabeça, para afundá-la no estômago liso.

Uma das mãos de Drew voou para as costas de Arden e colheu um punhado de tecido. Ele embolou o tecido até reduzir a camisola a uma roupa de náilon mínima e apertada, que embrulhava o corpo de Arden, fazendo-a sentir-se mais exposta do que se estivesse nua. Os olhos de Drew correram pelo corpo de Arden como línguas de fogo. Encontrou a concavidade do umbigo de Arden e o beijou, delineando a pequena cratera com uma língua impetuosa. Ela observou o ponto úmido em sua camisola crescer à medida que ele a beijava de novo e mais uma vez. Os joelhos de Arden tremeram. Suas mãos já haviam encontrado um caminho até os ombros dele. Agora elas se emaranharam nos cabelos de Drew enquanto a cabeça dele descia ao longo de sua silhueta feminina.

Arden conteve um gemido de paixão quando Drew correu o indicador pelo

sulco diagonal acima de sua coxa. A cabeça de Arden pendeu para trás, e seu tronco instintivamente arqueou para frente quando ele começou a tratar o outro lado do triângulo com a mesma tortura carinhosa. Quando Drew beijou o ponto onde os dois canais se encontravam, as fundações do mundo de Arden ruíram, deixando-a suspensa no ar, sem apoio. Puxando o cabelo de Drew, sussurrou o nome dele.

A mão nas costas de Arden soltou o tecido da camisola e abriu um túnel através dos cabelos dela. Drew se levantou e deixou sua boca arremeter voraz contra a de Arden. Com sobriedade surpreendente a língua de Drew fez amor com a de Arden.

Num único movimento fluido, ela estava sendo carregada nos braços dele, através da sala de estar, em direção ao outro quarto. Arden sentiu contra suas coxas o desejo de Drew. Ela vira o sexo dele, enraizado num ninho de ouro-escuro. Como o restante dele, era esplêndido.

E ela sabia que o ato também seria. E com a mesma certeza, ela sabia que não poderia se render a ele.

Ela o queria. Cada célula em seu corpo estava gritando por rendição a esta febre que a atingia. Ela necessitava que Drew preenchesse aquele vácuo em seu íntimo que aumentava cada vez que ele a tocava. Seus seios ansiavam pelas sucções delicadas da língua de Drew. Mas não era o momento. Se eles fizessem amor agora, isso poderia resultar em desastre para ambos.

Alheio à hesitação de Arden, Drew colocou-a de pé ao lado da cama e recomeçou a acariciá-la. Ele fechou as mãos sobre as nádegas de Arden e a empurrou para a frente. O instinto gritava para que Arden se rendesse, mas sua mente resistiu.

Havia muitos motivos para que isto não acontecesse agora. O ato do amor iria afetar a importantíssima partida desta tarde? E se o ato o fizesse lembrar-se de Ellie? Se o sexo com Arden não fosse tão bom quanto fora com Ellie, ele iria passar a sentir repulsa dela? Ou se fosse melhor, ele iria sentir culpa? Em qualquer hipótese, ele estaria pensando nisso, não no jogo.

Depois, quando ela dissesse a ele quem ela era, ele jamais acreditaria que ela não havia entregue seu corpo apenas para estar com o filho dela. Não, ela não poderia fazer amor com Drew até que ele soubesse tudo a respeito dela.

E depois que ela tivesse feito amor com Drew, o que aconteceria? E se ele ganhasse a partida desta tarde depois de ter feito sexo com ela? Ele poderia agradecê-la por tê-lo ajudado a se recuperar e se despedir dela. Ou, se perdesse, poderia culpá-la por distraí-lo. Em cada caso, ela iria perdê-lo. Ela iria perder

Matt.

Não. Não. Não. Ela não poderia correr o risco de perder tudo, ainda que ela o desejasse desesperadamente.

– Linda – ele estava murmurando contra a garganta dela enquanto baixava as alças da camisola. – Eu estava sonhando com você, acordando querendo você. Então eu a vejo debruçada sobre mim, observando-me dormir. Meu Deus, Arden...

– Drew... não... ah... – Os lábios dele haviam encontrado os seios dela, e sua língua os estavam banhando. – Não, por favor. – Ela plantou as mãos nos ombros dele e empurrou. Ele não cedeu.

– Tão linda – sussurrou, dobrando a mão em torno de um seio e levantando-o para sua boca. Os lábios dele se moveram para frente e para trás sobre o mamilo. – Eu sabia que você era lindíssima. Me deixa ver você inteira – arfou, tentando retirar o restante da camisola que ainda a cobria.

– Não – disse Arden, e se desvencilhou dele. Ela segurou o tecido de náilon escorregadio e tentou recolocar as alças nos ombros. – Não – disse ela mais baixinho, fitando-o com severidade.

A julgar pelo olhar vidrado, e pelo ondular de seu corpo, Drew ainda não havia registrado completamente a mensagem negativa.

– Não? – disse ele finalmente. – O que você quer dizer com "Não"?

Ela umedeceu os lábios e entrelaçou os dedos das mãos à sua frente. Ela já o rechaçara uma vez, e as repercussões não haviam sido agradáveis.

– Eu não acho que nós... que você deveria... antes de uma partida. Ouvi dizer que é ruim para os atletas... bem, você sabe... antes do jogo...

Ele riu e deu um passo na direção dela. Acariciou com o dedo a curva da face de Arden.

– Se fosse assim, haveria muito menos atletas no mundo. Arden...

– Não, Drew, por favor, não – disse ela, afastando-se da mão carinhosa que ele pusera no colo dela.

– Qual é o problema com você?

Pela primeira vez, ela notou um tom de aspereza na voz dele. Ela parecia dotada de impaciência crescente.

– Não me diga que você não está no clima. Eu sei que está. – Ele baixou os olhos para os mamilos dela, e ela sentiu seu rubor começar ali e manchar seu peito e seu pescoço como a tinta derramada se espalha numa folha de papel. – Por que você entrou sorrateiramente no meu quarto se não queria fazer amor comigo?

Ela se viu enfurecida com o jeito como ele engrossava a voz e empinava o queixo com arrogância.

– Eu estava checando o Matt. Fiquei preocupada quando acordei e ele não estava no berço.

– Você sabe que ele não pode escalar o berço para o lado de fora. Além disso, teria bastado uma olhada rápida para você saber que ele estava dormindo comigo. Você não precisava ficar parada diante da minha cama arfando por cinco minutos inteiros para confirmar que Matt estava comigo.

– Arfando.... Você.... Eu... – balbuciou ela.

– Isso mesmo. Admita. Acredite em mim, se eu a tivesse encontrado nua na cama, também teria ficado arfante. Não acho que seja segredo o fato de que nos sentimos atraídos sexualmente um pelo outro. Então, qual é o problema?

– Eu já disse. Não acho que seja uma boa ideia fazermos amor quando você irá jogar hoje.

– Por quê? Está com medo de se comprometer antes de saber se está dormindo com um vencedor ou um perdedor?

Arden viu-se varrida por um sentimento de raiva que arrepiou cada pelo de suas costas. Ela desferiu um tapa em Drew, e sua palma bateu contra a face dele num estalo crepitante. O silêncio consequente reverberou no quarto até ela recuperar controle sobre si mesma para dizer:

– Isso foi injusto comigo, Drew. Cruel, egoísta e injusto.

– Bem, você também não joga limpo, srta. Gentry – sibilou. – Você se comporta como uma ninfomaníaca num momento e fica fria como uma virgem vestal ofendida no seguinte. Você fez isso duas vezes. Sinceramente, essa não é minha noção de jogar limpo.

Ela estremeceu de fúria.

– Bem, então, obviamente, você não está apreciando este jogo, e eu também não.

– Estou começando a achar que é exatamente o que tudo isto significa para você. Um jogo. O que está por trás desta charada que você está articulando?

Ele estava tão perto da verdade que Arden se viu tomada pelo pânico. Ela o fitou, genuinamente aterrorizada com a possibilidade de ele de algum modo, algum modo sobrenatural, esbarrar com a verdade. Ela levou um momento para compreender que a batida que ecoava na suíte não era seu coração, mas alguém à porta.

Drew deu as costas para ela, pegou uma toalha no cabideiro do banheiro e enrolou-a na cintura antes de atender a porta. Era a sra. Laani. Arden correu para

o banheiro e se trancou nele antes que a governanta pudesse vê-la.

Em cinco minutos, ela havia recolhido seus pertences que estavam no quarto de Matt. A sra. Laani estava sozinha na sala de estar, assistindo televisão até Matt acordar. Arden ouviu o chuveiro aberto no banheiro.

– Que bom que a senhora está se sentindo melhor – disse Arden, um sorriso plástico no rosto enquanto se aproximava da porta. A sra. Laani geralmente era gregária e calorosa, mas Arden achava que não seria capaz de jogar conversa fora naquela manhã – Diga a Drew que lhe desejei boa sorte no jogo.

– Mas sra. Gentry ele...

– Nos vemos depois.

Ela entrou na segurança relativa de seu quarto, tomou banho e vestiu rapidamente um vestido de malha. Colocou um chapéu de palha e óculos escuros e em 15 minutos já estava trabalhando. Durante a manhã inteira ela verteu toda sua energia no artigo que estava escrevendo, entrevistando chefes em vários restaurantes importantes. E passou todo o tempo checando as horas no relógio.

Drew tinha razão. Ela não jogara limpo naquela manhã. Ela não deveria tê-lo aborrecido antes do jogo. O que ele não sabia era que ela jamais jogara limpo. Depois de seu primeiro encontro, ela deveria ter confiado nele, dito quem ela era. Em vez disso, insinuara-se em sua vida, sua personalidade, sua carreira. Ela não pertencia a nenhuma dessas coisas.

Mas ela havia se apaixonado profundamente por ele. Esse era o fator com o qual ela não havia contado.

Meu Deus, o que vou fazer a respeito disso?, perguntou a si mesma.

Ela fez uma pausa para o almoço, parando numa lanchonete para pedir um sanduíche salada de ovo, que nem tocou, e um copo de chá gelado que foi ficando cada vez mais aguado à medida que os cubos de gelo derretiam.

Não havia outra solução além de partir. Abandonar Drew. Abandonar seu filho. Que bem ela estava fazendo aos dois? Drew a queria em sua cama, mas ainda amava a esposa. Arden não podia conviver com isso. Ela vivera durante anos com um homem que não a amara. Essa era uma experiência que ela não estava disposta a repetir.

Matt era um menino saudável e bem-ajustado que tinha uma figura maternal na sra. Laani. Drew estava se arrastando para fora de seu exílio auto imposto e de volta para o mundo do campeonato de tênis. Ele era um bom pai para seu filho. Tudo que ela podia oferecer às vidas deles era conflito.

Ela conseguira aquilo que buscava originalmente. Ela sabia quem era seu filho. Talvez pudesse telefonar para Drew periodicamente, como uma amiga, e ver

como Matt estava passando. Ela talvez até fosse vê-lo no continente e levar Matt consigo.

Drew pensaria que ela o havia deixado devido à sua briga de "amantes". Melhor assim. Se ele insistisse, essa poderia ser sua explicação. As coisas não haviam funcionado. Desculpe, Drew, mas essas coisas acontecem o tempo inteiro. Você entende. Mas gostaria de continuar sendo sua amiga, manter contato com você e com Matt. Sim, melhor sair agora, antes que ele descobrisse a verdade.

Ela saiu da lanchonete com uma decisão. Voltaria para Maui. Com apenas mais um artigo para escrever, ela poderia retornar para a Califórnia em uma semana. Arden olhou as horas e, agindo por impulso, fez sinal para um táxi. Havia mais uma coisa que ela precisava fazer.

– Waialee Country Club – disse de forma sucinta enquanto embarcava no táxi.

A multidão estava silenciosa, como que com a respiração presa. A tensão e a ansiedade que pairavam no ar eram praticamente palpáveis. O sol estava quente, mas ninguém parecia se importar. Toda a atenção estava na quadra de tênis.

Assim como a multidão, os dois jogadores estavam alheios ao calor e às suas roupas empapadas de suor. E também eles estavam concentrados apenas na partida. Era o terceiro e último set, cada um dos jogadores tendo vencido um. O *set* estava a cinco *games* para quatro, e Gonzales estava na frente. Era a vez dele sacar. Se ele ganhasse o *game*, venceria a partida.

Ele entrara na quadra sob aplausos fervorosos. Sua beleza morena e latina contrastava com um sorriso branco e reluzente. Ele era um campeão e se comportava como tal. Sua atitude para com seu oponente quando eles trocaram um aperto de mãos na rede foi de petulante confiança. Ele rapidamente mudara de atitude ao ganhar por pouco o primeiro *set* de seis a quatro, e em seguida perder o segundo *set*, de sete a cinco.

Ele não estava mais se concentrando em agradar a multidão ou em posar para os fotógrafos esportivos. Ele estava tentando vencer a partida, e isso requeria toda a sua capacidade.

Ele se levantou na ponta dos pés e disparou um saque fulminante na linha de fundo. A bola voltou sibilando. Ele acertou a bola, arremessando-a contra a extremidade mais distante da quadra de seu oponente e marcou o ponto.

– Quinze – anunciou o árbitro.

Arden engoliu em seco e enxugou as mãos na saia já muito amassada do vestido. Ela era bem folgada, e ela estava feliz por não ter vestido nada mais apertado. Suor escorria em filetes pela sua barriga e por suas coxas, e apenas uma

parte podia ser atribuída ao calor. Ela estava literalmente suando de tensão.

Jerry Arnold acenara para ela no momento em que ela saltara do táxi. Ele fora mandado por Drew para levá-la ao lugar que lhe fora reservado.

– O empresário de Drew está com ele – informou Jerry empolgado, embora ela não tivesse perguntado. – Ele está parecendo o Drew dos velhos tempos, embora estivesse zangado quando chegou aqui. Bem, ele me pediu para avisá-lo quando você chegasse. Se precisar de qualquer coisa, peça a um dos funcionários para me chamar.

– Obrigada – dissera Arden, um pouco confusa. Drew esperara por ela mesmo depois da briga que eles tinham tido de manhã? E com quem ele estava zangado? Com ela?

Ele entrara na quadra belíssimo, com sua camisa branca com a logomarca familiar no bolso da camisa e da bermuda. A bandana, que era sua marca registrada, estava enrolada e amarrada em torno da testa. Cabelos louros transbordavam dela.

Os entusiastas de tênis não ficaram impressionados. Drew recebera aplausos indiferentes. Os espectadores estavam cuidadosamente se reservando um julgamento. Eles haviam pago 50 dólares para ver McEnroe e estavam decepcionados. Este iria ser mais um banho de sangue para Drew McCasslin?

Drew não parecera afetado pela falta de entusiasmo.

Seus olhos haviam varrido a multidão até ele achar Arden. Ele meneara a cabeça com frieza. Depois disso ele não havia mais olhado para ela.

Drew fez o ponto seguinte, e Arden cerrou os olhos. Apenas mais dois, Drew, e você empata com ele. Mais dois. Gonzales o superou no saque seguinte.

– Trinta, 15.

Gonzales ficou superconfiante. Ele não esperava que o rebate seguinte viesse do mortífero *backhand* de Drew. Ele mergulhou numa direção, a bola foi em outra.

– Trinta total.

A multidão remexeu-se nervosa e começou a aplaudir. Arden ouviu gritos de apoio dirigidos a Drew, e seu coração inflou com orgulho. Ele estivera espetacular durante toda a partida. Mesmo se perdesse, jogara muito bem.

Gonzales ganhou o ponto seguinte.

– Quarenta, 30. *Match point*.

Um voleio exaustivo valeu a Drew mais um ponto. Gonzales soltou um sonoro palavrão em espanhol.

– Empate!

Os nós dos dedos de Arden estavam brancos, seu lábio inferior, rachado de tanto bater nos dentes. O saque de Gonzales pareceu um borrão. Arden agradeceu a Deus quando Drew rebateu-o com o *sweet spot* de sua raquete. Mas ele errou sua marca. A bola caiu depois da linha de base.

– Vantagem para Gonzales. *Match point*.

Inclinando-se para a frente, Drew abraçou os joelhos. Seus cabelos gotejando suor caíram em sua fronte quando ele abaixou a cabeça para respirar fundo. Então ele se posicionou para o saque seguinte de seu oponente. Gonzales colocou tudo que tinha no saque. Drew devolveu-o com precisão miraculosa. Eles rebateram a bola de um lado para outro até os espectadores ficarem tontos. Nenhum dos dois cometeu um erro. Cada um previu corretamente a ação do outro, mergulhando para uma extremidade da quadra e em seguida correndo para a outra. Então uma bola pegou Gonzales no canto da quadra. Seu golpe de fundo atingiu com precisão a bola e arremeteu-a veloz para o canto oposto.

Drew reagiu imediatamente. Com a velocidade de uma pantera, impeliu-se em direção à bola. Quando ele viu que não conseguiria alcançá-la a tempo, deu um salto final. Seu corpo se arremeteu como uma flecha varando horizontalmente o ar, sua raquete estendida até o mais longe que ele podia alcançar. Mais tarde, essa fotografia iria brindar um fotógrafo esportivo com um prêmio jornalístico.

A raquete de Drew tocou a bola, sem o impulso necessário. Ela teve ímpeto suficiente para atingir a rede, mas tocou-a e caiu de volta na quadra de Drew. Pousando, ele derrapou através da quadra, deixando uma trilha de sangue de seu cotovelo e antebraço.

Ninguém se moveu. Ninguém emitiu um único som. Com coragem memorável, Drew levantou-se e respirou fundo. E então, bem lentamente, com dignidade, caminhou até a rede, mão direita estendida para parabenizar o adversário.

O que se seguiu foi um caos. Soaram aplausos e gritos de aprovação. Não ao vencedor, mas ao vencido. Fotógrafos e entusiastas de tênis de todas as idades invadiram a quadra... e todos correram até Drew!

Os olhos de Arden encheram-se com lágrimas enquanto ela observava centenas de pessoas reunirem-se em torno dele para celebrar. Drew estava novamente no topo. O último esforço desesperado provou que ele estava disposto a dar tudo de si para ser um campeão novamente.

Ela poderia abandoná-lo agora. Ele ficaria bem.

Arden abriu caminho através da multidão e pegou um táxi. Pediu ao motorista que a esperasse no hotel enquanto ela pegava sua mala. Então o táxi a levou até o

aeroporto. Ela usou a mesma companhia de táxi aéreo que trouxera o grupo de McCasslin até Honolulu. Lágrimas banharam suas faces quando ela lembrou da pressão da cabeça de Matt em seus seios e do beijo atordoante que Drew lhe dera depois que eles haviam pousado. Ela sempre lembraria daquele momento, quando teve pai e filho juntos.

AO CHEGAR ao balneário, encontrou a mesa da recepção peculiarmente calma. Então ela lembrou que era hora do jantar. Um jovem saudou-a calorosamente.

– Boa noite. Posso lhe ser útil?

– Obrigada – disse ela secamente. – Vou esperar ali – disse, apontando para um grupo de cadeiras que ficava tão visível da mesa da recepção que eles não poderiam fingir que a haviam esquecido.

Meia hora se passou, e os relatos estavam ficando repetitivos e desanimadores.

– Todo lugar para onde ligamos está cheio. Mas ainda estamos tentando.

Ela estava repousando a cabeça na almofada de uma das cadeiras, repassando suas opções, quando levantou abruptamente a cabeça. Drew estava entrando pela porta do balneário com uma expressão determinada no rosto. Estava de bermuda, como de costume, e uma jaqueta com o zíper aberto pela metade. Lavara os cabelos com xampu após a partida, mas eles tinham sido despenteados pelo vento. Exibia machucados feios no braço e no cotovelo. Incrédulo, olhou duas vezes ao localizar Arden sentada na cadeira do saguão.

Drew parou na frente dela, pôs as mãos na cintura e olhou-a com cara de zangado.

– Vasculhei duas ilhas inteiras atrás de você. Onde diabos você se meteu depois do jogo?

– A resposta é óbvia, não é.

– Não se faça de engraçadinha comigo. Por que fugiu?

– Por quê? Porque brigamos esta manhã. – Ela se levantou e colocou toda a sua energia num olhar zangado que rivalizasse com o dele. – Fugi do seu jeito autoritário e da sua cabeça quente.

A boca de Drew se contorceu num sorriso.

– Você devia ficar furiosa mais vezes. A raiva faz maravilhas pelos seus olhos.

Ela estava pronta para mais uma explosão quando foi interrompida.

– Srta. Gentry! – O recepcionista aproximou-se correndo, segurando um pedaço de papel. – Encontramos um quarto...

– Fique com ele – vociferou Drew, girando nos calcanhares para encarar o pobre homem, que virtualmente foi paralisado pelo olhar gélido do tenista.

O funcionário do hotel alternou seu olhar entre Drew e Arden.

– Mas a srta. Gentry disse que precisava de um quarto e...

– Eu mandei você ficar com ele. – Drew virou-se para encará-la novamente. – Ela vai voltar para casa comigo. – A expressão de Drew abrandou quando ele olhou para Arden. Então acrescentou baixinho: – Por favor.

Capítulo 8

DREW TOMOU O SILÊNCIO ESTARRECIDO DE ARDEN como um consentimento. Antes que ela se desse conta do que ocorria, Drew estava emitindo ordens para que todos os pertences de Arden fossem retirados do depósito e postos no bagageiro do seu Seville, estacionado diante do balneário. Ele pegou a bolsa de ombro que ela levara para Oahu, entrelaçou seu braço com o de Arden e conduziu-a até aporta. Os funcionários não poderiam tê-lo tratado com mais respeito, atendendo às suas solicitações o mais prontamente possível enquanto repetiam pedidos de desculpas pela inconveniência causada a sua amiga.

Arden consentiu em sentar no banco da frente do carro, mas o fez com uma postura empertigada e digna, mantendo-se calada até depois de terem saído do caminho de acesso do balneário e entrado na rodovia escura.

– Drew, eu não vou discutir sobre isto. Não vou com você para sua casa. Por favor, me leve até outro hotel. Eu vou achar um quarto.

– Não vou discutir sobre isso. Não vou deixar você passar a noite tentando achar um lugar para dormir quando tenho três ou quatro quartos vazios. Além disso, vou deixar você se hospedar de graça.

– De graça? – retrucou ela, deixando bem claro o que queria dizer.

Ele dobrou para uma estrada lateral de cascalho e freou o Seville. A parada abrupta empurrou Arden para a frente. Ao voltar para trás, se viu abraçada por Drew.

– Não, de graça não. Vai custar a você alguma coisa. – Drew segurou o queixo de Arden, imobilizando sua cabeça. Durante instantes que pareceram eternos, seus lábios pairaram sobre os dela. Ela esperou um beijo bruto. Em vez disso, o beijo foi terno. A língua de Drew aplicou uma pressão delicada até Arden

entreabrir os lábios. A língua de Drew dançou dentro da boca de Arden com aquele ritmo que projetava farpas de desejo por todo seu corpo. Ela sentiu seu corpo derreter sob o calor do dele, e sua decisão em deixá-lo dissolver-se com a mesma rapidez.

Depois de finalizar o beijo, Drew afastou carinhosamente alguns fios de cabelo negro e sedoso do rosto de Arden.

– Considere a estada paga por quanto tempo você quiser ficar.

– Não será requerida nenhuma outra compensação?

Os olhos de Drew percorreram o rosto e desceram pelo pescoço de Arden, mas então voltaram à sua boca.

– Nenhuma. A não ser que você queira me dar um presente, um presente que você sabe que eu quero, mas que jamais tomaria ou negociaria.

Ela tocou os cabelos e correu o dedo ao longo das sobrancelhas grossas.

– Você jogou... – A emoção sufocou a voz em sua garganta quando lembrou do brilhante último esforço de Drew para ganhar o jogo. – Você jogou estupendamente. Eu fiquei muito orgulhosa. Mal podia me conter de orgulho.

– Então, por que você fugiu de mim, Arden? Não sabia que depois do final da partida eu queria vê-la mais do que qualquer pessoa no mundo?

– Não, eu não sabia disso. Você tinha ficado tão zangado depois... – Ela abaixou os olhos. Foi um momento inconscientemente sedutor que excitou Drew. Ela balbuciou: – Depois do que aconteceu esta manhã, pensei que a amizade que estava se desenvolvendo entre nós havia acabado. Eu não podia deixar de assistir à partida, mas achava que você não queria me ver mais.

Ele pegou a mão de Arden e a levou até a boca. Pressionando a mão de Arden nos lábios, ele falou contra seus dedos:

– Eu fiquei louco de raiva. Mas você deve entender que quando um homem está... bem... preparado para fazer amor como eu estava, e então o ato é cancelado, ele não reage com seu melhor humor. – Ele se deliciou com o sorriso tímido que curvou para cima as pontas da boca de Arden. – Além disso, eu já estava um pouco tenso. Droga, eu admito. Eu estava apavorado, morrendo de medo de enfrentar Gonzales.

– Mas no final, foi Gonzales quem ficou com medo de você.

O sorriso de Drew foi espontâneo e largo.

– Obrigado, mas a questão agora não é essa. A questão é, você precisa me desculpar por ter perdido a cabeça hoje de manhã. Você certamente tinha todo o direito de dizer não. Eu não devia ter deixado a situação chegar tão longe. Pense nisso. Eu não sei o que teria acontecido se a sra. Laani não tivesse batido na

porta.

Mais uma vez, os lábios de Drew procuraram os de Arden. Desta vez, não houve nem mesmo um segundo de hesitação na resposta de Arden, cuja boca se moveu em reciprocidade generosa.

– O que ela vai achar de ter uma hóspede em casa? E só vou ficar esta noite. Amanhã, procurarei por outro quarto.

– Tenho 12 ou 14 horas para convencer você do contrário – disse Drew em tom de brincadeira enquanto se posicionava diante do volante e acionava a ignição. – Quanto à sra. Laani, ela passou o dia inteiro lançando adagas em mim com aqueles olhos grandes dela. Está chateada comigo por eu ter deixado você fugir.

– Ela e Matt fizeram boas compras?

– Pelo número de caixas que levamos para casa, eu diria que sim – disse ele, rindo. – O que me leva a outro assunto. Esta tarde, Matt foi até a porta do quarto que você tinha ocupado e ficou gritando "Al-den. Al-den.". Foi aí que a sra. Laani começou a bufar de indignação cada vez que olhava para mim.

Se ainda havia dúvidas na mente de Arden, todas se evaporaram no instante em que ela ouviu que seu filho sentira falta dela. Como ela poderia recusar esta oportunidade de morar com ele, ainda que fosse por um curto período de tempo?

Ela poderia ser culpada por isso mais tarde? Ela não manipulara Drew para convidá-la. E apenas uma mártir diria não a esse convite. Será que ela não merecia o privilégio de ficar com seu filho mais um pouco? Todos aqueles meses de angústia mental, de indagações sobre quem ele era e onde estava, de não ter qualquer imagem dele, não lhe davam direito a nada?

E Drew. Ela o amava, de uma forma que ela jamais imaginara amar um homem, em nível intelectual, espiritual e físico. Um amor que abrangia tudo que era Arden Gentry. Um amor sem esperança para o futuro, mas nem por isso menos verdadeiro, menos ardente. Os próximos dias – ela realmente não acreditava que iria sair pela manhã – teriam de valer por toda uma vida. Ela não iria recusá-los. Ela merecia pensar um pouco em si mesma.

Eles entraram na propriedade de Drew pelos fundos, porque a frente dava para o oceano Pacífico no litoral ocidental de Maui. Eles passaram por portões de ferro que se abriram quando ele apertou um transmissor e se fecharam automaticamente depois que o carro passou.

O gramado descia numa ladeira suave por várias centenas de metros até alcançar a praia. Já estava anoitecendo, mas Arden conseguiu ver as sombras das

figueiras que encobriam o jardim como guarda-chuvas gigantescos, suas raízes em forma de cordas pendendo de galhos robustos. Ameixeiras, com suas flores amarelas, brancas ou cor-de-rosa, perfumavam o ar noturno. Plantas Ti, roseiras amarelas e arbustos de orquídeas forravam o solo com flores. Cercas vivas proporcionavam privacidade total à propriedade.

A casa propriamente dita – o que dela podia ser visto por trás de um véu de parreiras em flor – parecia ter paredes de tijolos e de vidro no mesmo tom arenoso. Varandas amplas conduziam a quartos deixados abertos para captar o ar noturno e a fresca brisa marinha.

– É linda – disse Arden, saltando do carro sem esperar que Drew contornasse o veículo para abrir a porta. O vento soprava os cabelos dela e enchia suas narinas com o aroma das flores e do mar.

– Eu a comprei assim que a vi. Entre. Vou mandar Mo pegar suas malas.

Ele a conduziu pelo lado oceânico para entrarem na sala de estar através de uma porta na parede de vidro. Persianas de madeira pintada podiam ser acionadas para, cobrindo o vidro prover privacidade ou proteção contra o clima. O mármore do soalho, polido até adquirir uma reflexibilidade de espelho, era coberto em alguns pontos por tapetes orientais.

A mobília dava ênfase ao conforto, não à formalidade. Os estofamentos das peças eram em tecido áspero, bege-claro. Almofadas de cores berrantes em padrões variados provinham explosões de cor. Vasos com flores viçosas eram mantidos em pontos estratégicos do quarto. Um piano de cauda, preto, estava majestoso num canto; uma lareira de pedra ocupava outra extremidade da sala. As mesas eram de vidro ou madeira, ornadas com bronze. Era uma das salas mais deslumbrantes que Arden já tinha visto, e estabelecia o tom para a casa inteira.

– Sala de jantar formal, sala de desjejum e cozinha por ali – disse Drew, apontando. – O meu escritório fica do outro lado. O vestiário fica atrás da escada.

A escadaria aberta tinha degraus em carvalho sólido e um balaústre com ornamentos de bronze. Drew conduziu-a até o segundo pavimento.

– Vou recuperar minha moral com a minha governanta e com o meu filho quando eles virem que trouxe você para cá.

Eles seguiram um corredor largo no segundo andar, e Drew empurrou a porta. A sra. Laani de algum modo conseguira espremer seu corpanzil numa cadeira de balanço e estava cantando baixinho para um sonolento Matt.

Ele despertou instantaneamente quando eles entraram no quarto. No

momento em que viu seu pai com Arden, o menino se jogou dos braços da sra. Laani e correu através da sala. Arden quase caiu ao ter suas panturrilhas envolvidas pelos bracinhos rechonchudos. Drew, sorrindo, ajudou Arden a se equilibrar enquanto ela ajoelhava para abraçar o menino.

– Oi, Matt – disse ela, usando os dedos para pentear os cachos louros do garoto. – Você foi um bom menino hoje? Hein? – Horas antes ela havia planejado abandoná-lo. Agora fora abençoada com mais horas preciosas de convívio com o menino. Ela o puxou para si e o apertou com força. Os olhos de Arden se anuviaram com lágrimas quando Matt retribuiu o abraço.

Matt desvencilhou-se de Arden, apontou com um dedo gordinho um botão de seu pijama e declarou, orgulhoso:

– Butã.

– Oh, mas como você é esperto! – gritou Arden, abraçando-o novamente. Ela olhou para suas próprias roupas e, então, compreendeu que seu vestido de malha não tinha botões.

– Bem, às vezes eu também tenho botões – disse ela, rindo.

– Não o elogie. Ele foi um pestinha hoje – disse a sra. Laani. – Fazer com que ele experimente roupas é o mesmo que tentar vestir um polvo. – Ela estava tentando manter um comportamento de autoridade sólida, embora estivesse sorrindo para Drew e Arden. – Vocês dois devem estar com fome. O sr. McCasslin nem se lembrou de comer. Ele só pensava em fazer as malas e nos levar correndo para o aeroporto a fim de pegar o último voo da noite. Juro que nunca o vi tão apressado.

Drew olhou de cara feia para a sra. Laani e pigarreou ameaçador, mas ela se limitou a sorrir em resposta, seus olhos negros e redondos faiscando alegremente.

– A senhora não tem nada para fazer? – rosnou Drew.

– Como eu estava prestes a sugerir, se vocês dois se encarregarem de colocar Matt para dormir, eu vou preparar uma ceia rápido – disse ela enquanto se desentalava da cadeira. –Tenho certeza de que Matt não vai se importar.

Ela cruzou os braços diante do busto enorme e olhou para Drew.

– Estou presumindo que ofereceu um jantar à moça.

Drew respondeu ao comentário nada sutil da governanta.

– Arden será nossa hóspede por... por quanto tempo ela quiser ficar. A senhora pode pedir a Mo para pegar as malas dela no carro?

A sra. Laani caminhou até a porta do quarto de Matt.

– E em que quarto Mo deve colocar as malas? – perguntou com uma

indiferença exagerada demais para ser autêntica.

– Acho que o quarto de hóspedes seria o lugar mais apropriado – disse Drew.

Arden escondeu sua confusão e as faces ruborizadas carregando Matt até a cadeira de balanço e continuando a niná-lo. Depois que a governanta tinha saído do quarto, Drew acocorou-se diante da cadeira e repousou as mãos nos joelhos de Arden. Seus olhos se encontraram, e uma fagulha elétrica cintilou entre eles.

– Acho que a sra. Laani sabe que estou morrendo de tesão por você.

– Drew! – exclamou Arden.

– E acho que sabe que você tem tesão por mim.

– Teão – disse Matt.

Os dois adultos riram.

– Tomara que ele esqueça esta palavra – disse Arden, olhando com reprovação para Drew.

– Mas você sente, não sente?

– O quê? – Ela fingiu interesse no padrão do pijama de Matt.

– Esqueça – disse Drew numa voz carregada de promessa. – Vamos continuar esta conversa depois. – Ele deu um tapinha de leve na coxa de Matt. – Bem, filho, está feliz com a volta da sua garota favorita?

Sem saber que estava respondendo à pergunta do pai, Matt repousou a cabeça no busto de Arden e bocejou.

– Ele teve um dia cheio – disse Arden, acariciando a face do menino com as costas do dedo.

– Não gaste todo seu carinho nele. Guarde um pouco para mim. Também tive um dia infernal.

Ela olhou para ele e abriu um gentil sorriso de Mona Lisa.

– E teve mesmo. Este foi o primeiro de muitos dias fantásticos para você, Drew. Tenho certeza. O que aconteceu depois do jogo?

– A imprensa me manteve prisioneiro por quase uma hora. Todo mundo queria saber os detalhes sórdidos da minha vida no ano passado: por que me tornei um recluso. Eles queriam saber se eu havia me rendido à bebida.

– E o que você disse a eles?

– Que sim. Disse que tinha começado a beber depois da morte da minha esposa. Que recuperei a razão seis meses atrás e que desde então tenho trabalhado arduamente para estar pronto para um dia como este.

– Você estava mais do que pronto. Quando vai jogar de novo?

Ele descreveu os torneios que Ham estava programando.

– Eu ainda vou pegar leve durante algum tempo. Não posso acompanhar o

cronograma deste ano, mas acho que no ano que vem poderei fazer uma boa exibição.

– Quantas vezes você ganhou o Grand Slam? – A pesquisa que ela fizera antes de vir para o Havaí revelara que o Grand Slam referia-se a vencer o Australian Open, o U.S. Open, Wimbledon e o Paris Open.

– Duas vezes. Com um intervalo de dois anos. Jamais farei isso de novo, mas não importa, Arden. Contanto que eu saiba que estou jogando o melhor que posso, vencer não é mais tão importante. Eu venci a batalha realmente mais fundamental.

Ela estendeu a mão para tocar a face dura e bronzeada de sol. Ela quase podia sentir a nova força e confiança que ele encontrara dentro de si mesmo. No instante em que os dedos de Arden roçaram a linha do queixo de Drew, ela pulou em surpresa e soltou um grito agudo.

Movido pela curiosidade, Matt enfiara uma das mãos pelo decote do vestido de malha para investigar algo que ele nunca tinha visto antes. Ele considerara o seio, com seu mamilo coral, uma formação intrigante. Ele o estava beliscando entre os dedos.

– Butã, butã – disse ele, orgulhoso por sua descoberta.

– Matthew! – gritou Arden afastando a mão dele e reajustando seu vestido.

Drew havia se jogado de costas no chão para rir.

– Ele não tem muita experiência com mulheres.

– Ele tem experiência com a sra. Laani – disse Arden, sem coragem de fitar os olhos de Drew.

– Ora, vamos, Arden. Você e a sra. Laani não têm nem de perto a mesma constituição. Matt viu uma coisa nova e maravilhosa e precisou checar.

– Bem, antes que ele faça mais coisas nesse gênero, talvez seja melhor você ter uma conversa de homem para homem com ele.

Drew se levantou e tomou o menino nos braços para carregá-lo até o berço.

– Sim, acho que devo sim. – Ele pôs a boca diretamente sobre a orelha de Matt e disse alto o bastante para que Arden ouvisse: – Filho, você tem um excelente gosto para mulheres.

A SRA. LAANI PUSERA a mesa na sala de jantar casual. Ao notar que a mesa estava iluminada por velas, Drew olhou para sua governanta com uma expressão reprovadora. Ignorando o olhar dele, a sra. Laani continuou concentrada em suas tarefas.

– Achei que seria aconchegante depois de um dia tão longo e tedioso. Espero

que goste de salmão, srta. Gentry.

– Gosto. Parece maravilhoso.

De fato, o salmão frio com pepino e molho de ervas finas, a caçarola de vegetais que a sra. Laani serviu como acompanhamento e a sobremesa de creme de ovos estavam deliciosos. Mas parte da satisfação de Arden com a refeição não foi derivada da comida, mas do homem que a fitava tão intensamente quanto ela a ele.

Os olhos de Drew cintilaram à luz das velas quando, a pedido de Arden, ele falou sobre o jogo. A princípio envergonhado e humilde, pareceu relutante em falar, mas ela finalmente o convenceu a compartilhar suas impressões. Ele pareceu satisfeito em ver que ela assistira ao jogo com atenção, e que conhecia cada tipo de jogada que ele citava.

– Não ficou chateado por ter perdido?

– Sempre fico chateado por perder, Arden. Eu já lhe disse que gosto de vencer. Mas, se devo perder, que seja com dignidade numa luta justa. Hoje foi uma vitória, apesar do placar.

– Sim, foi.

Os olhos de Drew se cravaram nos dela sobre a mesa iluminada por velas.

– Tive medo de você não aparecer no clube depois que fugiu do hotel.

– Eu não fugi – disse, evasiva.

– Deve ter sido apenas coincidência eu estar no banho quando você voltou para o quarto e saiu sem lembrar de deixar um recado com a sra. Laani ou com a recepcionista.

Ela correu o polegar e o indicador pelo metal liso do castiçal que portava a vela.

– Foi muita falta de consideração da minha parte, sendo sua convidada. Jerry Arnold me disse que você estava zangado antes da partida. – Houve uma pergunta implícita no fim dessa declaração.

– Eu estava. Quando cheguei no clube e ele não tinha um ingresso para você, fiz um escândalo. Disse que era melhor ele achar um lugar excelente, senão ele iria ver. Como você sabe, ele ficou hospitaleiro bem depressa – concluiu com um sorriso quase diabólico.

Ela se curvou sobre a mesa.

– Sabe de uma coisa? Acho que você gosta de assustar as pessoas, de bancar o valentão.

Ele soltou uma risadinha.

– Eu gosto. Especialmente quando uma coisa significa muito para mim. – Ele

foi absolutamente sério quando disse: – Sua presença naquela partida significou mais para mim do que você imagina. Eu pude sentir seu apoio e estímulo.

Ela arregalou os olhos, incrédula.

– Mas você nem olhou para mim!

– Eu não precisava, porque sabia que você estava lá – disse ele num tom que ferveu o sangue nas veias de Arden.

A sra. Laani interrompeu o clima íntimo.

– Se não se importa, sr. McCasslin, estou indo para a cama – informou do vão da porta. – Lavarei os pratos amanhã de manhã. A srta. Gentry está no quarto ao lado do seu. Isso é satisfatório?

– Perfeitamente. Obrigado, sra. Laani. Boa noite.

– Boa noite. – A voz de Arden saiu rouca.

– Vamos caminhar na praia – disse Drew, ajudando-a a levantar-se da cadeira. Ele deu um beijinho em cada face de Arden. – Mas você devia vestir algo mais quente. O tempo costuma esfriar depois do pôr-do-sol.

Ele estava esperando por ela no sopé da escadaria quando ela desceu cinco minutos depois usando um suéter aveludado cor de damasco. As calças eram amarradas nos tornozelos, e ela estava descalça. Arden possuía pés bonitos, com dedos bem cuidados. Drew notou o balanço provocante dos seios sob o suéter e percebeu que ela estava sem sutiã. Ele sentiu um desejo poderoso de fechar as mãos nos seios dela, de sentir toda sua suavidade por baixo do tecido aveludado. Os pensamentos lascivos surtiram efeito no sul do corpo de Drew.

– Tem certeza de que ficará bem aquecida? – perguntou ele da forma mais natural que seus sentidos instáveis lhe permitiram.

Ela fez que sim com a cabeça. Ele pousou o braço sobre os ombros de Arden e a conduziu para a noite banhada pelo luar.

Aparentemente, falar também havia se tornado difícil para Arden, e ele apreciou o fato de ela não ter forçado uma conversa. Ele podia ver a emoção, a antecipação do que estava prestes a acontecer, nos olhos de Arden. Palavras seriam supérfluas ao que os corpos estavam comunicando um ao outro.

Desceram em silêncio a ladeira suave do gramado bem cuidado, pularam um muro baixo e pisaram na areia que conduzia à praia. A praia de Drew ficava numa pequena cova semicircular. As ondas perdiam a força ao bater nas rochas vulcânicas e em seguida avançavam gentilmente para espumar na areia.

A lua brilhava no oceano numa faixa prateada que se estendia da praia para o horizonte. Sua luz oscilava nas ondas. O vento agitava as copas das palmeiras. Era um cenário encantador.

Por mais vezes que já tivesse sentado sozinho nesta praia e pensado nela como um lugar mágico, Drew agora sabia que este cenário estaria incompleto sem Arden nele. Ela tornava a magia real, tangível, tocável. O luar empalidecia a pele de Arden, mas deixava seus cabelos negros como o ébano. As estrelas não tinham brilho quando comparadas às esmeraldas de seus olhos.

Drew puxou Arden para sentar com ele na areia socada. Sentou com um joelho erguido atrás dela e o outro aninhado firmemente contra as nádegas de Arden, que tinha as costas apoiadas no peito dele. Por um momento, ele não fez qualquer movimento para tocá-la ou para falar. Afinal, não sabia como ela iria reagir quando ele lhe dissesse o que ele se sentia compelido a dizer. Se ele havia conhecido o medo naquele dia, ao enfrentar Gonzales na quadra de tênis, agora estava conhecendo o pavor. O resultado da partida de tênis não tinha sido nem de perto tão importante para ele quanto o resultado da conversa que estava para iniciar.

– Eu amo você, Arden.

Pronto. Uma confissão simples. Uma verdade ousada exposta com clareza.

Os cabelos de Arden bateram no rosto de Drew quando ela virou a cabeça. Os lábios úmidos que ele queria reclamar para si para sempre estavam entreabertos em surpresa.

– O que você disse?

– Eu amo você.

Ele olhou para o oceano e sentiu afinidade com ele. Parecia plácido na superfície, mas estava agitado abaixo, em suas profundezas, exatamente como ele.

– Eu nunca achei que diria isso a outra mulher. Eu amava muito Ellie. Nunca pensei que voltaria a amar daquele jeito. E não amo. Eu amo você mais.

Todo o ar escapou do corpo de Arden. Ela podia sentir seu peito se contraindo, e era doloroso. Ele ia matá-la com palavras delicadas. Ela não podia permitir que ele fizesse isso.

– Você já me tem na sua residência. Não precisa me dizer isso.

Sorrindo gentilmente, ele correu o dedo pela face de Arden.

– Não diga alguma coisa ridícula e me deixe zangado de novo. – Drew beijou a testa de Arden com tamanha suavidade que seus lábios quase não tocaram sua testa. – Não estou dizendo isso por nenhum motivo, exceto que é verdade. Eu lhe dei muitos motivos para não acreditar em mim. Eu me comportei mal algumas vezes. Mas, Arden, você não entende que eu estava reagindo defensivamente? Eu me senti culpado porque estava começando a amar você mais do que amei a

Ellie. Eu não podia lidar com isso. Hoje, quando achei que você havia me deixado para sempre, quase enlouqueci.

– Mas durante a partida...

– Não durante, depois. Depois da partida, quando não consegui achar você em lugar nenhum. – Ele riu. – Na verdade, durante a partida eu ainda estava zangado por causa da cena desta manhã. Eu não acho que teria jogado com tanta energia se você não tivesse me deixado furioso.

Arden abaixou a cabeça, constrangida. Enquanto o vento soprava os cabelos de Arden, Drew correu os dedos por eles. Ele adorou a sensação daqueles fios sedosos e frios deslizando por sua pele.

– Você agiu muito bem. Você não afagou o meu ego. Nem tentou me convencer a jogar ou não. Você compreendeu que a decisão precisava ser minha, mesmo sabendo que eu não tinha escolha além de jogar.

– Isso mesmo. Eu sabia que você devia jogar. Eu sabia que você queria. Mas não podia lhe dizer isso. Você precisava compreender isso sozinho.

– É aí que eu quero chegar, Arden. Você não me disse o que eu queria ouvir. Como Ellie costumava fazer.

– Drew, por favor, não diga essas coisas.

– Quero que você saiba.

– Mas eu não preciso saber.

– Sim, você precisa. Eu concordei que quando fizéssemos amor, não seria com fantasmas nem segredos entre nós.

Ela desviou o olhar, mas não pelo motivo que ele pensou. Ela ainda nutria um segredo, um segredo que poderia matar todo o amor que Drew sentia por ela.

– Ellie apoiava tudo que eu dizia ou fazia, mesmo quando sabia que eu estava errado. Ela não ia me ver jogar porque tinha medo que eu sofresse uma derrota e ela não suportasse me ver abatido.

Arden olhou para ele, chocada.

– Estranho, não é? – perguntou Drew, vendo a expressão de incredulidade. – Quando viajava comigo, ela ficava longe das quadras. E não sabia ser objetiva quando eu perdia. Se ela estivesse viva hoje, teria inventado justificativas para a derrota, e manifestado seu pesar pelo resultado. Eu não tenho certeza de que ela teria entendido que foi um triunfo pessoal. Você entendeu.

Drew pôs as mãos em concha na cabeça de Arden e a pressionou contra a concavidade entre a garganta e o ombro dele.

– Ellie era capaz de compartilhar uma vitória comigo. Mas eu não acho que ela teria conseguido compartilhar uma derrota. Mesmo por tudo que passamos para

conseguir Matt, eu me preocupava com o que ela iria fazer no dia em que as bases do nosso relacionamento tremessem.

Arden fechou os olhos à menção de Matt. O que teria acontecido se ele não tivesse nascido perfeito e saudável? Ellie o teria rejeitado? Ron jamais teria criado o filho de outro homem. Ele talvez até tivesse induzido um aborto. O pensamento fez Arden estremecer, e os braços de Drew se apertaram em torno dela.

– Eu praticamente sentia mais medo do futuro quando estava jogando bem e vivendo com Ellie do que depois de sua morte. Não acho que ela poderia ter enfrentado uma tragédia e sobrevivido. – Os lábios de Drew encontraram a orelha dela, enchendo-a com o calor de sua respiração. – Arden, eu acho que nós seríamos capazes de enfrentar qualquer coisa juntos. Você me faz sentir forte e confiante, em paz comigo mesmo, mas sempre tentando melhorar. Quando alguém pensa que uma outra pessoa é perfeita, como Ellie pensava a meu respeito, não há muito o que tentar aprimorar.

Ele capturou o rosto entre as suas mãos e fitou os olhos dela.

– Você compreende o que estou lhe dizendo?

– Comparações são injustas, Drew. Para qualquer um.

– Eu sei. Só queria que você soubesse que não estou substituindo Ellie por você em minha vida. Você é diferente. É melhor para mim.

– Drew – sussurrou Arden, repousando a testa no queixo de Drew.

Deus, eu não estava preparada para isto, pensou Arden. A última coisa que Arden esperava era que Drew se apaixonasse por ela. Era algo ainda mais extraordinário do que ela amá-lo. Arden não sabia como administrar tanta felicidade em sua vida. Ela foi dominada por um medo profundo ao se perguntar o preço que pagaria por tamanha dádiva.

Mas, envolvida por mãos quentes e calmantes, com palavras de amor sussurradas nos ouvidos e o coração de Drew batendo no mesmo ritmo que o seu, Arden não queria pensar no futuro. Queria apenas deleitar-se com o fato de que ele a amava. Ela iria contar sobre Matt agora, enquanto a atmosfera era serena e ele estava sendo honesto com ela. Mas...

– Arden, Arden. – Ele pronunciou o nome dela, apenas um segundo antes de receber a língua de Drew em sua boca. A língua vasculhou delicadamente o interior da boca de Arden, redescobrindo seu sabor. Cada vez que ele a beijava era como se fosse um milagre.

Drew introduziu a mão por baixo do suéter aveludado, sentindo a pele macia. O coração de Arden pulsava forte em sua mão quando ele segurou seu seio.

Ela suspirou o nome dele e se moveu contra ele com uma necessidade silenciosa, mas inegável.

– Não quero usurpar o lugar de ninguém no seu coração, Drew.

Ele beijou o pescoço de Arden enquanto continuava a acariciar seu seio.

– E não está. Você é uma mulher rara. Você ocupa um lugar apenas seu porque ninguém mais seria capaz de preenchê-lo. – Suas mãos falavam com a mesma eloquência que suas palavras enquanto tocavam reverentemente o corpo de Arden. Então ele as recolheu do suéter dele e envolveu os braços em torno dela com uma posse inquestionável. Arden repousou a cabeça no joelho de Drew enquanto ele a beijava.

Línguas entrelaçaram-se num balé erótico. Os lábios dele prenderam-se aos dela como se jamais pretendessem libertá-la.

– Eu adoro provar você – disse ele enquanto sua boca se movia para a frente e para trás sobre a dela. A língua de Drew estalou enlouquecida nos cantos da boca de Arden, até que ela não resistiu mais e levantou as mãos para aprisionar a cabeça dele.

Ela arqueou para cima, achatando os seios contra o peito de Drew. Corajosa, sua língua empurrou a dele, e Arden beijou-o de uma forma que jamais ousara beijar qualquer pessoa antes. Inibições anteriores ruíram por terra. Ela o beijou, declarando seu desejo.

– Meu Deus – arfou Drew quando finalmente soltaram-se um do outro para poderem respirar. Ele segurou a cabeça de Arden entre as mãos enquanto fitava profundamente os olhos dela. – Vamos entrar?

Ela consentiu com um aceno de cabeça. Os dois se levantaram juntos. A casa estava silenciosa. Apenas as lâmpadas noturnas ao longo dos corredores estavam acesas. Na porta do quarto de Arden ele pousou as mãos nos ombros dela.

– Arden, eu persegui você desde a primeira vez que a vi. Tentei fazer as coisas do meu jeito. Mas não vou tentar forçar você novamente. Eu já lhe disse que a amo. Eu amo você. Mas é um sentimento incondicional. Não exige nada de você. Se vier comigo, eu vou mostrar o quanto a amo. Se não vier, eu irei entender.

Drew mergulhou nas sombras do corredor e desapareceu no quarto ao lado do dela. Com movimentos automáticos e determinados, ela entrou no quarto e viu que seus pertences já tinham sido retirados das malas. Ela não notou a decoração azul, abacate e bege que de algum modo era ao mesmo tempo elegante e informal. O banheiro adjacente era igualmente bem decorado.

Ela despiu o suéter e abriu as torneiras do chuveiro até o boxe ficar enevoado. Meticulosamente, Arden ensaboou o corpo e aplicou xampu aos cabelos, até

entrar naquele transe que não permitiria que ela pensasse além de seus sentidos, além de seus instintos. Um transe que certamente não permitiria a sua consciência envolver-se com seus pensamentos.

Arden enxugou os cabelos, perfumou-se com uma fragrância cara demais para ser usada com tanta abundância e aplicou gel sabor pêssego nos lábios. Com uma economia de movimentos, ela se embrulhou num quimono de seda e saiu do quarto.

Sua batida na porta foi atendida imediatamente. Ele logo estava de pé à sua frente, toalha enrolada na cintura. Tinha os cabelos apenas parcialmente secos. A umidade havia enrodilhado os pelos que cobriam seu peito. Seus olhos reluziram à luz tênue como safiras.

– Arden? – perguntou ele baixinho.

– Eu quero você – ela admitiu.

– Na cama?

– Sim.

– Nua?

Em resposta, ela deu um passo até Drew e espalmou as mãos no peito dele. Os pelos enrolados fizeram cócegas em suas palmas. Ela correu as mãos pelo torso dele, penteando os pelos com as pontas dos dedos. Imediatamente acima do umbigo os pelos ficaram sedosos e se estreitaram para uma faixa dourada fina. Arden levou a mão até o nó na toalha que envolvia a cintura de Drew, e o desfez.

O tamborilar do coração de Arden engolfou todos os outros sons, até mesmo os de sua respiração entrecortada enquanto ela deixava seus dedos vagarem para baixo. Eles se embrenharam em pelos mais espessos e ásperos. E então a coragem desertou seu coração e ela levantou olhos suplicantes para ele.

– Eu... não posso... eu...

– Não diga nada – pediu Drew. – Você chegou até a metade do caminho. Isso não foi um teste. Você jamais terá de fazer nada apenas por causa do que você acha que eu quero ou espero. Vamos aprender a amar um ao outro juntos.

Os lábios de Drew estavam suplicantes ao encontrar os dela. Eles se moveram sobre a boca de Arden com uma pressão gentil até que a timidez momentânea de Arden desapareceu e ela respondeu com a sensualidade autêntica que jazera adormecida por toda sua vida. A boca de Arden desabrochou para a dele. Drew introduziu na boca de Arden uma língua inquieta, apaixonada, violenta.

As mãos de Drew estremeceram ansiosas ao deslizar para dentro do quimono. Ele conteve um impulso de rasgar a seda e espremer Arden contra si. Ela não era um de seus brinquedos passageiros e insignificantes. Essas coisas pertenciam ao

passado. Arden era seu presente e seu futuro. E ela era preciosa, muito preciosa. Ele queria conter sua pressa para apreciar cada nuance daquela mulher. Drew permitiu suas mãos repousarem na cintura dela, e se pôs a acariciá-la com suavidade. Foi apenas quando Arden gemeu baixinho que ele deixou suas mãos retirarem o quimono e deixar que ele descesse flutuando para o chão.

Drew recuou um passo para deleitar os olhos com a visão da nudez perfeita de Arden. Estendeu as mãos para o corpo dela e deixou que acompanhassem a trajetória lenta de seus olhos. Arden sentiu-se comovida ao ver Drew chorar de gratidão. Ficou encantada com a forma como ele saboreava lentamente seu corpo.

– Eu nunca fui adorada antes. Apenas devorada – sussurrou ela.

O rosto de Drew pareceu incrivelmente triste, e em seguida incrivelmente feliz.

– Você é linda – disse rouco. Ele a tomou nos braços e a carregou para a cama. A colcha já fora dobrada. Pousou Arden em tecidos de linho macios e fragrantes, e deitou-se ao seu lado, aninhando-se nela. Sorriram por puro prazer pelo contato da textura áspera do corpo de Drew contra a sedosidade do corpo dela.

Drew pegou os pulsos de Arden com um punho gentil e os levantou acima da cabeça. Com sua outra mão, massageou os seios de Arden.

– Você não aparenta ter tido um filho – disse Drew.

Ela se conteve a tempo de corrigi-lo dizendo que tivera dois.

– Os seus seios são firmes e arredondados – prosseguiu Drew. – Ele os circundou com um dedo talentoso. – Seus mamilos são claros e delicados. Você não tem estrias.

Arden arqueou o corpo para trás enquanto sentia o dedo de Drew descer por sua barriga plana até adentrar a sombra escura no topo de suas coxas.

– Você é perfeita – sussurrou um segundo antes de juntar sua boca à dela. Depois de beijá-la, os lábios de Drew desceram pelo pescoço de Arden. As carícias tinham preparado os seios de Arden para a boca de Drew, e ele os sugou com carinho infinito. Ele rolou a língua por aqueles mamilos, lubrificando-os deliciosamente.

– Solte minhas mãos – pediu Arden.

Ele obedeceu, e ela emaranhou os dedos nos cachos dos cabelos de Drew, puxando sua cabeça para mais perto.

– Meu Deus, Drew. Nunca fui amada assim.

– Espero que não. Quero ser o único homem que você irá lembrar de tê-la tocado.

– Ninguém me tocou. Não deste jeito.

A boca de Drew aplicou uma tortura implacável no umbigo de Arden, deflorando-o com uma língua arteira, amando-o com lábios carinhosos. Ela se contorceu e estremeceu sob o corpo ele, não reconhecendo a si própria. Um terremoto abalou Arden quando Drew abocanhou o delta negro de sua feminilidade. Gritou o nome dele com um pouco de medo, de alegria, quando sentiu mordidelas na parte interna das coxas. Drew separou gentilmente as coxas de Arden. E então a suavidade artística de seu toque lembrou a Arden que ela jamais tivera um contato tão íntimo em sua vida.

– Por favor, Drew. Por favor.

Drew honrou o pedido rouco de Arden e o arranhar urgente de suas unhas. Escalou o corpo de Arden até estar posicionado sobre ela. Drew fixou seus olhos nos dela enquanto se introduzia no corpo de Arden. Ele não parou nem hesitou; pressionou profunda e lentamente até ela tê-lo recebido por completo. Então Drew fez uma coisa que o marido de Arden jamais fizera durante o ato do amor: ele sorriu para ela. Quando ele começou a se mover, ele ainda a estava olhando, catalogando seu prazer, memorizando seu deleite, notando que movimento fazia os olhos dela anuviarem com paixão.

– Você é maravilhosa por dentro, Arden.

– Sou?

– Sim. Ai, meu Deus. Você é sim – gemeu. – Mova-se comigo.

Conversa? Ela jamais ouvira uma palavra durante o ato sexual.

De Ron, ouvira na cama apenas gemidos e rugidos sem sentido.

– G-gosto disso. De novo – balbuciou quando ele recuou, para em seguida afundar completamente nela. – Sim, sim, sim.

Quando chegou, o ápice envolveu a ambos num manto de êxtase, fazendo-os estremecer, expulsando todo o ar de seus corpos, enlevando-os, arremessando-os para o Paraíso e, então, deixando-os cair num reino de glória até então desconhecido por ambos.

Longos minutos depois, Drew levantou a cabeça do ombro de Arden e, com seu dedinho, afastou fios de cabelo dos olhos dela. Quando eles abriram em satisfação sonolenta, ele beijou cada canto de sua boca e disse:

– Obrigado, Arden, por ter feito de mim um novo homem.

Capítulo 9

As cortinas que cobriam as janelas com vista para o oceano foram sopradas para dentro do quarto. Os olhos de Arden se abriram, lânguidos, e ela suspirou com o mais profundo prazer que recordava ter sentido. O quarto, banhado com o brilho dourado da alvorada, a envolvia num casulo sensual de amor. Nele, Arden conhecera o sentido da vida em sua dimensão mais esplendorosa.

A respiração de Drew era profunda e regular. Podia senti-la nas costas nuas enquanto ele a mantinha em seus braços, compartilhando com ela seu travesseiro, um dos braços relaxado ao longo da coxa de Arden. Ela virou de leve a cabeça, com cuidado para não acordá-lo, enquanto olhava para o quarto ao seu redor, buscando os detalhes que haviam lhe escapado na noite anterior.

Era decorado com muito bom gosto, assim como o restante da casa. As paredes eram cobertas com tecido verde-musgo que contrastava em textura com as cobertas da cama, de pele de cordeiro. O tapete espesso tinha cor de marfim. Contra esse fundo neutro, havia toques cor de abóbora e chocolate nas duas espreguiçadeiras dispostas perto de uma mesinha diante da janela, nos numerosos travesseiros jogados com displicência da cama para o chão, em pinturas sutis penduradas nas paredes em molduras de bronze. A mobília tinha formas simples e elegantes. A lareira, na parede de frente para as janelas, era um luxo que ela considerou delicioso naquele clima tropical. Seus tijolos aparentes eram pintados na mesma cor de marfim e havia uma tela de bronze em forma de leque. Ela gostava do quarto.

Ela amava o homem.

Um filete de sol atravessava o quarto até atingir o tapete como um holofote em miniatura. Era de bom-tom que ela voltasse para seu quarto antes que os outros

se levantassem. Estava quase na hora de Matt se levantar, e depois disso ninguém mais dormiria, pensou Arden com um sorriso.

Empurrou delicadamente o braço pesado de Drew para o lado, fora de sua coxa, e rolou para a beira da cama. Plantando os pés no chão, vestiu seu quimono de seda verde-jade e caminhou na ponta dos pés pelo tapete de cerdas altas e macias, que roçaram sedutoras em seus pés descalços. A maçaneta da porta estava sob sua mão e ela a estava girando lentamente quando os braços de Drew se apoiaram contra a porta, a cada lado dela.

Ela conteve um gritinho e se encostou contra a madeira da porta.

– Onde você pensa que vai? – grunhiu ele contra o pescoço dela. Ele pressionou o próprio corpo para frente, encurralando-a contra a porta.

– Para o meu quarto.

– É o que você pensa. – Drew beijou o pescoço de Arden, deixando sua língua umedecer um ponto vulnerável. – Você não vai a lugar nenhum, exceto de volta para a cama. Comigo.

Ela estremeceu quando a boca de Drew abriu uma trilha úmida e traiçoeira por trás de sua orelha. Ali a língua pôs-se a brincar com o lóbulo.

– Ah... Drew... não faz... Preciso voltar para o meu quarto.

As mãos dele deslizaram pela superfície lisa da porta até alcançar sua cintura. Com um puxão de leve, o nó do quimono, que ela atara displicentemente, foi desatado pelos dedos ágeis de Drew.

– Me dê um bom motivo.

– Bem... – Ele separou as sobras do quimono de Arden e deslizou as pontas dos dedos por suas costelas. Aproximando-se mais, encostou o meio de seu corpo contra as nádegas de Arden. Ela sabia que ele viera até ali conforme dormira: nu. E ela não conseguia pensar num bom motivo para ter de deixá-lo naquele momento.

Os braços de Drew cruzaram-se sobre o peito de Arden, fechando cada uma de suas mãos sobre um dos seios.

– Você tem seios tão lindos – murmurou enquanto suas mãos formavam cones gentis em torno deles. – Gosto dessa linha que marca seu bronzeado nesta região – disse ele, tracejando-a com o indicador. – É claro que se você tomasse um banho de sol na minha praia, ficaria sem uma única marca. Posso passar loção de bronzear em você, para que bronzeie por igual por todo o corpo enquanto eu assisto.

As mãos e as sugestões provocantes estavam-na atraindo para a mesma esfera de encantamento que conhecera na noite anterior. Ainda que sem nenhum

pensamento consciente, o corpo de Arden estava ficando maleável, conformando-se às curvas e protuberâncias do corpo dele.

As carícias ternas nos mamilos de Arden tinham-nos inchado com desejo. Ele sussurrou em sua orelha um elogio a eles, fazendo-a ao mesmo tempo exultar e enrubescer com audácia de sua linguagem.

– Adoro a sensação da sua pele na minha língua. Você tem gosto de tudo que é maternal e de tudo que é erótico. Seu sabor é a epítome do gênero feminino.

Drenada de toda energia e força de vontade para resistir agora, repousou a cabeça no ombro dele. Movendo-se levemente, Arden esfregou-se contra ele e sentiu a paixão feroz de Drew roçar em seu quadril.

A respiração de Drew soou como uma tempestade na orelha de Arden, enquanto uma das mãos perscrutava a planície lisa de sua barriga e abdômen. Ele parou, não tendo encontrado seu destino final. Sua palma repousou sobre o monte levemente inchado, enquanto seus dedos curvavam-se para dentro para buscar os mistérios castamente ocultos entre aquelas coxas. O polegar de Drew correu pela gruta escura.

– Adoro este pedacinho de você aqui embaixo. – Ao mesmo tempo em que falava, estava movendo o polegar daquela forma lenta e hipnótica que furtava o fôlego e a razão de Arden. – É escura. Sedosa. Muito sedosa.

Os dedos exploradores flagraram-na úmida e preparada para o amor, mas ele prolongou o arrebatamento. Terna e carinhosamente, idolatrou-a com as pontas dos dedos, conferindo-lhe prazer inaudito e nada pedindo em troca. Acariciou-a até conduzi-la a um nível de excitação torturante. Por fim, encontrou e se pôs a acariciar e massagear a chave mágica que destrancava tudo que fazia de Arden uma mulher.

Ela estremeceu contra ele, entoando seu nome sem som, fôlego ou coerência. Ele a virou e, plantando as mãos abaixo dos quadris de sua amante, ergueu-a e permitiu que ela se encaixasse em sua virilidade obsequiosa. Arden deixou-se desabar completamente nele.

Ela gemeu seu amor enquanto ele, de novo e de novo, arqueava as costas, subindo cada vez mais alto. O mundo desmoronou numa única explosão rápida e súbita. Arden envolveu as coxas nas dele num nó apertado, e fechou os braços ao redor de seu pescoço, enquanto seus seios emitiam seus próprios gemidos de êxtase.

Quando Arden voltou a pensar claramente, o recato impediu-a de levantar a cabeça para olhá-lo. Sentindo a timidez de sua amante, e ciente do motivo para esse sentimento, Drew carregou-a de volta para a cama e a repousou nela como

uma criança. Ela ainda não conseguia olhar para ele. Abrindo um sorriso leve que expressava alegria e amor, ele começou a massagear as costas de Arden.

– Arden – sussurrou ele. – Foi tão terrível assim?

Ela se virou na cama para olhar para ele. Balançando a cabeça, fechou os olhos.

– Foi lindo.

– Então por que você não consegue olhar para mim? – Levou a mão de Arden até seus lábios e beijou as costas dos dedos. Nos deliciosos lábios de Arden, uma tentativa de sorriso.

– Estou envergonhada. – As palavras foram pronunciadas tão baixo que ele quase não as escutou.

– Eu não quis ser motivo de vergonha.

– Não! – Ela arregalou os olhos. – Não estou com vergonha de você. Estou com vergonha de mim mesma. Eu nunca havia... nunca tinha sido assim para mim antes.

Os olhos de Arden mantiveram-se fixos na floresta de pelos dourados no peito musculoso de Drew. Ela anelava por tocar aquele peito, mas ainda se sentia tímida e com um pouco de medo das mudanças que se operavam em sua personalidade.

– Eu nunca... bem, eu nunca fiz coisas assim – disse ela. – Eu não reconheço a mim mesma quando ajo com tão pouco autocontrole.

Ela aninhou o rosto nos braços dele, expressando em voz alta os pensamentos que passavam por sua mente.

– É como se houvesse dentro de mim outra mulher que eu não conhecia antes de encontrar você. Não, essa não é uma boa definição, porque não é outra mulher... sou eu. Eu não sabia que essa parte de mim existia. E estou sentindo muita dificuldade em me familiarizar com ela.

– Em outras palavras, você não sabia, até me conhecer, que era uma devassa com um apetite sexual insaciável – disse Drew num tom muito calmo.

Assustada, ela olhou para Drew, mas riu de alívio quando detectou o brilho jocoso em seus olhos azuis.

– Francamente, estou deliciado – acrescentou ele.

Ele a abraçou com força, e eles riram baixinho, rolando juntos na cama. Drew sentia o coração leve de alegria porque eles haviam extraído muito prazer um do outro e eram capazes de rir e amar ao mesmo tempo. Desde que Ellie morrera, toda a alegria no sexo se perdera para ele, restando-lhe apenas uma espécie de desespero frenético.

Ele não conseguia pensar nisso agora, admitir o quanto sua vida tinha sido

vazia. Ele não queria nem mesmo imaginar uma vida sem a presença de Arden. Seus braços mantiveram-na prisioneira enquanto ele a beijava, não com paixão, mas como uma necessidade, um sinal de que ela tornara-se vital para ele.

– Vamos tomar um banho – convidou Drew com uma empolgação derivada de um emaranhado de emoções.

O banheiro era opulento, de forma quase hedonista. A banheira era enorme e munida de jatos de hidromassagem posicionados a intervalos ao longo de suas laterais fundas. Uma janela larga oferecia uma vista do oceano. O boxe do chuveiro também era enorme, com uma porta de vidro transparente. Foi para lá que Drew conduziu Arden.

Qualquer recato que restasse a Arden escoou para o ralo do banheiro, para jamais retornar. Os olhos e as mãos de Drew idolatraram cada parte dela. E em vez de se sentir conspurcada pelo interesse sexual franco de Drew, Arden sentiu-se purificada por ele. Afinal, era um desejo que derivava não da lascívia, mas do amor.

Beijaram-se, lambendo gotas de água do rosto um do outro. As mãos de Arden deslizaram pela vastidão musculosa de suas costas. Ela admirou por um instante o quanto ele tinha a cintura fina, mas então abaixou as mãos pelas nádegas rijas de Drew. Corajosos, os olhos de Arden fixaram-se nos dele enquanto suas mãos se familiarizaram com cada curva, cada linha masculina.

Ele observou com prazer incrédulo enquanto ela ensaboava as mãos lenta e provocantemente. Drew engoliu em seco, e arfou quando viu seu sexo nas mãos cobertas de espuma de Arden. No começo o toque de Arden foi tímido, mas pouco a pouco ela ganhou confiança e aumentou a pressão enquanto observava os olhos dele ficarem escuros e quentes.

– Arden, sabe o que está fazendo comigo? – arfou Drew.

– Estou fazendo alguma coisa errada? – gritou alarmada, recolhendo as mãos com brusquidão.

– Não, Deus, não. – Ele pegou as mãos de Arden e as pôs de volta em seu sexo enquanto, ao mesmo tempo, puxava-a para si com seu outro braço. – Você é tão perfeita e sexualmente inocente, apesar de ter sido esposa e mãe.

– Uma coisa não teve nada a ver com a outra. – Ela não estava pensando apenas em sua vida íntima com Ron, mas também na precisão estéril com que concebera Matt.

– Sou um bastardo egoísta por dizer isto, mas fico feliz por isso.

Eles se enxugaram e voltaram para o quarto.

– Deite de barriga para baixo – instruiu Drew num tom gentil.

Arden obedeceu sem pestanejar. Ele deitou ao lado dela.

– Realmente precisamos fazer alguma coisa quanto a essas marcas de biquíni – murmurou ele.

As costas de Arden estavam marcadas por várias listras brancas e suas nádegas estavam patentemente brancas em contraste com suas costas e pernas bronzeadas.

– O que você sugere que façamos? – perguntou sonolenta, a cabeça repousando nos braços dobrados.

– Hum... o que você acha? – disse ele com um tom lascivo.

– Você é incorrigível.

– No que diz respeito a você, sou sim.

As mãos dele estavam massageando os ombros de Arden e esfregando suas costas com um toque divino.

– E se Matt entrar de repente? – perguntou ela.

Ele deslizou as mãos pelas costelas de Arden e em seguida as fez subir novamente, erguendo em sua ascensão as laterais dos seios generosos. Ela suspirou de prazer.

– Não vai. Eu tranquei a porta. – Ele se debruçou sobre as costas dela e falou diretamente em seu ouvido: – Não quero ser perturbado, nem pelo meu filho.

A mão de Drew fez um movimento oscilatório na curva da cintura de Arden, para, em seguida, mover-se até as suas nádegas. Ela deixou escapar um gemido quando sentiu os dentes de Drew mordiscando sua cintura. Impassível como uma boneca de pano, ela obedeceu quando suas mãos a encorajaram a se virar. Os lábios de Drew continuaram a pontuar um rastro de beijos sobre a barriga de Arden. E dali começaram a descer.

Com agilidade, ele se posicionou entre as coxas de Arden e deitou a cabeça em seu abdômen. As exalações de Drew agitaram a floresta de pelos negros abaixo. Bem devagar, os dedos de Arden viajaram através dos cabelos ainda molhados de Drew. Ela ficou estarrecida com a forma com que estava aceitando com naturalidade esta nova forma de intimidade, sua confiança explícita nele, a forma, agora familiar, com que o corpo dela começou a aquecer, umedecer e inchar com desejo renovado.

Os ossos de Arden derreteram sob o calor da boca de Drew quando ele beijou sua barriga.

– Eu quero amar você de novo, Arden.

Ela sentiu a respiração de Drew atingir sua pele em baforadas quentes que estremeceram suas entranhas.

– Então me ame.

Ele se nivelou por cima dela, aninhando seu sexo contra o dela, mas sem tomar posse.

– Os seus seios vão ficar doloridos – disse ele, olhando para a plenitude tentadora do busto de Arden.

Ela enganchou uma das mãos em torno da nuca de Drew e o puxou para seus seios.

– Me beije aqui – sussurrou ela. – Deixe-os umedecidos.

Ele gemeu baixinho enquanto tomava um mamilo em sua boca. Ele o sugou gentilmente, sempre com cuidado para não machucá-la. Levantando a cabeça, ele avaliou seu material de trabalho antes de pintar novamente a ponta endurecida com golpes delicados de sua língua. Ele prosseguiu em cada seio até que eles estavam reluzindo à luz da manhã. Arden contorceu-se debaixo dele, adorando a forma como ele a acariciava delicadamente com a língua. Ela sentia cada contração no fundo do coração de sua feminilidade. Ela se movimentou contra o corpo dele, implorando para que preenchesse o vácuo que havia criado.

E assim ele o fez, com uma única estocada segura. Ele se enterrou na calidez de Arden, que o embainhou com precisão.

Como antes, não foi um ápice, mas um começo. Um renascimento. Porque, ao mesmo tempo em que Drew banhava vida dentro do corpo de Arden, ela o preenchia com sua própria essência. Ficaram deitados juntos, respirando o aroma de seu amor, sentindo-se não exauridos, mas imbuídos com nova vida e energia.

– Arden – disse ele baixinho enquanto se retirava dela, apenas para puxá-la mais para perto de si.

– Sim?

– Precisamos pôr um fim neste nosso caso.

Arden sentiu o coração cair no chão e estilhaçar-se em um milhão de pedaços.

– Um fim?

– Sim – disse ele, absolutamente sério. – Você precisa casar comigo.

– VOCÊ NÃO respondeu à minha proposta, Arden.

Fazia horas desde que Arden, absolutamente estarrecida, ouvira Drew pedi-la em casamento. E tanto naquele momento como neste, ela não sabia o que responder. Eles estavam na praia, brincando com Matt. Os três constituíam uma unidade de família, e isso, mais do que qualquer outra coisa, incutia pânico no coração de Arden.

Ela deu com os ombros, fazendo pouco caso dele.

– Pelo que me recordo, não foi exatamente uma proposta, mas uma ordem.

– O que mais você poderia esperar de um homem autoritário como eu? – retrucou ele num tom bem-humorado, mas que não ocultou a seriedade que ela viu em seus olhos.

Ele não havia exigido uma resposta dela quando mencionara casamento pela primeira vez. Em vez disso, ele a abraçara enquanto dormia. Da sua parte, Arden não conseguira voltar a dormir. Sua mente ficara revolta em pensamentos sobre a noite anterior, as novas descobertas sensuais do dia e a proposta de casamento de Drew.

Ela? Casar com Drew McCasslin, tenista profissional mundialmente famoso? Drew McCasslin casar-se com Arden Gentry, uma ninguém, a barriga de aluguel de seu filho?

Quando Drew acordara, eles decidiram que já tinham passado tempo demais pensando apenas neles. Matt já estava fazendo o desjejum quando eles desceram a escadaria. Matt acenou alegremente para eles e espalhou flocos de milho por toda a bandeja de sua cadeirinha de refeições. Drew vestira trajes de tenista; Arden, bermuda casual. Ele tentara convencê-la a acompanhá-lo a um jogo de treinamento.

– Drew, minhas roupas ficaram enfurnadas numa mala dentro de um guarda-roupa bolorento por quase uma semana. Preciso separá-las e ver quais precisam ser lavadas.

– Eu posso fazer isso para você – ofereceu a sra. Laani enquanto colocava um prato de frutas frescas na frente de Arden e servia-lhe uma xícara de café.

– Eu apreciaria muito – disse Arden, sorrindo para ela. – Mas eu me sentiria melhor separando eu mesma as roupas. Assim saberia onde está cada peça.

Ninguém parecia duvidar que ela ficaria ali indefinidamente. Apenas a própria Arden.

Drew saíra sozinho para o treino. Depois que tivera suas roupas lavadas a seco e penduradas no *closet* do quarto de hóspedes, Arden ajudara a sra. Laani a arrumar as roupas que tinham sido compradas para Matt em Honolulu.

– Oh, mas que coisa fofa! – exclamou Arden, segurando um traje de tênis completo com raquetezinhas cruzadas sobre o bolso.

A sra. Laani riu.

– Achei que o pai dele gostaria dessa.

Matt ficou impossível durante todo o tempo em que elas desembrulhavam as roupas e as colocavam no *closet* ou em uma das gavetas da cômoda. Arden não se

importou nem quando ele estraçalhou o papel higiênico no chão do banheiro.

Periodicamente, Arden abraçava o menino, examinando seu rosto e mais uma vez se maravilhando com ele.

Como a semente de Drew, injetada clinicamente em seu corpo, sem o amor que deveria acompanhar esse tipo de milagre produzira um espécime tão imaculado? Arden agradeceu a Deus pelo papel que ela havia desempenhado em trazer esta vida para o mundo.

Drew retornou logo depois do almoço. Ele estava fervilhando de empolgação.

– Você devia ter visto a multidão que foi assistir a mim e a Gary treinarmos hoje. Eles me aplaudiram de pé quando saí da quadra. A UPI e a Associated Press cobriram o jogo de ontem. A história foi veiculada no mundo inteiro. Ham está eufórico. Ele telefonou para o balneário enquanto eu estava lá e disse que recebeu vários telefonemas, convidando-me para participar de torneios nos Estados Unidos e no resto do mundo. Meus patrocinadores telefonaram para congratular Ham.

Drew se referiu às companhias cujas roupas e sapatos vestia, cujas raquetes de tênis usava, cujos aviões o transportavam em viagens, de cuja pasta de dentes ele era garoto-propaganda. Esses endossos consistiam na maior parte da renda de um tenista, superando mesmo o valor que ele ganhava como prêmio nos campeonatos. Quando sua habilidade no jogo começara a cair, o mesmo acontecera com as ofertas dessas companhias.

– Estava morrendo de medo que, quando os contratos expirassem, os meus patrocinadores fossem se recusar a renová-los. Agora eles estão propondo coisas maiores e melhores. Ainda estão cautelosos, é claro. Foi apenas um jogo, e eu não venci, mas pelo menos eles viram que não sou um caso perdido. Eu preciso ganhar um jogo. Agora sei que posso.

Os olhos de Drew faiscaram quando ele segurou a mão de Arden sobre a mesa onde estavam almoçando.

– Só falta uma coisa em minha vida para me tornar absolutamente feliz.

Arden sabia o que era. Ela a estivera assombrando a manhã inteira. Seu coração estava transbordando de alegria por Drew amá-la o suficiente para querer casar com ela. Por que ela estava hesitando? Por que não o abraçara no momento em que ele fizera o pedido e gritara "Sim?". Porque ela lembrara imediatamente o que a trouxera a este homem em primeiro lugar.

Matt.

O que mais ela podia pedir? Ela teria seu filho, viveria com ele, seria sua mãe em cada sentido da palavra, seria capaz de acompanhar seu desenvolvimento

pela infância, adolescência, vida adulta. Ela estaria presente, testemunhando a tudo, ajudando-o nos momentos difíceis, amando-o. Por que ela não podia dizer a Drew que queria se casar com ele mais do que qualquer coisa no mundo?

Porque ele fora honesto com ela e ela não fora com ele. Ela não poderia entrar num casamento com essa mentira e omissão entre eles. Ela já estivera num casamento assim, e não queria repetir a experiência. Ron casara-se com ela por motivos egoístas, e ela jamais iria perdoá-lo. Ela o odiava por isso. Da parte de Ron, ele passara a desprezar Arden por sua submissão constante e humilde.

O que aconteceria se Drew descobrisse quem ela era e o papel que desempenhara no passado dele? Ele iria pensar que ela se casara com ele apenas porque, inconscientemente, ela desejava ter o filho dela. Será que algum dia ele iria acreditar que ela o amara tanto quanto... não, mais... do que ao filho que ela concebera a partir de sua semente? Sabendo o quanto Drew era orgulhoso, ela duvidava.

Então conte a ele agora, ordenou a si mesma. Não corra o risco de ele descobrir mais tarde. Esse segredo não pode ficar entre vocês; conte agora. Hoje. Ela estremeceu de pavor. Quem quer que fosse a mãe de Matt, Drew não ficaria feliz em conhecê-la. Cada vez que ele mencionava o problema que ele e Ellie haviam tido para "ter" Matt, seus olhos traíam desconforto com o assunto. Não, ele não ficaria feliz em conhecer a mãe de Matt. Ele, certamente, não ficaria feliz em descobrir que ela era uma mulher a quem ele passara a confiar e amar, mas que guardara esse segredo por tempo demais.

Depois do almoço, enquanto caminhavam na praia, a mente de Arden ainda estivera girando em padrões de indecisão permanentemente mutantes.

Agora Drew estava pressionando-a por uma resposta. Mas Matt escolheu esse momento para se lançar contra o peito de Arden, derrubando-a de costas.

– Oh, você! – gritou ela, segurando-o pelo pulso. – Acho que você precisa entrar numa dieta.

Matt soltou uma gargalhada gostosa enquanto Arden o jogava na toalha de praia ao lado dela, e se punha a fazer cócegas na sua barriga gorducha. Depois que a havia cansado, Matt se levantou e saiu cambaleando em direção à espuma da água.

– Muito cuidado! – gritou Arden para ele. O menino parou, virou-se e então espontaneamente correu de volta para ela. Ele jogou os braços em torno do pescoço de Arden e beijou-a cheio de entusiasmo na boca.

Lágrimas anuviaram a imagem do menino enquanto ele corria de volta para a beira da água.

– Ele também ama você, Arden. – A voz calma de Drew compeliu-a a olhar para ele. Quando Drew viu as lágrimas dela, ele sorriu. – Você também o ama, não é mesmo?

A verdade não podia ser contida.

– Amo.

– E a mim? Ou estou vendo uma coisa que não existe?

As lágrimas rolaram pelas faces de Arden. Ela estendeu a mão para acariciar os fios de cabelo que haviam escapulido da bandana em sua testa.

– Eu também amo você. – Ela correu os dedos pelo lábio inferior de Drew. – Eu o amo tanto que dói.

Ele pegou a mão dela e a pressionou com a face.

– Então diga que vai casar comigo. Ham me quer numa turnê dentro de duas semanas. Quero que você e Matt venham comigo. Quero que você me acompanhe como minha mulher.

Ele mal podia contemplar a possibilidade de ir sem Arden. Por outro lado, ele sabia que precisava ir. O momento era perfeito.

– Duas semanas – disse ela, melancólica.

– Eu sei que não estou dando muito tempo a você. Mas por que esperar? Se você me ama...

– Eu amo.

– E você sabe que eu amo você. Case comigo agora, Arden. – Ele olhou para o menino que estava correndo atrás de uma onda rasa até a praia. – Nunca pensei que iria usar de chantagem para convencer uma mulher a casar comigo, mas estou disposto a usar todas as minhas cartas. – Ele abriu um sorriso melancólico e disse: – Arden, Matt precisa de uma mãe.

– Ele tem a sra. Laani – foi o débil protesto de Arden. Seu coração parecia ancorado a alguma coisa no fundo de sua alma, e essa coisa a estava puxando para baixo, cada vez mais para baixo, para uma situação da qual não havia fuga fácil. Por favor, não use o meu filho para me convencer a fazer algo que eu sei que não deveria fazer.

– Eu não sei o que faria sem ela – disse Drew a respeito de sua governanta e amiga. – Ela aturou minhas bebedeiras e meu mau humor quando uma mulher menos caridosa teria feito as malas e partido. Ela é maravilhosa com Matt. Eu a considero mais uma pessoa da família do que uma empregada, mas ela jamais poderia ser uma mãe para Matt. Para início de conversa, ela é velha demais.

Ele pegou a mão de Arden e a pressionou entre as dele.

– Arden, dentro de alguns anos eu terei de me mudar daqui, quando Matt

estiver mais crescido e eu velho demais para o tênis profissional, não poderemos viver neste isolamento parcial. Matt vai precisar de uma mãe, de você, quando ele for para a escola e descobrir que todas as outras crianças têm uma.

Ele ainda podia ver a indecisão nos olhos de Arden. Ele tinha mais uma jogada. Uma jogada desonesta, mas ele era um homem desesperado.

– Seja para o meu filho o que você não pôde ser para Joey.

Ela virou a cabeça e se soltou dele.

– Você não está sendo gentil, Drew.

– Eu sei disso, droga. Mas estou vendo que posso perder você, e não posso deixar que isso aconteça. Estou lutando pela minha vida, e vou usar toda a munição que estiver ao meu dispor. – Seus olhos eram ferozes, seu queixo decidido e teimoso.

– Eu já disse, você não é simples substituta para Ellie. Juro por tudo que é sagrado. Matt também não pode ser um substituto para o filho que você perdeu, mas você disse que desenvolveu amor por ele. Dê a ele o que você não teve chance de dar a Joey. – Ele tocou os lábios de Arden com os seus. – Nós até poderíamos ter um filho nosso.

– Oh, Deus! – gritou Arden, cobrindo o rosto com as mãos e tropeçando em direção a ele quando ele a puxou para a frente. Ele a aninhou no abrigo de seus braços, e se pôs a cofiar seu cabelo e sussurrar juras de amor.

– Arden, sei que estou forçando você de novo, mas a quero na minha vida. Mais do que tênis. Mais do que qualquer coisa. Mesmo assim, eu não a pediria em casamento se não achasse que você precisa tanto de mim e de Matt quanto nós precisamos de você.

Arden sentiu uma mão úmida tocar seu ombro. Ela levantou a cabeça para ver Matt de pé ao seu lado. Seu lábio inferior estava tremendo, e seus olhos, tão parecidos com os de Drew, estavam tremeluzindo com lágrimas prateadas.

– Al-den – disse ele, quase chorando. – Al-den.

– Oh, meu amor, não, não chore. – Arden enxugou as lágrimas dos próprios olhos e forçou um sorriso reluzente. – Veja, não tem nada errado. – Ela lembrou que Joey ficava arrasado quando a via chorando. Abalava completamente o mundo de uma criança ver um adulto visivelmente perturbado. – Está vendo? Vê?

Ele olhou desconfiado para o pai, mas os olhos de Drew continuaram em Arden. Ela puxou o menino para si e o abraçou, perturbada por ter causado um momento de insegurança e dor a Matt.

– Pronto, está vendo? Estou feliz – disse ela. – Onde está o seu umbiguinho?

Está aqui, está aqui – disse ela, cutucando-o.

Matt soltou uma risadinha, e as lágrimas começaram a parar. A sra. Laani chamou-os do outro lado do muro baixo que separava a praia do gramado.

– Vocês não deviam deixar esse menino correr pelado desse jeito – ralhou a sra. Laani com os dois adultos. – Ele vai se tornar um pagão quando crescer.

– Foi assim que Deus o fez, sra. Laani – disse Drew, lançando um sorriso conspirador para Arden.

– Blasfêmia – disse a mulher mais velha enquanto pegava o menino e tentava enfiá-lo num calção de banho. Ele gritou e protestou, agitando as perninhas cobertas de areia, até que ela desistiu com um suspiro resignado. – Estão vendo? Ele já é praticamente um bárbaro.

Ofegando, a sra. Laani subiu a ladeira carregando o menino, que repetiu "não qué domi" até eles estarem fora de vista.

– Não percebi que ele tinha me visto chorando. Não devia tê-lo perturbado.

– Se eu começar a chorar, você casa comigo? – A expressão de Drew foi tão infantil e seus olhos tão tristes que ela desatou a chorar.

– Drew – disse ela, curvando-se para beijá-lo. – Eu amo você, mas tenho motivos para não me casar com você.

– E muitos mais para casar.

Ela repousou a cabeça no peito dele, deixando os pelos encaracolados fazerem cócegas em seu nariz. Ela amava o aroma salgado e almiscarado de sua pele.

– Tenho um motivo profundo para não casar com você. Uma coisa a respeito do... do meu passado. Uma coisa que fiz que...

Ele inclinou a cabeça para fitar os olhos dela.

– Arden, não pode haver nada tão vergonhoso no seu passado. E mesmo se houver, em comparação comigo, você teve a vida de uma santa. Eu não estou nem aí para o seu passado. A única coisa que me importa é o seu futuro. – As pontas dos dedos de Drew correram pelas faces de Arden. – A propósito, há uma coisa que eu tenho hesitado em contar a você, mas honestamente não posso imaginar que diferença isso faça. Não diz respeito ao amor que eu sinto por você.

Ele beijou o canto da boca de Arden, e então prosseguiu:

– Esse segredo tem alguma relação comigo? Com o que você sente por mim? Você me ama menos por causa dele?

Ela podia responder a isso com absoluta honestidade.

– Não. Eu não o amo menos por causa desse segredo.

– Então esqueça. Nossas vidas começaram no momento em que conhecemos um ao outro. Quanto aos nossos passados, vamos mantê-los guardados. Vamos

virar essa página e começar a colecionar nossas próprias lembranças sagradas e íntimas. – Ele a beijou. Foi um beijo profundo e sondador, como se ele quisesse apagar fisicamente as objeções que pudessem se formar na boca de Arden.

– Case comigo, Arden.

– Drew, Drew – disse ela, deixando suas bocas se encontrarem para mais um daqueles beijos longos que fazia com que nada no mundo parecesse importante, apenas o amor que eles sentiam um pelo outro.

Enquanto eles se beijavam, Drew envolveu-a com os braços, simbolicamente isolando-os do resto do mundo.

Ela se desvencilhou dele e fingiu indignação.

– É paia isso que me quer como sua esposa? Para ter uso carnal ilimitado do meu corpo?

– Um dos motivos – sussurrou, deixando os olhos descerem em aprovação lasciva pelas curvas que o biquíni exíguo fazia pouco para esconder.

Foi então que Arden se perguntou: considerando que Drew não queria revelar a origem de Matt, seu próprio segredo era tão pior assim? De repente ela se sentiu livre. Ela quis celebrar o amor que eles nutriam um pelo outro, ser feliz, despir o manto da preocupação e da culpa.

– E se alguém passar por aqui? – perguntou num tom que prometia travessuras.

– Mo e a sra. Laani são as únicas pessoas que podem entrar na propriedade sem autorização prévia. Os dois sabem que quando eu fico sozinho na praia com uma mulher eles devem se manter a uma distância respeitável.

– Oh? – exprimiu Arden. – E quantas vezes você esteve sozinho com uma mulher na sua praia?

– Esta é a primeira vez. Eu emiti um memorando hoje de manhã.

Ela mordeu o lábio para não rir.

– E quanto a barcos? E se algum passar por aqui e os tripulantes nos virem... ou melhor, virem a mim... sem roupas?

– Nós vamos ver o barco primeiro e nos esconder.

– Parece que você pensou em tudo.

– Tudo – disse ele, olhando para ela por trás de uma tela de cílios grossos e dourados pelo sol. – A propósito, você já disse sim à minha proposta? Devo assumir pelos seus beijos que a resposta é sim? – Ele começou a correr as mãos pelo corpo de Arden. Uma desatou o laço em seu pescoço; a outra desfez o nó em suas costas.

– Eu não disse sim... – O vento soprou a parte superior do biquíni, afastando-a

de seu corpo por alguns segundos antes de ser puxada de volta. – Mas como eu vou ficar aqui brincando...

Drew se levantou e tirou o calção. Agora parecia uma representação moderna de Adão: perfeito, bronzeado, um paradigma de beleza masculina. A faixa em sua cabeça, que protegia seus olhos do suor, concedeu-lhe um aspecto selvagem enquanto ele lentamente se abaixou para a toalha de praia.

– ... brincando na praia com você... – Sob os olhos vigilantes de Drew, ela despiu a calcinha do biquíni. – ... nua... – Ele se aproximou dela num movimento suave e elegante, para então os dois se reclinarem juntos na toalha de praia. – ... acho que terei de me tornar sua mulher.

Os beijos de Drew foram quentes, quase tão quentes quanto os elementos – areia, vento, sol – e igualmente primitivos.

Capítulo 10

– TREMENDA LUA-DE-MEL – MURMUROU DREW. Ele estava dirigindo para o belíssimo vilarejo chamado Lahaina.

– Estou achando maravilhosa – disse Arden, rindo e ajustando a camisa de Matt em seu macacão pela enésima vez.

– Minha ideia de uma lua-de-mel é ter você nua na minha cama realizando toda sorte de atos físicos lascivos.

– Vamos chegar nessa parte – sussurrou ela. Drew relanceou os olhos para ela, marcando-a com olhos em fogo. – Mas, por enquanto, por favor, mantenha os olhos na estrada.

Depois que ela dissera o sim, Drew não perdera tempo fazendo preparativos para o casamento, completando tudo num espaço de poucos dias. A cerimônia privada fora realizada na manhã daquele dia. Eles tinham voado para Honolulu para serem casados por um pastor que Drew conhecia bem. Apenas a sra. Laani e a mulher do pastor haviam assistido à cerimônia. E Matt. A pedido de Arden, Drew não havia notificado à imprensa.

– Por favor, Drew – implorara Arden. – Não quero estar em evidência. Vou estar sempre junto de você. Estarei lá na plateia, torcendo por você em cada jogo, mas não quero ser fotografada ou entrevistada.

Ela lembrou de como os fotógrafos haviam cercado Drew e Ellie quando eles saíam da maternidade. Como eles haviam conseguido manter o segredo de que Ellie não era a verdadeira mãe da criança? Arden tinha seu próprio segredinho para guardar. Ao menos por algum tempo. Ela resolvera revelar que era a mãe de Matt, mas só quando Drew tivesse certeza absoluta do amor que ela sentia por ele. Por enquanto, quanto menos pessoas soubessem a respeito de seu

casamento, melhor.

– Mas eu sinto tanto orgulho de você – objetara Drew. – Por que você quer esconder o fato de que somos casados?

– Eu não quero esconder. Quero apenas que não seja divulgado aos meios de comunicação. – Ela tentou inventar uma desculpa plausível. – Por causa... por causa de Ellie. Ela era tão bonita, tão presente na sua vida. Eu não quero que as pessoas fiquem me comparando com ela, pelo menos antes que eu aprenda todos os macetes da vida de mulher de tenista.

– Não há como comparar vocês duas – disse ele com ternura, esfregando entre os dedos fios dos cabelos escuros de Arden.

– Outros podem achar que há, e isso me deixara terrivelmente desconfortável.

Ainda que a contragosto, Drew cedera às exigências de Arden. Então eles haviam retornado para Maui no meio da tarde para colocar um irascível Matt para dormir.

– Você precisa chamar Gary para uma ou duas partidas de treino.

– No dia do meu casamento? – queixara-se Drew.

– Você quer vencer ou não?

Ele se virara para a sra. Laani, braços abertos.

– Estamos casados há apenas algumas horas e ela já está mandona.

Apesar da brincadeira, Arden percebeu que ele estava satisfeito por ela compreender o quanto sua carreira exigia dele.

– Virá comigo assistir ao treino?

– Não perderia por nada.

Braços dados, eles subiram a escada até a suíte principal. A sra. Laani já transferira muitas das roupas de Arden para o closet sobressalente. Os artigos de toalete e maquiagem de Arden estavam dispostos de forma perfeita e organizada no armário do banheiro.

– Como ela conseguiu fazer isso tão depressa? – perguntou Arden, atônita.

– Ela tinha ordens claras de mudar suas coisas para cá assim que fosse possível. Você estabeleceu aquela regra ridícula de não dormir comigo de novo até estarmos casados. – Ele passou os braços em torno da cintura de Arden e cheirou seus seios através da combinação de seda que ela estava usando por baixo do vestido de casamento. A prova de sua impaciência pressionou com força contra o meio do corpo de Arden. – Estou faminto por você, Arden – disse contra os seios dela, que por sua vez também se encheram com desejo. – Daqui em diante, serei impiedoso.

Suas bocas se juntaram vorazes, movendo-se juntas enquanto seus corpos

finalmente davam vazão a todo o desejo reprimido nos últimos dias. Mantendo sua boca na dela, Drew remexeu nas roupas de Arden até finalmente deixá-la vestida apenas com uma sedutora combinação cor de marfim. Ele acariciou os seios de Arden, e quando seus mamilos enrijeceram em resposta, ele abaixou a cabeça para tocá-los com a língua através do tecido lustroso.

Avançando contra Drew, Arden arrancou sua camisa e se pôs a tentar abrir a fivela do cinto até finalmente conseguir abaixar as calças dele. Ela deslizou as mãos por dentro da cueca apertada para tocar as nádegas rijas de Drew.

Em resposta, ele acariciou Arden nas nádegas e nas coxas, deslizando as mãos pela combinação sedosa e pela meia-calça clara. Chegando ao topo das coxas de Arden, usou os polegares para massagear os ossos de seu quadril. Quando Drew começou a esfregar com os nós dos dedos o monte triangular de sua feminilidade, Arden agarrou com força os cabelos do marido e puxou a cabeça dele para longe da sua.

– Você precisa jogar tênis – disse ela, ofegante.

– O tênis que se dane – rosnou Drew, avançando novamente para Arden.

Ela foi inflexível.

– Se você não praticar, quem vai se danar é a sua carreira.

Ele murmurou um palavrão, mas se afastou dela para terminar de mudar de roupa. Enquanto ela arrumava os objetos que tinham sido deixados espalhados em sua penteadeira, Arden tentou não se distrair por lampejos do corpo de Drew enquanto ele se vestia. Ele não sentia a menor timidez de ficar nu enquanto caminhava pelo quarto localizando suas roupas de tênis. Arden jamais vira um homem em melhores condições físicas que ele.

Drew estava vestindo um suporte atlético mínimo, que usava por baixo da bermuda, quando flagrou Arden olhando-o absolutamente encantada pelo espelho. Para provocá-la, procedeu com extrema lentidão enquanto subia a pequena peça branca e elástica sobre as coxas e a ajustava na genitália.

– Viu alguma coisa que gostou? – perguntou, piscando para ela.

Faces enrubescidas, Arden fechou a gaveta da penteadeira com tanta força que chocalhou os objetos em seu interior.

– Gosto de tudo que vejo – admitiu ela, arriscando olhar novamente para ele pelo espelho.

Ele se aproximou dela por trás.

– Fico feliz por isso – disse ele, levantando os cabelos de Arden para beijá-la na nuca.

Quando ele acabou de se vestir e enfiar uma muda de roupas em sua bolsa de

tênis, ela ainda estava arrumando objetos na penteadeira.

– Não vai me dizer que depois de conter meus ímpetos românticos por causa da hora você vai me atrasar por se arrumar demais?

Ela se sentiu como uma menininha de escola quando se levantou para olhar para ele de meia-calça e combinação.

– Por que não me espera lá embaixo?

– Eu... bem... eu estarei pronta dentro de alguns minutos.

– Mas por quê... – começou a perguntar, mas então se calou. Caminhando até ela, pousou mãos compreensivas em seus ombros. – Faz algum tempo desde que você dividiu um quarto com um homem, é isso? – Ela engoliu em seco e fez que sim com a cabeça, sentindo-se uma idiota. Ele a beijou na bochecha e apertou de leve seus ombros. – Estarei lá embaixo. Leve todo o tempo que quiser.

Ela o fez parar antes que ele saísse.

– Drew? – Quando ele se virou, ela disse: – Obrigada.

Ele sorriu e apertou a maçaneta da porta com a palma da mão.

– Vou pensar em alguma maneira de você me pagar. – Depois de mais uma piscada rápida, ele saiu.

A DESPEITO DE SUAS OBJEÇÕES em treinar no dia de seu casamento, Drew jogou bem. Mais uma multidão havia se reunido para assistir ao treino, e eles aplaudiam com entusiasmo sempre que Drew executava uma jogada particularmente difícil. Ele estava em seu elemento e amando cada minuto. Ele parecia alheio à presença de Arden, mas ela sabia que em nenhum momento ele esquecia que ela estava ali, torcendo por ele.

Drew planejara levá-la para um luxuoso jantar comemorativo, mas Matt começara a chorar quando viu que eles sairiam sem ele.

– Ele não pode vir conosco, Drew? – perguntou Arden, abraçando o menino.

– Arden, desde que beijei minha noiva hoje de manhã, eu a tenho compartilhado com outras pessoas. Eu quero você só para mim.

– E eu também o quero. Mas não vou me divertir se deixar Matt aqui chorando desse jeito.

Drew apelou para a inteligência de Arden.

– Ele só está fazendo isso para conquistar sua atenção.

– Eu sei. E também sei que terei de começar a discipliná-lo. Mas não esta noite.

Vários xingamentos depois Drew cedeu.

– Mas nem pense em deixá-lo dormir conosco – alertou enquanto conduzia o

carro para a estrada.

– Para onde você está nos levando? – perguntou Arden quando pegaram o tráfego intenso na rodovia principal de Lahaina.

– Como você insistiu nesta excursão de família, vou deixar você fazer meu jantar.

– O quê? – perguntou ela, rindo surpresa.

– Espere. Você vai ver.

Ele os levou ao Pioneer Inn, um hotel histórico que havia acomodado marinheiros quando Lahaina fora um importante porto baleeiro. A estalagem tinha sido construída em torno de um pátio central iluminado por tochas e cheio de viçosas plantas tropicais.

– Eu adorei! – exclamou Arden enquanto a recepcionista os conduziam até uma mesa.

– Que bom. Mas eu não estava brincando quando disse que você ia fazer o nosso jantar. Veja. – Ele apontou para um grande fogão de carvão debaixo de um toldo protetor. Havia um relógio para que o freguês pudesse monitorar o tempo de cozimento de acordo com sua preferência. Havia condimentos e molhos engarrafados enfileirados ao lado do fogão.

– Acontece que sou uma cozinheira de mão cheia – gabou-se. – Quando casei e tive Joey, eu adorava planejar refeições e bolar receitas. Mas depois... – Um espasmo de tristeza cruzou seu rosto. – Perdi o interesse.

Ele apertou a mão dela.

– Se gosta de cozinhar, pode fazer para mim e para Matt o que quiser. Começando esta noite.

Eles se reuniram em torno do fogão depois que eles tinham pedido filé à Nova York para Drew, hambúrguer para Matt e *mahimani* para Arden. O peixe da ilha era cortado em filés e marinado, e em seguida embrulhado em papel-alumínio para ser assado. Arden ouviu várias piadas e conselhos enquanto manejava as longas espátulas de metal. Matt soltou um gritinho cada vez que uma labareda se levantou chiando da boca do fogão. Quando os pratos de carne ficaram prontos, eles os levaram até sua mesa e os comeram com saladas e tigelas de feijões assados, a especialidade da casa.

– Delicioso – decretou Drew, revirando os olhos enquanto mordia seu filé. Matt o imitou comicamente.

O coração de Arden estava transbordando de amor pelos dois homens em sua vida. Ela repreendeu a si mesma por entregar-se tanto. Tanta felicidade deixava-a aterrorizada.

Fazer preparativos de viagem para todos eles era uma responsabilidade imensa. A sra. Laani e Matt iriam dividir um quarto, Drew e Arden outro, enquanto Ham ocuparia um terceiro. Felizmente o agente de Drew cuidara da maior parte dos detalhes. Com a ajuda da sra. Laani, Arden aprendeu a fazer malas visando economia de espaço. Ainda assim, o trabalho parecia não ter fim.

Arden estava nervosa quando chegou a hora de conhecer Ham Davis. Era um homem grisalho com pouco menos de 1,80 m de altura. Mastigava um charuto gordo e malcheiroso. Sua barriga transbordava sobre as calças, que ele passava o tempo todo levantando com suas mãos peludas e carnudas. Mas seu charme era inegável. Arden gostou imediatamente de seu temperamento impulsivo e sincero.

Ele estava lá para recebê-los quando seu avião pousou no aeroporto internacional de Los Angeles. Ele tomou as mãos de Arden nas suas e apertou com força. Seus olhos negros sondaram os de Arden e aparentemente gostaram do que viram.

– Seja lá o que você está fazendo pelo Drew, continue assim – foi o que ele disse, e Arden soube que conquistara sua aprovação total.

Ham estava um pouco zangado com Drew por ele ter insistido em duas coisas. Primeira, que ele honrasse o pedido de Arden para que não fosse feita nenhuma divulgação a respeito dela. E, segunda, que ele o liberasse por alguns dias para visitar a mãe no Oregon.

Esse era outro fardo que Arden temia, e ela estivera tensa e durante o voo para Portland. Mas todas as preocupações tinham sido desnecessárias. A sra. McCasslin era graciosa e calorosa. Depois da recepção apressada no aeroporto e em sua casa, onde a sra. McCasslin iria acomodá-los por duas noites, ela e Arden haviam tido seus primeiros momentos a sós. Elas estavam na cozinha ensolarada e imaculada, esperando que a chaleira de chá fervesse.

– Você não é o que eu esperava – disse Rose McCasslin enquanto pegava no armário uma lata com saquinhos de chá aromatizados.

– O que você esperava? – Os olhos azuis eram uma característica de família. Os de Rose eram brilhantes como os de seu filho e de seu neto.

– Eu não sei. Uma mulher dotada de uma eficácia estridente. Uma mulher que teria assumido a criação de Matt e ou forçado Drew a voltar à sua melhor forma ou o derrubado de volta para o alcoolismo. Alguém nem tão perto tão bonita ou tão... delicada.

– Obrigada – disse Arden, comovida. – Drew forçou a si mesmo a entrar em forma antes de se casar comigo.

– É por causa disso que eu sei que você é boa para ele. Você deixou que ele fizesse isso. – Ela inclinou a cabeça para um lado. – Ele está muito apaixonado por você, sabia?

– Acho que está sim.

– Fico feliz com isso. E aliviada. Achei que depois que enterramos Ellie e o Drew se mudou para aquela ilhazinha, ele iria apodrecer lá pelo resto da vida. Ele está feliz com você. Tenho apenas uma coisa para lhe pedir.

– O quê?

Um conhecido brilho de bom humor acendeu nos olhos da velha senhora.

– Faça com que ele traga você e meu neto para me ver com mais frequência.

ELES VIAJARAM PRIMEIRO para Phoenix, em seguida para Dallas, Houston, Nova Orleans, St. Petersburg. Drew estava jogando bem, vencendo constantemente nas rodadas de qualificação, mas perdendo nas finais. Mas isso não o desencorajava, nem a Ham. Drew estava dando o melhor de si. Então ele ganhou em Memphis. E em Atlanta. E em Cincinnati. Ele começou a subir no *ranking*.

Arden estava cansada de viajar, mas radiante com o sucesso de Drew. A vida na estrada era difícil, especialmente com um menino tão cheio de energia quanto Matt. Quando eles saíram do Havaí, ela já havia escrito todos os artigos prometidos às revistas. Através de telefonemas interurbanos, ela ficara feliz em saber que todos seriam impressos sem revisões. Mas, por enquanto, ela não aceitou novas encomendas.

– O que você faz o dia inteiro quando estou fora? – perguntara-lhe Drew certa noite enquanto eles jaziam abraçados depois do amor. – Está ficando entediada?

Entediada? Precisando cuidar de Matt o tempo todo, ela não tinha como ficar entediada. Ela se aproximou mais dele, desfrutando da sensação de conforto de senti-lo ao seu lado.

– Aguardo suas partidas e... fico sonhando acordada... com isto. – Ela desceu a mão pelo corpo de Drew para tocar sua intimidade. Ele arfou baixinho ao sentir os dedos dela se fecharem em torno dele.

– Meu Deus, Arden, você está tentando me matar para ficar com o dinheiro do seguro? Tenho uma partida de tênis bem difícil marcada para hoje. Jogar cinco de sete sets e depois... fazer amor.... Meu Deus.

– Você não me parece alguém que está à beira do colapso. Pelo contrário... – sussurrou ela, massageando o músculo enrijecido.

– Quando não está pensando em formas de se tomar uma viúva jovem, o que mais você faz? – ele arfou.

– Escrevo.

– Escreve...? Não, não pare... Sim, gosto disso... Ah... Escreve o quê?

– Coisas. Anotações para um romance. Poesia.

– Poesia? O que você está fazendo comigo agora é poesia. – Ele a deixou de barriga para cima e a deixou guiá-lo para seu corpo receptivo. – Escreve mil versos sobre isso.

Eles estavam felizes por terem voltado para casa. Ham não gostara nem um pouco disso. Ele até tentara coagir Arden a apoiá-lo.

– Ele precisa jogar em cada torneio que puder – disse ele, pontuando cada palavra com movimentos de estocada com seu charuto.

– Drew precisa passar algumas semanas em casa, Ham.

– Você pode convencê-lo do contrário.

– Talvez possa, mas não vou.

– Eu tinha esperado isso. – Ele enfiou o charuto na boca, xingou, e então dissera que iria levá-los de carro até o aeroporto.

Mo havia aberto, arejado e preparado a casa para eles, que pareciam reiniciar uma rotina razoavelmente normal. Drew jogou todos os dias com Gary no clube, concentrando-se nos pontos fracos sobre os quais ele e Ham haviam conversado. Arden ocupara-se com Matt e fizera planos para sua turnê seguinte, que iria levá-los à Europa. Só de pensar nisso Arden sentia-se exausta. Como ela iria comunicar a garçons que não falassem inglês que Matt preferia um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia a qualquer prato caríssimo em seus *menus* ? Ela às vezes não conseguia convencer disso nem garçons que falavam sua língua.

Certa tarde, Arden estava relaxando na suíte principal, encolhida numa cadeira diante da janela, quando Drew entrou. Ele largou sua bolsa de tênis perto da porta. Entreolharam-se de cada lado do quarto, telegrafando silenciosamente o amor que crescera entre eles nas últimas semanas.

– Você fica linda sentada aí, Arden – disse ele sorrindo. – O sol poente está deixando seu cabelo lustroso e com fios ruivos.

– Obrigada. Eu tinha planejado estar vestida quando você voltasse, mas fiquei ocupada com algo. – Ela dobrou algumas folhas de papel sobre um bloco e pousou-o na mesa ao lado da cadeira.

Ele fechou a porta e a trancou. Arden estava usando uma das camisolas favoritas de Drew. O tecido fino e transparente transbordava delicadamente de seus ombros e caía até o chão, cobrindo seu corpo numa nuvem azul.

– Você acaba de sair do banho – comentou ele.

Ela cheirava a banho de bolhas floral e mulher. Simplesmente a feminilidade

que Arden emanava já era suficiente para deixar Drew excitado. Ele ajoelhou-se ao lado da cadeira na qual ela estava sentada e colocou as pontas dos dedos a cada lado do pescoço de sua mulher. Ele gostava de pensar que conseguia sentir a pulsação de Arden acelerar quando ele a tocava.

Arden simbolizava paz, lar, amor, tudo o que ele chegara a desistir de reencontrar em sua vida. Cada vez que tornava a vê-la, depois de uma de suas ausências breves, Drew ficava surpreso com o quanto a amava, em como desde o começo houvera uma ligação entre eles que ele não podia compreender ou explicar.

– O que ocupou você? – perguntou Drew.

– Nada de mais – disse Arden no tom casual que usava quando queria dizer precisamente o contrário. Quem a havia convencido de que sua opinião não era valiosa? O marido sobre o qual ela falava tão pouco? Quase diariamente, Drew condenava o homem ao inferno. Ela tinha sido ferida. Terrivelmente. E não apenas pela morte de Joey. Os resíduos de abuso ainda permaneciam, embora ela jamais falasse sobre seu passado. Mas Drew planejava ensinar a Arden o quanto ela era valiosa, nem se isso levasse uma vida inteira.

– Você escreveu algo, não escreveu?

Ela olhou em outra direção.

– Está péssimo, mas é uma coisa que eu queria colocar no papel há muito tempo.

– Posso ler?

– É tão ruim que não merece ser lido.

– Eu não acredito nisso.

Ela lambeu os lábios.

– É muito pessoal.

– Eu não vou insistir se você não quiser que eu leia.

– Eu gostaria de ouvir sua opinião – disse ela, tensa.

Tomando a iniciativa, ele pegou as folhas dobradas. "Joey" estava escrito na linha superior da primeira folha. Ele levantou os olhos para os de Arden, mas ela desviou o olhar. Arden levantou da cama e caminhou até a janela, onde parou em silhueta contra a vermelhidão do céu oriental.

Drew leu o poema de quatro páginas, sentindo um aperto no coração a cada linha. Era óbvio que as palavras tinham vazado de sua alma e que aquilo fora um processo doloroso. Elas eram tocantes, mas não melosas. Eram espirituais, mas não pomposas. Expressavam à dor profunda e impotente de uma mãe que assiste uma criança morrer lentamente. Mas os últimos versos eram um testemunho às

bênçãos que aquela criança havia trazido. Eles exprimiam uma alegria invejável e rara.

Os olhos de Drew estavam molhados quando ele se levantou, reverentemente devolvendo as folhas de papel à mesa e então seguindo até Arden. Por trás de Arden, os braços de Drew deslizaram sob os dela; Drew puxou-a com força contra ele, pousando sua fronte contra o ombro dela.

– É lindo, Arden.

– Você realmente acha ou está dizendo isso para me agradar?

– É lindo. É pessoal demais para você compartilhar.

– Quer dizer, submeter a publicação?

– Sim.

– É bom a esse ponto?

– Meu Deus, é sim. Eu acho que pais, quaisquer pais, tenham ou não sofrido a perda de uma criança, iriam se identificar com estes versos. Eu mesmo me identifiquei. E acho que você deveria publicar. Pode até mesmo ajudar pessoas que estejam passando pelo que você passou.

Ela se virou para ele e deitou a cabeça no seu coração. Ela adorava seu batimento sólido e estável.

– Eu queria ter estado lá quando você precisou de alguém. Você estava aqui para me ajudar a sair de minha crise, mas você passou sozinha pelo seu inferno. Sinto muito, meu amor. – As palavras, fervorosamente pronunciadas, e as mãos fortes que acariciavam suas costas, testemunhavam sua sinceridade. – Venha cá – disse ele, segurando a mão dela para conduzi-la até a cama.

Ele sentou na cama e a moveu para colocá-la entre suas coxas. Olhou para seu rosto amável e acariciou com o dedo a forte sobrancelha de Arden.

– Eu queria conseguir apagar com amor toda a tristeza que existe dentro de você. – Ele se inclinou para a frente e repousou a cabeça no diafragma de Arden.

– Eu gostaria de conseguir apagar sua tristeza também. Mas ela sempre será parte de nós. Talvez amemos um ao outro por causa de nossas decepções passadas.

– Eu sei apenas que amo você mais do que pensava ser possível amar. – A respiração de Drew, filtrada através do tecido transparente como gaze que cobria sua pele, estava quente e úmida. Ele esfregou o nariz nos seios de Arden, adorando sentir aquele peso delicioso no rosto. – Arden, você não está usando anticoncepcionais, está? – Ele levantou a cabeça e olhou para ela.

Ela balançou a cabeça antes de responder numa voz apertada.

– Não.

– Ótimo. Vamos ter um bebê. – As mãos de Drew tocaram ternamente os seios de Arden. Ele examinou seu formato, medindo sua plenitude como se os estivesse tocando pela primeira vez. – Você amamentou Joey?

– Até ele adoecer.

Ele fez que sim com a cabeça. Os dedos de Drew acariciaram os mamilos, e quando eles endureceram, ele esfregou o rosto contra eles, de um lado para outro.

– Quero ter um bebê com você. – Ela segurou a cabeça de Drew e pressionou-a contra a maciez de seu abdômen. – Um bebê que seja exclusivamente seu e meu. Um que nós façamos juntos.

Se ele soubesse o que estava dizendo! Ela sabia por que ele não sentia que Matt tinha sido exclusivamente dele e de Ellie.

Seria este o momento certo de dizer que eles já tinham feito um bebê lindo juntos? Ela poderia lhe dizer agora? E depois? Os lábios dele continuariam a desbravá-la com a mesma delicadeza? Ou ele iria parar de amá-la, acusá-la de tê-lo manipulado?

Os lábios de Arden abriram-se para expressar sua confissão, mas, então, ela percebeu que deixara passar tempo demais. O humor de Drew tinha passado da ternura à paixão. Estava beijando o delta entre as coxas de Arden, prestando tributo à sua feminilidade com uma boca amorosa e palavras de adoração. Suas mãos colheram o tecido translúcido da camisola, levantando-a acima de suas pernas, acima de suas coxas, até ele ficar todo embolado na cintura de Arden. Ele enterrou o rosto no sexo dela, aspirando seu aroma.

Quando sentiu os lábios dele em sua pele nua, Arden estremeceu em antecipação e apertou os ombros dele com mãos ansiosas. Ele pressionou beijos ardentes nos pelos escuros e sedosos.

– Deixe-me dar um bebê a você, Arden – suspirou ele. – Deixe-me dar a você o mais precioso dos presentes. – Ele a envolveu com as mãos, enlaçando a cintura de Arden e inclinando-a para a frente a fim de encontrar sua boca.

– Drew – arfou Arden. – Você não pode fazer isso.

Ele podia. Ele fez. O corpo inteiro de Arden foi capturado numa conflagração de paixão. A boca de Drew disparou colunas de fogo diretamente para cima, através de suas entranhas através de seu coração, de sua alma.

Ela obedeceu cegamente às mãos de Drew quando ele a deitou na cama. Ele colocou as pernas de Arden sobre as suas coxas antes de se ajoelhar.

– Eu amo você, Arden. Deixe-me curar sua dor.

Ele tinha uma boca magistral. Drew beijou-a de novo e de novo com lábios

confiantes e possessivos, mas ao mesmo tempo humildes. Sua língua era um demônio dedicado a conceder prazer, um demônio que a impelia em direção a um clímax explosivo, para em seguida acalmá-la.

Pairando novamente à beira do limbo, ela emaranhou os dedos nos cabelos de Drew e puxou sua cabeça.

– Dentro de mim. Por favor, agora – arfou Arden quando foi tomada por mais uma convulsão.

Drew livrou-se das calças e logo uma pressão cheia e rígida preenchia Arden completamente. Ele se moveu de forma mais aventureira que nunca, golpeando as paredes da fissura de Arden, parando, golpeando novamente até ela se ver privada de todos os sentidos, ciente apenas de Drew e do ritmo de seu amor. Drew mergulhou mais fundo a cada vez, tocando o útero de Arden, fazendo promessas e em seguida cumprindo-as com uma explosão de amor tão sublime que todos os temores do coração de sua esposa evaporaram.

Quando ele se retirou, o corpo de Arden parecia pesado, letárgico, mas ainda assim capaz de desafiar a gravidade com uma sensação de flutuar. Drew removeu o resto de suas roupas, puxou a camisola amassada do corpo, reluzente de transpiração, de Arden, e deitou-se ao lado dela.

Mal conseguindo reunir a energia para formar as palavras, ela sussurrou:

– Por que você fez isso?

Ele fez seu dedo correr pelo centro do corpo de Arden até a sombra escura de seu sexo. Ele continuou percorrendo-a com os olhos e em seguida os trouxe de volta para admirar seus seios. Os olhos de Drew brilharam com a luz interna de um fanático adorando seu ídolo.

– Para mostrar que meu amor por você não tem limites.

– Você me deixa fraca de tanto amor.

– E você me deixa mais forte. – Abaixando a cabeça, ele colheu o mamilo de Arden delicadamente com seus lábios e, então, acariciou-o com a língua. – E tão feliz por eu ser homem.

Arden correu os dedos pelos cabelos louros de Drew.

– Você acha que... nós fizemos um bebê?

Ele soltou uma risadinha. Deitando a cabeça ao lado da dela no travesseiro, ele a puxou para si.

– Vamos simplesmente continuar fazendo até acontecer.

E, então, usando por roupas apenas o crepúsculo púrpura, eles adormeceram.

– VOCÊS DOIS SÃO DOIDOS! – gritou Arden para os dois tenistas profissionais.

Drew e Gary estavam rebatendo a bola de um lado para o outro da rede, arqueando-a o mais alto que podiam. Faziam aquilo de brincadeira para entreter Matt, que estava de pé ao lado da quadra, batendo palmas. Quando Drew se curvou e acertou a bola por entre suas pernas, Matt soltou um gritinho de alegria e deu pulinhos sem sair do lugar.

– Muito bem, acabou o *show* – disse Arden. – Vou levar sua plateia para casa antes que você se machuque e sobre para mim a tarefa ingrata de informar a Ham que você está fora da competição. Tentem treinar de verdade, sim?

– Estraga-prazeres! – gritou Gary de brincadeira antes de correr para papear com sua última conquista, que estava esperando por ele com uma toalha e uma garrafa térmica de água gelada.

– Faço minhas as palavras dele – disse Drew, colocando uma toalha em torno do pescoço. Ele dobrou uma sobre o pescoço de Matt, que estava sorrindo para ele. – O problema da sua mãe é que ela é séria demais, sabia? – disse ao menino antes de beijá-lo na testa. Ele se empertigou e baixou a voz para um sussurro. – Exceto na cama, onde ela é uma farrista e tanto.

– E você, a alma da festa – disse Arden em um tom sugestivo, esfregando o nariz no dele. – Adoraria beijar você, mas não consigo achar um lugar seco.

– Isso não é uma fala de Bette Davis?

– Não. O que ela disse foi: "Eu adoraria beijar você, mas acabo de lavar o cabelo. "

– Ah. Sabia que era algo assim. Bem, você me deve um beijo. Precisa ir?

– Você sabe que Matt vira um monstro quando não tira seu cochilo. Quem sabe, quando você voltar para casa, vamos com ele até a praia.

– Se formos sozinhos, podemos brincar pelados.

– Você não pensa em outra coisa?

– Sim – respondeu, fingindo-se de ofendido. – Às vezes penso em fazermos isso vestidos.

– Você é terrível! – gritou ela, jogando uma toalha em seu rosto. – Jogue bem. Nos vemos em casa.

Ela tomou Matt no colo e jogando sua bolsa no outro ombro caminhou em direção ao estacionamento onde ele deixara o Seville. Ela, de certa forma, herdara-o depois que Drew comprara um Jeep para ele.

Eles haviam passado três meses na Europa, pulando de país em país, torneio em torneio, e tinham voltado havia apenas uma semana. Drew estava agora na quinta posição no tênis mundial. Ele estava torcendo para que, nesta mesma época, no ano seguinte, estivesse novamente na primeira posição.

– Então eu irei me aposentar.

– E fazer o quê?

– Que tal você acha de uma cadeia de lojas de artigos esportivos? A ênfase estaria na participação em família. Você sabe, sapatos de corrida para pai e filho, vestidos de tênis iguais para mães e filhas, jogos para a família inteira. Coisas assim.

– Parece fantástico. E gosto do conceito.

– Eu também. Nós vamos dirigir a empresa.

– Nós?

– Ham também vai se aposentar. Ele diz que está velho demais para começar tudo de novo com um novato. Ele quer sair do ramo comigo. – Ele lhe deu um beijo rápido. – E com você, é claro.

"Joey", o poema de Arden, fora publicado por uma revista feminina e em seguida pela *Reader's Digest*. A revista feminina perguntara a Arden se ela não estaria interessada em escrever um conto ou uma pequena novela. Ela estava pensando em várias coisas.

– Gostou de ver o papai jogar? – perguntou a Matt, que havia celebrado seu segundo aniversário em Paris. Matt estava pesado demais, mas ela jamais perdia uma oportunidade de carregá-lo. Matt chamava-a de "Mamã", e cada vez que Arden via o nome nos lábios perpetuamente úmidos, sentia vontade de chorar de felicidade.

– Ele não é maravilhoso? Mas sua opinião sobre ele é tendenciosa, assim como a minha.

Ardeu não viu o homem no carro estacionado ao lado do dela até o momento em que ele saltou. Ela olhou sobre o ombro enquanto estava destrancando a porta do carro. E tudo dentro dela congelou. Ela teve a sensação de que o sangue estancou em suas veias, que os pulmões cessaram de operar, que o coração parou.

Ele estava uns nove quilos mais gordo. Seu cabelo estava mais ralo, grisalho e mal cortado. Sua tez era pálida, num contraste horrível com seu nariz, que avermelhara devido ao excesso de bebida. As papeiras em cada lado de seu rosto pareciam bolsos enormes e vazios. Suas roupas eram menos elegantes e pareciam apertadas e quentes demais para o clima. Seus sapatos estavam gastos.

Mas aquela expressão conspiratória ainda espreitava em seus olhos. Ele ainda estampava o sorriso sarcástico que ela conhecia tão bem, o sorriso que dizia que ele sabia algo sobre alguém e mal podia esperar para usar isso em sua vantagem.

Arden sentiu uma terrível ânsia de vômito. Ela engoliu a bile quente que subiu

por sua garganta e, instintivamente, com a fúria protetora da maternidade, abraçou Matt.

– Olá, sra. McCasslin.

Ele fez o nome soar como um insulto obsceno. Ela precisou conter um impulso de fugir daquele homem, de correr para o mais longe que pudesse. Em vez disso, ela o fitou de volta com olhos gélidos de ódio.

– Olá, Ron.

Capítulo 11

Os olhos injetados passearam pelo corpo de Arden de um jeito que a fez querer tomar um banho escaldante. Não queria que Ron soubesse o quanto sentia medo dele. Essa era a única coisa que a impedia de gritar.

– Você está muito bem – disse ele depois de terminar de analisá-la dos pés à cabeça.

– Você está horrível – disse ela secamente, perguntando-se de onde provinha sua coragem recém-descoberta. Mas ela sabia. Provinha do amor de Drew e da felicidade que descobrira com ele.

Ron Lowery piscou, momentaneamente desconcertado com a petulância de Arden, característica que ele não conhecia em sua ex-esposa.

– É verdade – disse com um sorriso sinistro. – Mas eu não caí de pé como você, sra. McCasslin.

Matt começou a se debater, e ela o colocou na calçada do estacionamento. Ele já perdera o interesse nesta conversa e estava muito mais interessado no botão de metal amarelo que marcava a vaga na frente do automóvel. Arden providenciou para que ele ficasse fora do alcance de Ron.

– Não culpe a mim nem a mais ninguém pelos seus infortúnios, Ron. Você recebeu todos os frutos do sucesso numa bandeja de prata. Ou deveria dizer num anel de casamento? Se você não conseguiu aproveitar as oportunidades, então você só pode culpar a si mesmo.

Ele cerrou os punhos nas laterais do corpo e deu um passo ameaçador para a frente.

– Não me venha passar sermões. Eu posso derrubar seu mundinho com um sopro, sra. McCasslin. Como você o encontrou?

Arden decidiu que sua única defesa era manter ares de superiora e não admitir nada. Ela levantou o queixo, petulante.

– Não sei do que você está falando.

Dedos metálicos afundaram no seu antebraço quando Ron puxou-a para mais perto dele.

– Como você achou McCasslin? E não me tome por estúpido. Não vai me convencer que conheceu seu maridinho graças a alguma coincidência extraordinária.

Engoliu em seco e piscou contra ondas de dor. Estava vendo um lado da natureza de Ron que ela sempre soubera existir, mas não quisera reconhecer. Ele podia ser rude, cruel e violento, para conseguir o que queria.

– Raciocínio dedutivo – disse ela com alívio quando os dedos dele largaram seu braço. – Vi Drew e a mulher na manhã em que eles saíram da maternidade.

– Meus parabéns. Você foi bem espertinha, não foi? – Baixou os olhos para Matt de um modo que gelou o sangue nas veias de Arden. – Ele é um menino engraçadinho. Fiz um bom trabalho gerando ele.

Um oceano de náusea verteu sobre Arden, e ela pensou que ia desmaiar. Foi uma surpresa descobrir a si mesma ainda de pé vários segundos depois.

– Você? – inquiriu ela.

Ele riu. Foi um som feio.

– Qual o problema, sra. McCasslin? Acha que se esforçou tanto a troco de nada? Acha que se casou com o homem errado? É?

A provocação deixou-a ainda mais enojada.

– Matt é filho de Drew? – indagou desesperada.

Ron fitou-a, desfrutando ao máximo da onda sísmica de desespero que ele infligira nela.

– Ele proveu o sêmen, sim. Mas como você deve se lembrar, eu fiz todo o trabalho.

O alívio de Arden foi tão grande que ela desmoronou contra a carroceria quente do carro. Isso foi vários momentos antes de a vertigem passar e do mundo se endireitar. Mas o sabor metálico em sua boca e o enjoo em seu estômago permaneceram. Este homem era diabólico, capaz de qualquer coisa.

– Na verdade, você me fez um grande serviço casando com McCasslin – disse ele, catando preguiçosamente a sujeira imaginária em suas unhas. Ou talvez não fosse imaginária.

Não estava disposta a fazer o jogo dele, perguntando o que queria dizer com isso. Em vez disso, fitou audaciosamente os olhos astutos de Ron.

– Passei por maus bocados, Arden. Sei que você ficará devastada em saber que a clínica que o seu santo pai construiu com tanto esforço e carinho não existe mais.

– Eu me divorciei dela quando me divorciei de você – disse Arden. – Não era mais a obra do meu pai, mas um dos seus brinquedos. E eu não queria nada de você.

Ele deu com os ombros.

– Bem, ela não existe mais. O que nos traz ao motivo desta visita agradável. – Ele se inclinou para a frente e sussurrou, conspirador: – Você vai me ajudar a recuperar parte das minhas perdas.

– Está louco. Eu não cuspiria em você se o visse em chamas. E esta sua visita agradável, como você chamou, acaba de chegar ao fim. Não me incomode mais. – Ela ajoelhou-se e pegou Matt, que estava brincando no chão. Ignorando os protestos do menino, abriu a porta do carro e o empurrou para dentro.

– Um minutinho – disse Ron, agarrando o braço de Arden antes que ela pudesse entrar no carro. – Você vai gostar se eu fizer uma visita àquele seu novo maridinho? – Arden parou de se debater e prendeu a respiração enquanto, sem dizer uma palavra, fitava os olhos selvagens de Ron. – Você tem uma péssima opinião a meu respeito. Mas lembre que Drew e aquela esposa insípida dele me consideravam logo abaixo do Todo-Poderoso. Ele vai ficar feliz em me ver. Devo ir lá bater um papinho com ele?

O pânico aflorou no rosto de Arden, e ela rezou para que seu ex-marido não o tivesse percebido. Mas, pelo brilho vitorioso nos olhos dele, ela soube que ele vira.

– Foi o que pensei – disse ele. – O sr. McCasslin não sabe quem era o seu ex-marido, sabe? Ele não sabe que se casou com uma prostituta muito cara. Uma prostituta que fez um programa de 50 mil dólares. Ele não sabe nada disso, sabe? Bem, isso não é interessante? – Ele a empurrou para o assento do carro e concluiu: – Entrarei em contato.

Aquilo foi um juramento, uma ameaça que deixou os braços e as pernas de Arden trêmulos enquanto ela dirigia para casa.

– VOCÊ NÃO GOSTA da vitela *scallopini* ?

Arden parou de empurrar a comida por seu prato e sorriu sobre a mesa para os olhos questionadores do marido.

– Sinto muito. Acho que não estou com clima para lugares movimentados esta noite.

Eles estavam jantando sozinhos num dos melhores clubes noturnos de Lahaina.

– Você devia ter me dito. Poderíamos ter ido a outro lugar. – Ele segurou a mão de Arden e a apertou. Fitou-a com uma expressão tão íntima que derreteu seu coração. – Ou poderíamos ter ficado em casa, jantado no nosso quarto e realmente nos divertido.

A insinuação por trás das palavras, a lembrança de noites assim, o amor tão evidente nos olhos dele, aumentou ainda mais a culpa no peito de Arden.

Ela passara a noite toda agitada, com medo de olhar sobre o ombro e constatar a presença funesta de Ron. Ela o odiava. Ele era uma pessoa detestável, e ela desprezava seus motivos egoístas. Mas ela era melhor? Ela não havia manipulado Drew McCasslin da forma mais detestável? Por que ela não lhe dissera quem era desde o começo? E por que era tão difícil dizer para ele agora?

A resposta para ambas as perguntas era a mesma. Ela o amava demais. No momento em que Arden pusera os olhos em Drew, toda sua objetividade fora por água abaixo. E jamais retornara. Ela não tinha mais condições de dizer a ele agora que era a mãe de Matt do que tivera naquele primeiro dia em que caminhara até ele para dizer olá. Mas a culpa com a qual ela vivia estava se tornando insuportável. Ela a devorava como um câncer. Ela não gostava de considerar a si mesma no mesmo nível que Ron Lowery.

– Sinto muito por ter estragado sua noite – disse Arden, desejando poder entrar na segurança do corpo dele e se esconder de todos os perigos externos.

– Nenhuma noite que passei com você foi arruinada – disse ele baixinho. Um sorriso melancólico despontou em seu rosto bonito. – Bem, talvez algumas noites antes de nos casarmos, quando eu queria estar com você na cama e você fez tudo para me impedir disso, menos me castrar.

Apesar de seu estado de espírito, Arden riu.

– Eu estava apenas sendo uma dama – disse ela, fingindo recato.

– Dama uma ova. Aposto que você...

A frase pairou inacabada quando ele viu alguma coisa do outro lado da sala que o deixou sem fala.

– Drew?

Levou um momento para os olhos de Drew retornarem para os dela, e então ele pareceu incapaz de se concentrar.

– Eu... o quê? Ah, desculpe. O que você disse?

– Era você que estava dizendo alguma coisa, não eu. – Ela riu e se virou para ver o que capturara a atenção de Drew. O riso ficou preso em sua garganta

quando ela viu Ron Lowery sentado sozinho a uma mesa do outro lado da sala, estudando despreocupadamente um *menu* . Sua presença ali não era acidental. Disso Arden tinha certeza absoluta.

Ela se virou novamente para o marido para ver se ele percebera seu choque, mas Drew ainda estava fitando Ron.

– Conhece aquele homem? – perguntou ela, hesitante.

Nesse momento, ela compreendeu que decidira perpetuar a mentira. Tinha sido brindada com uma oportunidade ideal de dizer: "Drew, eu acho que você conhece meu ex-marido. Você e Ellie foram se consultar com ele três anos atrás. Ele encontrou uma mãe de aluguel para o filho de vocês. Eu era a mulher. " Em vez disso, escolhera o caminho de menor resistência. Ela não podia jogar com o amor de Drew agora. Ainda era novo demais, frágil demais. Matt era precioso demais para ela. Arden não podia correr esse risco.

– Bem, sim – disse Drew. Ele estava observando Ron enquanto ele falava com uma garçonete a respeito da carta de vinhos. Ela detectou algum traço de amargura na voz de Drew. Os lábios dele tinham se estreitado de um jeito que Arden sabia indicar descontentamento com alguma coisa. Aparentemente, ele não tinha Ron em tão alta estima quanto Ron imaginava.

– Ele... Ele... Ellie e eu o conhecemos no continente. Houve uma época em que ele foi um amigo especial para nós.

– Entendo – disse Arden, engolindo sua água gelada.

– Ele é médico. Ele nos prestou um serviço pelo qual foi muito bem pago. Depois ele tentou arrancar mais dinheiro de mim.

A pouca comida que Arden ingerira começou a revirar em seu estômago. Depois que ela dera à luz Matt, Ron pressionara os McCasslin para lhe dar mais dinheiro. O homem não tinha nenhuma gota de honra?

– Como ele pôde esperar que você pagasse mais do que ele havia pedido? – indagou, torcendo para a pergunta parecer casual.

– Ele disse que tivera complicações que não havia antecipado – disse Drew distraído, ainda olhando na direção de Ron. E, então, como se percebesse que tinha dito mais do que pretendia, reverteu sua atenção para Arden. Seu sorriso foi forçado. – Chegamos a um entendimento. Queria saber o que o trouxe a Maui. Provavelmente, está em férias.

– Sem dúvida. – Arden queria saber o quanto sua voz parecia normal, quando ela estava contendo um ímpeto de gritar.

– Se você não vai mutilar mais esse pedaço de vitela, vamos embora.

– Já acabei.

Deus, como ela iria viver com isto?, perguntou-se enquanto deixava Drew conduzi-la pelo labirinto de mesas em direção à porta; eles teriam de passar pela mesa de Ron para alcançar a saída. Ela sabia que ele os seguira até o restaurante. Era a forma de ele demonstrar o quanto suas ameaças eram sérias. Ele queria alguma coisa dela, e iria segui-la com a tenacidade de um perdigueiro até que ela cedesse. E ela sabia que para proteger sua vida com Drew e Matt teria que ceder.

Ele interpretou a cena com a autoconfiança de um Barrymore. Ele realmente deixou seus olhos arregalarem em prazer e surpresa ao ver Drew. Em relação a ela, Ron não demonstrou nenhum sinal de reconhecimento. O coração de Arden batia contra as costelas como um animal enjaulado quando ela o ouviu dizer:

– Drew McCasslin! Que prazer em revê-lo depois de tanto tempo.

Drew foi frio, mas educado.

– Olá, dr. Lowery. Como vai?

Eles trocaram um aperto de mãos.

– Você está muito bem, Drew – elogiou Ron. – As últimas notícias a seu respeito nas páginas esportivas têm sido fantásticas. – Então, com pesar no rosto, ele abaixou a voz para dizer: – Sinto muito sobre sua esposa. Como vai o menininho?

Arden pôde sentir os músculos de Drew contraindo com tensão, mas ele manteve um tom firme ao responder:

– Obrigado por suas condolências. Matt é um belo menino de dois anos agora. Ele é maravilhoso.

– Ah, é muito bom ouvir isso.

– E... – Drew puxou-a para a frente. – Esta é Arden, minha mulher. Querida, o dr. Ron Lowery.

Ocorreu a Arden que muitas vezes dramaturgos criaram cenas cômicas a partir de situações como esta, e ela se perguntou como alguém poderia considerá-las engraçadas. A ironia era cruel demais para ser humorística. A histeria que a ameaçou tomar o dia inteiro ameaçou explodir. Ela não sabia se tomaria a forma de uma risada insana e aguda ou um grito imbecil. Ela conseguiu contê-la bem a tempo.

– Dr. Lowery – disse ela. Nada poderia tê-la compelido a estender a mão.

– Sra. McCasslin – disse Ron com gentileza.

O sorriso de aparência sincera de Ron deixou Arden furiosa. Ela sentiu uma vontade imensa de expô-lo como o vigarista que era. Mas expô-lo seria expor a si própria.

Os dois homens conversaram um pouco. Ron disse que viera passar várias

semanas de férias nas ilhas, e Drew desejou-lhe uma boa estada. De algum modo, ela conseguiu passar por tudo aquilo sem perder a cabeça. O sorriso nos lábios de Arden era tão frágil que ela temeu que seu rosto estilhaçasse como um prato de porcelana caso o mantivesse por muito tempo.

– Foi maravilhoso vê-lo novamente – disse Ron enquanto Drew finalmente a escoltava até a porta.

– Igualmente. Tenha boas férias – desejou Drew enquanto eles se afastavam.

Uma vez no carro, ele ligou o motor, mas não engatou as marchas. Ele ficou olhando, sem ver, por cima do ornamento do capô.

– Algo errado? – indagou ela.

– Não, na verdade não. Tem uma coisa a respeito... – A voz de Drew morreu na garganta enquanto Arden mantinha-se sentada reta ao seu lado, apenas seu rígido controle físico impedindo que ela se rendesse à histeria. – O dr. Lowery foi importante para Ellie e para mim. Eu lhe disse que ela teve problemas em conceber. Ele... bem, ele possibilitou Matt. Eu tenho de agradecer a ele por meu filho. Mas... eu não posso explicar, Arden.

Ele balançou a cabeça como se, fazendo isso, seus pensamentos aleatórios fossem se reorganizar logicamente.

– É mais do que a exigência que ele fez por dinheiro adicional. Tem alguma coisa nos maneirismos dele que me incomoda, que me deixa incapaz de confiar demais nele. Eu não sei o que é exatamente, mas, por algum motivo, vê-lo esta noite me perturbou. Ainda mais no meu território, por assim dizer. Eu não o via desde que Matt nasceu, e não planejava vê-lo nunca mais.

Ele soltou uma risadinha e engatou a primeira marcha.

– Você deve achar que sou maluco.

– Não – disse ela, olhando hipnotizada para os mostradores iluminados no painel. – Também não confio nele.

– AGORA QUE AS LUZES estão apagadas, vai me dizer o que a incomodou o dia inteiro?

Arden já estava na cama há vários minutos quando Drew ligou o abajur da penteadeira e se juntou a ela. Ele estava nu, assim como ela. Ela havia dispensado o uso de roupas de dormir.

– Poupa tempo – dissera Drew com um sorriso *sexy* em sua primeira semana de casamento.

Naquela noite, Arden não vestira uma camisola, mas ela lamentava não tê-lo feito. Seus impulsos teriam sido de se esconder, de se cobrir. Encolheu-se num

lado da cama e, abraçada a si mesma, ficara olhando para a parede.

– Não tem nada me incomodando – murmurou ela contra o travesseiro.

– Então você sofreu uma mudança de personalidade desde que saiu do clube hoje à tarde. Você tem estado com os nervos à flor da pele. Você não jantou direito, ficou calada durante toda a volta para a casa e, o mais incomum de tudo, quase esqueceu de passar no quarto de Matt para lhe dar um beijo de boa noite. Droga, tem algo errado.

Toda a ansiedade de Arden aflorou e ela descontou no objeto mais próximo: Drew.

– Só porque não quero fazer amor esta noite você acha que tem algo errado comigo. Talvez eu apenas não esteja no clima, certo? Meu Deus, você espera que eu acenda e apague como uma lâmpada. Não posso ter uma noite de paz? – Ela puxou as cobertas ainda mais sobre o corpo.

Vários segundos de silêncio se passaram antes de Drew empurrar as cobertas e se levantar da cama.

– Sua memória está lhe pregando peças. Não lembro de ter pedido para fazermos amor esta noite.

Ele já tinha dado três passos largos através do quarto quando ela implorou que ele voltasse.

– Drew! – gritou ela, sentando e estendendo os braços. – Sinto muito, sinto muito. Volte. Me abraça.

O luar filtrado pelas janelas amplas relevou os filetes de lágrimas prateadas em suas faces. Ele estava ali imediatamente, apertando-a contra si, acariciando seu cabelo com mãos amorosas pressionando o rosto de Arden na curva do ombro.

– O que é, Arden? O que está errado? Alguma coisa que eu fiz? Deixei de fazer?

– Não, não – disse com tristeza. – Eu não devia ter sido grosseira com você. Não foi intenção. Eu...

– O que é? Me diz.

Ela vasculhou sua alma, procurando pela coragem de contar a ele sobre Ron, sobre Matt. Não achou. Naquele momento, a coragem era tão elusiva quanto o raio de luar que brilhava em seu cabelo. Fungando, enxugou as lágrimas.

– Não é nada. Apenas... Estou meio para baixo hoje. Só isso.

– Deite – instruiu ele baixinho, e reclinou com ela sobre as roupas de cama de linho. Estava quente o bastante para que eles ficassem estendidos ali sem cobertas, com a brisa do oceano roçando em suas peles. Ele deitou atrás dela, puxando-a para si e abraçando-a de forma protetora. A exalação de Drew agitou

os cabelos e acariciou a orelha de Arden quando ele sussurrou:

– Arden, eu amo você.

– Eu também amo você – jurou ela, aninhando os quadris contra ele, sentindo sua masculinidade orgulhosa e quente.

Ele moveu as mãos para cima e para baixo pela frente do corpo de Arden, correndo as pontas dos dedos pelo vale escuro que dividia seu torso em esquerda e direita.

– Está preocupada por não ter engravidado?

Ela estivera, mas não falara nada sobre isso. Desde o dia em que ele lera o poema de Arden, os dois vinham torcendo para que ela engravidasse logo.

– Vai acontecer – disse ela baixinho.

– Eu também acho. Mas, se não acontecer, não fará diferença para nós. Eu amo você. Não quero que pense que se não tivermos um filho nosso eu irei amá-la menos.

Ela puxou a mão dele para seus lábios e a beijou.

– Sou egoísta. Quero ser tudo para você.

– Você é. Eu já penso em você como a mãe de Matt. Vendo vocês dois juntos, ninguém acharia que não são mãe e filho.

Arden conteve um choro e o abraçou com mais força. Ela não merecia esta confiança cega. Este amor.

– Arden, quando faço amor em você, fazer um bebê é a última coisa que me passa pela cabeça. Penso apenas em você. No meu amor por você. Exclusivamente.

Os soluços de Arden diminuíram e se misturaram a um sussurro quando Drew fechou as mãos em seus seios. A voz grave murmurou palavras de amor em seus ouvidos.

– Eu penso nos seus seios, na forma perfeita que eles têm. Amo o jeito como eles são cheios. Adoro acariciá-los. Deste jeito. – Com os dedos, massageou os montes delicados e encontrou-os já excitados por suas palavras apaixonadas. – Você é tão linda – sussurrou ele enquanto, com as pontas dos dedos, fazia mágica na pele de Arden.

– Sua pele é tão macia – disse ele enquanto massageava o estômago de Arden. – Adoro beijá-la. Adoro a sensação de sentir sua pele com o rosto e os lábios. E isto.... – Os dedos de Drew correram pela moita no topo das coxas de Arden. – Isto é o que a mulher deve ser. – Ele intensificou a exploração carinhosa. – Adoro você aqui.

Arden gemeu em êxtase quando recebeu aquele toque ousado de Drew e

aprovou a invasão terna de seus dedos.

– Gosto tanto quando me mantém aqui, enterrado dentro de você.

– Drew. – Ela virou a cabeça para encontrar a boca de seu marido. Ele a beijou profundamente.

– Nada poderia me fazer amá-la menos. Você não pode conquistar meu amor, Arden. Você já o tem. Livre, irrestrito, incondicional, eterno.

Ela se contorceu nos braços dele e se virou para olhá-lo.

– Mudei de ideia. Quero fazer amor. Quero muito.

Ele sorriu de prazer e surpresa quando ela pôs as mãos nos ombros dele e o fez deitar de costas. Arden posicionou-se por cima de Drew, que gemeu em êxtase. Os seios de Arden ficaram em exposição tentadora diante dos olhos dele. Sem acreditar em sua própria ousadia, Arden segurou um em cada mão como uma oferenda.

– Você consegue...?

Drew ergueu o tronco para substituir as mãos de Arden pelas dele, aceitando de bom grado o presente. Com a língua, maltratou os mamilos até deixá-los doloridos, enquanto ao mesmo tempo movia-se gentilmente dentro dela. Drew abocanhou o máximo que pôde de um seio ao adentrar mais em Arden.

Contra os seios de Arden, exprimiu palavrões que poderiam muito bem ser preces enquanto ela oscilava sobre ele, fazendo-o afundar mais e mais no poço de seu amor até encontrar sua fonte.

– Querida... – gemeu ele, desabando nos travesseiros.

Ela virou os quadris, levantou-os, abaixou-os, querendo receber ele inteiro dentro dela para que não houvesse dúvida de que pertenciam um ao outro, de que seu casamento era enraizado em solo firme.

A respiração de Drew era irregular, animalesca, mas seu toque era terno. Ele acariciou os seios de Arden, e então deixou uma das mãos descer para a sombra profunda onde seus corpos se fundiam. Uma emoção maravilhosa atravessava o corpo de Arden cada vez que Drew a tocava.

– Oh, Drew. Por favor, por favor. – Ela própria não sabia se estava pedindo para que ele parasse ou jamais parasse. Mas ele sabia. Ele prosseguiu aquele tormento divino até finalmente sentir o corpo de Arden estremecer com violência. Agarrou seus quadris para ancorá-la a ele enquanto os dois experimentavam juntos o derradeiro enlevo sexual.

Exaurida, Arden ruiu sobre ele, peitos arfando juntos. Seus corpos estavam umedecidos de suor, seus músculos debilitados e inúteis, mas seus corações estavam cheios.

Finalmente, Drew e Arden rolaram de lado. Ele penteou carinhosamente os cabelos negros úmidos sobre afronte de Arden.

– Arden, nosso amor representa tudo que é puro e honesto no mundo.

– Sim – concordou rouca, sorrindo para ele.

Ela esperou que ele adormecesse para voltar a chorar baixinho.

– É A DONA da casa?

Os dedos de Arden apertaram com mais força o telefone. Ela reconheceu imediatamente a voz oleosa. Passara dias temendo ouvi-la. Ela soubera que Ron iria ligar, apenas não soubera quando. Agora que ele havia finalmente entrado em contato com ela, Arden sentia-se quase aliviada. Finalmente o *suspense* havia acabado. Agora ela precisava apenas temer o que ele queria dela.

– Sim – respondeu seca.

– O Orchid Lounge. Três da tarde.

Ele desligou. Arden recolocou o fone na base com o cuidado de quem passara por terapia física e queria ter certeza de que suas ações eram precisas e corretas. Ron não lhe dera muito tempo. Já passavam das duas. Matt estava cochilando. Drew estava ao telefone do escritório, numa ligação internacional com Ham. Eles planejavam descer até a praia assim que Matt acordasse.

– Sra. Laani – disse Arden, enfiando a cabeça pela brecha da porta da cozinha. – Não quero perturbar Drew enquanto ele está falando ao telefone. Pode dizer a ele que decidi sair para fazer compras? Ele e Matt podem ir à praia sem mim. Talvez eu possa me juntar a eles mais tarde.

– Se quiser, poderei fazer compras para você amanhã – ofereceu a governanta.

– Não, obrigada. Preciso de algumas coisas para mim mesma. Não devo demorar.

Alguns minutos depois ela saiu de casa, usando uma blusa polo e saia de popelina. Ela preferia morrer a se vestir bem para Ron.

Ela sabia que o Orchid Lounge ficava num bairro decadente nos arrabaldes de Lahaina. Ela passara por lá várias vezes, a caminho da cidade. Contudo, era pior do que esperara. Era escuro e esfumaçado, com um fedor de cerveja estagnada pairando no ar.

Ela demorou vários minutos para ajustar seus olhos à escuridão, e quando o fez, notou que era a única mulher no lugar. Pares de olhos lascivos fitavam-na de recantos escuros. Engolindo em seco, caminhou direto até o reservado de vinil mais próximo e se acomodou no assento grumoso.

– Água tônica, por favor – pediu ao *barman*, que chegou correndo ao

reservado para servi-la. Tinha os cabelos empapados com gel. Usava uma camisa com estampa havaiana berrante, folgada, nem um pouco limpa.

– Sim, senhora – disse ele numa voz cantarolada que provocou um arrepio na pele de Arden. Ela apontou os olhos para o relógio em néon na parede oposta e deixou-os lá, mesmo quando o copo de água tônica foi pousado ruidosamente à sua frente sem o benefício de um guardanapo ou suporte. Ela não beberia naquele copo nem por todo o ouro do mundo. Ela ignorou os olhares especulativos lançados em sua direção, os comentários sussurrados seguidos por risos, os olhares sinistros.

Ron chegou com mais de 15 minutos de atraso. Filho-da-mãe. Estava fazendo isso de propósito para enfraquecer, assustar, humilhar Arden. Era precisamente o tipo de estratégia psicológica que ele costumava usar. Bem, ela não ia ficar nesta pocilga por nem mais um momento.

No instante em que estava pegando a bolsa para sair, Ron sentou de frente para ela.

– Aonde está indo? – perguntou beligerante.

– Não gosto da sua escolha de locais de encontro. – Ela viu que os olhos dos frequentadores estavam olhando-a com expressões de quem finalmente entendeu algo. Ela estava ali para se encontrar com um amante. Ou um cliente? Ela estremeceu, repugnada.

– Não era para você gostar. – Ron fez sinal para o *barman*. – Uísque duplo. Puro. – Então ele a fulminou com um olhar traiçoeiro que trespassou a muralha de defesa de Arden como aríetes gêmeos. – Preciso de 20 mil dólares.

O *barman* perguntou se ela queria outra bebida quando pousou o uísque de Ron no tampo engordurado da mesa. Era uma pergunta ridícula, considerando que ela não tocara na primeira. Ela fez que não com a cabeça, não se dignando a olhá-lo. O jeito como aquele homem andava apressado pela escuridão lembrava a Arden uma barata.

Ron tomou metade da bebida de um gole só, estremeceu, engoliu, e então deu uma bebericada.

– Você vai conseguir para mim.

– Vá pro inferno. Não vou fazer nada disso.

Os olhos de Ron desceram para os seios de Arden enquanto um sorriso asqueroso deformava sua boca.

– Sim, você vai. – Tomou outro gole. – Tem gente atrás de mim, Arden. Gente da pesada, carniceiros. Estou endividado com eles até o pescoço. Eles querem o dinheiro deles.

– Isso é problema seu.

– Não, o problema também é seu. Você agora está casada com um tenista rico. VIP. Globetrotter. Celebridade. Se não fosse por mim, você nem o teria conhecido. Você me deve.

Ela fez uma coisa que jamais pensou que faria na presença de Ron Lowery. Ela riu.

– Idiota – disse ela sem esconder seu desprezo. – Depois de tudo que você fez para me machucar, inclusive me pedir para ter um filho para outro homem, quem está me devendo é você.

Ele deu com os ombros.

– Não importa quem está devendo a quem. Você vai fazer o que estou mandando, como sempre fez. Porque você é uma covarde, Arden.

– Eu não sou! – sibilou.

– Não? – perguntou ele com um sorriso sarcástico e uma risada ainda mais sinistra. Ele olhou sobre o ombro para uma dúzia de homens que os observava com interesse. – Você não estava nem um pouquinho assustada quando entrei? Você não gosta deste lugar, gosta? Todos esses caras comendo você com os olhos, imaginando o que tem debaixo da sua saia. Isso não a assustou um pouquinho? Hein? Não deixou você nem um tantinho nervosa? Aposto que tem um filete de suor correndo entre os seus seios. Certo? Esses seus peitões não estão cobertos de suor?

– Pare com isso.

– E suas coxas, a parte interna das suas coxas, também estão suadas, certo? Se esses sujeitos me ouvirem, aposto que vão olhar debaixo da sua saia, para ver se está mesmo com as coxas molhadas.

– Ron, pare.

Ele fingiu surpresa.

– O quê? Será que eu estou ouvindo um tremor na sua voz. Um apelo por misericórdia? – Ele cruzou os braços na mesa e se inclinou a frente. – É assim que eu quero você, Arden. Submissa. – Ele se recostou depois de terminar seu uísque e pedir outro. – Agora, vamos aos negócios. – Quando ele terminou seu novo drinque, disse: – Preciso imediatamente de 5 mil dólares. Os outros 15 podem ser parcelados no decorrer de algumas semanas.

– Ron – exclamou ela, tentando manter sua razão. – Não tenho tanto dinheiro.

– Você tem uma conta conjunta com o seu marido, eu sei disso! – berrou, golpeando o punho na mesa.

Apesar de ter se prometido não demonstrar medo, ela deu um pulo.

– Sim, eu tenho uma conta conjunta com ele – disse ela com compostura forçada. – Mas como devo justificar esse tipo de dispêndio ao Drew?

– Isso é com você. Não soube manipular esse sujeito para fazer com que ele casasse com você? Então pode pensar numa forma de conseguir o dinheiro.

– Eu não o manipulei! – disse Arden, furiosa.

– Mas não é o que Drew vai pensar se eu contar quem eu impregnei com o sêmen dele. – Ele balançou a cabeça, fingindo pena. – Depois que souber disso, ele não vai ser mais um maridinho apaixonado.

– Eu posso negar. Posso admitir que você é meu ex-marido, mas isso não vai provar que tive o filho dele. Posso alegar que você está mentindo para nos chantagear.

– Arden, Arden – disse ele, e estalou a língua duas vezes. – Ainda é tão inocente? Lembra do advogado, querida? Ele é amigo meu. Ele tem todos os registros guardados num cofre. Tudo o que preciso fazer é mostrar os documentos a McCasslin. Além disso, ele beija o chão que eu piso, porque consegui o menino para ele.

Era a vez dela ser prepotente.

– Não conte com isso, Ron. Ele me disse que você tentou arrancar mais dinheiro dele por causa de complicações que você teve. Ele não o tem em conta tão alta quanto você acha.

Ele sorriu com um dos cantos da boca.

– Seja como for, ele não vai querer que eu conte à imprensa tudo que sei sobre o menino. Isso ia deixá-lo com cara de palhaço, além de manchar a reputação de sua saudosa mulher. – Ele piscou para ela. – Me conte. Não é gente demais numa mesma cama? Você, o tenista e o fantasma da mulher dele?

Ele dissera isso com a intenção de feri-la, e conseguiu. Quisesse ou não, ele havia tocado num ponto vulnerável.

– Não é assim – disse ela, desesperada.

– Não? Ele era complemente apaixonado por aquela mulher. Mesmo alguém que conhece tão pouco o assunto, como eu, podia ver isso. Você espera que eu acredite que você a substituiu? Lembre, eu também fui casado com você, Arden. Você pode ser uma tremenda dona-de-casa, cozinheira e mãe, mas como amante você é patética.

Ódio, não diluído e puro, correu por todo seu corpo. Ela sentiu vontade de se gabar de sua vida sexual com Drew, de contar a este calhorda cada detalhe glorioso da vida em comum deles. Ela estava de punhos cerrados quando disse:

– Ele me ama. Eu o amo. Nós queremos ter um bebê. Nós...

Arden foi interrompida por uma gargalhada rude.

– Bebê? – Ele riu ainda mais alto. – Você quer outro bebê? De onde você tirou essa ideia absurda de que ainda pode ter filhos?

Capítulo 12

– O QUE... O QUE VOCÊ ESTÁ DIZENDO? – Seus pulmões perderam todo o ar. Ela não conseguia respirar. Ela ia morrer no Orchid Lounge.

– O que estou dizendo, sra. McCasslin, é que quando você teve seu bebê, você foi ajeitada. Castrada. Esterilizada.

– Isso é impossível – sussurrou ela. – Isso é impossível.

– Estava anestesiada, lembra?

– Mas... não houve incisão. Para uma ligação de trompas...

Ele dispensou o argumento com um meneio de mão.

– Sempre há novos métodos para tentar. E quem seria uma cobaia melhor que a mulher de um ginecologista? Eu tive medo de que depois você se arrependesse de ter entregue o bebê, especialmente depois da morte de Joey. Caso seus instintos maternais viessem à tona, eu não queria que você pudesse ter outro filho. Eu certamente não queria ter outro. Joey me custou uma fortuna em despesas médicas.

Ela deixou escapar um grito de angústia, como se tivesse sido atingida por um golpe mortal. Como ele podia falar assim de Joey, seu próprio filho?

E agora todas as esperanças de ter outra criança tinham sido banidas pela crueldade deste homem. Sentindo-se absolutamente derrotada, ela começou a tatear às cegas em busca da bolsa.

– Quanto você precisa? Cinco mil? – Ela o queria fora de sua vida. Se a forma de conseguir isso fosse comprando-o, ela iria lhe dar qualquer quantia.

– Para começar, sim. Preciso para amanhã.

– Amanhã? – Como ela iria conseguir tanto dinheiro em tão pouco tempo? – Não sei se vou conseguir tão depressa, mas vou tentar – disse ela enquanto se

levantava. Tonta, cambaleou. Ele a segurou pelo braço.

– Você me dará o dinheiro amanhã. Senão eu vou fazer uma visita ao seu marido bonitão. Ele e eu temos muito o que conversar.

Arden, ainda aturdida, libertou o braço e cambaleou em direção à porta. O sol forte a cegou. Ou seriam lágrimas?

– AMANHÃ? – repetiu Arden.

Drew largara sua bomba precisamente quando ela estava levando comida à boca. Seu garfo foi mantido suspenso no ar. Ela o abaixou para o prato.

– Vamos partir amanhã para a Califórnia?

Amanhã, amanhã, amanhã. A palavra ecoava dentro da cabeça de Arden como uma bola numa roleta. Ela tinha a impressão de ter escutado esse eco o dia inteiro.

– Eu sei que é repentino, mas eu mesmo só soube há alguns minutos. – Ele chegara atrasado para jantar. Estivera falando novamente ao telefone com Ham. Matt, como sempre, estava ansioso para jantar, de modo que Arden começara a alimentá-lo. – A sra. Laani pode fazer as malas de Matt esta noite. Amanhã vamos pegar o avião de uma da tarde para Honolulu, e depois um voo noturno para Los Angeles.

– Mas por que a pressa? – Arden estava desesperada. Como ela iria pagar a Ron? Desde que saíra do Orchid Lounge, ela estivera tentando imaginar uma desculpa para dar a Drew quando lhe pedisse os 5 mil dólares.

– Use seu guardanapo como o papai, Matt – disse Drew, demonstrando para o filho. Ele sorriu quando a criança agiu conforme instruída. – Há vários motivos. Primeiro, há três torneios dos quais Ham acha que eu devia participar. Como poucos dos principais tenistas vão jogar, eu talvez tenha chance de algumas vitórias. Como um é em San Diego, um é em Vega, e o outro em São Francisco, a viagem não vai ser cara demais. O intervalo entre eles é de poucos dias. E Ham e eu temos outros assuntos para cuidar.

Ela olhou para seu prato. Vinha sendo cada vez mais difícil olhar Drew nos olhos desde que ela havia retornado de seu encontro com Ron. Agora Arden tinha dois segredos para esconder – que ela era a mãe de Matt e que era estéril. Caso ele descobrisse qualquer um deles, teria motivos mais do que suficientes para desprezá-la. Agora ela estava tentando pensar numa forma de arrancar dinheiro dele para pagar o chantagista. Deus, até onde ela iria afundar?

Ao contrário do que Ron acreditava, ela não possuía uma conta bancária ilimitada. Drew abrira uma conta no nome de Arden, na qual mantinha uma

reserva generosa. Nessa conta também entravam os cheques para os artigos e matérias que ela vendia.

– O dinheiro é seu para fazer o que achar adequado – dissera Drew quando fizera o depósito inicial. – Apenas não gaste na casa. Temos outra conta para isso. Essa é para você se divertir.

Ela havia checado o saldo naquele dia, e ele estava bem longe de chegar a 5 mil. Ela sabia que, caso não aparecesse com o dinheiro, Ron não hesitaria em contar a Drew a respeito dela. Até amanhã. E amanhã eles iriam partir para o continente.

Ela apenas assentiu com a cabeça quando a sra. Laani chegou para levar Matt para o andar superior, para que ela e Drew pudessem terminar de jantar sozinhos. Ela beijou a bochecha do menino, mas depois nem lembraria de tê-lo feito. Sentia-se como uma múmia, toda enrolada em seu problema, contida e imobilizada, separada da vida.

– Sabe, surgiu uma oportunidade para Ham e eu comprarmos uma cadeia de lojas de artigos esportivos que já existe – prosseguiu Drew depois que eles estavam sozinhos. – A cadeia tem lojas em todo o país. Nós achamos que dentro de alguns anos poderemos comprar as ações dos outros sócios e então fazermos o que quisermos.

– Isso é maravilhoso, Drew.

– Consegui um financiamento com um banco de Honolulu. Podemos ficar meio apertados de dinheiro por alguns meses até eu conseguir algumas vitórias e algumas daquelas empresas que renovaram contratos começarem a pagar. Você consegue viver dentro de um orçamento?

Os olhos de Drew estavam brilhando de empolgação, mas ela mal conseguiu produzir um sorriso. Mesmo se ela inventasse uma mentira crível, Drew não poderia dar-lhe nenhum dinheiro agora. Ele teria de usar todo o dinheiro que possuía para comprar a cadeia de lojas de artigos esportivos, com a qual iria assegurar o futuro deles. Arden sentiu seu espírito sufocando, e seus sonhos vazarem do coração, enquanto era engolida por uma opressão negra.

DREW ESTAVA SURPRESO com a ansiedade de Arden quanto à partida iminente da família. Mas já fazia dias que ele estava preocupado com ela. Não sabia o que pensar sobre a súbita reversão de temperamento de Arden. Ela nunca tinha sido nervosa ou tensa antes, mas agora a menor provocação a fazia chorar ou explodir de raiva.

Quando ele não estava falando diretamente com ela, Arden estava olhando para o espaço, totalmente alheia ao que estava acontecendo ao seu redor. Mesmo

quando eles conversavam, às vezes os olhos de Arden ficavam vítreos, e ele sabia que embora ela desse as respostas apropriadas, ela não o estava realmente ouvindo. Até Matt, com quem ela sempre tivera paciência ilimitada, já fora vítima do mau humor da mãe.

No começo, Drew pensara que se tratava de tensão pré-menstrual, mas a mudança de humor já havia durado muito tempo. Então ele pensara, com uma onda de esperança, que ela talvez estivesse grávida. Contudo, quando sugerira essa possibilidade com um sorriso provocador, Arden derretera-se em lágrimas e acusara-o de querê-la apenas como égua parideira. Em vez de gritar um palavrão e sair do quarto, conforme era sua vontade, ele a tomara nos braços e a confortara com palavras que declaravam seu amor sem fronteiras. Isso apenas fizera com que ela chorasse mais forte.

Ele não fazia a menor ideia do que a estava perturbando, mas algo estava. Por que ela não se abria com ele? Ele poderia ajudar. Ele tinha certeza de que podia. Se ao menos ela lhe dissesse o que a estava incomodando. Ele queria sua mulher de volta, aquela que rira e amara com a generosidade e a espontaneidade de uma garotinha.

A notícia da viagem apenas aumentara o sofrimento de Arden. Por quê? Estaria ela odiando a vida na estrada? Ele julgara que ela havia se adaptado muito bem. Nada nessa rotina parecera perturbá-la. Droga, qual seria o problema? Seria ele? Arden estaria infeliz com o casamento? O pensamento causou uma dor excruciante no peito de Drew.

– Eu... Eu realmente não preciso ir, preciso? – Ele viu a língua de Arden correr nervosa por seus lábios. – Quero dizer, acho que você se sairia melhor sem mim... sem todos nós. Com as reuniões e tudo mais, nós somos apenas um fardo para você...

Ele a estudou por um momento, esquecendo completamente de seu jantar.

– Jamais pensei em você e Matt como um fardo. Quero você comigo. Além disso, eu estava esperando que você também me acompanhasse às reuniões de negócios. Quero que você seja uma parceira visível e integral em cada empreendimento de minha vida. Como este empreendimento é vital para o nosso futuro, achei que você gostaria de se ver envolvida.

Os olhos de Drew penetraram os dela.

– E há mais um motivo para você ir. Mais importante que todos os outros. Quero que você consulte um médico.

Para impedir que suas mãos tremessem, ela agarrou o assento da cadeira até os nós dos dedos ficarem brancos.

– Mas isso é ridículo. Um médico? Por quê?

– Porque eu acho que você precisa de um *checkup*. Você insiste que não há nada errado, mas quero uma opinião profissional.

– Que tipo de médico? – perguntou, tensa. – Um psiquiatra?

– Acho que devemos começar com um clínico geral. – O olhar de Drew abrandou consideravelmente. – Arden, você não é a Mulher-Maravilha. Você adotou um novo marido, filho e clima. É compreensível que sua psique e seu corpo estejam passando por um período de reajuste. Acho que nós dois vamos nos sentir melhor depois que você for examinada por um médico.

Com toda certeza, ela iria se sentir muito bem quando o médico dissesse ao seu marido: "Sua mulher se encontra com a saúde perfeita, mas é estéril. Sinto muito, sr. McCasslin. Soube que estava planejando outro filho. "

O que ela poderia fazer? O quê? Ela realmente não precisava fazer nada. Porque, quando não recebesse seu dinheiro no dia seguinte, Ron contaria a Drew a respeito dela, e então tudo estaria acabado. Ela não precisava se preocupar com a consulta com o médico porque isso jamais aconteceria. Por enquanto, ela não resistiria a isso. Era um consumo desnecessário de energia. Suas forças já haviam sido debilitadas por todo remorso e culpa que ela estava sentindo.

– Tudo bem. Vou ao médico.

– Fantástico. Ham vai marcar uma consulta para você.

Drew não fez amor com ela naquela noite. Em vez disso, ele demonstrou seu amor beijando-a da cabeça aos pés e depois deitando agarradinho com ela. Mesmo assim, ela estremeceu durante as longas horas da noite.

– O QUE VOCÊ QUER DIZER com não pode conseguir? – A voz de Ron era ao mesmo tempo ameaçadora e desesperada.

– Exatamente o que eu disse a você – sussurrou ela, temendo acordar as outras pessoas na casa. O dia acabara de amanhecer. Ela escapulira dos braços de Drew, vestira um robe e descera a escada sorrateiramente para ligar para o número que Ron lhe dera. Ela não sabia onde o telefone estava. Ela não precisava saber. Mas ele atendeu ao segundo toque. – Eu posso lhe dar um pouco mais de 3 mil hoje. É tudo que eu tenho, não posso conseguir mais.

– Isso não adianta! – berrou Ron. – Preciso de cinco!

– Eu não tenho – sibilou em resposta.

– Consiga.

– Não posso. Ron, você me deu menos de 24 horas. Seja razoável.

– Os caras que estão atrás de mim não são razoáveis.

– Devia ter pensado nisso antes de se meter com eles. – Ela tentou expulsar o pânico de sua voz. – Estamos de partida para o continente. Talvez quando voltarmos...

– E quando vai ser isso?

– Em três semanas.

– Esqueça. Até lá estarei morto.

Ela não podia dizer que isso seria um alívio, mas era exatamente o que estava pensando. Ele leu os pensamentos de Arden.

– Não pense que o meu falecimento súbito vai ser a solução para os seus problemas. Antes deles estourarem os meus miolos, vou dizer onde podem conseguir o dinheiro e, então, contar tudo a respeito de você e do seu novo marido. Querida, se você acha que sou um incômodo, é porque nunca viu nada como esses sujeitos. É mil vezes melhor para você lidar comigo.

– Eu vou conseguir o dinheiro – disse ela com firmeza. – Você vai ter de mandar seus credores esperarem um pouco.

– Não tem jogo, Arden. Esteja naquele bar ao meio-dia de hoje com os 5 mil em dinheiro, ou eu vou fazer uma cena linda no aeroporto.

Ele desligou. Ela ficou sentada, olhando para o oceano, por um longo tempo antes de subir a escada. Teve a impressão de ter uma bola de ferro amarrada a uma corrente aos seus tornozelos, fazendo de cada passo um esforço hercúleo. Drew tinha razão. Sua angústia mental parecia uma mazela física.

No momento em que alcançou o patamar, Arden escutou sons de risos e bagunça. Abrindo a porta, viu que Matt havia se juntado ao pai na cama. Estavam brincando de brigar, os dois nus em pelo. Matt soltando gritinhos de alegria enquanto Drew rosnava e lhe fazia cócegas.

Arden caminhou até a cama e sentou na beira. Seu coração se encheu de amor, e seus olhos de lágrimas. Esses dois eram tudo que ela tinha no mundo. Eles a amavam. Até esta tarde. Depois ela seria exposta como uma fraude. Mas o amor que ela sentia não era fraudulento. Ela deveria contar a Drew agora, mas temia que ele ficasse furioso e não compreendesse seus motivos. Ela esperara muito tempo. E havia uma chance remota de que ela conseguisse se livrar de Ron. Talvez, se fosse até o bar com o dinheiro de que dispunha, Arden conseguisse ganhar tempo. Cada dia com Drew e seu filho era valioso. Ela queria colecionar o maior número possível deles.

Drew piscou para ela quando colocou Matt de pé sobre sua barriga lisa e rija.

– Ele está um garotão, não está?

– Está sim. – A emoção apertou a voz de Arden na garganta.

Matt tinha um belo bronzeado, mas, em comparação com o pai, estava bem mais claro. Sua bundinha era redonda e salpicada com covinhas. Rolos de gordura de bebê envolviam suas coxas. Pés gorduchos afundavam na carne do pai. Com vaidade desavergonhada, submeteu-se à inspeção idólatra da mãe. Segurando seu pequeno pênis, declarou:

– Pipi.

Drew soltou uma gargalhada.

– Isso. Você conhece toda a terminologia, só falta aprender as aplicações práticas. – Ele se virou para Arden, sorrindo com orgulho paternal. Ao ver os olhos lacrimosos de Arden, o sorriso esvaneceu. – Arden?

Ela abriu um sorriso melancólico.

– Amo muito vocês dois. Muito mesmo. Vocês são meu mundo, minha vida, tudo.

Os próprios olhos de Drew ficaram constrangedoramente úmidos.

– Deus, eu esperei dias para ouvir isso de você novamente. Eu estava começando a imaginar que você havia decidido que fez mal negócio.

Ela estendeu a mão para tocar o peito dele e correr os dedos pela moita de pelos dourados.

– Não. Fiz um ótimo negócio. Consegui mais do que queria.

– Podem participar mais do que dois nesta orgia da carne? – perguntou.

Não era justo com Drew fazer amor com ele com mentiras pesando em seu coração, mas essa poderia ser a última vez em que poderia receber seu toque, seu beijo, a forma carinhosa com que fazia sexo. Fingindo recato, abaixou os cílios enquanto arrastava as unhas pelos mamilos castanhos de Drew.

– Sempre achei que mais de dois numa orgia era gente demais.

– Você está absolutamente certa. Um de nós precisa sair. – Como se fosse um boneco de mola, ele ergueu abruptamente o tronco e ficou nariz a nariz com o filho. – Adivinha quem vai ser, parceiro.

Ele carregou o menino até a porta, obrigou-o a ficar de pé, deu-lhe um tapinha no bumbum e disse:

– Vá procurar a sra. Laani. Acho que você é um fugitivo da hora do banho.

Matt saiu correndo pelo corredor, gritando:

– Iani, Iani!

Drew trancou a porta e correu de volta para a cama. Ele não perdeu tempo. Jogou-se por cima de Arden, banqueteando-se em sua boca enquanto suas mãos livravam-na do robe e iniciavam uma exploração ousada.

Os dedos de Arden correram pelos cabelos espessos de Drew, mantendo sua

cabeça imobilizada até ela ter contorcido sua boca sob a dele para obter uma posição mais vantajosa. Ela arqueou e se contorceu contra o corpo dele, tocando-o em lugares onde ela agora sabia que ele adorava ser tocado, acariciado, coçado. Os mamilos roçaram contra o peito dele, em sua própria carícia. Suas coxas separaram-se para aninhar as dele. Ele estava pleno e latejando com sua necessidade.

– Deus, como senti falta de você – disse frenético, como se Arden tivesse acabado de voltar de uma viagem. – Quero você deste jeito, livre de qualquer coisa que a esteja perturbando. Nunca mais se afaste de mim, Arden. Eu estava morto de medo. Não posso perder você. Não posso.

Esfregou a boca no pescoço de Arden e mordiscou sua pele deliciosa. Arden gemeu seu consentimento a este abuso gentil, e quando os lábios dele se fecharam em torno de um mamilo endurecido, ela lhe disse, em frases arfadas e desconjuntadas, que ele a estava levando para o paraíso.

Os dedos de Arden deslizaram sobre as costelas de Drew, passando sobre seus ossos pélvicos protuberantes, até chegar aos pelos dourado-escuros na junção de suas coxas. Timidamente, ela examinou seu sexo, e então o envolveu com dedos massageadores. Ela o esfregou contra o corpo, e então o umedeceu.

– Querida, querida Arden. – Seus suspiros eram música, histórias de amor compostas exclusivamente para ela.

Com um movimento abrupto, ela arqueou o corpo para cima para recebê-lo. Corpos e corações pulsaram juntos. Ele a acariciou longa e calmamente, e, em seguida, rápida e furiosamente. E ela acompanhou o ritmo que ele estabeleceu, respondendo a cada movimento e ação.

O desespero foi conquistado. Arden exorcizou todos os seus demônios e lhes concedeu sua bênção, seu amor. Esta era sua celebração de vida antes da morte, seu canto do cisne, o último desejo de uma condenada. Arden gritou o nome de Drew ao senti-lo encher seu útero com um jorro de vida.

Bem depois de terem terminado, Arden continuou abraçada a ele, pernas dobradas atrás das costas dele. Ela registrou cada sensação em sua mente, para recordar quando não o tivesse mais. Gulosa pelo toque contra sua pele úmida, pelo cheiro inebriante em suas narinas, pela virilidade rija dentro dela, ela o aprisionou ainda mais em seu calor aveludado.

O gemido que ele emitiu foi de prazer animal puro.

– Adivinha – disse ele.

– O quê?

Ele voltou a se mover.

– Ainda não terminamos.

– Mas... Drew... ahh... a hora...?

– Nós vamos fazer... Oh, meu amor, sim... vamos fazer a hora...

– Preciso fazer compras – disse Arden, constrangida, depois que havia tomado banho, se vestido, e descido para o térreo. Drew e Matt estavam comendo *muffins* de nozes macadâmia feitos pela sra. Laani.

– Agora? – perguntou Drew, varrendo farelos da boca de Matt. – Não quer comer nada?

– Não, não – disse ela apressada. – Preciso comprar umas coisas antes da viagem.

– Bem, não se anime demais nas compras. Não esqueça da hora do nosso embarque. Já fez as malas?

– Já, exceto por umas coisinhas de última hora.

Ela tinha quase saído do cômodo quando Drew a chamou de volta.

– Quase esqueci. Você recebeu uma carta. – Drew se levantou e deixou a sala de jantar informal.

Arden sentou ao lado de Matt e deu uma mordida no *muffin* que ele ofereceu, embora não acreditasse que fosse capaz de engolir alguma coisa. Drew fizera amor com ela da forma mais carinhosa, fervorosa e atenciosa que ela já vira. De forma silenciosa, ela já dissera adeus a ele. Agora correu os olhos pelo rosto de Matt, amando tudo nele. Seus dedos acariciaram cada cacho de cabelo em sua cabeça. Ela o tocou com carinho, perguntando-se como iria sobreviver a abrir mão dele novamente.

– Tome – disse Drew, tornando a sentar em sua cadeira e empurrando um envelope para ela. Era da revista que publicara seu primeiro conto. Dentro havia um cheque de 2 mil dólares.

– Oh! – exclamou ela, lágrimas brotando em seus olhos. – Eu tinha esquecido disto. – Inconscientemente, ela apertou o cheque contra os seios. Drew riu.

– Você parece aliviada. Acha que não posso sustentar você?

– Não, não – balbuciou. Seu coração estava correndo de emoção, mas ela não podia dizer muita coisa. – É claro, eu sei que você pode me sustentar. Mas ontem à noite você disse... seus negócios...

O sorriso dele foi o largo e reluzente que ela amava.

– Meu amor, só porque eu disse que teríamos de viver dentro de um orçamento apertado durante algum tempo não significa que você precisa começar a viver como uma mendiga. Eu lhe dei essa impressão? – Acariciou a mão dela. – Gaste esse dinheiro como bem entender. É seu. Eu cuido das

finanças da família.

Numa inspiração súbita, ela sentou e pediu à sra. Laani que lhe trouxesse uma xícara de café.

– Acho que vou esperar e fazer minhas compras em Los Angeles ou até em São Francisco. Quero tomar o café com meu marido e meu filho.

Matt bateu palmas quando seu pai se curvou sobre a mesa e envolveu sua mãe num abraço caloroso, selando sua boca com um beijo ardente.

ARDEN FICOU FORA de casa por tempo suficiente para descontar o cheque e fazer uma retirada de sua conta. Ela colocou os 5 mil dólares num envelope de cartolina e parou num telefone público para ligar para o Orchid Lounge. Ela pediu para falar com Ron Lowery, propositalmente não oferecendo nenhuma forma de endereço.

– Onde diabos você se meteu? Está 30 minutos atrasada.

– Eu não vou. – Ela o deixou digerir isso por um momento antes de continuar. – O dinheiro estará em nossa caixa de correio depois de partirmos. Ela fica na estrada de frente para a casa e está bem identificada.

– O que você está aprontando? Eu disse...

– Se quer o seu dinheiro, é lá que vai encontrar. Vamos sair para o aeroporto por volta das duas e meia. Adeus, Ron.

– Espere um minuto! – berrou. – Quando recebo a próxima parcela?

– Quando voltarmos da nossa viagem.

Arden desligou o telefone antes que ele pudesse dizer mais qualquer coisa. Ela não tinha nenhuma dúvida de que ele iria pegar o dinheiro na caixa de correio. Ron tinha mais medo dos agiotas do que ela medo dele.

Dirigindo o mais rápido possível de volta para casa, Arden estava feliz por tê-lo pago com seu próprio dinheiro em vez de pedir a Drew sob pretextos falsos. Isso significava uma mentira a menos. Não fazia a menor ideia de como conseguiria os próximos 5 mil dólares, mas ao menos comprara mais um mês de felicidade.

DEITADO NA CAMA, Drew observa sua mulher atrapalhar-se com o fecho de seu colar de pérolas. Os dedos finos e bem cuidados, geralmente tão hábeis, estavam tremendo. O corpo que ele amava, a silhueta flexível que se tornava tão maleável ao seu toque amoroso na cama, estava tenso como uma corda de piano. Ele tinha a impressão de que, para parti-la em duas, bastava apenas tocá-la.

Mais cedo, a sra. Laani e Matt haviam saído da suíte na qual eles estavam hospedados. Drew instruíra-a a mantê-lo entretido por várias horas. Agora Drew levantou da cama na qual estivera lendo o jornal e caminhou até Arden.

Ele destrinçou o delicado fecho de ouro dos dedos de Arden e o trancou com facilidade. Observou-a no espelho. Ele viu cautela e medo sombreando seus olhos verdes. Esse estado de espírito de Arden o preocupava há semanas, e nunca o havia preocupado mais do que agora. Porque, nas últimas semanas, eles tinham sido mais felizes que nunca.

Drew vencera todos os três torneios. Agora estava na terceira posição no tênis mundial. Poucos lembravam dos meses durante os quais estivera fora do circuito ou dos motivos para sua aposentadoria temporária. Ele provara que podia voltar. Era novamente um campeão. E Arden estivera lá para celebrar cada vitória com ele. Mas agora sentia que Arden mais uma vez estava entrando naquela concha que ele não conseguia penetrar.

Por Deus, ele não iria ficar de braços cruzados vendo-a retornar para aquele estado de espírito!

Drew segurou os ombros de Arden para que ela não pudesse fugir.

– Arden, você está se preocupando demais com um simples exame médico.

– É você quem está preocupado – retorquiu.

– Essa é a prerrogativa de um marido preocupado. Se você estivesse no meu lugar, faria o mesmo.

– Eu não iria atazanar você.

– Sim, você iria.

Sim, ela iria, admitiu Arden. Mas não havia nada errado com ela! Nada, exceto que em algumas horas Drew iria descobrir que eles jamais poderiam ter outro filho.

Ela colocou seus brincos.

– Estou me sentindo bem, Drew. Por acaso pareço doente?

– Não – respondeu com absoluta sinceridade. Desde o dia em que haviam saído do Havaí, Arden tinha sido tudo que um homem pode esperar de uma esposa, uma mulher, uma amante. Apenas nos últimos dias, quando ele insistira para que ela fosse ao médico – ela já cancelara duas consultas em Los Angeles –, Arden recomeçara a se comportar com circunspeção. E bastava uma menção ao lar para que um véu de descontentamento cobrisse seu rosto. Drew sentiu um súbito aperto no coração. Será que Arden suspeitava que houvesse algo terrivelmente errado com ela? Caroços? Cólicas? Dores? Meu Deus, não. Será que ela deixara de lhe dizer alguma coisa para não preocupá-lo?

– Arden – disse, virando-a para ele. Seus olhos azuis vasculharam o rosto dela, procurando por sinais de sofrimento. – Você não está... digo, não está sentindo dores ou nada assim, está? Querida, se você suspeita de alguma coisa errada, é melhor deixar que um médico a examine. É o que você não faz que...

Ela cobriu a boca de Drew com seus lábios para calá-lo. Arden sentiu uma culpa imensa ao perceber a preocupação desnecessária que estava causando a Drew.

– Não. Não, querido, não. Estou gozando de saúde perfeita.

O alívio de Drew foi visível. Abraçando-a, puxou-a para si. Mantendo uma das mãos na cintura da mulher, usou a outra para acariciar seus cabelos.

– Você gosta da nossa casa em Maui, não gosta, Arden?

– Claro que gosto – disse ela com sinceridade, vendo a ruga de preocupação na testa de Drew, e odiando a si mesma por tê-la causado.

– Então, por que cada vez que falamos de voltar para casa você fica nervosa? Se não gosta de lá, podemos procurar outro lugar para morar. Eu comprei aquele lugar para ser o meu refúgio. Não preciso mais dele. Tudo que preciso é de você. E de Matt. Com vocês dois ao meu lado, posso viver em qualquer lugar. Para algumas pessoas é muito difícil morar num lugar tão remoto...

– Mas eu não sou uma delas. Eu adorei sua casa desde a primeira vez que você me levou até lá, e agora é o meu lar. Eu poderia viver lá para sempre com você e com Matt.

Drew abraçou-a com força, adorando sentir aquele corpo compacto contra o seu. Ele amava cada curva, cada protuberância no corpo de Arden. Cada vez que a tocava, nua ou vestida, ele se sentia cheio de força. Jamais sonhara ser tão feliz quanto era ao lado de Arden, e causava-lhe imenso sofrimento pensar que ela não estava completamente feliz com ele.

– Eu amo você, Arden. Já disse isso hoje?

– Não que eu lembre – murmurou ela contra a frente da camisa de Drew. Oh, Deus, ele iria se sentir tão traído se algum dia descobrisse a verdade a respeito dela e de Matt. Isso iria matá-lo. – Apenas para confirmar, diga de novo.

Os lábios de Drew disseram "Eu amo você" enquanto se aproximavam de sua boca para pressioná-la com delicadeza. Com os nós da mão direita, Drew esfregou suavemente um mamilo até senti-lo desabrochar por baixo da blusa de crepe georgette. A ponta da língua de Drew tocou provocantemente a ponta da língua de Arden, e ele sorriu quando a ouviu ronronar como uma gata. A outra mão de Drew achou a curva firme de suas nádegas e apertou-as com suavidade, convidando-a a se aproximar mais dele.

Ela recuou, alarmada.

– Drew, você está ficando...

– E como estou. – Ele sorriu e começou a puxá-la de volta.

– Não podemos. Não posso ter relações antes de ir ao médico.

– Ah, droga – reclamou, enterrando o rosto no pescoço de Arden. – Tinha esquecido disso.

Então uma ideia brilhante ocorreu a Arden. Ela o abraçou novamente e desceu a mão até o zíper da calça de Drew.

– Não deve fazer diferença – sussurrou, acariciando-o com ousadia.

– Vai fazer sim – disse ele, empurrando-a. – Sei o que você está pensando, e não vai funcionar. – Ele fez uma careta de agonia enquanto dava as costas para Arden e vestia sua jaqueta esportiva. – Pegue sua bolsa. Vamos embora antes que eu mude de ideia. Ou perca o controle.

– TEM CERTEZA? – Arden fitou o médico com olhos arregalados, incrédulos. Graças a Deus Drew deixara-a ver este médico em São Francisco. Aquele com quem Ham marcara uma consulta teria-a reconhecido como a ex-sra. Ron Lowery. Este médico era um estranho, mas depois do que ele acabara de lhe dizer, Arden pensaria nele para sempre como um amigo. – Tem certeza absoluta?

O médico soltou uma risadinha.

– Tenho certeza absoluta de que não existe qualquer motivo médico ou físico para que a senhora não tenha outro bebê. Se está me pedindo uma garantia de que irá engravidar, sinto muito, mas não posso lhe dar. – Ele notou o pasmo de Arden. – De onde a senhora tirou essa ideia de que havia sido esterilizada?

Ela lambeu os lábios, tentando ao mesmo tempo absorver o fato de que não era estéril e conter um ímpeto assassino contra Ron Lowery. Este tinha sido apenas mais uns de seus truques psicopaticamente cruéis.

– Eu... eu... eu... tive uma infecção, e o médico com quem me consultei achou que eu tinha ficado infértil.

O doutor pareceu intrigado.

– Não vi qualquer resquício de infecção. A senhora é uma mulher maravilhosamente saudável, com um conjunto normal de órgãos reprodutores. – Entrelaçando os dedos sobre o tampo da mesa, ele se inclinou para ela. – A senhora é feliz com seu marido? A senhora o ama?

– Sim – disse ela fervorosamente. Ela podia sentir o fardo que carregara por mais de um mês ser retirado dos seus ombros. – Sim – repetiu ela, soltando uma gargalhada.

– Então vamos dizer a ele que a senhora está afinada como um violino. – Na porta, ele segurou o braço de Arden. – Relaxe, sra. McCasslin. A senhora vai ter outro bebê.

Arden estava impulsiva e brincalhona como uma criança enquanto Drew dirigia o Lincoln alugado de volta para o hotel. Ela estava virtualmente sentada no colo de Drew, braço esquerdo enlaçado em seu pescoço. Ela aproveitava cada oportunidade para roubar um beijo dos lábios dele. Enquanto ele subia e descia pelas colinas de São Francisco, ela se contentava em mordiscar seu pescoço, sua orelha.

– Pelo amor de Deus, Arden, aquele médico deu a você um tônico, um afrodisíaco? Você está me enlouquecendo?

– Estou? – sussurrou enquanto deslizava a mão entre as coxas de Drew. Ali sentiu uma boa indicação do quanto ele estava perto de perder o controle.

– O que o médico disse que deixou você tão excitada?

– Não seja rude. – Ela o puniu com um apertão gentil que quase o fez perder a direção. – Estou excitada porque tenho o marido mais bonito, elegante, *sexy*... – Ela pressionou a boca contra a orelha dele – ... e duro do mundo inteiro.

Ele soltou um palavrão que testemunhou sua agitação.

– Certo, dois podem fazer este jogo. Sabia que cada vez que olho para os seus seios fico pronto para fazer amor? Lembra daquele jantar em San Diego depois do torneio? Você estava usando aquele vestidinho amarelo, e eu sei que estava sem sutiã. Enquanto jogava conversa fora com todo mundo, eu não parava de pensar no quanto gostaria de enfiar a mão pelo seu decote e tocar seus seios.

– Drew – gemeu ela. Aproximando-se um pouco mais, ela pressionou os seios contra o braço dele. O monólogo sensual de Drew estava surtindo o efeito desejado.

– Outro dia, quando nos encontramos para almoçar com o Ham no Fisherman's Wharf, você usou aquela saia de camponesa, e estava de sandálias e sem meias. Fiquei olhando você naquela roupa a tarde inteira. Tudo que você estava usando debaixo daquela saia era uma calcinha lilás com a frente em renda transparente. Não conseguia pensar em mais nada além da última vez que você tinha usado essa calcinha e eu beijei através da renda sua...

– Pare! – gritou ela, deitando a cabeça no ombro de Drew. – Isto é loucura. Não vamos conseguir nem caminhar pelo saguão do hotel.

A profecia quase se concretizou. Eles estavam ofegando de excitação quando Drew trancou a porta do hotel e pendurou uma placa de NÃO PERTURBE na maçaneta. Ele já havia tirado o casaco e a gravata, os sapatos e as meias, quando

Arden mandou que ele parasse.

– Espere. Quero fazer isso. – Primeiro, ela tirou as próprias roupas, com os movimentos experientes e sinuosos de uma cortesã. A blusa de crepe georgette tinha um número interminável de botõezinhos perolados. Os olhos de Drew reluziram de paixão enquanto ela desabotoava lentamente a blusa. Finalmente, expôs o sutiã, do qual os seios ousados ameaçavam saltar. O sutiã foi retirado com lentidão proposital. Drew comeu com os olhos os montes cálidos e os mamilos corais. Ela tirou a meia-calça e a combinação com um único movimento gracioso, e se colocou de pé diante dele usando as calcinhas que ele mencionara antes.

A boca de Drew curvou-se com humor enquanto ele levava a mão até o botão superior de sua camisa. Detendo a mão de Drew, Arden conduziu-o até a cama. Sentou-se na beira da cama e correu os dedos pelo peito do marido até o botão superior. Cada botão foi aberto com precisão meticulosa. Os dedos de Arden massagearam delicadamente o tapete de pelos, os músculos firmes, a pele macia, os mamilos másculos.

– Arden, por favor – implorou Drew, ofegante.

Ela tirou a camisa dele e então retribuiu o olhar ígneo que ele lhe dirigia.

– Deixe-me amar você.

Ela desatou a fivela do cinto, o colchete das calças e correu o zíper. Os olhos de Arden ainda estavam grudados nos dele enquanto ela deslizava as mãos por baixo da cueca apertada e as punha em concha nas nádegas rijas. Ela abaixou lentamente as mãos, levando as roupas com elas. E agora com Drew completamente despido, Arden encostou a face nele.

– Eu amo você – jurou ela num sussurro, antes de levá-lo ao paraíso com os lábios.

Capítulo 13

O ORCHID LOUNGE ESTAVA TÃO SOMBRIO, e sua clientela tão insalubre, quanto antes. Cerca de 12 homens estavam agrupados em pares e trios. Suas conversas soavam baixas e indistintas para a única mulher no lugar. O ar estava carregado com odor de cerveja e fumaça de cigarro.

Arden nunca se sentira tão segura em sua vida.

A viagem de volta para casa tinha sido uma festa para todos eles. Drew ainda estava eufórico com seu sucesso nos torneios. Ele estava igualmente feliz com o estado de espírito de Arden desde que ela visitara o médico. Qualquer que tivesse sido o motivo de preocupação para Arden, aparentemente fora resolvido naquela hora. O coração de Drew ainda flutuava dentro do peito quando ele lembrava do altruísmo com que ela o amara depois de voltar da consulta. Aquela tarde inteira fora dedicada à indulgência sexual. Ele recomendaria uma tarde como aquela a qualquer casal.

E, então, depois de ter estremecido a cada menção de casa, Arden passara a ficar ansiosa por voltar. Ela estava empolgada com o sucesso e o amor de Drew. Durante o longo voo sobre o Pacífico, ela mal conseguia tirar as mãos dele. Arden aproveitava cada ocasião possível para tocá-lo, e ele fazia o mesmo.

Sentindo o bom humor de seus pais, Matt nunca estivera tão alegre e bem-comportado. Ele encantou todas as aeromoças até a sra. Laani colocá-lo em seu colo para que dormisse bem aconchegado. Arden sentiu uma pontada de ciúmes, mas Drew puxou-a para seus próprios braços para um "cochilo". Várias vezes ela tivera de dar um tapinha em sua mão para escorraçá-la de um território "proibido".

Na manhã seguinte ao seu retorno, Ron telefonou.

– Já era hora de você atender. Nas primeiras duas vezes em que liguei, sua governanta atendeu e eu tive de desligar.

– Desculpe por ter lhe causado um inconveniente.

– De repente ficou petulante, é? – Ele soltou uma risadinha desagradável. – Não esqueça de que suas contas estão atrasadas.

– Onde e quando?

– Mesmo lugar. Duas da tarde.

Ela desligou sem dizer mais nenhuma palavra. Agora ela estava sentada no mesmo reservado, e ele, atrasado, como da outra vez. Ela havia recusado a sugestão do *barman* para tomar um drinque por conta da casa. Estava sentada com as costas retas, e os dedos das mãos entrelaçados no colo. E, desta vez, em vez de ignorar os olhares, ela os retribuiu com condescendência suficiente para fazer com que os homens olhassem em outra direção.

– Feliz por voltar? – indagou Ron ao sentar-se no reservado de frente para ela. – Fez uma boa viagem?

– Sim.

– Não se fala de mais nada além do seu marido. Você se sente orgulhosa por ter um esposinho tão famoso?

– Sentiria orgulho dele mesmo se não fosse famoso.

Ele colocou as mãos no coração.

– Tanta devoção amorosa me deixa com sede. – Fez sinal para o *barman*, e então se virou de volta para ela. – Já se perguntou o quanto ele ficaria orgulho se soubesse que você se vendeu por 50 mil dólares?

– Eu não sei. Mas pretendo descobrir. Vou contar tudo a ele.

Ron fitou-a com olhos apertados. Mesmo quando a bebida foi posta diante dele, ele não se moveu.

– Seu bastardo – disse Arden num tom calmo e desprovido de emoções. Esse tom transmitiu seu desprezo mais do que qualquer grito teria feito. Ele não merecia o dispêndio de energia de um grito. – Não imaginava que algum homem, nem mesmo um tão desprezível quanto você, poderia recorrer a um truque tão sujo.

O sorriso de Ron foi insolente e ofensivo.

– Você descobriu que menti sobre tê-la esterilizado. – Ele soltou uma risada baixa e grave que poderia passar pela do demônio. – Assustei você?

– Por que você me disse aquilo?

– Porque você estava ficando confiante demais. Você parecia achar que poderia me expulsar da sua mente como se eu fosse um pesadelo. Eu queria que

você soubesse que eu falava sério. Ainda quero.

– Bem, sinto imensamente desapontá-lo, Ron, mas nossas relações comerciais terminaram. Suas ameaças são vazias. Se não fossem, você não estaria se escondendo em pocilgas como esta e desligando quando eu não atendo o telefone. Você me acusou de ser covarde, mas você é covarde. É preciso ser homem para vencer no mundo de verdade. E você nunca conseguiu isso. Mesmo com todas as vantagens que teve, jamais conseguiu ser vitorioso como médico, marido, pai ou homem.

Ela se levantou com dignidade orgulhosa.

– Você não me assusta mais. Você me coagiu e me usou pela última vez. Não há nada mais que possa fazer para me ferir. Vá para o inferno.

Ela girou nos calcanhares e saiu. Estava com os joelhos bambos e a boca seca quando chegou ao carro. Mas conseguira! Ela havia se livrado do dr. Ron Lowery para todo o sempre. Naquela noite, ela contaria a história inteira a Drew. Ela não temia mais que seu amor não sobrevivesse à verdade. Suas vidas estavam vinculadas com tanta força que era impossível separá-las. Ela providenciaria o ambiente perfeito. E contaria tudo a ele. E, então, finalmente, estaria livre.

A GARRAFA DE VINHO quase escorregou de seu braço enquanto Arden, com os braços carregados, tentava entrar pela porta da frente.

– Sra. Laani! – chamou Arden, rindo. Ela segurou com força o buquê de flores, tentando impedir que se amassassem contra a caixa que continha a camisola nova que havia comprado.

A sra. Laani chegou correndo dos fundos da casa, mas no momento em que Arden a viu, ela soube que não tinha sido seu chamado que fizera a governanta chegar correndo.

– Sra. McCasslin, que bom que chegou.

– Alguma coisa errada?

A governam relanceou os olhos na direção do escritório de Drew. A porta estava fechada.

– O sr. McCasslin quer falar com você imediatamente. – A mulher, geralmente muito calma, estava com as mãos tremendo. – Disse que queria falar com você assim que chegasse.

– Por quê? O que... – Arden agarrou o braço da sra. Laani. – Matt? Aconteceu alguma coisa com Matt?

– Não. Ele está comigo na cozinha. É melhor você ir conversar com seu marido – disse ela, tentando não olhar nos olhos de Arden.

Os reflexos de Arden assumiram. Ela operou mecanicamente, agindo como se não houvesse nada de errado quando, na verdade, ela sabia que alguma coisa terrível estava acontecendo. A sra. Laani não era o tipo de mulher que entrava em pânico por qualquer motivo.

– Ponha o vidro para gelar e arranje as flores no vaso do nosso quarto. Vamos comer os filés esta noite. Por favor, providencie para que o jantar de Matt esteja preparado antes. E guarde esta caixa no meu armário.

– Sim, sra. McCasslin – disse a sra. Laani, aliviando Arden de seus pacotes para em seguida se afastar.

Arden estava alarmada com a expressão condoída no rosto da mulher.

Ela passou as mãos na saia para alisá-la, e ficou impressionada ao notar que as palmas estavam úmidas. Contendo seu pânico, ela girou a maçaneta e passou pela porta para o escritório de Drew.

– Querido, eu... – A primeira coisa que ela notou foi a garrafa de uísque na superfície polida da mesa de Drew. Ela fitou a garrafa por vários segundos antes de seus olhos correrem para o copo alto ao seu lado. O copo estava entre os dedos de nós brancos da mão de Drew. Só foi naquele momento que ela se apercebeu dessa incongruência.

Seus olhos subiram para o rosto de Drew, e ela estremeceu ao se deparar com o ódio ardendo nele. Seus cabelos louros estavam desgrenhados, e não fora simplesmente por causa do vento. Tinham sido puxados por mãos maníacas. Os músculos do queixo dele mexiam-se enquanto ele rangia os dentes, e uma veia latejava furiosa em sua fronte.

– Entre, sra. McCasslin – disse ele numa voz que Arden jamais ouvira. Ela gotejava sarcasmo e repugnância. – Creio que conhece nosso convidado.

Pela primeira vez, Arden notou o homem recostado na poltrona diante da mesa de Drew. Ele se virou, e ela viu o rosto escarninho de Ronald Lowery. Os joelhos de Arden perderam a força, e ela se encostou contra a porta, segurando a maçaneta para não cair.

Drew soltou uma risada rouca.

– Você está parecendo surpresa em ver seu ex-marido, quando na verdade Ron me disse que vocês dois têm visto muito um ao outro.

Bile subiu para sua garganta, mas ela a forçou para baixo. Ela precisava fazer Drew entender a verdadeira situação.

– Drew, o que ele lhe disse? – perguntou Arden, estendendo uma suplicante mão.

– Uma tremenda história, uma tremenda história – disse ele com a mesma

risada escarninha. – Eu pensei que era o rei dos pecados. Eu certamente não achava que nenhuma forma de traição humana iria me surpreender. Eu a congratulo por sua engenhosidade.

– Drew, por favor – disse Arden, avançando pelo escritório. – Escute-me. Eu não sei o que ele lhe disse, mas...

– Você deixou que seu marido a impregnasse com meu esperma, carregou meu filho por nove meses e depois o deu... ou devo dizer o vendeu... pela metade dos 100 mil dólares que seu marido me cobrou? Você fez tudo isso?

Lágrimas correram pelo rosto de Arden.

– Sim, mas...

– Então mudou de ideia e veio até o Havaí conquistar minha confiança e se intrometer em minha vida? Você fez isso?

– Não foi...

– Mas que droga, como fui idiota! – A cadeira voou para trás quando ele se levantou abruptamente. Ele secou o copo de uísque e então o golpeou contra o tampo da mesa. Deu as costas para os dois como se tivesse nojo de olhar para eles.

– Não foi desse jeito – disse Arden. – Não foi.

Ignorando seus apelos por compreensão, ele girou nos calcanhares.

– Quanto você estava pensando em tomar de mim?

Ele estava inquirindo isso a ela, não a Ron.

– Nada.

– Nada! Nada? Meu dinheiro, meu filho? Quando ia ser suficiente? Você já havia se apoderado da minha vida inteira com suas manipulações.

Ela engoliu em seco, tentando capturar os pensamentos que estavam voando através de sua mente. Ela não conseguia pensar direito com Drew furioso com ela, seus olhos duros e frios como diamantes.

– Ele entrou em contato comigo há várias semanas. Ele disse que contaria a você quem eu era se eu não... – Ela estremeceu diante do olhar furioso de Drew, mas tomou coragem e prosseguiu. – Se eu não lhe desse 20 mil dólares. Ele é um jogador e está endividado com agiotas. Foi por causa disso que ele precisou de dinheiro antes, do dinheiro que você pagou por Matt. Eu também precisava daquele dinheiro, para o Joey. E eu queria me livrar de Ron.

Tensa, ela esfregou a testa enquanto Drew endireitava a cadeira e se deixava cair nela. Seu ser inteiro refletia indiferença pelo dilema de Arden. Ela precisava fazer com que ele entendesse!

– Paguei 5 mil dólares a ele antes de irmos para o continente. Foi com meu

dinheiro, Drew, não com o seu. Meu dinheiro. E eu teria dado a ele o dobro para poupar você desta cena.

– Então você teria continuado dando dinheiro a este calhorda indefinidamente para me impedir de descobrir que eu tinha casado com uma piranha manipuladora. Sua preocupação com o meu bem-estar me comove.

Ela soluçou e balançou a cabeça.

– Não, Drew, não. Eu mesma ia lhe contar.

– Quando? Quando, Arden? Estou interessado em saber. Quando Matt entrasse na escola? Quando ele se formasse na faculdade? Ou você estava pensando em esperar até ele estar subindo ao altar com sua noiva para cutucar o meu braço e dizer: "A propósito, eu sou a mulher que o pariu. ” Era nesse momento que você ia me dizer?

As palavras sarcásticas golpearam o crânio de Arden como pequenas marretas.

– Eu não podia mais viver com o segredo. Eu amava a você e a Matt. Eu ia contar tudo... esta noite.

Ele soltou uma gargalhada.

– Esta noite! Não é tocante? – Ele a fitou por trás de uma carranca furiosa. – Você realmente acha que vou acreditar nisso agora, quando você mentiu para mim desde o começo?

– Eu não menti!

– Todo este maldito caso foi uma mentira! – rugiu. Mais uma vez, ele se levantou da cadeira como uma bala. – Quando eu penso no quanto você me ludibriou... – Balançou a cabeça, rindo sem humor. – Tão educada, tão recatada, tão simpática, tão... – Ele meneou a mão na direção dela e então a deixou cair, num gesto que comunicava o quanto a desprezava.

Drew voltou sua atenção para Ron, que estava sentado como um abutre antecipando a carcaça sangrenta que seria deixada para ele.

– Saia – disse Drew, sucinto. O sorriso presunçoso no rosto de Ron desapareceu.

– Espere um pouco. Não conversamos sobre como vamos lidar com isso.

– Se você acha que vou lhe dar um centavo, você é um criminoso insano. E se não sair daqui agora, vou cobri-lo de pancada, e depois entregá-lo à polícia.

Ron se levantou, trêmulo de raiva.

– Você vai se arrepender depois que eu contar aos jornais minha história excitante sobre você e sua falecida mulher, e como vocês me procuraram para me pedir para achar uma mãe para seu bebê. Isso vai fazer do seu filho uma aberração de parque de diversões. E, ainda por cima, você agora está casado com

a mãe natural dele. Talvez eu não conte a eles que inseminei artificialmente Arden. Talvez eu deixe que eles concluam que Matt foi gerado por vias naturais. Isso fará do seu filho um bastardo.

Arden estremeceu, mas Drew deu com os ombros, teatralmente.

– Quem você acha que vai acreditar numa história tão absurda? Especialmente uma história vinda de um médico que perdeu sua clínica, o respeito de seus pares, que está devendo a Deus e ao mundo, incluindo a Máfia, e que agora está na sarjeta? Em quem você acha que eles vão acreditar? Em mim ou em você? A toda hora uma celebridade como eu é vítima de malucos que querem ganhar dinheiro fácil, e a imprensa sabe disso. Eles vão rir na sua cara, Lowery.

Arden pôde ver a confiança vazar de Ron tão rapidamente quanto seu suor.

– Aquele advogado. Ele tem documentos. Ele vai ficar do meu lado.

– Vai? Se você fosse ele, ia ficar do lado de quem? De um jogador de tênis famoso mundialmente que está em ascensão ou de um vagabundo querendo se vingar da mulher que o abandonou? Nem o seu tipo de amigo seria tão estúpido. E se ele for, posso pagar para ele calar a boca.

O rosto de Ron estava branco como manjar. Drew contornou a mesa.

– Vou repetir, saia. E se você importunar qualquer membro da minha família ou da minha casa, eu vou fazer com que tranquem você tão bem que só os seus amigos mafiosos vão conseguir alcançá-lo. E você sabe o que eles vão fazer então.

– Você não vai se livrar de mim tão fácil, McCasslin.

– Sim, eu vou, e você sabe disso. É por causa disso que você está fedendo a medo.

Ron olhou para Arden, seu olhar carregado de ódio.

– Pelo menos eu arruinei você também. Ele despreza você, como eu sempre desprezei. – Ele saiu do escritório. Momentos depois, ela escutou a porta da frente abrir e fechar.

Minutos se passaram. Nenhum movimento ocorreu no escritório. Um silêncio profundo caía sobre eles como uma mortalha. Drew olhava pela janela, observando o movimento incessante do oceano. Arden olhava para as costas dele, perguntando-se como poderia fazer com que ele a entendesse o suficiente para perdoá-la. Por que ela não havia lhe contado?

Por quê? Se ela pudesse viver tudo de novo, contaria a ele tudo, cada detalhe. Ela podia imaginá-lo tomando-a nos braços e sussurrando sua compreensão. "Você fez o que precisava fazer na época", diria ele. "Eu não posso culpá-la por isso. Sei que você se casou comigo porque me ama, não porque queria estar com Matt. Eu sei. Eu compreendo. "

Em vez disso, ele estava ardendo de fúria e orgulho ferido. Ela não reconheceu o rosto que se virou para ela agora.

– Você ainda está aqui? Achei que talvez tivesse saído com seu primeiro marido para ver em que nova aventura vocês podiam embarcar.

Ela curvou a cabeça.

– Jamais foi uma aventura. Eu fiz aquilo por Joey.

– Então realmente houve um Joey? Eu estava começando a duvidar.

Ela levantou a cabeça um momento antes de avançar contra ele, furiosa.

– Fiz aquilo para prolongar a vida dele. Fiz aquilo porque era a única maneira que eu tinha de sair de um casamento intolerável com um homem que eu odiava mais a cada dia. Quando você parar de sentir culpa de si mesmo, talvez possa ver com clareza e compreender como foi para mim.

– Sentir pena de mim mesmo! – gritou. – Eu não sinto nada além de desprezo pela minha estupidez cega. Cada vez que eu penso na inocência com que observei você, em como planejei cuidadosamente minha abordagem, como um caipira pedindo por sua primeira dança, como fiquei sentado lá conversando com você com minhas calças quase estourando, sinto vontade de vomitar. Como você conseguiu atuar tão bem? Não sei como você não caiu na gargalhada.

– Não foi assim, Drew – protestou Arden, exasperada. – No começo, sim, eu quis me encontrar com você por causa de Matt. Eu queria ver meu filho! – gritou ela. – Isso é tão errado? Mas, depois que nos conhecemos, eu também quis você. Ainda mais do que eu queria Matt. – Foi uma confissão dolorosa, mas verdadeira.

– Você queria apenas me seduzir.

– Seduzir... – começou ela, incrédula. – Já perdeu a memória, além da sanidade? Se eu quisesse seduzir você, teria feito na primeira noite.

– Oh, não, não você. Você é uma maquinadora diabólica. Se você tivesse me levado para a cama imediatamente, eu talvez jamais tivesse voltado. Não, você armou uma isca para mim com toda aquela resistência, que aliás foi muito bem planejada. Para um homem que tinha mulheres à sua disposição a qualquer momento, essa é a maior de todas as excitações.

– Sim, você podia ficar com qualquer garota que quisesse. Elas o seguiam em matilhas. Então não faça de mim uma tentadora que atraiu você para uma armadilha com a promessa de sexo que não poderia ser encontrado em mais nenhum lugar. – A impaciência de Arden com a teimosia de Drew aumentava a cada instante. – Você foi um bônus com o qual eu não havia contado. O meu objetivo era tornar-me uma amiga de confiança, não uma amante. Então eu me

apaixonei por você e não encontrei coragem de dizer quem eu era por medo que você agisse exatamente como está agindo. Às vezes você é tão orgulhoso e esquentado que fica irracional, Drew.

O nervosismo fazia os seios de Arden subirem e descerem por baixo de seu suéter sedoso. Ao flagrar-se fitando aqueles seios, Drew desviou o olhar e dirigiu pragas para o teto.

Mesmo agora, sabendo o que sabia a respeito dela, Arden atraía-o mais do que qualquer outra mulher já fizera. Ela era tão linda! Ele ainda a queria. Vívida em sua memória estava a primeira vez em que ele a vira sentada sob o guarda-sol naquela mesa de pátio. Ele se sentira atraído por sua serenidade. Quisera ficar perto dela, absorver a paz que ela parecia emanar. Como ela conseguira enganá-lo? Por que ele não fora capaz de perceber as más intenções em seus olhos? Elas deviam ter estado lá, por mais que ela as negasse agora. Ela tramara a coisa inteira antes mesmo que Drew a visse pela primeira vez. Sim, era verdade que parte de sua raiva derivava do seu orgulho. Mas que homem gosta de descobrir que foi manipulado como uma marionete a amar e casar com uma mulher? Que homem, com qualquer nível de orgulho, poderia tolerar isso?

Drew não parava de repetir para si mesmo que odiava Arden. Por que então queria tanto beijá-la loucamente até esvaziar toda sua frustração? Por que ainda ansiava pelo socorro de seu corpo, pela alegria de seu riso e pelo bálsamo de seu amor? Ele a odiava, acima de tudo, por que ela o enfraquecia.

– Tentei lhe contar uma vez – disse ela, num tom um pouco mais alto que um sussurro. – E você disse que deveríamos guardar para nós mesmos todos os segredos sobre nossos passados. Que se eles não afetassem a forma como amamos um ao outro, era melhor não falarmos sobre eles.

– Eu não sabia que os seus segredinhos eram dessa magnitude, Arden.

Foi o tom superior, o jeito arrogante de falar, que desceu por sua espinha como unhas num quadro-negro e fizeram com que Arden também perdesse o controle.

– E quanto ao seu segredo, Drew? Você nunca me disse que Matt não nasceu de Ellie, sua amada mulher, mas de uma mulher a quem você não reconheceria caso encontrasse na rua. Você não permitiu que eu me casasse com você sem saber disso?

– Que diferença isso faz?

– Nenhuma! – gritou ela. – É exatamente isso que estou dizendo. Eu amaria a você e a Matt tanto quanto amo se não fosse mãe dele.

– Será que amaria, Arden?

A pergunta teve o impacto de uma explosão no escritório.

Os segundos que se seguiram depois da detonação foram de silêncio intenso.

– Sim, Drew – disse ela com suave intensidade. – Sim.

Ele a empalou com seu olhar frio.

– Mas eu nunca terei como saber disso com certeza, terei? Você vendeu seu corpo para mim para ajudar seu filho. Não foi isso que você fez de novo?

Ela observou em desespero impotente ele caminhar até a mesa e pegar a garrafa de uísque. Indo até a janela aberta, ele se inclinou para fora e estilhaçou a garrafa contra a parede externa da casa. Ele jogou o gargalo quebrado nos arbustos.

– Eu não vou deixar que você me leve de volta para isso – disse ele. – Sou um vencedor novamente, e não vou deixar nem que você, nem ninguém, tire isso de mim.

– VOCÊ ESTÁ cometendo um erro.

Arden, que estava dobrando uma blusa para colocá-la em sua mala, virou-se para ver a sra. Laani parada na porta da suíte principal. Ela parecia confortadoramente doméstica e normal, com um pano de pratos pendurado em um dos ombros. Arden sentiu um impulso de caminhar até ela, deitar a cabeça naquele colo maternal e chorar. Isso se ela ainda não secara seus dutos lacrimais. Ela vinha chorando há uma semana, desde que Drew partira.

Sem dizer uma palavra para ela, Drew saíra do escritório e fizera sua mala em silêncio. Na vez seguinte em que o viu, ele estava caminhando pelo gramado chamando por Mo.

– Leve-me até o aeroporto, por favor.

Desde então ele telefonara três vezes para saber se tudo estava bem com Matt. Falara com a sra. Laani, jamais com ela. Ele estava em Los Angeles, teoricamente para treinar seu saque com Ham e fechar as negociações finais do negócio da cadeia de lojas.

– Não acho que seja um erro – disse agora Arden em voz baixa, e se virou de volta para a valise que jazia aberta na cama.

Ela ouviu os pés da sra. Laani arrastarem no chão enquanto ela entrava no quarto.

– Sra. McCasslin, ele é um homem teimoso. Orgulhoso. Eu teria de ser surda para não ouvir a discussão que vocês tiveram depois que aquele homem horrível foi embora. Você é a mãe de Matt. Eu devia ter adivinhado.

Arden sorriu.

– Foi muito fácil assumir o papel ativo. Às vezes eu achava que meu amor devia ser tão transparente que você... ou Drew... iriam adivinhar, mas... – Sua voz morreu num suspiro trêmulo.

– Foi um choque para o sr. McCasslin, mas quando ele pensar a respeito, vai compreender o quanto foi irracional.

– Ele teve uma semana para pensar nisso. Não sei o que planeja fazer conosco, mas não posso simplesmente ficar sentada aqui como uma condenada aguardando a execução. Eu sou a intrusa. Ele já jogava tênis profissional antes de me conhecer. Ele e Matt possuem um ótimo relacionamento. Ele não precisa de mim interferindo em suas vidas mais do que já fiz.

A sra. Laani empertigou o corpo e cruzou os braços sobre o estômago.

– Então você vai bancar a mártir e fugir como uma covarde.

Arden sentou na cama e olhou para a expressão de reprovação da mulher.

– Tente entender isto, sra. Laani. Durante toda a minha vida eu fui uma covarde. Fazia o que o meu marido queria que eu fizesse, mesmo quando sabia que era errado. Antes disso, meu pai tomou conta de mim, tomando as decisões por mim.

Ela suspirou e brincou com a franja de seda de um conjunto de calcinha e sutiã que estava dobrando. Drew gostava de sua cor: pêssego. Ele comentara isso cada vez que ela a vestira. Certa vez, de brincadeira, ele fingira dar uma mordida no seio de Arden, e mastigar com gosto. "A fruta mais madura na árvore", dissera, e eles tinham rido juntos. Ela tinha certeza de que memórias como essa iriam assombrá-la durante anos.

– A coisa covarde a fazer seria ficar aqui e me submeter ao desprezo de Drew, conviver com ele, exatamente como convivi com o desprezo de meu primeiro marido. Ele me odiava porque eu me tornei um capacho. Posso ver isso agora. Ele inventou formas de me humilhar, talvez na esperança de que eu criasse um pouco de coragem e dissesse não a ele, ao menos uma vez.

– Mas o sr. McCasslin jamais seria assim! – protestou com veemência a sra. Laani.

– Não, ele não seria cruel. Mas, ano após ano, eu veria seu respeito diminuir. Porque eu teria tanto medo de magoá-lo de novo que faria tudo que ele me pedisse. Ficaria tentada a cuidar dele por medo de que jogasse novamente na minha cara meu maior erro. Jamais iria contradizê-lo, para assim provar meu amor por ele. E ele logo iria passar a me odiar. E eu odiaria ainda mais a mim mesma.

Ela olhou novamente para a governanta, a quem considerava uma amiga.

– Não posso viver desse jeito novamente. Se Drew a esta altura não sabe o quanto eu o amo, então nenhuma quantidade de provas irá convencê-lo. Não vou passar minha vida inteira tentando.

– Mas e Matt? – Os olhos da sra. Laani estavam cheios de lágrimas.

– Sim, Matt. – Arden sorriu gentilmente com a lembrança da semana que eles haviam passado juntos. Ela permanecera cada hora do dia com ele. À noite, ela ia para o quarto dele, sentava na cadeira de balanço ao lado de sua cama infantil e observava-o dormir. Seu coração doía só de pensar no que ela precisava fazer.

– Com sorte, Drew irá me deixar vê-lo periodicamente. Eu não seria tão irracional a ponto de lutar com ele pela custódia. Esta é a única vida que Matt conhece. Eu não poderia arrancá-lo dela. – Uma lágrima correu por sua face. – O problema é que ele muda a cada dia! Vão se passar meses sem que eu o veja, e eu vou perder tantas dessas mudanças maravilhosas!

– Por favor, mude de ideia. – A sra. Laani estava chorando abertamente agora. Arden invejou-a pela liberdade de fazer isso. – Você ama demais os dois para ir embora.

– Eu os amo demais para não ir – respondeu Arden.

Mais tarde, naquela mesma noite, ela fez um discurso parecido para Matt. Só que ele já caíra há muito tempo no sono inocente de uma criança.

– Eu não sei o que seu pai dirá a meu respeito. Eu espero que algum dia você saiba quem eu sou e que me perdoe por tê-lo entregado. Eu estava tentando salvar a vida do seu irmão. – Um sorriso melancólico despontou em seus lábios. – Queria que você tivesse conhecido Joey. Vocês teriam gostado um do outro. – Ela enxugou lágrimas da face.

– Matt, seu pai é um competidor. Ele se recusa a perder sem ter travado uma luta honesta. – Ela lembrou da partida contra Gonzales. Tinha sido uma derrota, mas uma derrota que não incomodara a Drew porque ele jogara com determinação e honestidade. Arden não permitira que ele jogasse com honestidade. Ela havia trapaceado num jogo honesto, porque a vitória fora certa. Ele tinha sido um peão, não um participante. Era isso que ele não podia perdoar.

– Eu amo seu pai, Matt. E não quero deixar nenhum de vocês dois. Mas se a intolerância de seu pai o levasse a me desprezar e odiar, nós criaríamos um ambiente familiar doentio, que certamente não seria o melhor no qual você poderia crescer. Algum dia você aprenderá que o amor não pode existir quando uma das partes sacrifica sua autoestima por ele. Não quero voltar a ser um objeto para um homem, algo que combina com as outras mobílias da casa, uma coisa sem vontade, sem uma opinião que mereça ser considerada. Por favor,

compreenda por que preciso partir.

Ela correu os dedos pelos cachos cor de manteiga. Acariciou a face gorducha até a boca úmida de saliva. Tocou os nós dos dedos de sua mão, cada um marcado com uma covinha.

– Matt, eu tive de entregar você antes. Naquele momento, como neste, não foi porque não o amava. – Ela se levantou, caminhou cambaleante até a porta e tateou à procura do interruptor de luz. Ela não queria olhar para trás e ver o quarto mergulhado na escuridão, uma escuridão não necessariamente tão absoluta quanto a de sua alma.

Capítulo 14

O QUARTO DE MOTEL ERA COMO UM apartamento eficiente. Ficava no lado errado da Kalakaua Avenue se você quisesse uma vista de Waikiki. O prédio vira dias melhores. Agora era apenas um motel insignificante e barato, reduzido e humilhado pelo progresso e pela arquitetura moderna. Ele atendia ao orçamento e às necessidades de Arden, tão bom quanto qualquer outro lugar para passar dias longos e solitários.

Ela não estava completamente desocupada. Fazia longas caminhadas pela praia. Pensava em Matt, perguntava-se o que estava fazendo, se ele estava sentindo falta dela. E ela pensava em Drew, no que ele estaria fazendo, se sentia falta dela. Ela escrevia. Pensamentos e impressões sem forma enchiam blocos e mais blocos. Foi tomada por uma compulsão de colocar seus sentimentos no papel.

Ela estava fazendo precisamente isso no quarto dia depois que deixara Maui. As musas haviam tirado uma folga, porque ela passara 15 minutos olhando para o caderno vazio. Uma sombra cruzou a folha de papel, e ela olhou para a janela para ver Drew emoldurado por ela.

Durante uma pequena eternidade eles se entreolharam através da tela antimosquitos que cobria a janela. Ela se viu subitamente privada de suas faculdades mentais. Dedos entorpecidos largaram a caneta. Ela caiu no tampo da mesa e rolou para o carpete vagabundo. Ele não falou antes de se mover até a porta.

Ela teve de persuadir seus músculos a se moverem. Joelhos bambos puseram-na de pé. Envergonhada, penteou os cabelos com as mãos e correu as palmas pelas calças *jeans* velhas. Era ridículo, mas ela queria ter posto um sutiã naquela

manhã por baixo da camiseta que estava usando. Irracionalmente, sentia-se vulnerável, desprotegida; ela teria se sentido mais confiante por trás da armadura de renda. Caminhou até a porta. Ele não havia batido, mas ela abriu a porta.

O rosto de Drew parecia tão abatido que a princípio ela temeu que ele tivesse voltado a beber. Mas, a despeito das linhas em torno deles, seus olhos estavam límpidos, e seu maravilhoso corpo atlético mostrou-se ágil e flexível ao entrar no quarto. Seus cabelos estavam mais longos e desgrenhados que de costume. Usava bermuda branca e camisa polo amarela. Para Arden, ele jamais parecera tão bonito. Ela sentiu-se tentada a tocá-lo.

Depois de uma olhada rápida pelo quarto espartano, ele se virou para ela.

– Oi.

– Oi.

– Você está bem?

Ela olhou para o chão e, então, com a mesma rapidez, de volta para os olhos dele.

– Sim. – Ela podia sentir que ele era escravo de uma tensão tão poderosa quanto a que a atormentava. Ele parecia irradiar um calor ao qual o corpo de Arden respondia. O coração de Arden se encheu com emoção. – Você? Você está bem? Matt?

– Acabo de chegar de Maui.

– Oh.

– Não fiquei muito tempo em casa, mas Matt pareceu bem. No que diz respeito à saúde. A sra. Laani disse que ele tem chorado muito. – Ele parecia achar a palmeira do outro lado da janela absolutamente cativante. Ele se manteve olhando para ela quando disse: – Ele parece sentir sua falta.

Ela abaixou a cabeça.

– Sinto falta dele, também. – Uma dor a atingiu no coração como um disparo de laser. – E sinto sua falta!

– Eu... bem... Eu não sabia que você tinha ido embora até que cheguei em casa. – Ele tossiu desnecessariamente e pigarreou. O som soou alto no quarto apertado. – Peguei imediatamente um voo de volta para Honolulu.

Ela se virou para a janela e olhou para fora. Seu coração batia tão forte que ela podia contar cada batida, e sua mão tremia enquanto ela brincava com a cordinha das persianas.

– Como me achou?

– Com uma bolsa de moedas.

Ela virou a cabeça.

– Como é?

– Peguei uma bolsa cheia de moedas do banco, encontrei um telefone público e comecei a ligar.

– Oh. – Ela se virou de volta para a janela antes de se permitir sorrir. – Decidi permanecer no Havaí até ter terminado os preparativos em Los Angeles. Como... como eu não tinha previsão de quando acabaria minha viagem, eu havia devolvido meu apartamento. Estou esperando notícias de uma amiga. Ela está procurando um lugar para eu morar.

– Então você vai voltar? De volta para Los Angeles, quero dizer?

Havia ansiedade sublinhando a pergunta? Ela não ousou olhar para ele. E se esse tremor em sua voz indicasse alívio?

– Suponho que sim – murmurou.

Ela o ouvira aproximar-se. Ele parou na frente da mesa onde ela estivera trabalhando. As folhas de papel que ela descartara farfalharam ao toque dele.

– Tem escrito?

– Tenho – disse rouca. Ele não ia discutir com ela a respeito da separação. Ele ia deixá-la ir. Ele a estava condenando a uma existência estéril sem cor, sem vida. – Eu escrevo quando me sinto inspirada – disse ela com naturalidade forçada.

Ela ouviu mais papel farfalhando na breve pausa que se seguiu.

– Que inspiração a fez escrever isto?

Em sua visão periférica, ela viu um pedaço de papel amassado flutuando sobre o tampo da mesa. Virando-se lentamente, intrigada, ela olhou primeiro para Drew. Seus olhos penetraram os dela, e Arden rapidamente desviou sua atenção para a folha de papel ao qual ele se referira.

Ela reconheceu instantaneamente a caligrafia. Depois de ler a primeira linha, ela compreendeu que era um poema que ela escrevera há mais de um mês. Como tudo que ela escrevia, havia uma data no topo da página. Eles haviam estado em São Francisco. A sra. Laani descera com Matt ao restaurante do hotel para o café-da-manhã. Eles haviam pedido o deles ao serviço de quarto. Depois de um desjejum leve na cama, haviam feito amor ainda mais leve. Quando Drew saíra para treinar, Arden pegara um bloco e uma caneta e, ainda lânguida após uma longa sessão de sexo carinhoso, ela compusera o poema.

Era um tributo a ele, ao que ele significava para ela. As últimas duas linhas eram:

"Onde antes sua vida transformou meu corpo, / Seu amor agora molda minha alma. "

Lágrimas cegaram-na e as linhas sangraram umas nas outras.

– Acho que a inspiração é autoexplicativa. – Ela arriscou um olhar para ele e descobriu que também seus olhos estavam reluzentes e molhados.

– Eu o achei amassado no canto da mala, ontem.

– Esqueci o que tinha feito com ele.

– Já tem vários dias que decidi que sou o maior imbecil da história. Você tem todo o direito de me odiar pelas coisas que eu disse, para não mencionar o meu maldito orgulho teimoso e o meu pavio curto. Eu ia implorar perdão a você, e prometer que jamais iria considerá-la novamente uma oponente. Encontrar isto me deu coragem de vir para casa e ficar cara a cara com você. Achei que se você sentiu isto por mim um dia, podia encontrar lugar no seu coração para sentir de novo.

– Você vai pedir meu perdão?

– Vou. Por ter me comportado como um retardado, um cretino, um moleque mimado.

– Mas, querido, sua raiva era justificada. Eu o manipulei a se casar comigo.

Eles estavam se inclinando em direção ao outro. Agora ele a puxou para seus braços e a espremeu contra seu corpo. Ele enterrou o rosto na massa lustrosa de seus cabelos.

– Você não fez isso. Eu me casei com você porque a amo. Eu queria você como minha mulher. Eu ainda quero. Meu Deus, quase morri quando a sra. Laani me contou que você tinha ido embora. Não me abandone, Arden.

– Eu não queria – disse ela, chorando. – Só fui embora porque você não conseguia nem olhar para mim. – Ela se soltou de Drew e, recuando um passo, fitou seus olhos. – Mas eu não posso viver sendo julgada todos os dias. Eu preciso saber que você compreende porque fiz o que fiz. Dadas as mesmas circunstâncias, eu teria feito a mesma escolha, Drew. Eu não vou passar o resto da minha vida sendo censurada por isso.

– Venha aqui – disse ele gentilmente, conduzindo-a até a cama. Eles sentaram na colcha desbotada e ele tomou ambas as mãos de Arden nas suas. – O que você fez não foi errado, Arden. Não foi ortodoxo, mas não foi errado. Quando Lowery contou a Ellie e a mim que havia encontrado uma mulher jovem e saudável que estava disposta a ter nosso filho, nós a colocamos num pedestal. No dia que Matt nasceu, achamos que ela era a mulher mais maravilhosa na face da Terra.

Carinhosamente, ele tocou o rosto e o cabelo de Arden enquanto falava.

– Não tenho como explicar por que agi daquele jeito quando descobri que você era a mulher. Acho que me senti traído porque você não me contou desde o começo que era a mãe de Matt. Fiquei magoado porque você não confiou

suficientemente no meu amor para me contar. O que eu deveria ter feito quando descobri foi o que fiz da primeira vez que vi meu filho. Eu deveria ter me ajoelhado e agradecido a você do fundo do meu coração.

– Você não me despreza por ter vendido meu bebê?

Com a ponta do dedo, Drew enxugou lágrimas de sua face.

– Eu não a desprezava nem antes de saber quem você era. Por que iria desprezá-la? Eu sei que você fez isso para salvar a vida de Joey. Se eu achasse que poderia salvar Matt de um destino como esse, faria um pacto com o demônio.

– Eu fiz.

Ele esboçou um sorriso fino.

– Tendo conhecido melhor seu primeiro marido, eu não poderia discordar de você. Nem consigo acreditar que houve um momento em que o considerei um fazedor de milagres.

– Não teme que ele arranje mais problemas?

– Não creio que isso irá acontecer. Ele é um covarde e um fugitivo.

– Eu deveria ter pensado nisso na primeira vez que ele me procurou em Maui. Eu estava com tanto medo do que ele poderia fazer. Sequestrar Matt. Qualquer coisa era possível.

– Ele tem mais coisas com que se preocupar do que nós. Mas se ele causar uma crise, sei que poderei enfrentar qualquer coisa enquanto tiver você e Matt ao meu lado. – Ele deu um beijo terno na palma de Arden. – Você vai voltar para casa comigo, não vai? Para nunca mais ir embora?

– É o que você quer?

– É o que eu quero desde a primeira vez em que a vi. – Sua boca se juntou à dela enquanto eles caíam na cama. Foi um beijo doce, mas faminto. Ele provou a textura e o paladar de seus lábios antes de abri-los com a língua. Ele reclamou a boca de Arden com as carícias suaves que caracterizavam seus beijos. Eles espalharam desejos por seus seios e entre suas coxas. Mas o momento não era adequado para que eles dessem vazão às suas necessidades físicas, e Arden sentiu-se grata por Drew ser sensível o bastante para também compreender isso.

Empurrando-a gentilmente, ele se sentou. Seus olhos correram pelo quarto.

– Nossa, este lugar é deprimente. Vamos para casa.

MATT ESTAVA EUFÓRICO por ter uma plateia tão calorosa. Seus pais estavam sentados no soalho da sala de estar no tapete oriental, aplaudindo suas estripulias, que ficavam mais ousadas a cada minuto. Ele deu cambalhotas, riu e correu em círculos até bater com a cabeça na perna do piano de cauda e começar

a chorar.

– É melhor colocá-lo na cama antes que volte a ficar agitado – aconselhou a sra. Laani. Ela havia derramado lágrimas de alegria quando vira Drew e Arden entrarem pela porta da frente, braços dados, parecendo desmazelados, mas radiantes.

– Muito bem, Bozo, você ouviu a voz da autoridade. – Para aplacar as lágrimas de Matt, Drew levantou-o para colocá-lo em seu pescoço. As mãozinhas agarraram os cabelos louros do pai. Arden pôs o braço em torno da cintura de Drew enquanto eles subiam a escada.

Arden decidiu que eles haviam esperado demais para acalmar Matt. Ele estava incontrolável, e tentando tirar o pijama.

– Pipi! – repetia sem parar.

– Talvez não seja alarme falso – disse Arden.

Drew parecia altamente cético. Ele estava se perguntando mais quantos atrasos iriam impedir que ele e Arden fossem para a cama. Seu corpo estava inflamado de paixão. Ele tomou sua decisão depressa.

Lá se foi o pijama, lá se foi a enorme fralda noturna. Matt foi carregado até o banheiro dele e colocado na frente do troninho. Ele fez sua tarefa, para orgulho da mãe e assombro do pai. Matt sorriu para eles e se submeteu aos seus beijos de congratulações. Até a sra. Laani foi convocada para se juntar à comemoração. Tanta adoração era cansativa. Assim que estava novamente vestido para dormir, Matt aconchegou-se numa bola e adormeceu, um bracinho gorducho estrangulando o ursinho Pooh.

– Fizemos um garoto maravilhoso – sussurrou Drew, abraçado a Arden.

– Fizemos mesmo – concordou Arden. – Antes de dar os 5 mil dólares a Ron, ele me disse que havia me esterilizado depois que tive Matt.

O xingamento de Drew foi sonoro e vívido.

– Não é de admirar que você tenha andado como uma zumbi durante aquelas semanas.

Arden estremeceu, e Drew pôs seu outro braço também ao redor dela.

– Foi por causa disso que protestei tanto contra ver um médico. Eu não queria que você descobrisse. Eu já estava guardando outro segredo de você.

– Não importa, Arden. Não precisamos ter outra cri...

– Não – disse ela baixinho, não querendo perturbar o filho adormecido do casal. – Ele estava mentindo. Disse isso apenas para me aterrorizar.

– Mas que filho-da-mãe – xingou Drew.

– Foi por causa disso que fiquei tão aliviada e feliz depois que saímos do

consultório do médico. Lembra?

A mão de Drew encontrou o seio de Arden e acariciou-o delicadamente.

– Lembro – arfou.

– O médico disse que eu só não teria mais filhos se não quiséssemos.

Ele plantou um beijo na testa de Arden.

– Se nós tivermos, eu irei amá-lo. Mas não me importa se não tivermos. Eu vou ocupar a primeira posição no *ranking* do tênis profissional no ano que vem. – Ela apertou a cintura de Drew para mostrar que concordava completamente. – Depois eu irei me aposentar graciosamente. Eu tenho um filho maravilhoso. E tenho uma mulher a quem amo com cada fibra de meu ser. O que mais poderia pedir?

Eles deram um último beijo de boa noite ao menino e saíram do quarto. O corredor se estendia à frente deles, e subitamente ambos se descobriram envergonhados e temerosos.

Drew baixou os olhos para ela.

– Mal posso esperar para levar você de volta para minha cama, mas sei que você gosta de ser cortejada.

Um brilho sonhador despontou nos olhos de Arden.

– Isso foi antes de nos casarmos.

– E agora?

– Agora quero fazer amor com meu marido.

– Preciso tomar um banho.

– Eu também.

– Vou usar o banheiro do térreo. Quinze minutos?

Ela sorriu, satisfeita porque poderia ficar sozinha para se preparar para ele.

– Ou menos.

Ela tomou um banho e lavou os cabelos o mais depressa que conseguiu. Em seguida, secou os cabelos, perfumou-se com uma colônia e umedeceu a pele com loção hidratante. A camisola que comprara no dia em que seu mundo ruiu ainda estava em sua caixa comprida e baixa. Ela alisou as dobras no tecido violeta e transparente e vestiu a camisola. Em vez de cobrir, a camisola ressaltava sua nudez.

Ela estava reclinada contra os travesseiros quando ele entrou, cintura embrulhada numa toalha. A toalha estava amarrada abaixo de seu umbigo, exibindo a trilha de pelos dourados que começava ali. Ela subiu os dedos pelo intrincado padrão de pelos sedosos até o ponto em que eles abriam em leque na vastidão do peito de Drew.

Olhos nos olhos com sua mulher, ele caminhou até a cama, soltou a toalha e deixou-a cair. Desavergonhada, ela olhou para ele.

– Isso é lindo – disse ele a respeito da camisola nova. Os olhos de Drew viajaram pelas curvas dos seios de Arden. Por baixo do tecido lustroso, ele pôde ver os mamilos. O tecido grudava em suas coxas e pernas, delineando sua forma. Seus pés finos estavam cruzados castamente.

– Obrigada – respondeu Arden.

– Gosto de você nessa cor.

– Lembrei disso. Também gosto de você nessa cor.

Ele abriu um sorriso largo.

– Preciso me bronzear. Empalideci na última semana. – Curvando-se, enganchou um dedo no decote em V e o puxou para ver seu conteúdo. – Você também está precisando tomar um solzinho.

O toque provocador do dedo de Drew perto de seu mamilo quase tirou a respiração de Arden. Seus seios subiram e desceram contra o dedo dele, e seus olhos assumiram aquela expressão sonâmbula que fazia o desejo se concentrar ao sul de seu corpo.

– Arden – sussurrou ele. Ele se deitou ao lado dela olhando na direção oposta, e repousou a cabeça na coxa da esposa. – Eu amo você. Eu odiei me separar de você. Nunca mais vamos nos separar de novo.

– Nunca mais – jurou ela, correndo os dedos pelos cabelos dele.

Ele separou as dobras da camisola de Arden e deitou a face na pele sedosa.

– Você tem um cheiro tão bom – murmurou. Ele beijou o umbigo de Arden, consumando com a língua seu amor por ele. – Você teve meu filho. Você o carregou... aqui. – Seus lábios deslizaram pelo abdômen de Arden enquanto ele lambia sua pele.

– Sim – suspirou ela. Ela deitou a cabeça para sentir o cheiro dele, inspirá-lo profundamente. A sensação do corpo de Drew contra seu rosto, e lábios, era maravilhosa. A boca de Arden encontrou a concavidade profunda de seu umbigo e a explorou.

– Meu Deus, Arden. – Os dedos de Drew afundaram nos cabelos de Arden, pressionando a cabeça dela para mais perto.

– Cada vez que sentia o bebê se mexer, eu pensava em você. – Arden enlaçou a cintura de Drew com um braço. – Eu me perguntava como era você, rezava para que você fosse um bom pai para minha criança, imaginava o que diria a você se um dia nos encontrássemos.

– Eu também pensava em você. Eu sabia que você era saudável, de modo que

não podia imaginá-la como obesa ou magra demais. Mas eu estava curioso sobre sua aparência, sua personalidade, sua motivação para ter o filho de um estranho. Eu me perguntava se você pensava em mim.

Ela sorriu contra o ninho dourado que cercava a masculinidade de Drew.

– Sim. Eu pensava. – O corpo inteiro de Drew contorceu-se quando foi tocado pelos lábios de Arden, e em seguida pela ponta de sua língua. – Drew – murmurou Arden. – Quando você... coletou o... – Ela não conseguia reunir forças para perguntar, e ela não queria falar em Ellie agora. Não agora. Não quando a mão dele estava se fechando sobre a curva de seu quadril para puxá-la em direção de sua boca.

– Eu estava sozinho – disse ele, adivinhando os pensamentos de Arden. A cada exalação, Drew soprava a floresta de pelos marrom-escuros que abrigava seu mistério feminino.

– E se eu tivesse conhecido e visto você antes, teria tido pensamentos conflitantes com minha mulher. – Ele plantou um beijo ardente e íntimo na ponta do triângulo, usando toda sua boca.

A carícia amorosa prosseguiu até o desejo fluir dela como mel quente e espesso. Ele inverteu sua posição na cama, ajoelhando-se entre suas coxas e separando-as com lentidão e carinho. Com a mesma ternura, ele dobrou as coxas de Arden sobre as suas e introduziu as mãos sob os quadris dela, levantando-a para ele. Seu olhar se fundiu ao dela no mesmo instante em que ele se embainhava em Arden.

Aplicando com as mãos uma massagem sensual nas costas de Arden, ele puxou seu rosto para mais perto do dele. Drew selou a boca de Arden na dele num beijo que declarou seu amor eterno por ela. Suas mãos acariciaram desde as costelas até os seios de Arden. Ao tocar seus seios, ele se maravilhou mais uma vez com a feminilidade de sua plenitude e peso. Então seus polegares se puseram a massagear em círculos os mamilos intumescidos pelo amor.

– Drew, faça o que nunca senti Matt fazer.

Ele compreendeu. Abaixando a cabeça, ele puxou o seio de Arden para sua boca. Ele sugou carinhosamente o mamilo de Arden, mas com uma urgência que não parava de aumentar. Respondendo a isso, o corpo de Arden amamentou-o, contraindo e liberando-o até as paixões alcançarem um ápice. Quando a crise estava iminente, ele a abaixou de costas e a seguiu. Com uma estocada final, Drew aprofundou-se no corpo de Arden e a regou com seu amor.

A terra girou ao redor deles, sem tempo, sem direção, num caos não mapeado. Eles não se importaram. Eles haviam criado seu próprio universo particular um

no outro. Ciumentos, eles guardaram esse universo. Só muito tempo depois eles retornaram para um mundo mais mundano e menos esplendoroso.

– Arden, eu amo você. – Ele se levantou um pouco para admirar com olhos apaixonados a plenitude do corpo de Arden.

– Eu amo você. Desde a primeira vez. Irrevogavelmente.

– Conte-me tudo. Desde o começo. Dê-me todos os detalhes que não conheço, por mais insignificantes que sejam. Quero saber como você se sentiu quando soube que estava grávida. O que pensou e sentiu quando descobriu que eu era o homem que gerou seu filho. Como descobriu a meu respeito? Deixe-me vivenciar tudo aquilo com você.

Dolorosamente, ela começou a narrativa, sem excluir nenhum detalhe, fosse de dor ou alegria. Sua voz baixa competia com o sussurro da brisa do oceano que entrava pelas janelas abertas e acariciava seus corpos nus.

Vez por outra lábios amorosos interromperam sua narrativa e prometeram que os melhores capítulos de sua vida juntos ainda estavam por vir.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B897e - “MEB”

Brown, Sandra
Esplendor Secreto [recurso eletrônico] / Sandra Brown; tradução de Oliveira Jr. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2006.
recurso digital

Tradução de: A secret splendor
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 85-7687-227-7

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Oliveira Jr. II. Título.

06-2319

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: A SECRET SPLENDOR
Copyright © 1983 by Sandra Brown

Capa: Folio Design
Ilustração: Detalhe do quadro "A árvore da vida",
de Gustav Klimt. Viena, Österreichiches Museun für Angerwante Kunst.

Produção do arquivo ePub: MEB

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, parte
São Cristovão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Capa
Texto de capa
Rosto
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Créditos